

DO AUTOR *BESTSELLER* DE
A RAPARIGA NO GELO

A
SOMBRA
DA
NOITE

PODES ESCONDER O TEU PASSADO
MAS NÃO LHE PODES ESCAPAR

ROBERT BRYNDZA

alma
dos
livros

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

DO AUTOR *BESTSELLER* DE
A RAPARIGA NO GELO

A
SOMBRA
DA
NOITE

PODES ESCONDER O TEU PASSADO
MAS NÃO LHE PODES ESCAPAR

ROBERT BRYNDZA

alma
dos
livros

DO AUTOR BESTSELLER DE
A RAPARIGA NO GELO

A
SOMBRA
DA
NOITE

PODES ESCONDER O TEU PASSADO
MAS NÃO LHE PODES ESCAPAR

ROBERT BRYNDZA

alma
livros

ROBERT BRYNDZA

A SOMBRA DA NOITE

Tradução de
Ana Lourenço

alma
das
livros

info@almadoslivros.pt
www.almadoslivros.pt
facebook.com/almadoslivrospt

instagram.com/almadoslivros.pt

NIGHT STALKER © Robert Bryndza 2016
© 2017 Direitos desta edição reservados

para Alma dos Livros

Título: *A Sombra da Noite*
Título original: *Night Stalker*
Autor: Robert Bryndza
Tradução: Ana Lourenço
Revisão: Silvina de Sousa
Paginação: Maria João Gomes
Arranjo de capa: Duarte Lázaro/Alma dos Livros
Imagens de capa: Shutterstock
Impressão e acabamento: Multitipo — Artes Gráficas, Lda.
ISBN: 978-989-8907-12-7

1.^a edição em papel: outubro de 2017

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada
ou reproduzida em qualquer forma sem permissão
por escrito do proprietário legal, salvo as exceções
devidamente previstas na lei.

Para Ján, Riky e Lola

*Vai crescendo a escuridão: regressa a gralha à
espessura do bosque.
As aves noturnas descem desejosas de presa.*

William Shakespeare, *Macbeth*

Era uma noite sufocante do final de junho. A figura vestida de preto corria despreocupada, avançando na escuridão, os pés mal tocando no estreito caminho de terra, baixando-se e torcendo-se com agilidade para evitar o contacto com as densas árvores e os arbustos. Como se uma sombra deslizasse pelas folhas silenciosamente.

O céu noturno não passava de uma tira fina por entre as copas das árvores; a poluição luminosa da cidade tingindo de tons crepusculares a vegetação rasteira. A pequena figura semelhante a uma sombra chegou a uma abertura no matagal à direita e parou abruptamente: imóvel, ofegante, com o coração a galopar.

Um feixe de luz azul-esbranquiçada iluminou a zona quando o comboio das 19:39 para London Bridge dispensou o gásóleo e levantou os braços de metal até aos cabos elétricos. A sombra agachou-se quando os vagões iluminados passaram ruidosamente. Registaram-se mais dois clarões e o comboio desapareceu, com a estreita fila de arbustos a mergulhar de novo na escuridão.

A sombra voltou a arrancar a grande velocidade, deslizando silenciosamente enquanto o caminho fazia uma leve curva e se afastava da via-férrea. As árvores começaram a escassear à esquerda, deixando exposta uma rua de casas geminadas. Passaram imagens rápidas dos quintais: retângulos escuros com móveis de jardim, barracões de ferramentas, um balouço — tudo imóvel no denso ar da noite.

E então a casa ficou à vista. Era de estilo vitoriano como as outras daquela rua — três andares de tijolo claro —, mas o proprietário fizera uma ampliação em vidro na parte detrás que se projetava no rés do chão. A sombra sabia tudo: conhecia a disposição da casa, os horários do proprietário e, o mais importante, que naquela noite ele estaria sozinho.

A sombra parou abruptamente na extremidade do jardim. Havia uma árvore grande junto à vedação de arame encostada ao caminho de terra. Parte do tronco tinha crescido em volta do metal, e as dobras da madeira mordiam o poste enferrujado como uma grande boca sem lábios. Uma pesada auréola de folhas rodopiava em todas as direções, obscurecendo a vista da via-férrea a partir da casa. Algumas noites antes, a sombra fizera aquele percurso e cortara cuidadosamente uma parte da vedação, mas deixando-a no mesmo

sítio. Por isso foi fácil puxá-la naquele momento, e a sombra agachou-se e rastejou pela abertura. A relva estava seca e o solo debaixo dela estalara devido às semanas sem chuva. A sombra pôs-se em pé debaixo da árvore e, com um movimento rápido e fluido, atravessou o relvado como se não passasse de uma mancha preta.

Havia um aparelho de ar condicionado instalado na parede traseira da casa. Zumbia alto, abafando o ténue ruído dos pés na gravilha que cobria o carreiro entre a extensão de vidro e a casa vizinha. A sombra chegou a uma janela de guilhotina baixa e parou sob o peitoril largo. Lá dentro havia luz, que se projetava formando um quadrado amarelo na parede da casa vizinha. Levantando o capuz do casaco, a sombra ergueu-se lentamente e olhou por cima do peitoril.

O homem lá dentro estava na casa dos quarenta, era alto e bem constituído, vestia calças beges e camisa branca com as mangas arregaçadas. Atravessou a cozinha ampla, tirou um copo de vidro de um dos armários e serviu-se de vinho tinto. Bebeu um longo trago e encheu-o novamente. Pegou numa embalagem de comida congelada que estava na bancada, retirou o invólucro de cartão e furou a tampa de plástico com o saca-rolhas.

O ódio avolumou-se no interior da sombra. Era inebriante ver o homem lá dentro, saber o que estava prestes a acontecer.

O homem na cozinha programou o micro-ondas e colocou a comida lá dentro. Depois de um bipe, foi iniciada a contagem decrescente.

Seis minutos.

O homem bebeu mais um gole de vinho e saiu da cozinha. Momentos depois, uma luz acendeu-se na janela da casa de banho, exatamente por cima de onde a sombra estava agachada. A janela abriu-se alguns centímetros e ouviu-se um rangido quando a torneira do duche foi aberta.

Com o coração a bater descompassadamente, a sombra agiu depressa: abriu o fecho de uma bolsa para transportar dinheiro à cintura, retirou uma pequena chave de fendas achatada e enfiou-a na nesga onde a janela encontrava o peitoril. Com pouca pressão, ela cedeu. A janela de guilhotina subiu suavemente e a sombra deslizou pela abertura. Pronto. Todo o planeamento, os anos de angústia e dor...

Quatro minutos.

A figura caminhou até à cozinha e, com movimentos rápidos, pegou numa pequena seringa de plástico e esguichou o seu líquido transparente para o copo de vinho tinto, misturando tudo antes de voltar a pousá-lo delicadamente na bancada de granito preto.

A sombra ficou parada por um momento, à escuta, saboreando as ondas de ar fresco saídas do ar condicionado. A bancada de granito preto cintilava debaixo das luzes.

Três minutos.

A sombra atravessou a cozinha rapidamente, passou pelo corrimão de madeira ao fundo das escadas e entrou num poço de escuridão atrás da porta da sala. Momentos depois, o homem desceu as escadas só de toalha. O micro-ondas apitou três vezes, indicando que a comida estava pronta. Quando o homem passou descalço pela porta, o cheiro a pele limpa ficou a pairar no ar. A sombra ouviu o tinir dos talheres a serem retirados da gaveta e o barulho de um banco a arrastar no chão de madeira quando o homem se sentou para comer.

A sombra exalou profundamente, saiu da escuridão e subiu as escadas em silêncio.

Para observar.

Para aguardar.

Para pôr em prática a vingança que há tanto tempo planeava.

QUATRO DIAS DEPOIS

O ar da noite estava abafado e húmido na tranquila rua do sul de Londres. As traças esvoaçavam e entrechocavam-se no arco alaranjado de luz do candeeiro de rua que iluminava as casas geminadas. Estelle Munro caminhava com dificuldade pelo passeio, com a artrite a tornar o seu andar vagaroso. Quando se aproximou da luz, saiu do passeio para a estrada. O esforço para descer a berma fê-la gemer, mas o medo que tinha das traças era maior do que a dor da artrite nos joelhos.

Estelle passou por entre dois carros estacionados, deu uma grande volta para evitar o candeeiro, sentindo o calor do sol a irradiar do asfalto. A onda de calor já ia na segunda semana e oprimia os moradores de Londres e do Sudeste de Inglaterra. Juntamente com o de milhares de outras pessoas idosas, o coração de Estelle protestava. Ouviu ao longe a sirene de uma ambulância como que a ecoar os seus pensamentos. Ficou aliviada ao ver que as lâmpadas dos dois candeeiros seguintes estavam fundidas e, lenta e dolorosamente, passou pelo espaço entre outros dois carros estacionados e voltou para o passeio.

Estelle tinha-se oferecido para dar de comer ao gato do filho, Gregory, enquanto ele estava fora. Não gostava de gatos. Só se oferecera porque queria bisbilhotar a casa e ver como se safava o filho desde que a mulher, Penny, o deixara, levando consigo o seu neto de cinco anos, Peter.

Estelle estava sem fôlego e coberta de suor quando chegou ao portão da elegante casa geminada do filho. Na sua opinião, era a casa mais bonita da rua. Tirando de baixo da alça do sutiã um lenço grande, limpou o suor do rosto.

A luz alaranjada do candeeiro da rua refletia-se no vidro da porta da frente enquanto Estelle procurava a chave. Quando abriu a porta, foi atingida por uma golfada sufocante de calor e entrou com relutância, pisando as cartas espalhadas sobre o tapete da entrada. Ligou o interruptor ao lado da porta, mas o corredor permaneceu às escuras.

— Raios partam. Outra vez, não — resmungou, fechando a porta depois de entrar. Enquanto tentava apanhar a correspondência, deu-se conta de que era a terceira vez que a energia faltava quando Gregory estava fora. Isso acontecera uma vez por causa da luz do aquário, e outra quando Penny deixara a luz da casa de banho acesa e a lâmpada explodira.

Estelle tirou o telemóvel da mala e, tateando desajeitada com os dedos nodosos, desbloqueou o ecrã, que lançou uma auréola de luz de um metro, iluminando a carpete clara e as paredes. Deu um salto ao ver o seu reflexo fantasmagórico no espelho grande do lado esquerdo. A meia-luz dava aos lírios da sua blusa sem mangas um ar escuro e venenoso. Apontou a luz para a carpete e arrastou os pés na direção da porta da sala, apalpando a parede em busca do interruptor, para verificar que não era apenas a lâmpada do corredor que se fundira. Ligou e desligou o interruptor, mas nada aconteceu.

Em seguida, o ecrã do telemóvel apagou-se e ela viu-se mergulhada numa escuridão completa. Apenas o som da sua respiração laboriosa cortava o silêncio. Entrou em pânico ao tentar desbloquear o telemóvel. A princípio, os seus dedos artríticos não se moveram com a rapidez necessária, mas, por fim, ela conseguiu acender a luz novamente, fazendo incidir na assoalhada em frente um círculo de luz azul.

O espaço estava sufocante: o calor oprimiu-a, tapando-lhe os ouvidos. Era como se estivesse debaixo de água. Partículas de pó rodopiavam no ar; uma nuvem de moscas minúsculas esvoaçava silenciosamente sobre um prato de porcelana elegante cheio de bolas de madeira em cima da mesinha de centro.

— É apenas uma falha de energia! — exclamou, e a sua voz ressoou na lareira de ferro. Estava aborrecida por ter entrado em pânico. Era só o disjuntor, nada mais. Para provar que não havia por que ter medo, iria primeiro beber um copo de água fresca; depois, ligaria a luz. Virou-se e caminhou com determinação na direção da cozinha, segurando o telemóvel com o braço estendido.

A cozinha de vidro tinha um aspeto cavernoso à média luz, estendendo-se até ao jardim. Estelle sentiu-se vulnerável e exposta. Houve um tremor e depois ouviu o som do comboio a passar pela linha no terreno atrás da casa. Foi até um armário e tirou um copo. Sentia ferroadas quando o suor lhe entrava nos olhos; limpou o rosto com o braço nu. Dirigiu-se ao lavatório, encheu o copo e estremeceu ao beber a água morna.

A luz do telemóvel apagou-se de novo e um estrondo no primeiro andar quebrou o silêncio. Estelle deixou cair o copo, estilhaçando-se

no chão de madeira. O seu coração desatou a bater acelerado, e ela pôs-se à escuta na escuridão, ouvindo mais barulho no andar de cima. Tirou o rolo da massa de um recipiente na bancada e foi até ao fundo das escadas.

— Quem está aí? Tenho *spray* de pimenta e vou chamar a polícia! — gritou para a escuridão.

Silêncio. O calor era opressivo. A ideia de bisbilhotar na casa do filho desaparecera. Estelle só queria ir para a sua aconchegante e bem iluminada casa e assistir aos melhores momentos do Torneio de Wimbledon.

Algo se lançou das sombras no cimo das escadas e veio na direção dela. Estelle recuou em choque e quase deixou cair o telemóvel. Só então viu que era o gato. Ele parou e roçou-se nas suas pernas.

— Raios partam, que susto me pregaste! — exclamou, aliviada, o coração a abrandar. Chegou-lhe um cheio nauseabundo vindo do patamar da escada. — Era só o que me faltava. Fizeste alguma porcaria lá em cima? Tens a caixa de areia e a portinhola para entrares e saíres quando quiseres.

O gato levantou o olhar para Estelle com indiferença. Para variar, ela sentiu-se contente com a presença dele.

— Anda, vou dar-te comida.

Ficou aliviada quando o gato a seguiu até ao armário sob a escada; deixou-o roçar-se nas suas pernas enquanto procurava a caixa dos disjuntores. Ao abrir a porta de plástico, viu que um deles estava desligado. *Estranho*. Ligou-o e o corredor encheu-se de luz. Ouviu-se um bipe distante quando o ar condicionado ganhou vida.

Voltou à cozinha e acendeu a luz. O aposento e a imagem de Estelle refletiam-se nas enormes janelas. O gato saltou para a bancada e observou-a de olhar zombeteiro enquanto ela varria o copo partido. Depois de recolher os vidros, abriu uma embalagem de comida para gatos, deitou o conteúdo num pires e pousou-o no chão de pedra. O ar condicionado funcionava no máximo. Ela ficou parada por um momento a deixar o ar fresco passar-lhe pelo corpo, vendo o gato a lamber e a morder com delicadeza o quadrado de comida gelatinosa com a língua rosada.

O fedor intensificava-se e avançava cozinha adentro enquanto o ar condicionado sugava o ar da casa. O pires retiniu quando o gato lambeu o resto da comida; depois, ele saiu disparado na direção da parede de vidro e desapareceu pela portinhola.

— É comer e fugir. E eu que arrume tudo — comentou Estelle.

Pegou num pano e num jornal velho e seguiu na direção da

escada, que subiu lentamente, com os joelhos a queixarem-se. O calor e o mau cheiro acentuavam-se à medida que subia. Quando chegou ao cimo, avançou pelo patamar bem iluminado. Inspeccionou metodicamente a casa de banho vazia, o quarto vago e o espaço sob a secretária no pequeno escritório. Não havia sinal de um presente deixado pelo gato.

O cheio tornou-se insuportável quando chegou à porta do quarto principal. Colou-se à garganta de Estelle, que teve ânsias de vômito. *De todos os cheiros nojentos, o da porcaria de gato é o pior*, pensou.

Entrou no quarto e acendeu a luz. As moscas zumbiam. O edredão azul-escuro estava puxado para trás na cama de casal e sobre ela havia um homem nu deitado de barriga para cima, com um saco de plástico amarrado com força sobre a cabeça e os braços atados à cabeceira. Tinha os olhos abertos, projetando-se do plástico de modo grotesco. Estelle precisou de um momento para identificar o corpo.

Era Gregory.

O seu filho.

Então, fez algo que não fazia há anos.

Gritou.

Aquele era o jantar menos agradável em que a inspetora-chefe Erika Foster participava em muito tempo. Quando o anfitrião, Isaac Strong, abriu a máquina da louça e começou a enchê-la de pratos e talheres, gerou-se um silêncio constrangedor, interrompido apenas pelo zumbido baixo da ventoinha no canto, que pouco fazia para diminuir o calor. Em vez disso, espalhava ondas de ar quente pela cozinha.

— Obrigada, a lasanha estava deliciosa — elogiou ela, quando Isaac se aproximou para lhe levantar o prato.

— Usei natas meio gordas no molho bechamel — comentou ele. — Notou-se?

— Não.

Isaac voltou para a máquina da louça e Erika olhou em volta na cozinha. Era elegante, estilo francês rústico: armários brancos pintados à mão, bancadas de madeira clara e um espaçoso lava-louça *Butler* branco de cerâmica. Erika perguntou a si mesma se, como patologista forense, Isaac tinha evitado, de propósito, o aço inoxidável. Os seus olhos pousaram no ex-namorado de Isaac, Stephen Linley, sentado diante dela à grande mesa da cozinha, olhando-a com desconfiança e de lábios contraídos. Era mais novo do que Erika e Isaac: tinha uns trinta e cinco anos. Parecia um Adónis robusto de rosto bonito, mas tinha expressões dissimuladas de que ela não gostava. Erika esforçou-se por neutralizar a atitude dele com um sorriso, depois bebeu um gole de vinho e tentou pensar em algo para dizer. O silêncio começava a prolongar-se de forma desconfortável.

Isso não acontecia quando ela estava com Isaac. Ao longo do último ano, tinham jantado juntos várias vezes naquela aconchegante cozinha francesa. Riam-se, revelavam alguns segredos, e Erika sentia o nascer de uma forte amizade. Conseguira abrir-se com Isaac sobre a morte do marido, Mark, menos de dois anos antes, mais do que com qualquer outra pessoa. Em troca, Isaac falara-lhe da perda do grande amor da sua vida, Stephen.

No entanto, ao passo que Mark morrera tragicamente no cumprimento do dever durante uma rusga policial, Stephen destroçara o coração de Isaac trocando-o por outro homem.

Por isso fora uma grande surpresa para Erika encontrar Stephen ali. Na verdade, não tanto uma surpresa... mais uma emboscada.

Embora vivesse em Inglaterra há mais de vinte anos, Erika desejou que o jantar decorresse na sua terra natal, a Eslováquia. Ali, as pessoas eram diretas.

O que se passa? Podias ter-me avisado! Porque não me contaste que o idiota do teu ex-namorado estaria aqui? És louco ao ponto de o deixar voltar para a tua vida depois do que te fez?

Ela quisera gritar ao entrar na cozinha e ver Stephen sentado languidamente de calções e *T-shirt*. Mas sentira-se constrangida, e a educação britânica ditava que fizesse vista grossa e fingisse estar tudo normal.

— Alguém quer café? — perguntou Isaac, fechando a máquina da louça e virando-se para eles. Era um homem alto e bonito, de testa grande e farta cabeleira escura penteada para trás. Os olhos castanhos grandes eram emoldurados por finas sobrancelhas arrançadas, que podiam estar arqueadas ou franzidas para comunicar todo o tipo de emoções. Nessa noite, porém, ele parecia apenas constrangido.

Stephen fez rodar o vinho branco no copo e olhou de Erika para Isaac.

— Café... já? Ainda nem são oito horas, Isaac, e está uma brasa. Abre mais vinho.

— Não, café, seria ótimo, obrigada — aceitou Erika.

— Se tens de beber café, pelo menos usa a máquina — disse Stephen. Depois acrescentou, para marcar território: — O Isaac contou-lhe? Comprei-lhe a *Nespresso*. Custou uma fortuna. Usei parte do adiantamento que recebi do último livro.

Erika esboçou um sorriso delicado e tirou uma amêndoa torrada de um prato no centro da mesa. O barulho que fez ao mastigá-la cortou o silêncio. Durante o confrangedor jantar, quase só Stephen abria a boca, falando-lhes, em grande pormenor, do novo romance policial que estava a escrever. Também se encarregou de falar demoradamente sobre perícia forense, o que Erika achou algo ridículo, tendo em conta que Isaac era um dos mais importantes patologistas forenses do país e que ela própria, como inspetora-chefe da Polícia Metropolitana de Londres, solucionara vários homicídios no mundo real.

Isaac começou a tirar os cafés e ligou o rádio. *Like a Prayer*, da Madonna, aliviou o silêncio.

— Põe mais alto! Adoro a Madge — pediu Stephen.

— Vamos ouvir alguma coisa mais suave — retorquiu Isaac, passando pelas várias estações até as doces e pesarasas cordas de um violino substituírem a voz estridente de Madonna.

— Supostamente, ele é *gay* — disse Stephen, revirando os olhos.
— Só acho que um som mais suave seria melhor agora, Stevie.
— Caramba. Não temos oitenta anos! Vamos divertir-nos. O que quer fazer, Erika? Como se diverte?

Aos olhos de Erika, Stephen era um poço de contradições. Vestia-se de forma heterossexual, como um atleta da American Ivy League, mas os seus movimentos eram de uma leveza bastante efeminada. Cruzou as pernas e franziu os lábios, à espera de resposta.

— Acho que... vou lá fora fumar um cigarro — disse ela, esticando o braço na direção da mala.

— A porta lá em cima está destrancada — informou-a Isaac, lançando-lhe um olhar de desculpa. Ela forçou um sorriso e saiu da cozinha.

Isaac vivia em Blackheath, perto de Greenwich. O quarto de hóspedes no primeiro andar tinha uma pequena varanda. Erika abriu a porta de vidro, saiu e acendeu um cigarro. Soprou o fumo para o céu escuro, sentindo a intensidade do calor. A noite de verão não tinha nuvens, mas as estrelas eram ténues contra a névoa da poluição luminosa que se elevava da cidade diante dela. Erika seguiu o *laser* do Observatório de Greenwich e ergueu a cabeça para ver onde ele desaparecia no meio das estrelas. Deu outra passa e ouviu os grilos a cantar no jardim escuro lá em baixo, misturados com o zumbido do trânsito vindo da movimentada rua detrás.

Estaria a ser demasiado dura por Isaac permitir que Stephen regressasse à sua vida? Ou sentia ciúmes porque o seu amigo solteiro já não estava solteiro? Não... Ela queria o melhor para Isaac, e Stephen Linley era um indivíduo tóxico. Refletiu com tristeza que talvez não houvesse espaço na vida de Isaac para ela e Stephen.

Pensou no apartamento pequeno e escassamente mobilado a que tinha dificuldade em chamar lar e nas noites solitárias que passava na cama a olhar para a escuridão. Erika e Mark tinham partilhado a vida de diversas formas, que iam além da relação de marido e mulher. Havia sido colegas e entrado na polícia de Manchester com pouco mais de vinte anos. Erika fora uma estrela em ascensão, rapidamente promovida a inspetora-chefe, patente superior à de Mark, que a amara ainda mais por isso.

Então, quase dois anos antes, Erika liderara a desastrosa rusga que resultara na morte de Mark e de quatro colegas. Depois disso, a tristeza e o fardo da culpa tinham às vezes parecido demasiado pesados, e ela sentira dificuldade em encontrar o seu lugar no mundo sem o marido. O recomeço em Londres fora difícil, e o trabalho no

Comando de Homicídios e Crimes Graves da Polícia Metropolitana tinha sido a única coisa a que conseguira dedicar a sua energia. Mas se no passado fora uma estrela em ascensão, agora estava desacreditada, e a progressão na carreira ficara suspensa. Era uma agente objetiva, dedicada, brilhante e que não brincava em serviço — mas não tinha tempo para as politiquices na polícia e entrara frequentemente em conflito com os seus superiores, fazendo alguns inimigos poderosos.

Acendeu outro cigarro e pensava se inventaria uma desculpa para se ir embora quando a porta de vidro se abriu atrás dela. Isaac espreitou e saiu para a varanda.

— Acho que te vou cravar um — disse ele, fechando a porta e aproximando-se dela junto ao gradeamento de ferro.

Erika sorriu e estendeu-lhe o maço. Isaac tirou um cigarro com uma das suas mãos grandes e elegantes e inclinou-se na direção de Erika para que ela o acendesse.

— Desculpa, estraguei tudo hoje — disse ele, endireitando o corpo e exalando fumo.

— A vida é tua. Mas podias ter-me dado um toque.

— Aconteceu tudo tão depressa. Ele apareceu esta manhã aqui à porta, passámos o dia a conversar e... sabes. Era demasiado tarde para desmarcar... não que eu quisesse desmarcar o jantar.

Erika apercebeu-se da angústia no rosto dele.

— Isaac, não precisas de me dar explicações. No entanto, se eu fosse a ti, escolheria a luxúria como justificação. Foste dominado por ela. Sendo mais perdoável.

— Sei que o Stephen é uma pessoa complicada, mas é diferente quando estamos juntos sozinhos. É vulnerável. Achas que se eu abordar isto corretamente, se estabelecer limites, a coisa pode resultar desta vez?

— É possível... E pelo menos ele não pode matar-te de novo.

Stephen inspirara-se em Isaac para criar um patologista forense nos seus livros e depois matara a personagem, num ataque homofóbico bem pormenorizado.

— Falo a sério. O que achas que devo fazer? — perguntou Isaac, com os olhos angustiados.

Erika suspirou e pegou-lhe na mão.

— Não vais querer ouvir o que penso. Gosto de ser tua amiga.

— Valorizo a tua opinião, Erika. Por favor, diz-me o que devo fazer...

A porta rangeu. Stephen apareceu descalço com um copo cheio de uísque e gelo.

— Dizer-lhe o que fazer? Sobre o quê? — perguntou com aspereza.

O silêncio constrangedor foi quebrado pelo som de uma mensagem a chegar ao telemóvel de Erika, que se encontrava no fundo da mala. Ela tirou-o e leu a mensagem, franzindo a testa.

— Está tudo bem? — perguntou Isaac.

— O corpo de um homem branco foi descoberto numa casa em Laurel Road, Honor Oak Park. Parece suspeito — disse Erika, antes de acrescentar: — Merda, não trouxe o carro. Vim de táxi.

— Vais precisar de um patologista forense. Posso levar-te no meu carro — sugeriu Isaac.

— Pensei que estavas de folga esta noite — queixou-se Stephen, indignado.

— Estou sempre de serviço, Stevie — disse Isaac, parecendo desejoso de sair dali.

— Certo, então, vamos — aceitou Erika, que não resistiu a provocar Stephen: — Parece que o café da sua máquina vai ter de esperar.

Erika e Isaac chegaram a Laurel Road meia hora depois e esqueceram rapidamente o jantar constrangedor. A fita de isolamento da polícia fechava a rua em ambas as direções e viam-se veículos de apoio do lado de dentro: uma carrinha da polícia, quatro carros-patrolha e uma ambulância. As luzes azuis dos veículos pulsavam ao longo da fila de casas geminadas. Os vizinhos olhavam para a cena boquiabertos, de várias das janelas e portas.

A inspetora Moss, uma das colegas em quem Erika mais confiava, aproximou-se quando estacionaram o carro a cem metros da fita de isolamento. Era uma mulher baixa e pesada e suave muito com aquele calor, apesar da saia pelo joelho e da blusa fina.

O cabelo estava penteado para trás, deixando exposto o rosto coberto de sardas — um conjunto pequeno delas aglomerava-se debaixo de um dos olhos, formando o que parecia uma lágrima. No entanto, a contrastar, parecia bastante animada, e sorriu a Erika e Isaac assim que saíram do carro.

— Boa noite, chefe, doutor Strong.

— Boa noite, Moss — cumprimentou Isaac.

— Boa noite. Quem é esta gente toda? — perguntou Erika quando se aproximaram da fita de isolamento da polícia, onde um grupo de homens e mulheres com ar cansado observava a cena.

— Gente que chegou do centro e descobriu que a rua onde mora é o cenário de um crime — respondeu Moss.

— Mas eu vivo já ali — dizia um homem apontando com a pasta para uma porta duas casas abaixo. Estava corado e fatigado, e tinha o cabelo ralo colado à cabeça. Quando Moss, Erika e Isaac se aproximaram da fita de isolamento, o homem olhou para eles, na esperança de que lhe fossem dar uma informação diferente.

— Sou a inspetora-chefe Foster, a responsável pelo caso, e este é o doutor Strong, o nosso patologista forense — disse Erika, mostrando a identidade ao guarda. — Contacte a câmara e peça-lhes que arranjem sítio para estas pessoas passarem a noite.

— Sim, minha senhora — disse o guarda, fazendo-lhes sinal para entrarem. Curvaram-se de modo a passar por baixo da fita, antes que os moradores protestassem contra a ideia de terem de passar a noite em camas de campanha.

A porta do número catorze de Laurel Road estava aberta e as

luzes do corredor acesas; no local havia vários técnicos com macacões azul-escuros e máscaras. Erika, Isaac e Moss receberam também macacões e vestiram-nos no minúsculo jardim.

— O corpo está lá em cima, no quarto da frente — informou Moss. — A mãe da vítima veio dar comida ao gato. Pensava que o filho estava de férias no Sul de França, mas, como verão, ele não chegou ao aeroporto.

— Onde está a mãe? — perguntou Erika, enfiando o pé dentro do macacão fino.

— O choque e o calor deitaram-na abaixo. Uns agentes acabaram de a levar para o University Hospital, em Lewisham. Vamos precisar do depoimento dela quando tiver recuperado — respondeu Moss, correndo o fecho do macacão.

— Dá-me uns minutos para examinar a cena — pediu Isaac, ao mesmo tempo que colocava o capuz do macacão.

Erika assentiu e ele entrou na casa.



O calor, a quantidade de pessoas e as luzes acesas ajudavam a temperatura no quarto do primeiro andar a atingir os quarenta graus. Isaac e a sua equipa de três assistentes e um fotógrafo trabalharam num silêncio eficiente e respeitoso.

A vítima encontrava-se deitada de barriga para cima na cama de casal. Era um homem alto e tinha um corpo atlético. Os braços estavam levantados e abertos, amarrados à cabeceira com uma corda fina que lhe cortava a carne dos pulsos. As pernas estavam abertas, os pés afastados. Um plástico transparente moldava-se à sua cabeça, distorcendo-lhe as feições.

Erika achara sempre mais difícil lidar com cadáveres nus. A morte já era suficientemente indigna mesmo não sendo exposta daquela maneira, e resistiu à vontade de cobrir com o lençol a parte inferior do corpo.

— A vítima é o doutor Gregory Munro, de quarenta e seis anos — informou Moss junto à cama. Os olhos castanhos do homem estavam arregalados e surpreendentemente claros sob o plástico, mas a língua começava a inchar e a aparecer por entre os dentes.

— Doutor em quê? — perguntou Erika.

— É médico de clínica geral na zona. Proprietário e gerente da Hilltop Medical Practice, em Crofton Park Road — respondeu Moss.

Erika olhou para Isaac, que examinava o corpo no outro lado da

cama.

— Podes dizer-me a causa da morte? — perguntou Erika. — Parto do princípio de que foi asfixia, mas...

Isaac soltou a cabeça da vítima e o queixo pousou no peito nu.

— As provas apontam para asfixia, mas preciso de confirmar se o saco de plástico não foi enfiado na cabeça dele depois da morte.

— Um jogo sexual que correu mal? Autoasfixia? — perguntou Moss.

— Hipoteticamente, sim. Mas não podemos descartar a possibilidade de crime.

— Hora da morte? — perguntou Erika, esperançosa. Já suava profusamente dentro do macacão.

— Não insistas — disse Isaac. — Não vou poder dizer-te a hora da morte até o examinar melhor e o abrir. Calor ou frio extremos retardam a putrefação: o calor deste quarto está a secar o corpo. Vês que a carne começa a descolorir? — Apontou para uma zona do abdómen onde tinham surgido umas manchas esverdeadas. — Isso pode indicar que está aqui há dias, mas, como disse, preciso de fazer a autópsia.

Erika olhou em volta. Havia um roupeiro comprido de madeira na parede ao lado da porta, e no recanto da janela de sacada uma cómoda com espelho. À esquerda da janela encontrava-se uma cómoda alta. Todas as superfícies estavam limpas: não havia livros, nem bibelôs, nem detritos que geralmente se acumulam num quarto. Estava muito arrumado. Quase *demasiado* arrumado.

— Era casado? — perguntou Erika.

— Sim, mas a mulher já está fora de cena. Separaram-se há alguns meses — respondeu Moss.

— Está tudo muito arrumado para um homem que acabou de ficar solteiro — comentou Erika. — A não ser que o agressor tenha feito a limpeza.

— O quê? Deu uma aspiradela antes de fugir? Quem me dera que ele me fizesse uma visita. Devia ver como está a minha casa.

Apesar do calor, Erika viu dois técnicos que trabalhavam no corpo a ocultar sorrisos.

— Moss, não é o momento certo.

— Desculpe, chefe.

— Acho que os braços foram amarrados depois da morte — disse Isaac, apontando com o dedo enluvado para a zona do pulso. A pele em volta das axilas estava esticada e exibia linhas brancas. — Há muito pouca abrasão nos pulsos.

— Então ele já estava na cama quando foi agredido? —

perguntou Erika.

— É possível — respondeu Isaac.

— Não há roupa espalhada. Pode ter-se despedido normalmente e arrumou-a — sugeriu Moss.

— Então alguém pode ter-se escondido debaixo da cama ou no roupeiro, ou ter entrado pela janela? — perguntou Erika, pestanejando por causa do suor que lhe escorria da testa e lhe caía nos olhos.

— Isso agora faz parte do vosso trabalho.

— É verdade. Sorte a minha — respondeu Erika.



Erika e Moss regressaram ao rés do chão, onde uma equipa de técnicos trabalhava. Um deles aproximou-se. Erika não o conhecia. Tinha trinta e poucos anos, um rosto bonito e testa alta nórdica. O suor cintilava entre os seus cabelos louros. Quando chegou junto de Erika, ergueu o olhar, dando-se conta de como ela era alta, mais de um metro e oitenta.

— Inspetora Foster? Sou o Nils Åkerman, responsável pela cena do crime — apresentou-se, com um leve sotaque sueco sob o inglês perfeito.

— É novo? — perguntou Moss.

— Em Londres? Sou. No universo dos homicídios e da brutalidade, não. — Nils tinha um rosto agradável e bonito e, como muitas pessoas que lidam todos os dias com a morte e o horror, parecia respeitosa e distanciada e possuir um sentido de humor sombrio.

— Prazer em conhecê-lo — cumprimentou Erika. As luvas de látex rangeram quando apertaram a mão.

— O que é que já sabe? — perguntou ele.

— Conte-nos tudo, desde o início — pediu Erika.

— Certo. A mãe aparece por volta das sete e meia para dar de comer ao gato. Abre a porta com a sua chave. A luz estava cortada. E parece que estava assim há alguns dias. O conteúdo do frigorífico e do congelador tinha começado a apodrecer.

Erika olhou para o grande frigorífico de aço inoxidável onde alguns desenhos coloridos feitos por dedos de criança estavam fixados com ímanes.

— A ligação da Internet e do telefone também fora cortada — acrescentou Nils.

— Cortada por falta de pagamento? — perguntou Erika.

— Não, o cabo da Internet foi cortado — respondeu Nils, movendo-se na direção da bancada da cozinha e pegando num saco de plástico de provas com dois bocados de cabo. Um deles estava ligado a um pequeno *modem*. Levantou outro saco. — Este é o telemóvel da vítima. O cartão SIM e a bateria desapareceram.

— Onde o encontraram? — perguntou Erika.

— Na mesa de cabeceira. Ainda estava ligado ao carregador.

— Não há mais nenhum telefone na casa?

— Só o fixo aqui em baixo.

— Então quem fez isto tirou o cartão SIM e a bateria do telemóvel depois de ele ter sido posto a carregar? — questionou Moss.

Nils assentiu.

— É uma possibilidade.

— Espere lá, espere lá — disse Erika. — Havia mais alguma coisa na mesa de cabeceira? O quarto parece demasiado despojo.

— Tirando o telemóvel, não havia mais nada — respondeu Nils. — No entanto, encontrámos isto na gaveta. — Levantou outro saco de plástico com algumas revistas pornográficas *gay*: *Black Inches*, *Ebony* e *Latino Males*.

— Ele era *gay*? — perguntou Erika.

— E casado — acrescentou Moss.

— Quantos anos tinha?

— Quarenta e seis — respondeu Moss. — Estava separado da mulher. Mas estas revistas são antigas. Olhe, têm data de dois mil e um. Porque as guardaria ele aqui?

— Então estavam escondidas, e ele era um *gay* não assumido? — perguntou Erika.

— Talvez estivessem guardadas há anos. Talvez ele as tenha tirado do sótão quando o casamento acabou — aventou Nils.

— São demasiados «talvez» para o meu gosto — comentou Erika.

— Encontrámos na bancada da cozinha uma embalagem individual de lasanha para o micro-ondas. Estava num prato, e ao lado havia um copo vazio e meia garrafa de vinho tinto. Vamos enviar tudo para o laboratório. Também têm de ver isto.

Conduziu-as pela espaçosa cozinha, passando por um grande sofá velho com marcas de caneta de filtro e uma enorme nódoa de chá. Entre a ponta do sofá e a parede de vidro com vista para o jardim estava uma caixa cheia de brinquedos. Abriram a porta de vidro e saíram para o *deck* de madeira. Erika apreciou a descida de temperatura. Tinham posto holofotes no quintal, que se estendia até uma fila de árvores, onde várias figuras de macacão examinavam,

agachadas, a relva.

Meterem-se por um estreito caminho de gravilha ao longo da parede de vidro e chegaram a uma janela de guilhotina que tinha a mesma altura do lava-louça. O ralo por baixo emitia um cheiro horrível parecido com um vômito.

— Procurámos impressões digitais na janela, nos canos, na janela da casa ao lado — informou Nils. — Nada. Mas encontrámos isto. — Apontou para a base da janela. — Estão a ver aqui na madeira? — O dedo enluvado pairava sobre uma pequena impressão quadrada na tinta de óleo, com menos de meio centímetro. — Forçaram a janela usando algum instrumento achatado rombo, talvez uma chave de fendas.

— Esta janela estava fechada quando cá chegou? — perguntou Erika.

— Sim.

— Bom trabalho — disse ela, voltando a olhar para a minúscula impressão na tinta. — Havia alguma pegada aqui na gravilha?

— Uma mistura de impressões indefinidas, podem ser de pés pequenos, mas nada de que possamos tirar um molde. Voltemos lá para dentro — sugeriu Nils.

Contornaram a casa, entraram pela porta de vidro, foram até à cozinha e aproximaram-se da janela de guilhotina pelo lado de dentro.

— Olhem para aqui: devia haver duas travas — disse Nils, apontando para dois buracos quadrados em ambos os lados da janela.

— O que é uma trava? — perguntou Moss.

— Dois pequenos ganchos de plástico que trabalham com molas, saem da armação superior da janela e impedem que a armação inferior seja forçada para cima. Foram removidos.

— Será que foi o Gregory quem fez isso? — perguntou Erika.

— Não se estivesse preocupado com a possibilidade de ser assaltado, e acho que estava. A casa tinha um alarme de primeira linha, com sensores de movimento no jardim. Quando a luz foi cortada, o alarme devia ter disparado. É para isso que serve... mas nada aconteceu.

— Então quem fez isto removeu as travas desta janela e sabia o código do alarme? — perguntou Erika.

— Sim, é uma teoria — concordou Nils. — Há mais uma coisa.

Levou-as de novo lá para fora, passando pela porta de vidro. Quando chegaram ao fundo do jardim, curvaram-se a fim de olharem para baixo da árvore e viram que a cerca de arame tinha sido cortada.

— O quintal fica virado para a via-férrea e para a reserva natural

Honor Oak — informou Nils. — Acho que este foi o local de entrada. A cerca foi cortada com um corta-aramé.

— Merda — resmungou Moss. — Quem diabo acham que fez isto?

— Temos de descobrir mais coisas sobre o doutor Gregory Munro — disse Erika, olhando para a casa. — É aí que iremos encontrar as respostas.

Era um computador velho numa mesa de metal rangente com rodas, enfiada debaixo das escadas de uma casa modesta. O ecrã inicial da sala de *chat* apareceu. Era simples, não tinha gráficos sofisticados. As salas de *chat* convencionais tinham moderadores, mas aquela ali situava-se num «recanto» da Internet, sem vigilância.

Depois de um bipe, o nome de um utilizador chamado DUKE surgiu no ecrã e começou a digitar.

DUKE: Está aí alguém?

As mãos movimentaram-se depressa pelo teclado, ávidas por conversar.

NIGHT OWL: Estou sempre aqui, Duke.

DUKE: Night Owl, onde tens andado?

NIGHT OWL: Tive muito que fazer. Estive três dias sem dormir. Quase o meu recorde.

DUKE: O meu recorde são quatro. As *trips* malucas e alucinantes quase valeram a pena. Mulheres nuas. Tão real *** *morde os nós dos dedos* ***

NIGHT OWL: Ah! Gostava que as minhas alucinações fossem tão agradáveis. Não suporto as luzes acesas, provocam-me dores... Mas então as sombras parecem ganhar vida. Rostos cegos observam-me pelo canto dos meus olhos. E vejo-o.

DUKE: Estás a passar por um momento difícil?

NIGHT OWL: Já me habituei... Tu sabes.

DUKE: Sim. Sei.

DUKE: Então? Fizeste aquilo?

NIGHT OWL: Sim.

DUKE: A sério?

NIGHT OWL: Sim.

DUKE: Usaste o saco de suicídio?

NIGHT OWL: Sim.

DUKE: Quanto tempo levou?

NIGHT OWL: Quase quatro minutos. Ele lutou, mesmo com a droga.

Houve uma pausa. Apareceu um balão a dizer «DUKE está a

escrever...». Depois o ecrã ficou momentaneamente sem movimento.

night owl: Ainda aí estás?

DUKE: Sim. Nunca pensei que o fosses fazer.

NIGHT OWL: Achaste que eu só dizia tretas, como a maioria das pessoas na Internet?

DUKE: Não.

NIGHT OWL: Achas que não sou suficientemente forte?

DUKE: não!

NIGHT OWL: Ótimo, porque estou a falar a sério. Durante muitos anos, as pessoas subestimaram-me. Achavam-me alguém fraco. Pisavam-me. Abusavam de mim. NÃO SOU UMA PESSOA FRACA. Tenho PODER. PODER mental e físico, e libertei-o.

DUKE: Não duvido de ti.

NIGHT OWL: Não te atrevas.

DUKE: Desculpa. Nunca duvidei de ti. Nunca.

DUKE: Como te sentiste?

NIGHT OWL: Como Deus.

DUKE: Nós não acreditamos em Deus.

NIGHT OWL: E se EU for Deus?

Passaram alguns minutos, depois DUKE escreveu:

DUKE: E a seguir?

NIGHT OWL: Isto é só o começo. O médico foi o primeiro na minha lista. Já tenho o próximo na mira.

Na manhã seguinte, Erika entrou no parque de estacionamento da esquadra de Lewisham Row um pouco antes das oito. A investigação na cena do crime estendera-se até de madrugada, e ela só conseguira dormir duas horas e tomar duche antes de voltar de novo ao trabalho. Ao sair do carro sentiu o ar quente pesado devido ao fumo dos tubos de escape, e ouviu os camiões na via rápida. Ao longe ouviam-se os guindastes a trabalhar nos prédios altos, em várias fases de construção, que se erguiam ali à volta — o edifício baixo de betão da esquadra parecia um anão comparado com eles. Erika trancou o carro e atravessou o estacionamento até à entrada principal, de mau humor por ter dormido pouco, e já suada e a precisar de uma bebida gelada.

Estava mais fresco na área da receção, mas o calor, misturado com um desagradável *cocktail* de vômito e desinfetante, não melhorava a atmosfera. O sargento Woolf estava curvado sobre a secretária a preencher um formulário. A barriga pendia-lhe por cima das calças, e o seu rosto redondo e papudo estava vermelho e lúcido do suor. Um rapaz alto e magro com fato de treino sujo aguardava, a olhar para os seus pertences num cesto de plástico sobre a secretária: um *iPhone* novo e dois maços de tabaco ainda por abrir. O rosto magro e faminto do rapaz não combinava com os pertences caros por que esperava, e Erika teve a sensação de que ele não tardaria a voltar à esquadra.

— Bom dia. Alguma possibilidade de conseguir um café gelado na cafetaria? — perguntou Erika.

— Não — respondeu Woolf, esfregando o rosto com o antebraço cabeludo. — Parecem não ter problema em servir a comida gelada; não vejo porque não conseguem fazer a mesma coisa com o café.

Erika sorriu. O rapaz magro revirou os olhos.

— Isso, conversem que eu tenho todo o tempo do mundo. Só quero o meu *iPhone* de volta. É meu.

— Isto foi encontrado na cena de um crime há quatro meses, podes esperar mais dez minutos — disse Woolf, fitando-o com expressão dura. Pousou a caneta e carregou no botão para abrir a porta e deixar Erika entrar na parte principal da esquadra. — O Marsh já cá está, disse que queria vê-la logo que chegasse.

— Certo — respondeu Erika. Entrou pela porta e o zumbido parou

assim que a fechou. Passou por gabinetes vazios no corredor iluminado por lâmpadas fluorescentes. Ainda era cedo, mas já muitos agentes tinham ido de férias e a atmosfera parecia mais tranquila do que de costume.

Apanhou o elevador até ao gabinete do chefe, no último andar. Bateu à porta e, ao ouvir a resposta abafada, entrou. O superintendente-chefe Marsh estava de costas para ela, frente à janela, observando os guindastes e o trânsito. Era alto, entroncado e tinha o cabelo curto meio grisalho. Quando se virou, Erika viu nos lábios dele uma palhinha verde-clara que descia até um grande café gelado do Starbucks. Era um homem bonito, apesar do ar cansado. Marsh arqueou as sobrancelhas e engoliu.

— Bom dia, superintendente — cumprimentou.

— Bom dia, Erika. Tome, achei que também ia querer um.

Marsh aproximou-se da secretária desarrumada, pegou noutro café gelado e entregou-lho com uma palhinha embrulhada em papel. O copo deixara um grande anel molhado no relatório preliminar sobre o homicídio de Gregory Munro, que Erika lhe enviara por *e-mail* de madrugada.

— Obrigada.

Erika pegou no copo e, enquanto desembulhava a palhinha, passou os olhos pelo gabinete. Estava um caos; sempre pensara que parecia o misto de gabinete de uma autoridade importante e de quarto de um adolescente. Havia certificados na parede, um móvel grande com prateleiras cobertas de pastas, e das gavetas demasiado cheias saíam pontas de papéis. O cesto dos papéis transbordava, mas, em vez de fazer algo a respeito disso, Marsh tinha equilibrado duas caixas plásticas de sanduíches e copos de café em cima do lixo, de modo que agora se elevavam trinta centímetros além do rebordo. Havia plantas mortas no peitoril e, na parede, um bengaleiro partido. Erika não sabia se isso acontecera devido ao peso das coisas empilhadas em cima dele, ou se Marsh o quebrara num ataque de fúria que ela tivera a sorte de não presenciar.

Desembulhou a palhinha verde, enfiou-a no buraco da tampa plástica do copo e sorveu, desfrutando da deliciosa frescura do café gelado.

— Muito bem, superintendente, a que se deve este bom café? Vai de férias?

Ele sorriu, sentou-se e indicou-lhe que fizesse o mesmo.

— Sim, duas semanas no Sul de França, e mal posso esperar. Bom, li o seu relatório. Ataque homofóbico ontem à noite, coisa sórdida.

— Não sei se foi ataque homofóbico...

— Tudo no relatório aponta para ataque homofóbico: vítima do sexo masculino, pornografia *gay*, asfixia. Ele é médico e tem uma boa renda. Calculo que tenha pagado a um rapaz para lá ir. As coisas descontrolaram-se e o tipo virou-se contra ele. Alguma coisa foi roubada?

— Não. Como lhe disse, não creio que possamos considerar aquilo um ataque homofóbico. Não o classifiquei assim no relatório preliminar — disse ela, vendo a expressão confusa de Marsh. — Meu superintendente, leu o relatório?

— Claro! — ripostou ele.

Erika pegou no relatório que estava em cima da mesa, as letras no círculo molhado a ficarem esborratadas. Só viu uma página. Levantou-se, foi até à impressora de Marsh, abriu a gaveta do papel, pegou em meia resma, colocou-a na impressora e fechou-a.

— O que está a fazer? — perguntou ele.

Depois de um clique e um zumbido, a segunda folha foi impressa; ela entregou-a ao chefe e sentou-se de novo. Marsh leu-a e empalideceu.

— Há sinais de que isto foi planeado. O alarme foi desativado, as linhas telefónicas cortadas e não encontrámos nenhuma impressão digital nem fluidos corporais além dos da vítima.

— Que inferno, era só o que nos faltava. Pensei que se tratava apenas de um ataque homofóbico.

— *Apenas* um ataque homofóbico, senhor?

— Sabe o que quis dizer. Os ataques homofóbicos são... Bom, não chamam tanto a atenção da comunicação social. — Marsh analisou novamente o relatório. — Gregory Munro era médico de clínica geral na zona, e um homem de família. Qual é a morada?

— Laurel Road. Honor Oak Park.

— Também é uma boa zona. Desculpe, Erika. Foi uma longa semana... podia ter numerado as páginas.

— Elas *estão* numeradas. Aguardo os resultados da autópsia e dos técnicos. Vamos analisar o computador da vítima e o telemóvel. Ia reunir a minha equipa agora.

— Certo, mantenha-me informado. Quero saber de qualquer novidade que surja. Tenho um mau pressentimento em relação a isto, Erika. Quanto mais cedo apanharmos esse estupor, melhor.

A sala de operações em Lewisham Row era um aposento grande e abafado, com lâmpadas fluorescentes implacáveis. Divisórias de vidro de ambos os lados davam para corredores e ao longo de uma delas havia impressoras e fotocopiadoras. Erika parou diante de uma impressora, sentindo o familiar formigueiro causado pela mistura de expectativa, horror e excitação ao ler o relatório preliminar da autópsia de Gregory Munro. As páginas, quentes, emergiam uma a uma.

A sua equipa já estava em plena atividade, e muitos daqueles agentes tinham dormido poucas horas depois de saírem da cena do crime. O sargento Crane — um loiro que era o motor da sala de operações — movia-se por entre as mesas e deixava uma folha em cada uma, preparando assim a reunião. Moss atendia os telefonemas com a detetive Singh, uma agente pequena, bonita e bastante perspicaz. Um membro novo da equipa, o detetive Warren, fixava as provas entretanto recolhidas nos enormes quadros brancos que cobriam a parede do fundo. Era um rapaz entusiasta e atraente.

O inspetor Peterson entrou e viu a movimentação na sala. Era um agente negro alto e bem-parecido com cabelo encarapinhado. Juntamente com Moss, era um dos colegas em quem Erika mais confiava. Além disso, a sua sofisticação discreta e elegante compensava a rudeza terra a terra de Moss.

— As férias foram boas, Peterson? — perguntou Erika, levantando os olhos do relatório.

— Sim. Estive em Barbados. Paz, tranquilidade, praias de areia fina... Isto é o oposto — respondeu ele, pesaroso, mas a atenção de Erika já tinha voltado ao relatório.

Peterson sentou-se à secretária e olhou para o ar deprimente da sala de operações.

Moss tapou o bocal do telefone.

— Tens a certeza de que estiveste fora? — perguntou ela. — Não estás muito bronzeado...

— Ah, ah. Comi umas papas de aveia esta manhã com mais cor do que tu. — Peterson sorriu.

— É bom ter-te de volta — disse ela, piscando o olho antes de voltar ao telefonema.

— Bom dia a todos — cumprimentou Erika, dirigindo-se para a

frente da sala. Tirou de uma pasta várias fotos da cena do crime e começou a colá-las no quadro. — A vítima é Gregory Munro, de quarenta e seis anos. Médico de clínica geral na zona. — A sala de operações ficou em silêncio enquanto os agentes absorviam as fotos. — Sei que alguns de vocês estiveram no local ontem à noite, mas, para dar todas as informações aos que não estiveram, vou explicar o que aconteceu.

Atentos, os agentes ouviram Erika recapitular os acontecimentos da noite anterior.

— Os técnicos acabaram de enviar a análise toxicológica e o relatório preliminar da autópsia. Havia uma pequena quantidade de álcool no sangue da vítima, mas um nível elevado de flunitrazepam: noventa e oito microgramas por litro. O flunitrazepam é o nome genérico do *Rohypnol*.

— A droga da violação favorita no mundo — disse Peterson, com secura.

— Sim. Encontraram resíduos da droga num copo de vinho, na cozinha — continuou Erika.

— Devem ter-lha metido na bebida. A não ser que ele quisesse matar-se... Como médico, saberia que uma dosagem tão elevada podia fazer isso — comentou Moss.

— Podia, mas não fez. Ele morreu por asfixia. Podem ver o saco de plástico transparente que tinha enfiado na cabeça, preso com cordel branco. — Erika apontou para uma foto de Gregory Munro a olhar inexpressivamente através do plástico. — As mãos foram amarradas depois da morte. Encontrámos revistas pornográficas *gay* na gaveta da mesa de cabeceira. Mesmo com as revistas, a asfixia com o saco e a droga da violação, temos de descartar qualquer elemento sexual. Não há sinal de que foi violado, nenhum vestígio de cabelos, nem de fluidos corporais exceto os dele...

Erika fez uma pausa e olhou para os agentes que a fitavam.

— Quero que partamos do princípio de que alguém forçou a entrada na casa, de que Gregory Munro foi drogado e depois asfixiado. Também acredito que não foi casual. Não roubaram nada, nem dinheiro, nem coisas valiosas. O telefone e a luz tinham sido cortados, o que indica que houve um certo planeamento, e quem fez aquilo teve de desligar o alarme *antes* de cortar a energia.

»Agora, quero que procedam como é habitual: façam um porta a porta em Laurel Road e nas ruas adjacentes. Os agentes já fizeram avanços nesse sentido, mas quero que interroguem toda a gente que vive naquela rua ou que estava na zona. Investiguem tudo sobre Gregory Munro: banco, telefone, *e-mails*, redes sociais, amigos e

família. Ele estava separado da mulher; portanto, imagino que tenha contratado um advogado: descubram. Averiguem se estava registado em *sites* de encontros *gay*. Além disso, verifiquem o telemóvel dele e se não há nenhuma aplicação de encontros *gay*. Ele pode ter pagado a um prostituto. Também era médico de clínica geral na zona; descubram tudo o que conseguirem sobre o seu trabalho; se tinha problemas com colegas ou pacientes.

Erika foi até ao quadro e apontou para fotos do jardim.

— O assassino teve acesso à casa pela vedação, que dá para a via-férrea e para uma pequena reserva natural. Recolham todas as imagens das câmaras de segurança que encontrarem nas linhas e em volta, além das recolhidas nas estações mais próximas e ruas adjacentes. Crane, fica a coordenar as coisas aqui.

— Sim, chefe — disse Crane.

— Creio que Gregory Munro conhecia o assassino, e desvendar a sua vida pessoal vai ajudar-nos a descobrir a identidade dele. Muito bem, mãos à obra. Voltamos a encontrar-nos aqui de novo às seis da tarde para partilhar as descobertas.

Os agentes ganharam vida.

— Alguma novidade sobre a mãe de Gregory Munro? — perguntou Erika, aproximando-se de Moss e Peterson.

— Ainda se encontra no hospital em Lewisham. Recuperou bem, mas estão à espera de que um médico lhe dê alta — informou Moss.

— Certo. Vamos fazer-lhe uma visita... você também, Peterson.

— Não acha que ela é suspeita? — perguntou Moss.

— Não, mas as mães geralmente são uma excelente fonte de informação — respondeu Erika.

— Sei bem o que quer dizer. A minha mete o nariz na vida de toda a gente — disse Peterson, levantando-se e pegando no casaco.

— Então esperemos que Estelle Munro seja igual — desejou Erika.

O Hospital Universitário Lewisham era uma mistura de edifícios de tijolo antigo e vidro futurista, com uma ala nova de plástico azul e amarelo. O parque de estacionamento estava movimentado, e um fluxo constante de ambulâncias parava nas Urgências. Erika, Moss e Peterson estacionaram o carro e dirigiram-se a pé à entrada principal, uma caixa grande de metal e vidro frente às Urgências. Quando se aproximavam, viram uma idosa do lado de fora em cadeira de rodas, gritando com uma enfermeira acorçada ao lado dela.

— É uma vergonha! — dizia ela, tocando na enfermeira com um dedo nodoso e a unha pintada de verniz vermelho. — Fazem-me esperar, e quando finalmente me dão alta, largam-me aqui mais de uma hora ao calor! Não tenho a minha mala, nem o telemóvel, e não fazem nada!

Várias pessoas que saíam olharam para a cena, mas um grupo de enfermeiras que estava a entrar ignorou-a.

— É ela... Estelle Munro, a mãe do Gregory Munro — disse Moss.

Quando se aproximaram, a enfermeira levantou-se. Devia andar perto dos cinquenta anos e tinha um rosto meigo, porém cansado. Erika, Moss e Peterson apresentaram-se, mostrando os documentos de identificação.

— Tudo bem por aqui? — perguntou Erika.

Sentada na cadeira de rodas, Estelle olhou na direção deles. Estava na casa dos sessenta e parecia gostar de se vestir com elegância, mas depois de uma noite no hospital, as calças claras e a blusa floral estavam amarrotadas, boa parte da maquilhagem saía com o suor e o seu cabelo avermelhado elevava-se em tufo. No colo, tinha um saco de plástico com sapatos pretos de salto.

— Não! Não está tudo bem por *aqui*... — começou Estelle.

A enfermeira pousou as mãos nas suas ancas largas e interrompeu:

— Os agentes que vieram recolher o depoimento da Estelle ofereceram-se para a levar a casa, mas ela recusou.

— Claro que recusei! Não vou parar diante de casa num carro da polícia! Gostava de ir de táxi... Sei como as coisas funcionam. Tenho direito a táxi. Vocês só querem poupar dinheiro...

Segundo a experiência de Erika, a tristeza e o choque afetavam as pessoas de forma diferente. Algumas desatavam a chorar; outras

ficavam atordoadas e incapazes de falar; e outras, furiosas. Viu que Estelle Munro se encaixava na terceira categoria.

— Estive prisioneira a noite toda naquele horrível buraco infernal que são as Urgências. Tive um chilique, mais nada. Mas não... Tive de entrar na fila, e os bêbedos e os drogados foram atendidos primeiro!

— Estelle voltou a atenção para Erika, Moss e Peterson. — Depois os vossos colegas fizeram-me perguntas intermináveis. Até parece que sou a criminosa! O que estão os três a fazer aqui, afinal de contas? O meu menino está morto... foi assassinado!

Nesse momento, Estelle foi-se abaixo. Agarrou os braços da cadeira de rodas e cerrou os dentes.

— Não venham também para cima de mim! — gritou.

— O nosso carro é descaracterizado. Podemos levá-la já para casa, senhora Munro — disse Peterson em tom meigo, agachando-se e oferecendo-lhe um lenço de papel.

Ela fitou-o com o rosto coberto de lágrimas.

— Podem mesmo?

Peterson assentiu.

— Então, por favor, levem-me para casa. Só quero ir para casa, estar sozinha — pediu, pegando no lenço e encostando-o ao rosto.

Obrigada, agradeceu a enfermeira em silêncio.

Peterson destravou a cadeira de rodas e começou a empurrar Estelle na direção do parque de estacionamento.

— Ela estava muito mal quando foi internada, desidratada e em choque — disse a enfermeira a Moss e a Erika. — Não quis telefonar a ninguém. Não sei se tem vizinhos, uma filha, talvez? Precisa de ficar calma e descansar quando chegar a casa.

— O Peterson vai usar a sua magia, ele dá-se sempre bem com as velhotas — disse Moss, vendo-o empurrar a cadeira pela berma e atravessar o estacionamento. A enfermeira sorriu e voltou para o interior do hospital.

— Merda, eu é que tenho as chaves do carro, vamos! — disse Erika. Apressaram-se para apanharem Peterson.



— Oh, este calor... — murmurou Estelle, desesperada, quando estavam todos dentro do carro. — Já dura há dias! — Sentara-se à frente com Erika. Moss e Peterson iam atrás.

Erika inclinou-se e ajudou Estelle a apertar o cinto de segurança, depois ligou o carro.

— O ar condicionado vai já fazer efeito.

— Há quanto tempo estão aqui estacionados? — perguntou Estelle quando Erika mostrou o distintivo ao homem que trabalhava na portaria. Ele indicou-lhes que saíssem.

— Quinze minutos — respondeu Erika.

— Se não fossem polícias, teriam de pagar libra e meia, mesmo sem usar a hora inteira. Eu passava a vida a perguntar ao Gregory se ele não podia fazer alguma coisa a respeito de os pacientes terem de pagar. Ele dizia que ia escrever para a nossa representante no Parlamento. Já a tinha encontrado, sabem, várias vezes, em almoços oficiais... — Estelle calou-se, procurou o lenço no colo e limpou os olhos.

— Quer água, Estelle? — ofereceu Moss, que comprara algumas garrafas na máquina automática de Lewisham Row.

— Quero, sim, por favor. E é senhora Munro, se não se importa.

— Claro, senhora Munro — disse Moss, passando-lhe pelo espaço entre os bancos uma garrafa pequena, que pingava por causa da condensação.

Estelle conseguiu destapá-la e bebeu um longo gole. Atravessaram Ladywell, passaram pelo grande parque ao lado do hospital, onde um grupo de rapazes jogava à bola sob o sol quente da manhã.

— Graças a Deus, assim está melhor — disse Estelle, recostando-se quando o ar condicionado começou a refrescá-los.

— Posso fazer-lhe algumas perguntas? — inquiriu Erika.

— Não pode esperar?

— Temos de recolher o seu depoimento oficial mais tarde, mas, como disse, gostava de lhe fazer algumas perguntas... Por favor, senhora Munro, é importante.

— Então, vá lá.

— O Gregory ia estar de férias?

— Sim, em França. Ia discursar na conferência da Associação Médica Britânica.

— Não ligou a avisar que tinha chegado.

— Obviamente que não.

— Isso era normal?

— Sim. Não passávamos a vida ao telefone. Eu sabia que ele iria telefonar-me em algum momento durante a viagem.

— O Gregory estava separado da mulher?

— Sim, da *Penny* — disse Estelle, contraindo os lábios ao pronunciar o nome.

— Posso perguntar porquê?

— *Pode perguntar porquê...* está a perguntar, não está? A Penny foi a instigadora. Pediu o divórcio, mas o Gregory é que devia ter feito isso — disse Estelle, abanando a cabeça.

— Porquê?

— Ela fazia-lhe a vida negra. E depois de tudo o que ele fez por ela. Deu-lhe qualidade de vida. Até se casarem, a Penny vivia com a horrorosa da mãe, aos trinta e cinco anos. Tinha poucas perspetivas. Não passava de rececionista na clínica do Gregory. Assim que começaram a sair, a Penny engravidou. Fez pressão e ele teve de se casar.

— Porque teve ele de se casar com ela? — perguntou Moss.

— Eu sei que hoje em dia está na moda trazer bastardos ao mundo, mas o meu neto não ia ser um bastardo!

— Então a senhora forçou os dois a casar-se? — insistiu Moss.

Estelle virou-se para ela.

— Não. Foi o Gregory. Fez a escolha honrosa.

— Ele já tinha sido casado? — perguntou Erika.

— Claro que não!

— A Penny e o Gregory estiveram casados quatro anos. Então ele tinha quarenta e dois quando se casaram? — perguntou Moss.

— Sim — confirmou Estelle.

— Ele teve muitas namoradas antes de se casar? — interveio Peterson.

— Algumas. Nada que eu pudesse chamar namoro sério. Ele andava muito empenhado, sabe, na faculdade de medicina e depois no consultório. Houve algumas raparigas simpáticas pelo caminho. Ele podia ter escolhido uma delas, mas ficou com aquela rececionista gananciosa...

— Não gosta dela? — perguntou Peterson.

— O que acha? — retorquiu Estelle, encarando-o pelo retrovisor.
— Ela não amava o meu filho, só queria o dinheiro dele. Disse-lhe isso logo no início, mas não me ouviu. Depois, as coisas foram acontecendo, umas atrás das outras, provando que eu tinha razão.

— O que aconteceu? — perguntou Erika.

— Ainda a tinta mal secara na certidão de casamento quando ela começou a pressionar o Gregory para pôs coisas no nome dela. Ele tem... tinha... várias propriedades alugadas. Comprou tudo com grande esforço, sabem, trabalhou muito para o conseguir. Uma das propriedades estava em meu nome, para me dar um pouco de segurança, e a cabra queria que ele a passasse para o dela! Claro que ele recusou. A Penny então envolveu o irmão na história... — Estelle abanou a cabeça, indignada. — Digo-vos uma coisa, que

família aquela... a Penny, o irmão Gary. É um *skinhead* reles, sempre metido em sarilhos com a polícia. No entanto, a Penny gosta muito dele. Admira-me não o conhecerem. Gary Wilmslow.

Erika trocou um olhar com Moss e Peterson.

— As coisas ficaram muito feias no ano passado, quando o Gary ameaçou o Gregory — prosseguiu Estelle.

— Como o ameaçou ele? — perguntou Erika.

— Andou tudo à volta da escolha da escola para o Peter. O Gregory queria que ele fosse para um colégio interno, o que significava que sairia de casa. A Penny mandou o Gary intimidar o Gregory, mas o meu filho fez-lhe frente, e não são muitas as pessoas que enfrentam o Gary Wilmslow. O Gregory deu-lhe uma boa tarefa — disse Estelle, orgulhosa.

— E o que aconteceu depois?

— O ambiente piorou. O Gregory não queria ter nada que ver com o Gary, mas a Penny não tirava o irmão da vida dela. E o Gary não gostou muito de perder uma briga. A notícia espalhou-se, tenho a certeza. A Penny e o Gary tinham muito a ganhar se o Gregory desaparecesse. Ela agora é herdeira. Digo-vos uma coisa, podem poupar muito dinheiro dos contribuintes se prenderem o irmão. Gary Wilmslow. Ele é capaz de matar, tenho a certeza. Ainda na semana passada voltou ao mesmo, ameaçou o Gregory de novo. Invadiu a clínica, cheia de doentes, ainda por cima...

— Porque o ameaçou ele?

— Nunca descobri. Só tive conhecimento disso porque o gerente da clínica me contou. Tencionava perguntar ao Gregory quando ele regressasse das férias, mas... — Estelle recomeçou a chorar. Levantou o olhar quando o *pub* Forest Hill Tavern ficou visível na esquina. — É só virar à esquerda aqui, a minha casa é no fim da rua.

Erika parou diante de uma bonita casa geminada de esquina. Desejou que o percurso tivesse sido mais longo.

— Quer que entremos consigo? — perguntou Erika.

— Não. Só preciso de tempo e de espaço, obrigada. Passei por uma situação muito complicada, como com certeza reconhecem... Se eu fosse a vocês, ia já prender o irmão dela. Foi o Gary, é o que vos digo — afirmou Estelle, agitando um dedo no ar. Soltou o cinto de segurança com dificuldade e retirou os sapatos do saco de plástico.

— Senhora Munro, vamos mandar cá alguns agentes recolher o seu depoimento oficial, e precisamos que alguém vá identificar o corpo — disse Erika suavemente.

— Já o vi uma vez, daquela forma... Não quero fazer isso de novo. Peçam-lhe a *e/a*, à Penny — disse Estelle.

— Com certeza — concordou Erika.

Peterson saiu do carro e deu a volta até ao lado do passageiro. Pegou nos sapatos de Estelle e calçou-lhos, depois ajudou-a a sair e acompanhou-a até à porta de casa.

— Parece que isto está a ficar interessante — comentou Moss em voz baixa. — Dinheiro, propriedades, famílias em guerra: nunca dá certo.

Viram Peterson ajudar Estelle a subir a escada. Ela abriu a porta e desapareceu lá dentro.

— Pois não — concordou Erika. — Quero falar com a Penny. E com esse Gary Wilmslow.

A casa de Penny Munro ficava em Shirley, uma zona do sudeste de Londres a apenas alguns quilómetros de onde haviam deixado Estelle. Era uma antiga casa camarária remodelada, com paredes de pedrinhas castanho-claras e novas janelas de PVC. O jardim estava bem cuidado, com uma faixa de relva viçosa, apesar da falta de chuva. Havia um pequeno lago coberto com uma rede e sob ela uma explosão de nenúfares. Paralisada com uma pata levantada, uma grande garça de plástico fora rodeada por vários gnomos de cara rosada.

Quando tocaram à campainha ouviram uma versão eletrónica de «Land of Hope And Glory». Moss olhou para Erika e Peterson com uma sobrancelha arqueada. Esperaram bastante tempo, o suficiente para que mais uma estrofe inteira fosse tocada, depois a campainha ficou em silêncio. A maçaneta balançou e a porta foi aberta lentamente — apenas alguns centímetros. Um menino de cabelo escuro observou-os com olhos castanhos tímidos. Erika viu muito de Gregory Munro naquele rosto — os olhos e a testa alta —, o que era algo sinistro. Havia uma televisão aos berros atrás de uma porta no corredor.

— Olá, és o Peter? — perguntou Erika. O miúdo assentiu. — Olá, Peter, a tua mãe está em casa?

— Sim. Está a chorar lá em cima — respondeu ele.

— Oh, lamento imenso. Importas-te de lhe ir perguntar se pode falar connosco?

Os olhos dele percorreram Erika, Moss e, finalmente, Peterson. Ele assentiu, depois inclinou a cabeça para trás e gritou:

— Mamã, estão umas pessoas à porta!

Ouviu-se o som de um autoclismo, e a seguir uma mulher jovem com olhos vermelhos e inchados desceu as escadas. Era magra e atraente, com cabelo louro levemente arruivado pelos ombros e um pequeno nariz arrebitado.

— Penny Munro? — perguntou Erika. A mulher anuiu com a cabeça. — Olá. Sou a inspetora-chefe Foster, estes são os inspetores Peterson e Moss. Lamentamos muito o que aconteceu ao seu ma...

Penny começou a abanar a cabeça freneticamente.

— Não. Ele não sabe... Eu não... — sussurrou ela, apontando para o menino, que sorria porque Peterson tinha deitado a língua de

fora e entortado os seus grandes olhos castanhos.

— Podemos falar consigo a sós, por favor? — perguntou Erika.

— Já falei com alguns agentes.

— Senhora Munro, é muito importante.

Penny assoou-se, assentiu e gritou:

— Mãe! Mããã! Caramba, tem a televisão de novo aos berros...

— Penny abriu a porta do corredor e o som intensificou-se. O tema de abertura de *This Morning* retumbou, fazendo estremecer a moldura fina de um espelho na parede ao lado da porta. Momentos depois, uma idosa corpulenta com uma nuvem de cabelo grisalho oleoso e óculos de armação grossa quase cómicos apareceu à porta. Usava um casaco verde andrógino e calças com pernas demasiado curtas. Elas balançavam acima dos seus tornozelos inchados, que cobriam a extremidade dos chinelos axadrezados. A mulher fitou-os com olhos míopes através das lentes sujas.

— O QUE QUEREM ELES AGORA? — gritou, com uma expressão aborrecida.

— NADA, LEVA O PETER — respondeu Penny.

A velha lançou um olhar suspeito aos agentes e assentiu.

— ANDA, PETEY — disse, com a voz alta e esganiçada. Peter pegou na mão gorducha da avó e foi para a sala, virando a cabeça para os olhos mais uma vez. O som altíssimo da televisão diminuiu quando a porta foi fechada.

— A minha mãe é surda e vive no mundo dela — disse Penny. O estrondo do *rater* de um carro fê-la dar um salto e começar a tremer. Esticou o pescoço e olhou para os dois lados da rua quando um velho *Fiat* vermelho passou a rugir, conduzido por um jovem de óculos escuros e em tronco nu.

— O que foi, senhora Munro? — perguntou Erika.

— Nada... não é nada — respondeu ela, de modo pouco convincente. — Vamos para a cozinha.

Sentaram-se numa pequena cozinha abafada, cheia de enfeites e panos com folhos. A janela dava para um quintal ainda mais infestado de gnomos do que o jardim. Erika achou os seus rostos rosados sinistros e perguntou-se se eram grandes para que a mãe de Penny conseguisse identificar quem era quem.

— A última vez que falei com ele, com o Gregory, foi há três dias — disse Penny. Ficara de pé, encostada ao lava-louça, e tinha uma expressão de descrença. Acendeu um cigarro e tirou um cinzeiro a transbordar do peitoril da janela.

— Sobre o que conversaram? — perguntou Erika.

— Nada de especial. Ele ia para França, para uma conferência.

— Da Associação Médica Britânica? — perguntou Moss.

— Ele era um dos membros.

— E não achou estranho ele não lhe ligar a avisar que tinha chegado bem? — perguntou Erika.

— Estávamos a divorciar-nos. Só ligávamos um ao outro quando precisávamos... Telefonei a confirmar se ele ia e se eu podia ficar com o Peter; temos... *tínhamos* um acordo de que ele ficava com o pai nas noites de sábado.

— O que mais disse ele?

— Nada demais.

— Consegue pensar em alguém que possa ter feito aquilo ao seu marido?

Penny desviou o olhar para o quintal e sacudiu a cinza do cigarro para o lava-louça.

— Não... Ele desentendeu-se com algumas pessoas, mas isso acontece a toda a gente. Não consigo pensar em alguém que o odiasse a ponto de forçar a entrada em casa dele e... asfixiá-lo.

Começou a chorar. Moss pegou numa caixa de lenços que estava em cima da mesa da cozinha e estendeu-lha.

— Obrigada — disse Penny.

— A casa tinha alarme. Quando foi instalado? — perguntou Erika.

— Há alguns anos, depois das obras.

— Costumavam usá-lo?

— Sim. O Gregory ligava-o sempre quando íamos para fora. Também o ligava à noite, mas quando o Peter começou a andar, desceu as escadas algumas vezes às escuras para beber água, o

alarme disparou; portanto, deixámos de o ligar... No entanto, instalámos mais trancas nas janelas e portas.

— Lembra-se do nome da empresa de segurança?

— Não. Foi o Greg que tratou de tudo. Como é que... quem fez aquilo... entrou na casa?

— É isso que estamos a tentar descobrir — respondeu Erika. — Posso perguntar por que motivo a senhora e Gregory se separaram?

— Ele começou a detestar tudo em mim: a forma como me vestia, como falava, como lidava com as pessoas. Dizia que eu namoriscava demais com os homens nas lojas, achava que os meus amigos não eram suficientemente bons. Tentou afastar-me da minha mãe, mas a mãe dele era bem-vinda, estava sempre lá. E não se dava bem com o meu irmão Gary.

— Alguma vez foi violento?

— O Gary não foi violento — respondeu Penny muito depressa.

— Eu estava a falar do Gregory — esclareceu Erika.

Peterson e Moss trocaram um olhar, e Penny percebeu.

— Desculpem, estou confusa. Não... o Gregory não era violento. Podia ser intimidante, sim, mas nunca me bateu... não sou estúpida. A relação nem sempre foi má. Quando me conheceu, achou que eu era uma lufada de ar fresco: excitante, um pouco descarada e divertida.

Erika olhou para Penny e percebeu por que motivo os homens a achavam atraente; ela era bonita e simples.

— Mas, com esse tipo de mulher, os homens só querem ter aventuras — continuou Penny. — Quando nos casámos, ele esperava que eu mudasse. Era a sua mulher, representava-o, dizia. Representava-o na sociedade! Mas eu não ia ser esse tipo de mulher. Acho que ele só percebeu isso depois...

— E a mãe do Gregory?

— A relação deles faz o *Édipo Rei* parecer uma comédia. Ela detestou-me desde o primeiro minuto. Foi ela que encontrou o Gregory, não foi?

Erika confirmou com um gesto de cabeça.

A expressão de Penny toldou-se.

— Ela não me ligou. Soube por um agente que me veio bater à porta. Isso diz muito sobre ela, não diz?

— Não era responsabilidade da sua sogra informá-la. Foi levada em choque para o hospital — disse Moss.

— Ela mencionou que houve um incidente entre Gregory e o seu irmão, Gary — comentou Peterson.

À menção de Gary, Penny ficou tensa.

— Foi só uma discussão, coisa de família.

— Ela disse que foi um confronto físico.

— Sim, bem, os rapazes serão sempre rapazes.

— Mas eram adultos. O seu irmão já teve problemas com a polícia antes — acrescentou Peterson.

Os olhos de Penny saltavam entre os três detetives. Apagou o cigarro no cinzeiro cheio.

— O meu irmão está em liberdade condicional por agredir um tipo em New Cross — disse ela, expelindo fumo para o teto. — É segurança numa discoteca. O tipo estava passado por causa das drogas; portanto, foi em legítima defesa. Mas o Gary... foi longe demais. Deixem o meu irmão fora disto. Sei que ele não é nenhum santo, mas não existe a menor possibilidade de ter alguma coisa que ver com o assunto, estão a ouvir?

— Foi isso que a fez estremecer à porta? Pensou que era o Gary? — perguntou Erika.

— Olhem, por que diabo estão aqui? — perguntou Penny cruzando os braços e semicerrando os olhos. — Já cá estiveram outros agentes a fazer perguntas. Não deviam estar lá fora a tentar apanhar esse tipo?

— Nunca dissemos que era um tipo — respondeu Moss.

— Não se armem em espertinhos. Sabem que a maioria dos assassinos são homens — disse Penny.

Erika lançou uma olhadela a Moss: conseguia ver que Penny estava a fechar-se.

— Certo, senhora Munro. Desculpe. Não estamos a investigar o seu irmão. Temos de fazer estas perguntas para percebermos o que aconteceu e conseguirmos apanhar quem fez aquilo — justificou Erika.

Penny acendeu outro cigarro.

— Querem um? — perguntou ela. Moss e Peterson abanaram a cabeça, mas Erika tirou um do maço. Penny acendeu-lho.

— O Gregory queria mandar o Peter para o colégio interno — disse Penny. — Mandá-lo embora, uma criança tão pequena! Bati o pé e disse que não. No fim de semana antes de o Peter começar as aulas aqui na escola local, descobri que o Gregory tinha cancelado a matrícula dele e reservado a vaga no colégio interno!

— Quando foi isso?

— Na Páscoa. Liguei ao Gregory, mas ele disse-me que o Peter iria para lá nessa segunda-feira, e que eu não ia impedir o nosso filho de ter uma boa educação. Aquilo era como um rapto! Então, o Gary foi até lá buscar o Peter. Arrombou a porta, mas não... não foi violento, está bem? A Estelle estava lá. Atacou o Gary com um cinzeiro de

vidro, e foi então que tudo piorou. Aposto que ela não vos contou esta parte, pois não?

— Então diria que a sua relação com Estelle não é boa?

Penny soltou uma gargalhada amarga.

— Ela é uma cabra. Cria fantasias para desculpar o comportamento do filho. Quando nos juntámos, ela detestou-me logo... deu cabo de tudo: da nossa festa de noivado, do casamento. O pai do Gregory morreu quando ele era pequeno; o Gregory era filho único, e isso fez com que os dois dependessem um do outro, ele e a mãe. Como lhe chamam? Codependentes. Pensei no início do nosso casamento que conseguiria conquistar o apoio dele, ou pelo menos tornar-me a pessoa mais próxima, mas ela fazia de tudo para me deixar sempre em segundo plano. Parece bastante patético, não parece? Ouço-me a contar-vos isto tudo e percebo como é patético.

Erika olhou para Moss e Peterson, dando-se conta de que havia mais uma pergunta a ser feita.

— Senhora Munro, sinto muito ter de lhe perguntar isto, mas sabe se o seu marido se relacionava com outros homens?

— O que quer dizer? Amigos? Ele não tinha muitos amigos.

— Refiro-me a relacionamentos sexuais com homens.

Penny olhou para eles. O relógio fazia tiquetaque ao fundo. A porta da cozinha escancarou-se de repente e bateu no frigorífico. Um homem pequeno, anafado e careca entrou. Vestia calças de ganga, *T-shirt* e botas com atacadores. O suor cintilava na cabeça dele, e tinha manchas nas axilas e no peito. Trazia um cheiro húmido e suado, agressivo. O seu rosto era uma mistura de confusão e fúria.

— Relacionamentos sexuais com homens? Que porra é essa? — perguntou ele.

— O senhor é Gary Wilmslow? — perguntou Erika.

— Sou. Quem são vocês?

— Sou a inspetora-chefe Foster. Estes são os inspetores Moss e Peterson. — Levantaram-se e mostraram os distintivos.

— Que porra é esta, Penny?

— Estão só a fazer-me perguntas sobre o Greg... perguntas de rotina, está bem? — explicou Penny, cansada, como se apaziguar o irmão fosse uma tarefa constante.

— E estão a perguntar se o gajo era bicha? Isso é o melhor que conseguem fazer? O Greg podia até ser um paspalho...

— Gary!

— Mas não era bicha. Estão a ouvir? — protestou Gary, levantando o dedo e brandindo-o.

— Senhor, podemos pedir-lhe que aguarde lá fora enquanto

terminamos? — começou Peterson.

— Não me chame senhor. Não está a falar a sério! — disse Gary. Abriu o frigorífico e enfiou a cabeça lá dentro, resmungando: — Preto de um cabrão.

— O que foi que disse? — perguntou Peterson. Erika reparou que ele estava ofegante.

Gary endireitou-se, segurando uma lata de cerveja, e fechou a porta do frigorífico.

— Não disse nada.

— Eu ouvi — disse Erika.

— Eu também — interveio Moss. — Chamou ao meu colega «preto de um cabrão».

— Não chamei, não. Mesmo que tivesse chamado, esta casa é minha, e posso dizer o que quiser. E se não gostam do que estão a ouvir, podem ir-se embora... voltem com um mandado.

— Senhor Wilmslow, estamos a fazer perguntas de rotina sobre uma investigação de homicídio... — começou Erika.

— Vocês são uns imprestáveis. É mais fácil ficarem aqui sentados a chatear-nos, quando tivemos uma morte na família, do que irem lá para fora procurar quem fez isso.

— Devo lembrar-lhe que ofender um agente é crime — disse Peterson, aproximando-se de Gary e olhando-o nos olhos.

— Tal como um homicídio, mas tenho o direito de me defender se você se tornar agressivo em minha casa.

— GARY! — gritou Penny. — Deixa-te disso. Vai ver se a mãe e o Peter estão bem... Agora!

Gary levantou a lata e abriu-a, salpicando de cerveja o rosto de Peterson. Foi um momento tenso. Em seguida, Gary sorveu um trago e saiu, batendo com a porta.

— Sinto muito, sinto mesmo muito... Ele não gosta da polícia — disse Penny. Tirou um pouco de rolo de papel e estendeu-o a Peterson com a mão trémula.

— Sente-se em condições de continuar? Estamos quase a terminar — disse Erika enquanto Peterson limpava a cara. Penny assentiu. — Não fazemos estas perguntas de ânimo leve. Encontrámos algumas revistas pornográficas *gay* na gaveta da mesa de cabeceira do seu marido.

— Encontraram?

— Sim. Precisamos de saber porque estavam lá. Provavelmente não representam nada, estava apenas curioso. Mas tenho de lhe perguntar se sabe se o Gregory era bissexual ou se tinha vontade de se encontrar com outros homens... Isso ajudará a nossa investigação.

Se o seu marido tinha uma vida secreta e se se encontrava com homens, ou convidava homens...

— Está bem, certo, já percebi! — rebentou Penny. — Já percebi!

Acendeu outro cigarro, expeliu o fumo e largou o isqueiro ruidosamente no corredor. Parecia não saber como processar a informação. Houve um longo silêncio.

— Sei lá... uma vez... Numa das raras ocasiões em que nos embebedámos, o Gregory comentou que queria experimentar uma *ménage à trois*. Estávamos de férias na Grécia, a divertir-nos... achei que se referia a mais uma mulher, mas ele queria... ele queria que outro homem participasse.

— Isso surpreendeu-a? — perguntou Erika.

— Claro! Ele era sempre tão convencional, posição de missionário e tal.

— O que aconteceu?

— Nada. Ele voltou atrás, disse que estava a brincar, só para ver a minha reação.

Penny cruzou os braços.

— Qual *foi* a sua reação quando ele disse isso?

— Sei lá. Era uma ilha maravilhosa, estávamos a divertir-nos muito. Havia gregos muito jeitosos. Achei que podia ter sido divertido, uma coisa maluca e divertida. Nunca nos divertíamos.

— E ficou perturbada com a sugestão dele?

— Não. Eu amava-o... na altura, amava-o... e ele era tão antiquado, achei fixe ele partilhar alguma coisa comigo...

Foi-se abaixo e começou a chorar.

— Então, acha que o seu marido podia ser *gay*?

— Não, não acho — respondeu Penny, erguendo a cabeça e olhando para Erika, carrancuda. — Já terminaram?

— Sim, obrigada. Gostávamos de mandar um agente vir buscá-la mais tarde para ir identificar o corpo do seu marido — disse Erika.

Penny anuiu com lágrimas nos olhos. Olhou para o quintal, com o seu aspeto tristemente alegre.

— Se descobrirem mais alguma coisa sobre o Greg, sobre ele ser *gay*... não quero saber. Entendido?

— Sim, entendido — respondeu Erika.



Quando chegaram ao carro, este fervia, portanto, deixaram as portas abertas uns minutos para o arrefecer. Erika procurou o

telemóvel na mala, tirou-o e ligou para a esquadra.

— Olá, Crane, é a inspetora Foster. Pode procurar-me um nome no sistema? Gary Wilmslow, Hereford Street, número catorze, Shirley. Tudo o que tivermos. É irmão da Penny Munro, mulher da vítima. Além disso, marque um interrogatório formal com a Estelle Munro e arranje agentes de ligação tanto para ela como para a Penny.

Quando estavam a entrar no carro, Gary apareceu à porta da casa, de mão dada com Peter.

— Senhor Wilmslow — chamou Erika, voltando ao portão da casa —, pode dizer-me onde estava na noite de quinta-feira entre as seis da tarde e a uma da manhã?

Gary foi até uma mangueira enrolada numa torneira debaixo da janela da sala e começou a desenrolá-la. Entregou a mangueira ao sobrinho.

— Estava aqui, a ver a *Guerra dos Tronos*, com a Penny e a nossa mãe.

— E fizeram isso a noite toda?

— Sim, a noite toda. Temos a porra da série.

Peter pegou na mangueira e preparou-se, apontando-a para a relva. Levantou o olhar e esboçou um sorriso desdentado. Gary abriu a torneira.

— E elas podem confirmar isso?

— Podem — disse ele, com um olhar gelado. — Elas podem *confirmar* isso.

— Obrigada.

Erika voltou para junto do carro e entraram os três. Ligou o carro e o ar condicionado.

— Sabem, podíamos prender o tipo agora. Nesta fase é proibido regar relvados com mangueiras — disse Peterson.

— Sim, mas ele pôs o miúdo a agarrar na mangueira — comentou Moss.

— É um daqueles filhos da mãe manhosos, não é? — resmungou Peterson, com pesar.

— Sim — concordou Erika.

Viram-no fumar um cigarro enquanto Peter regava a relva. Ele levantou a cabeça e observou-os.

— Vamos deixá-lo de lado por enquanto — disse Erika. — Ver o que faz. É um possível suspeito, mas precisamos de muito mais.

Era o fim da tarde na ala geriátrica do Queen Anne Hospital, em Londres. A enfermeira Simone Matthews estava sentada num dos poucos quartos individuais. Ao seu lado, numa cama de hospital, encontrava-se uma idosa chamada Mary. O volume do seu corpo magro mal era perceptível sob o cobertor azul preso sob o colchão. Tinha o rosto emaciado e amarelado, e respirava laboriosamente pela boca entreaberta.

Já não devia faltar muito.

O Queen Anne Hospital ficava num prédio de tijolo vermelho decadente, e a ala geriátrica podia ser um lugar sombrio e desafiador. Ver as pessoas desnudar-se mental e psicologicamente podia afetar a sanidade. Duas noites antes, Simone tivera de dar banho a um idoso que até então fora um paciente exemplar. Sem avisar, ele dera-lhe um soco na cara. Mandaram-na fazer uma radiografia, mas felizmente não fraturara o maxilar. A chefe das enfermeiras dissera-lhe para tirar uns dias de folga, descansar e recuperar do choque; porém, Simone mostrara-se estoica e insistira em voltar para o turno seguinte.

O trabalho era tudo para Simone, e ela queria ficar com Mary, estar ao seu lado até ao fim. As duas mulheres nunca tinham conversado. Mary estava na ala há dez dias e oscilava entre a consciência e a inconsciência. Os seus órgãos começavam a falhar e, lentamente, o corpo ia parando de funcionar. Nenhum familiar ou amigo a visitara, mas Simone construía uma imagem dela a partir dos pertences guardados no pequeno armário ao lado da cama.

Mary desmaiara num supermercado e, quando fora internada, usava um vestido puído e sapatos velhos de jardinagem. Tinha uma pequena mala preta. Não havia muita coisa lá dentro, só uma caixinha de rebuçados de menta e um passe de autocarro, mas, num dos bolsos do forro, Simone encontrara uma foto pequena e amarrotada a preto e branco.

Fora tirada num jardim num dia soalheiro. Sob uma árvore, uma jovem bonita estava sentada num cobertor axadrezado, com uma saia comprida a cobrir-lhe as pernas. A sua cintura era estreita e o volume dos seios sob a blusa branca deixava à vista um invejável corpo de ampulheta. Mesmo a preto e branco, Simone calculara que Mary fora ruiva — algo na forma como o sol incidia no seu cabelo comprido e encaracolado. Ao lado de Mary, havia um homem moreno. Era bem-

parecido, com uma aura de perigo e sedução. Tinha os olhos semicerrados devido ao sol, com um dos braços à volta da cintura estreita de Mary, agarrando-a com ar protetor. Atrás da foto estava escrito: «Com o meu querido George, em Bromley, verão de 1961.»

Havia mais uma foto de Mary, a do passe de autocarro. Fora tirada três anos antes. Mary olhava timidamente para a objetiva contra um pano de fundo branco, um coelho encandeado por faróis: cabelo grisalho, rosto franzido e enrugado.

O que aconteceu a Mary entre 1961 e 2013?, pensou Simone. *E onde está o George?* Pelo que percebera, não tinham vivido felizes para sempre. Segundo os registos médicos, Mary nunca se casara, não tinha filhos, nem dependentes.

Na cama, Mary balbuciou. A boca encovada abriu-se lentamente, fechou-se, e a respiração dela parou por um momento, antes de voltar ao ritmo irregular.

— Tudo bem, Mary, estou aqui — disse Simone, esticando o braço e agarrando-lhe na mão. O braço de Mary era fino, a pele flácida e coberta por manchas semelhantes a nódos negras devido a várias tentativas de encontrar uma veia para espetar a agulha.

Simone olhou para o pequeno relógio de prata preso à frente da farda e viu que o seu turno estava a terminar. Tirou uma escova do armário ao lado da cama e começou a pentear o cabelo de Mary, primeiro a partir da testa, depois levantando a cabeça da idosa para conseguir chegar ao resto. Enquanto a escova se movia, os finos cabelos prateados brilhavam à luz do sol que penetrava pela pequena janela.

Ocupada na tarefa, Simone desejou que Mary tivesse sido a sua mãe, que abrisse os olhos e lhe dissesse que a amava. Amara George, Simone conseguia ver isso na foto, e tinha a certeza de que também poderia amá-la. Um tipo diferente de amor, claro. O amor de uma mãe pela filha.

O rosto da mãe de Simone surgiu na sua memória, fazendo as suas mãos tremer tanto que deixou cair a escova.

UM DOS PIORES CASOS DE ABANDONO DE MENORES JÁ VISTOI, tinham gritado os cabeçalhos. Aos dez anos, Simone fora encontrada por uma vizinha, depois de a mãe ter ido de férias, deixando a filha presa com correntes ao aquecedor da casa de banho. A vizinha e o jornalista que ela contactara acharam que tinham salvado a criança, mas a vida no orfanato fora pior. Quando a mãe finalmente regressara, aparecera no orfanato sem aviso e tinham chamado a polícia. A mãe de Simone fugira antes que pudessem prendê-la. Mais tarde naquela noite, saltara da Tower Bridge e afogara-se no Tamisa

gelado. Simone gostava de pensar que a mãe se matara por se sentir culpada, mas não tinha a certeza.

Pegou na escova e forçou a mão trémula a descontrair-se.

— Pronto, está linda, Mary — disse ela, dando um passo atrás para admirar o trabalho. O cabelo fino de Mary estava impecável, os fios prateados espalhados pela almofada branca. Simone guardou a escova no armário.

— Agora vou ler para si — informou Simone, esticando o braço para trás da cadeira de plástico e procurando na mala o jornal local.

Começou com o horóscopo — sabia, por causa dos registos médicos, que Mary era Leão —, depois leu o próprio signo. Simone era Balança. Depois foi para a primeira página e leu a história sobre o médico do sul de Londres que fora encontrado estrangulado na cama. Quando terminou, Simone pousou o jornal no colo.

— Mary, nunca consegui perceber os homens. Nunca sei o que o meu marido, Stan, está a pensar... Stan é diminutivo de Stanley. Parece um livro fechado. Sinto-me tão sozinha. Ainda bem que a tenho. Entende-me, não é?

Mary continuou a dormir. Estava longe, de volta ao parque soalheiro, sentada no cobertor com George, o homem que lhe destroçara o coração.

Erika, Moss e Peterson regressaram à esquadra de Lewisham Row imediatamente antes das seis da tarde e reuniram-se na sala de operações.

— Então, parece que o Gregory Munro está-nos a tentar confundir — disse Erika, dirigindo-se aos agentes. — A mãe acha que ele é um santo; a mulher descreve-o como sexualmente confuso. Fomos ao consultório e falámos com dois dos seus pacientes, que têm opiniões totalmente diferentes a respeito da forma como ele os tratava... Também passei meia hora ao telefone com a gerente da clínica, que, depois de saber que o chefe morrera, foi direita a Brighton passar o dia a curtir os bares e o sol. Trabalhou para ele quinze anos, e não sabia nada a respeito do divórcio iminente, nem que a mulher o deixara há três meses.

— Então ele compartimentava a vida? — perguntou Crane.

— Isso é uma forma de descrever as coisas — respondeu Erika.
— Pe-

dimos informação sobre o *feedback* dos pacientes ou queixas dele. A gerente da clínica não foi muito solícita, mas ameacei-a com um mandado e ela mudou de tom. Vai mandar-nos a informação até amanhã de manhã.

Erika virou-se e olhou para uma coisa nova no quadro. Uma foto de Gary Wilmslow. Nela, ele tinha mais cabelo e fitava a objetiva zangado e com olheiras.

— Então, o mais próximo que temos de um suspeito até agora é o cunhado da vítima, Gary Wilmslow. Há um motivo: ele odiava o Gregory e tiveram vários confrontos. Além disso, a irmã vai herdar o património considerável do Gregory. Como família, Gary, Penny e a mãe parecem muito chegados. O que descobrimos sobre o Gary?

A atmosfera na sala de operações mudou quando o superintendente-chefe Marsh entrou. Os agentes endireitaram-se nas cadeiras e pareceram mais alerta. Marsh empoleirou-se junto às impressoras e indicou a Erika que prosseguisse.

Crane levantou-se.

— Muito bem, Gary Wilmslow, trinta e sete anos. Nasceu em Shirley, sul de Londres. Atualmente trabalha dezasseis horas semanais como segurança numa discoteca em Peckham... horas suficientes para ter direito a benefícios sociais. É um tipo encantador e

tem um registo criminal bastante volumoso — disse com secura. Enfiou a caneta entre os dentes, mexeu na secretária, encontrou uma pasta grande e abriu-a. — Wilmslow foi condenado como menor em mil novecentos e noventa e três por agressão a um idoso numa paragem de autocarro perto de Neasden High Street. O idoso ficou em coma três dias, mas recuperou para prestar depoimento. Gary passou três anos na Feltham Young Offender Institution por isso. Depois, em mil novecentos e noventa e nove, foi julgado e condenado por agressão e passou dezoito meses preso. Cumpriu mais dois anos, de dois mil e quatro a dois mil e seis, por tráfico de drogas.

Crane folheou as páginas do dossiê grosso.

— Cumpriu mais dezoito meses em dois mil e seis por agredir um homem num salão de bilhar com um taco. Foi acusado de violação em dois mil e oito, mas a acusação foi retirada por insuficiência de provas. E no ano passado foi a julgamento por homicídio involuntário.

— Isso foi quando trabalhava como segurança? — perguntou Erika.

— Sim, ele trabalha na discoteca H2O em Peckham, ou «Haitech Twenty», como é conhecida... e odiada... pelos nossos colegas ao fim de semana. O advogado do Gary Wilmslow alegou que ele agira em legítima defesa, e foi condenado a dois anos. Saiu ao fim de um e está em condicional... O interessante é que esse advogado foi pago por Gregory Munro.

Erika aproximou-se do quadro e olhou para a fotografia de Gary. Os agentes recostaram-se nas cadeiras e houve silêncio enquanto digeriam aquilo.

— Certo. Então, Gary Wilmslow não presta. Tem um cadastro enorme, mas terá feito isto? — perguntou Erika, batendo com o dedo nas fotos de Gregory Munro deitado na cama, com os braços amarrados à cabeceira e a cabeça desfigurada no saco de plástico.

— Gary Wilmslow também nos deu um álibi — disse Crane.

— Ele está a gozar connosco com um álibi desses: estavam todos em casa a ver televisão! — exclamou Peterson, mal disfarçando a raiva.

— Certo, mas lembrem-se de que ele está em liberdade condicional e que a Penny é muito protetora. Por favor, não tiremos conclusões precipitadas — pediu Erika.

— Chefe! Olhe para o cadastro dele, o tipo é mais do que capaz. Sugiro que o façamos cá vir para o interrogarmos.

— Compreendo, Peterson, mas este homicídio foi planeado com bastante cuidado e executado com muita habilidade, sem deixar praticamente vestígios forenses. Gary Wilmslow é um rufia nervoso. —

Erika pegou no dossiê de Crane e folheou-o. — Todos estes crimes foram cometidos no calor do momento... são ataques violentos e impetuosos.

— Herdar o dinheiro do Gregory é um motivo muito forte — argumentou Peterson. — Três propriedades em Londres, uma clínica médica. Já vimos se ele tinha seguro de vida? Devia ter uma cobertura muito boa. E havia ainda o ódio pessoal contra ele. O arrombamento pode ter sido *encenado* — argumentou Peterson.

— Sim — disse Erika —, mas precisamos de mais provas para o fazer vir à esquadra.

O detetive Warren levantou-se.

— Sim. O que tem? — perguntou Erika.

— Chefe, recebemos mais coisas do laboratório. Foram recolhidas quatro fibras na vedação de arame cortada; são todas de um tecido preto, uma mistura de algodão e licra. Mas não foi recolhido nenhum fluido corporal.

— E atrás da vedação? Na via-férrea?

— Hum, é uma reserva natural — gaguejou Warren, enervado pela presença silenciosa de Marsh ao fundo da sala. — É pequena, mas foi criada há sete anos por alguns residentes locais. Estende-se por quatrocentos metros ao longo da via-férrea na direção de Londres e acaba em Honor Oak Road antes da estação... Já pedi à South West Trains todas as imagens das câmaras de segurança na noite do homicídio.

— Qual é o tamanho da reserva natural na outra direção? — perguntou Erika.

— Cem metros depois da casa do Munro, e é um beco sem saída. Pedi imagens das câmaras nas ruas adjacentes, embora tenham desativado várias na zona.

— Deixe-me adivinhar, cortes orçamentais? — questionou Erika.

O detetive Warren mais uma vez gaguejou:

— Hum, não sei o motivo exato...

— Não percebo como é que os idiotas do Governo acham que livrarem-se de câmaras de segurança pode de alguma maneira ajudar a poupar dinheiro... — começou Erika.

Marsh interrompeu-a:

— Inspetora Foster, isso é algo que está a acontecer por toda a cidade. Simplesmente não há recursos para manter os milhares de câmaras espalhadas pela capital.

— Sim, e essas câmaras estavam desligadas há dezoito meses, quando tentávamos localizar um assassino. Teria poupado milhares de horas de trabalho e recursos se tivéssemos tido acesso às

imagens de uma câmara...

— Compreendo, mas não estamos num fórum — lembrou Marsh.

— Acho que deve continuar.

Houve um silêncio embaraçoso. Os agentes olharam para o chão.

— Certo. Recolha todas as imagens que puder. Veja se há alguma pessoa suspeita a andar por ali. Qualquer coisa: altura, peso... se chegou de comboio, bicicleta, autocarro, carro...

— Sim, chefe — disse Warren.

— Como está o porta a porta? E os registos telefónicos da vítima? — perguntou Erika.

A detetive Singh levantou-se.

— Vários moradores de Laurel Road estão de férias, fora, e muitos saíram na noite do crime. Com este tempo, as pessoas têm ido para *pubs* e parques depois do trabalho e chegam a casa tarde. Além disso, os vizinhos do Gregory Munro, de ambos os lados, estão de férias até ao próximo fim de semana.

— Então está a dizer que ninguém viu nada? — perguntou Erika com impaciência.

— Hum... pois...

— Que diabo! Mais alguma coisa?

— George Munro tinha um rendimento anual de duzentas mil libras. Isso em parte por administrar uma das mais lucrativas clínicas médicas do Sul da Inglaterra. Não tinha dívidas, com exceção de uma hipoteca no valor de oitenta mil libras da casa de Laurel Road. Também tem uma casa em New Cross Gate, que aluga a estudantes, e a casa em Shirley, onde a Penny Munro vive agora. Os registos telefónicos são bastante simples, nada de estranho. Telefonou à mulher três dias antes da data em que viajaria, como ela própria disse. E toda a documentação está correta. Ia apanhar um voo para Nice e participar numa conferência da Associação Médica Britânica.

— Estava registado em algum *site* ou aplicação *gay*?

— Descarregou o Grindr há um mês. Encontraram a aplicação no telemóvel, mas ele não acabou de preencher o perfil.

— E o advogado? Quem está a tratar do divórcio?

— Deixei várias mensagens hoje, só que ele ainda não respondeu.

— Certo, continue a tentar.

— Sim, chefe — respondeu Singh, voltando a sentar-se, aparentando desânimo.

Os agentes observaram Erika a andar de um lado para o outro frente aos quadros.

— É o Gary Wilmslow, chefe. Acho que devemos trazer o pulha

para interrogatório — insistiu Peterson.

— Não. Não temos o suficiente. Por enquanto, ele é só um pulha.

— Chefe!

— Não, Peterson. Se e quando o trouxermos para interrogatório, quero ter a certeza e quero provas, entendido?

Peterson recostou-se, abanando a cabeça.

— Pode abanar a cabeça, mas não deixe que os seus sentimentos lhe toldem o raciocínio. Quando for o momento certo, se chegar o momento certo, então iremos buscá-lo. Está bem?

Peterson assentiu.

— Bom. Alguém tem mais alguma coisa para mim?

Houve silêncio. Erika olhou para o relógio.

— Certo... Vamos investigar o Gary Wilmslow, com a mente aberta. Alguém fale com o patrão dele, investiguem. Usem os vossos contactos.

Voltaram ao trabalho, e Marsh aproximou-se de Erika.

— Erika, tem tempo para uma palavrinha quando estiver despachada?

— Acho que vamos continuar aqui mais algumas horas.

— Não se preocupe, dê-me um toque quando acabar e vamos beber um café — disse Marsh, indo na direção da porta.

— Quer pagar-me *dois* cafés no mesmo dia? — murmurou Erika, desconfiada. — O que vem a ser isto?

Para surpresa de Erika, Marsh levou-a a um estabelecimento que servia iogurte gelado e que ficava ao fundo da rua da esquadra. Abriu alguns dias antes e estava movimentado.

— Prometi à Marcie que vinha experimentar isto — disse Marsh, ao porem-se na fila no garrido interior rosa e amarelo.

— Isso é para me animar? Ou está a tentar mostrar-me que os orçamentos da polícia não são só cortes? — perguntou Erika.

— O meu gabinete fica no andar de cima. Tenho de me refrescar — disse Marsh. Chegaram junto da jovem que estava diante da máquina de servir iogurte, que zumbia, e Marsh pediu dois grandes. Receberam copos de papel de iogurte gelado e seguiram na direção de um balcão *self-service* com uma série de pratos com doces, fruta e chocolate. Erika viu Marsh a olhar muito sério para a seleção e escolher gomas de ursinhos. Conteve um sorriso e escolheu fruta fresca.

— Então, o que acha do novo apartamento? — perguntou Marsh assim que encontraram lugar e se empoleiraram em bancos altos ao lado de uma janela panorâmica. O trânsito deslizava lá fora enquanto o calor tremeluzia no asfalto mole. Do outro lado da rua, saía uma multidão da estação de comboio.

— Estou lá há seis meses. É tranquilo, o que me agrada — respondeu Erika, enfiando uma colherada de iogurte na boca.

— Não pensa comprar casa em Londres? — perguntou Marsh.

— Não sei. Começo a sentir-me mais integrada na cidade, e no trabalho, mas os preços são uma loucura. Qualquer espelunca aqui custa vários milhares de libras.

— Está a deitar dinheiro fora com a renda, e os preços vão continuar a subir, Erika. Se optar por comprar, faça-o depressa. Tem a sua casa em Manchester, despache os inquilinos e venda-a. Compre um apartamento pequeno aqui, depois vá trocando.

— Agora também dá conselhos sobre mercado imobiliário, superintendente? — perguntou Erika com um sorriso.

Marsh não achou graça. Comeu mais uma colherada de iogurte. Os ursinhos de várias cores no copo cintilaram ao sol.

— Quero que se mantenha afastada do Gary Wilmslow — declarou ele, mudando bruscamente de assunto.

Erika ficou admirada.

— Esteve na sala de operações. Não vou atrás dele até ter provas suficientes.

— Estou a dizer-lhe para não ir atrás dele. O homem é inacessível.

Marsh baixou a cabeça e olhou para ela por cima dos óculos escuros.

— Posso perguntar porquê?

— Não. Como seu superior, estou a dar-lhe uma ordem.

— Sabe que esse tipo de coisa não funciona comigo. Se me deixar no escuro, encontro o interruptor.

Marsh comeu outra grande colherada de iogurte e rolou-o na boca durante um momento antes de engolir. Tirou os óculos escuros e pousou-os na mesa.

— Caramba! Está bem. Já ouviu falar da Operação Hemslow?

— Não.

— A Operação Hemslow está focada em patrocinadores e distribuidores de pornografia infantil. Gary Wilmslow está metido até ao pescoço num círculo de pornografia para pedófilos, e estamos a falar de um esquema em grande escala: distribuição digital por *sites* e, em menor proporção, produção de DVD. Andamos de olho nele há dezoito meses, mas o gajo é manhoso. Está sob vigilância vinte e quatro horas por dia há cinco semanas.

— E precisa dele à solta no mundo, a fazer negócios, para conseguir apanhá-lo com a boca na botija?

— Exatamente.

— Mas o sobrinho, o Peter! Eles vivem sob o mesmo teto!

— Não há problema. Temos quase a certeza de que o Wilmslow não está diretamente envolvido na seleção de crianças para os vídeos.

— Têm *quase* a certeza?

— Estamos certos.

— Meu Deus — murmurou Erika, afastando o iogurte.

— Estou a confiar em si, Erika. A partilhar um segredo.

— Certo, certo. Mas não podemos tirar o Peter de lá, e também a mãe?

— Sabe o quanto levamos a sério os riscos de salvaguarda em casos desse tipo, mas ainda não temos provas concretas suficientes que nos deem motivos para tirar o Peter de lá. Como lhe disse, o Gary está a ser vigiado vinte e quatro horas por dia. Saberemos se ele levar o miúdo para algum lado.

— Então, como o Gary está a ser vigiado, sabe que ele não matou o Gregory Munro?

— Sim. O álibi dele confirma-se. Esteve em casa a noite toda.

— E tem a certeza de que o homicídio do Gregory Munro não tem nada que ver com o Gary Wilmslow nem com a Operação Hemslow?

— Absoluta. Gregory Munro nem sequer era um dos nossos suspeitos. Espero, então, que encontre uma forma de conduzir a sua equipa numa direção diferente. Se o caso fosse meu, eu seguiria o caminho do ataque homofóbico. Redirecionaria o caso para uma das equipas especializadas em homicídios com motivação sexual.

— Não sei se o homicídio do Gregory Munro *teve* motivação sexual. Até agora, só temos provas circunstanciais.

— Mas são provas circunstanciais que podem ser aproveitadas, Erika. Claro, a decisão é sua, mas podia fazer um favor a si mesma e passá-las a outros.

— Eles não têm já o prato cheio?

— Temos todos, não é verdade?

— Com isso volto à estaca zero — disse Erika, ficando sentada num silêncio melancólico por um momento. Observou o fluxo de pessoas a passar frente à janela, felizes sob o sol de verão.

— E também vai surgir uma vaga para superintendente — revelou Marsh, engolindo o gelado.

Erika virou-se para ele.

— Espero, caso ainda não o tenha feito, que indique o meu nome. Sou inspetora-chefe há bastante tempo e mereço...

— Espere lá... espere lá, nem sabe onde é — interrompeu Marsh.

— Não me interessa onde é.

— Acabou de me dizer que está a começar a habituar-se à cidade!

— E estou, mas tenho-me sentido pouco valorizada. Houve uma vaga para superintendente o ano passado, surgiu e desapareceu, e o senhor não...

— Não achei que estivesse pronta.

— E o que lhe dá o direito de tomar essa decisão, Paul?

As sobrancelhas de Marsh arquearam-se.

— Erika, tinha acabado de voltar ao serviço depois de recuperar de ferimentos que exigiram uma cirurgia importante, já para não falar no trauma de...

— Também tinha acabado de prender o assassino de quatro pessoas e entreguei à Polícia Metropolitana, de bandeja, o chefe de um gangue de romenos que traficava mulheres da Europa do Leste para Inglaterra, para trabalharem como prostitutas!

— Erika, ninguém a apoia mais do que eu, mas tem de aprender a ser perspicaz. Para progredir na polícia, não basta ser uma ótima

inspetora-chefe, precisa de ter bom senso, perceber a política dentro da corporação. Não lhe faria mal melhorar a sua relação com o subcomissário Oakley.

— O meu histórico devia ser o suficiente, e não tenho nem tempo, nem inclinação, para começar a dar graxa aos meus superiores.

— Isto não tem nada que ver com dar graxa. Tem apenas de ser mais... afável.

— Então onde é a vaga?

— Aqui, na Polícia Metropolitana, no edifício da New Scotland Yard, na Equipa de Investigação de Casos Especializados.

— Vai recomendar-me, não vai? — insistiu Erika.

— Sim.

Erika fitou-o.

— Estou a falar a sério, vou recomendá-la — repetiu Marsh.

— Obrigada. Então isto é mais um motivo para eu evitar o Gary Wilmslow?

— Isso mesmo — confirmou Marsh, batendo com a colher no copo vazio. — Embora, por razões egoístas, detestasse perdê-la.

— Tenho a certeza de que vai superar o desgosto — retorquiu Erika com um sorriso forçado.

O telemóvel de Marsh tocou no fundo de um dos seus bolsos; ele limpou a boca e pegou-lhe. Quando atendeu, Erika percebeu logo que era a mulher, Marcie.

— Merda — resmungou ele, ao desligar. — Não dei pelas horas. Hoje é dia de sairmos. A mãe da Marcie vai ficar com as crianças.

— Claro, mande cumprimentos à Marcie. Eu também tenho de sair — mentiu Erika.

— Falamos amanhã — disse Marsh.

Ele saiu, e Erika viu-o chegar ao passeio e mandar parar um táxi que ia a passar. Entrou e já estava embrenhado numa conversa telefónica quando o táxi arrancou.

Para todo o lado que Erika olhava, as pessoas saboreavam o sol, caminhando aos pares, amigos ou casais. Comeu uma colherada de iogurte e recostou-se por um momento. Perguntou-se se Marsh a teria enganado, ou se a promessa de promoção fora verdadeira. Pensou no caso de Gregory Munro e em como voltara à estaca zero.

— Merda! — exclamou em voz alta.

Duas raparigas sentadas ao lado de Erika à janela entreolharam-se, pegaram nos iogurtes e foram para outra mesa.

NIGHT OWL: Olá, Duke.

DUKE: Ena. Há quanto tempo! Fiquei preocupado.

NIGHT OWL: Preocupado?

DUKE: Sim. Não tive notícias tuas. Pensei que tinhas...

night owl: Tinha o quê?

DUKE: Tu sabes. Não quero escrever isso.

NIGHT OWL: Ido para a prisão?

DUKE: Merda! Tem cuidado.

NIGHT OWL: Isto está encriptado. Não há problema.

DUKE: Nunca se sabe quem está a ver.

NIGHT OWL: És paranoico.

DUKE: Consigo imaginar ser coisas piores.

NIGHT OWL: O que significa isso?

DUKE: Nada. Apenas que sou cuidadoso. Como tu devias ser.

NIGHT OWL: Tenho lido os jornais, visto os noticiários. Eles não sabem nada.

DUKE: Esperemos que continue assim.

NIGHT OWL: Preciso de mais um.

duke: Já?

NIGHT OWL: Já. O tempo passa depressa. Estou a observar o próximo da lista. Quero fazê-lo em breve.

duke: Tens a certeza?

NIGHT OWL: Sim. Posso contar contigo para organizar as coisas?

Houve uma pausa. Uma bolha apareceu, a dizer «DUKE está a escrever...». Depois desapareceu.

NIGHT OWL: Ainda aí estás?

DUKE: Sim. Eu organizo tudo.

NIGHT OWL: Ótimo. Estarei à espera. Este não vai saber o que o atingiu.

A noite caía quando Erika saiu do duche. Enrolou-se numa toalha, atravessou descalça o quarto e acendeu a luz. Tinha alugado um pequeno apartamento no rés do chão de uma velha mansão em Forest Hill. Ficava afastada da estrada principal numa rua arborizada. Vivia ali há seis meses, mas o apartamento ainda estava vazio, como se tivesse acabado de se mudar. O quarto era limpo, mas espartano.

Erika foi até à cómoda e olhou para o seu reflexo no espelho com moldura dourada apoiado em cima dela. O rosto que a encarava não inspirava propriamente confiança. O cabelo loiro já com muitos grisalhos saía da cabeça em tufos. Em jovem, nunca se preocupara com a aparência. Fora abençoada com atraentes feições eslavas: maçãs do rosto salientes, pele macia e olhos verdes amendoados. Mas esses mesmos olhos estavam a enrugar-se nos cantos, a testa tinha muitas linhas de expressão e o rosto começava a perder a firmeza.

Olhou para uma fotografia emoldurada junto ao espelho. Um homem bonito de cabelo escuro sorria para ela — o seu falecido marido, Mark. Achava que nunca superaria a morte dele, e isso, juntamente com a culpa de ter sido a responsável, perfurava o seu coração muitas vezes por dia. Mas o que não esperara era ter de lidar com o que sentia à medida que envelhecia. Era como se os dois estivessem a distanciar-se ainda mais. A imagem dele estava congelada nas suas memórias e nas fotos. Consoante o tempo passava, ela iria transformar-se numa idosa, mas Mark permaneceria sempre jovem e bonito.

Uns dias antes, enquanto ia de carro para o trabalho, ouvira no rádio a canção «Forever Young», dos Alphaville, e tivera de parar para tentar controlar as emoções.

Erika passou os dedos pela moldura, delineando o contorno do forte maxilar de Mark, o seu nariz e os afetuosos olhos castanhos. Pegou na fotografia, sentindo o peso da moldura na mão. Abrindo a gaveta de cima, olhou para a sua roupa interior bem dobrada e, levantando a primeira pilha, enfiou a foto debaixo dela. Hesitou e retirou a mão, fechando a gaveta e colocando a moldura novamente sobre a superfície de madeira polida.

Dali a duas semanas seria o segundo aniversário da morte de Mark. Uma lágrima formou-se-lhe num olho, depois caiu sobre a

madeira com um som suave. Erika não estava preparada para o deixar ir, e tinha pavor do dia em que isso acontecesse.

Limpou a cara com as costas da mão e dirigiu-se à sala. Estava como o quarto: arrumada e funcional. Um sofá e uma mesa de centro, ambos de frente para uma pequena televisão. A estante na parede à esquerda das janelas servia para largar panfletos de restaurantes *takeaway*, listas telefónicas e uma cópia em capa mole de *Cinquenta Sombras de Grey* ali deixada pelo último inquilino. Abertas no sofá havia cópias das pastas dos casos de Gary Wilmslow e Gregory Munro, e o ecrã do portátil de Erika brilhava sobre a mesa de centro. Quanto mais lia sobre Gary Wilmslow, mais frustrada se sentia. Peterson estava certo: Gary tinha um motivo forte para matar Gregory Munro, mas ela recebera ordens para não se aproximar dele.

Erika pegou nos cigarros e abriu a porta para o pátio. A Lua brilhava no pequeno jardim comum do lado de fora: um quadrado de relva bem aparada, com a silhueta de uma macieira ao fundo.

Os vizinhos, profissionais ocupados como ela, eram reservados. Erika tirou um cigarro do maço e levantou o rosto para ver se havia alguma luz acesa nas janelas acima. A parede de tijolo estendia-se por quatro andares e irradiava calor para o seu rosto. Quando acendeu o cigarro, ficou por um momento paralisada ao ver a grande caixa branca presa à parede, que tinha estampadas a letras vermelhas as palavras HOMESTEAD SECURITY.

Algo se acendeu no fundo da mente de Erika. Entrou novamente apressada. Com o cigarro preso entre os dentes, pegou na pasta de Gregory Munro e começou a folheá-la, passando pelas declarações das testemunhas, pelas fotografias. O telefone tocou e ela atendeu, prendendo-o debaixo do queixo para poder continuar a virar os papéis.

— Olá, Erika, sou eu — disse Isaac.

— Sim? — respondeu Erika, mais concentrada na pasta do que no telefonema. — Já conseguiram mais alguma coisa sobre Gregory Munro?

— Não. Não estou a ligar por causa de trabalho. Queria pedir desculpa pela outra noite... devia ter-te dito que o Stephen ia lá jantar. Sei que te tinha convidado, e pensaste...

— Isaac, o que fazes com a tua vida não é da minha conta — disse Erika, só com metade dos pensamentos na conversa, pois estava a olhar para fotos das assoalhadas da casa de Gregory Munro: grandes planos da cozinha, a refeição congelada na bancada... *Sabia* que vira alguma coisa numa das fotos, mas não conseguia lembrar-se do que era.

— Sim, mas gostava de me redimir — disse Isaac. — Queres vir jantar comigo na quinta-feira?

Erika virou uma página e parou, a olhar para a fotografia.

— Ainda aí estás? — perguntou Isaac.

— Estou, e sim, jantar vai ser ótimo. Tenho de desligar — disse, e antes de Isaac ter a oportunidade de responder, desligou. Em seguida, correu para o quarto e começou a vestir-se.

Isaac ligara a Erika do telefone ao lado da cama. Quando ela interrompeu a chamada, ele recostou-se e olhou para o auscultador durante um momento.

— Ela quase desligou na minha cara. Bom, talvez não tenha desligado, apenas terminado o telefonema abruptamente — comentou ele.

Stephen estava ao seu lado, a trabalhar no portátil.

— Eu disse-te, ela é uma pessoa fria — respondeu enquanto escrevia.

Por um momento, Isaac ficou a olhar para as palavras que surgiam no ecrã iluminado.

— Isso não é justo, Stevie. Ela está magoada. Ainda sofre por causa do marido e, para agravar a situação, carrega a culpa pela morte dele. Não trabalha no tipo de ambiente que encoraja uma pessoa a demonstrar os sentimentos.

— Que previsível. Que cliché. A inspetora-chefe perturbada, demasiado ocupada para tudo, menos para o trabalho — comentou Stephen, ainda a escrever.

— Isso é muito cruel, Stevie.

— A *vida* é cruel.

— E os livros que escreves? O teu inspetor-chefe Bartholomew é perturbado.

Stephen tirou os olhos do portátil.

— Sim, mas o inspetor-chefe Bartholomew está longe de ser um cliché. Tem muito mais camadas do que a não sei das quantas.

— Erika.

— É um anti-herói. Fui elogiado pela originalidade e pela genialidade imperfeita dele. Fui nomeado para um maldito Dagger Award!

— Certo, eu não estava a criticar, Stevie.

— Bom, não compares o meu trabalho com a tua amiguinha trágica.

Houve um silêncio constrangedor. Isaac começou a recolher os papéis de chocolate que se tinham acumulado no edredão em volta de Stephen.

— Gostava que a conhecesses — disse Isaac. — Ela não é assim fora do trabalho. Queria que fossem amigos. Ouviste-me

convidá-la para jantar.

— Isaac, tenho um prazo a cumprir. Quando entregar o trabalho, com certeza, acho que posso beber um café com ela — disse Stephen, continuando a escrever. — Não foi assim tão simpática para mim quando cá veio. Ela é que devia esforçar-se, não eu.

Isaac assentiu, observando o belo rosto e o torso nu de Stephen. A pele dele era tão perfeita e macia. Brilhava à suave luz lançada pelo portátil. No fundo, Isaac sabia que era obcecado por Stephen, e que as obsessões eram destrutivas e perigosas, mas não suportava ficar longe dele. Não aguentava acordar e ter o outro lado da cama vazio.

Stephen franzia a testa enquanto escrevia.

— O que estás a fazer, Stevie?

— Uma pequena pesquisa. Estou numa sala de *chat*, a discutir métodos de suicídio — explicou ele, antes de levantar o olhar para Isaac. — Trata-se de pesquisa para o livro novo, caso estejas preocupado.

— As pessoas discutem métodos de suicídio *online*? — perguntou Isaac, fazendo uma bola com os papéis de chocolate e olhando para o ecrã.

— Sim. Há salas de *chat* para todo o tipo de taras e fetiches... não que o suicídio seja necessariamente um fetiche. Estas pessoas discutem com seriedade os melhores métodos para acabar com tudo... as formas mais bem-sucedidas de o fazer, sem serem incomodadas. Ouve isto...

— Não quero ouvir — disse Isaac. — Já vi demasiados suicídios: *overdoses*, enforcamentos, pulsos cortados, envenenamentos pavorosos. Os piores são as pessoas que saltam. Na semana passada, tive de tentar descobrir o que era o quê numa adolescente que se atirou do viaduto em Hammersmith. Bateu no chão com tanta força que o osso maxilar foi parar ao cérebro dela.

— Credo — disse Stephen, levantando o olhar para ele novamente. — Posso usar isso?

— O quê?

— Isso é muito bom. Podia usar isso no meu livro.

— Não! — Isaac sentiu-se incomodado.

Stephen voltou a escrever.

— Oh, e não olhes para o histórico de pesquisa do meu Google. Está cheio de perguntas do tipo: «quanto tempo leva a pele a putrefazer-se quando um cadáver é enterrado num caixão forrado com chumbo?»

— Eu podia responder-te a isso.

— Acabaste de dizer que não queres falar de trabalho!

— Posso ajudar-te. Não disse que não te ajudaria. Só não quero conversar sobre isso *agora*.

Stephen suspirou e pôs o portátil na mesa de cabeceira.

— Vou fumar — disse ele, pegando no maço antes de se levantar e seguir na direção da porta da varanda.

— Se vais lá fora, veste qualquer coisa — disse Isaac, olhando para as cuecas pequenas que Stephen usava.

— Porquê? É tarde. Está escuro.

— Porque... estamos em Blackheath. Os vizinhos são respeitáveis.

Aquilo não era exatamente verdade. Um jovem bonito tinha-se mudado para a casa ao lado e Isaac desconfiava que ele era *gay*. Sentia-se aterrorizado com a possibilidade de o vizinho e Stephen se encontrarem. Afinal, Stephen já o abandonara uma vez.

— Do lado de fora podem ser respeitáveis. Quem sabe o que acontece atrás das portas fechadas? — provocou Stephen.

— Por favor... — pediu Isaac, inclinando-se para o abraçar. Stephen revirou os olhos e escapuliu-se, vestindo uma *T-shirt*. Meteu um cigarro na boca e seguiu na direção da porta. Isaac viu-o sair para a varanda: o seu corpo alto e atlético, o cigarro pendurado nos lábios carnudos, a forma como as cuecas se moldavam às nádegas musculosas.

Na vida profissional, Isaac era inigualável: um patologista forense brilhante, com uma carreira ilustre. Controlava todos os aspetos da profissão e não se submetia a ninguém. Na vida privada, porém, era incompetente. Stephen Linley tinha virado o seu mundo de cabeça para baixo, controlando o relacionamento dos dois e as emoções de Isaac. Isso deixava-o, ao mesmo tempo, excitado e nervoso.

Esticou o braço e pegou no portátil de Stephen. Viu que o texto da sala de *chat* aparecia aos blocos e ia subindo no ecrã. Minimizou a janela, que foi substituída pelo texto do novo livro que Stephen estava a escrever. Os seus romances eram sombrios e violentos. Isaac achava desagradável lê-los, mas era atraído por eles e tinha vergonha de admitir que se sentia excitado pela violência sombria e pela maneira como Stephen conseguia habitar as mentes de assassinos em série sádicos e brutais.

Estava prestes a começar a ler quando se deu conta de que prometera que não leria nada até estar pronto. Pousou o portátil novamente no sítio e foi para a varanda, como um cão ansioso com saudades do dono.

Laurel Road estava tranquila e silenciosa quando Erika enfiou a chave na fechadura da casa de Gregory Munro e arrancou da porta a fita da polícia. Girou a chave e deu um empurrão na porta, descolando o resto da fita. Entrou no corredor e começou a ouvir um bipe rápido. Viu brilhar no escuro o painel do alarme.

— Merda — murmurou.

Não esperava que, depois de a polícia científica completar o trabalho, o alarme voltasse a ser ligado. Olhou fixamente para o ecrã, ciente de que tinha apenas alguns segundos antes de a polícia ser chamada, o que geraria uma montanha de papelada a justificar a sua presença no local. Marcou a combinação 4291 e o alarme foi desativado. Era o número usado para desativar os alarmes nas cenas de crimes. Podia não ser a forma mais segura de fazer as coisas, mas poupava uma fortuna em deslocações de agentes.

O calor era sufocante, e o fedor rançoso da carne do cadáver de Gregory Munro ainda pairava no ar. Erika acendeu um interruptor e o corredor iluminou-se, com a luz a extinguir-se conforme os degraus subiam em direção à escuridão. Perguntou-se como pareceria aquela casa a alguém que não soubesse que se praticara ali um crime. Para ela, ainda reverberava violência.

Passou pela escada, foi até à cozinha, acendeu a luz e encontrou o que vira na foto: um quadro de cortiça ao lado do frigorífico. Fixadas, estavam várias ementas de comida pronta, uma lista de compras manuscrita e a brochura de uma empresa de segurança: GUARDHOUSE ALARMS.

Erika tirou a brochura do quadro de cortiça. O *design* parecia profissional, mas tinha sido impresso em papel comum numa impressora a jato. O fundo era preto e sobre ele estava escrito «GuardHouse Alarms» a vermelho. O «H» de «House» elevava-se, transformando-se na imagem de um feroz pastor-alemão. Sob a ilustração, havia um telefone e um *e-mail*. Erika virou a brochura. Escrito a esferográfica azul na parte detrás estava: «Mike, 21 de junho, 18h30.»

Erika pegou no telemóvel e ligou para o número. Houve silêncio, em seguida um sinal agudo e uma gravação informavam que o número já não estava atribuído. Erika foi até à grande porta envidraçada de correr nas traseiras da casa e, depois de se atrapalhar

com o puxador, lá a conseguiu abrir. Saiu para o pátio. Na parede traseira, acima do vidro, estava a caixa do alarme com HOMESTEAD SECURITY a letras vermelhas, igual à da parede da sua casa.

Voltou para dentro e ligou a Crane. Quando ele atendeu, ouviu o som de uma televisão aos berros em fundo.

— Desculpe ligar tão tarde. É a inspetora Foster. Pode falar? — perguntou ela.

— Espere um momento — disse ele. Ouviu um barulho, e o som da televisão a afastar-se.

— Desculpe, liguei em má hora, Crane?

— Não, tudo bem. Acabou de me salvar de ver o *Real Housewives of Beverly Hills*. Karen, a minha namorada, é doida por aquilo, mas eu já tenho de lidar com gente agressiva o dia todo no trabalho. Não gosto de ver mulheres violentas quando chego a casa. Enfim, em que posso ajudá-la, chefe?

— Gregory Munro. Analisei os registos telefónicos dele. Há um telefonema para uma empresa de segurança, GuardHouse Alarms, Limited, a dezanove de junho.

— Espere, vou abrir o portátil. Sim, GuardHouse Alarms. Foi um dos números que investiguei esta manhã.

— E então?

— Deixei recado, depois um tipo retribuiu a chamada e confirmou que alguém chamado Mike fizera uma visita. Verificara o equipamento e todos os sistemas e as luzes de segurança estavam a funcionar bem.

— Como era a voz dele?

— Não sei... normal. Bem, normal não significa muito hoje em dia. Ele falava um pouco como os queques armados em bons. Porquê?

— Acabei de ligar para o número e ele não existe. Não está atribuído — disse Erika.

— O quê?

Houve uma pausa e ela ouviu Crane a escrever no teclado. Depois um som agudo.

— Acabei de mandar uma mensagem para o *e-mail* da brochura e foi devolvido. Deu erro, não pôde ser entregue — disse Crane.

Erika voltou ao quintal escuro e levantou o olhar para onde estava fixada a caixa da HOMESTEAD SECURITY.

— Caramba, chefe. Acha que era o assassino?

— Sim. Esta brochura deve ter sido entregue em mãos, e provavelmente o Gregory Munro ligou para o número a fim de agendar a visita do Mike...

— O Mike foi convidado a entrar, fez o reconhecimento do local,

teve acesso à planta, ao alarme, às luzes de segurança, a tudo — finalizou Crane.

— E é provável que você tenha falado hoje com o Mike. Ele devolveu-lhe o telefonema pelo número da GuardHouse Alarms.

— Merda. O que quer que eu faça, chefe?

— Temos de encontrar o telefone e o *e-mail* o mais depressa possível.

— Aposto que era um pré-pago, mas vou tentar localizar o aparelho.

— É preciso interrogar de novo os moradores de Laurel Road e obter informação sobre todas as pessoas que foram vistas a fazer entregas ou a distribuir publicidade aqui, e principalmente perceber se viram esse Mike no dia vinte e um de junho.

— Certo, chefe. Posso começar a fazer já alguma coisa pelo computador. Irei mantê-la informada.

— Obrigada — disse Erika.

Ouve um clique na linha quando Crane desligou. Ela foi até à vedação atrás, a erva seca a estalar sob os seus pés. Tudo estava tranquilo e silencioso. Ouviu um carro ao longe e o estridular dos grilos. Deu um salto quando o comboio irrompeu no silêncio ruidosamente, retumbando ao passar pela via-férrea ao fundo do jardim.

Aproximou-se ainda mais da vedação, acocorou-se sob a árvore e examinou o sítio onde a vedação fora cortada. Empurrou o arame para o lado e arrastou-se pelo buraco. Atravessou uma zona de erva alta e seca e foi ter a um trilho. Ficou imóvel no calor da noite, deixando os olhos adaptarem-se ao escuro. Atravessou o estreito caminho de terra, passou por uma abertura entre as árvores altas, chegou à via-férrea e viu-a estender-se até desaparecer de ambos os lados. Voltou para trás, pegou no telemóvel, acendeu a lanterna e apontou para a esquerda e para a direita. O caminho foi iluminado alguns metros e depois desapareceu no meio das árvores e do escuro. Erika acocorou-se junto à árvore ao fundo do quintal e olhou para a casa. Esta parecia retribuir o olhar: as duas janelas do andar superior eram como olhos.

— Estiveste aqui a observar? — murmurou. — Quanto tempo? O que é que viste? Não vais escapar. Vou apanhar-te.

A manhã ainda mal ia a meio e o sol já queimava. Os relvados dos jardins ao longo da rua de casas geminadas de tijolo vermelho apresentavam vários tons de amarelo. A hora de ponta terminara, e com a exceção de um avião a riscar o céu azul, a rua estava silenciosa.

Simone tinha parado no supermercado ao voltar do turno da noite no hospital e seguia pelo passeio devagar, com vários sacos de compras. O plástico cravava-se dolorosamente na palma das suas mãos, e ela suava profusamente sob o casaco grosso. A cicatriz na sua barriga estava dorida e inflamada por causa do suor e do roçar do uniforme. Chegou à casa em mau estado no fim da rua e empurrou o portão. Este ficou preso no caminho de betão e, furiosa, Simone lançou o corpo contra o portão, uma, duas vezes, antes de ele ceder inesperadamente e a fazer cambalear para a frente, quase perdendo o equilíbrio.

Apressou-se na direção da porta a praguejar, antes de largar ruidosamente os sacos. Levantou as mãos com sulcos vermelho-escuros. Uma vizinha saiu da casa ao lado. Era uma idosa de vestido elegante. Ao trancar a porta, olhou para Simone, que procurava as chaves nos bolsos do casaco. Os olhos da vizinha saltaram para a cerca a cair entre os dois jardins e para o relvado queimado de Simone, onde estava uma velha máquina da roupa, latas de tinta vazias e uma pilha de arbustos apodrecidos.

Os olhos dela voltaram-se para Simone, que estava imóvel virada para ela.

— Ah, bom dia, senhora Matthews — cumprimentou a vizinha. Simone não respondeu; limitou-se a fitá-la com grandes e frios olhos azuis. Aquele olhar deixou a vizinha perturbada. Eram olhos mortos, sem emoção e demasiado afastados. — Está um belo dia...

Simone fixou a vizinha com hostilidade até ela se ir embora apressada.

— Cabra metediça — murmurou Simone, antes de se virar, enfiar a chave na fechadura e abrir a porta. O vestíbulo estava encardido e tinha pilhas de jornais velhos. Simone arrastou os sacos para dentro, atirou as chaves para a velha mesa de madeira do corredor, virou-se e fechou a porta. Aquela porta já tinha sido bonita, com vidro colorido em forma de diamante. Nos dias ensolarados, lançava um mosaico de

cores suaves na carpete clara do vestibulo. Agora estava entaipada e apenas alguns dos losangos eram visíveis na parte superior, acima da madeira pregada.

Simone virou-se e as paredes da sua garganta contraíram-se devido ao medo. Havia um homem no centro do corredor. Tinha a boca aberta e os olhos estavam cobertos por uma película esbranquiçada. Encontrava-se nu e a água pingava da sua pele pastosa.

Ela cambaleou para trás, sentindo o puxador da porta pressionar-lhe as costas. Fechou os olhos e tornou a abri-los. Ele continuava ali. A água escorria agora dele sobre a grande barriga peluda e pelo pequeno e pálido toco do pénis. A carpete tinha um círculo escuro que ia crescendo devido à água que escorria dele cada vez mais depressa. Simone fechou os olhos com força e abriu-os novamente. Ele aproximava-se, cambaleante, as unhas amarelas e compridas dos pés a prender-se à carpete. Simone sentia o seu hálito: cebola rançosa e álcool cediço.

— NÃO! — gritou, fechando os olhos e esmurrando o rosto com os punhos. — NÃO PODES MAGOAR-ME, STAN! ESTÁS MORTO!

Abriu os olhos.

O corredor estava como antes: sujo e escuro, porém vazio. Ouviu o som abafado de outro avião a riscar o céu e a sua respiração ofegante.

Ele tinha-se ido embora.

Por enquanto.

Erika foi convocada para uma reunião sobre o andamento da investigação do homicídio de Gregory Munro. Era uma tarde quente e húmida, uma semana depois da descoberta do corpo. A investigação não fora a lado nenhum, e ela perdera um pouco a confiança nas suas competências; portanto, compareceu sentindo-se pouco confiante.

A reunião decorreu na luxuosa sala de conferências do último andar, e estavam presentes o superintendente-chefe Marsh, Colleen Scanlan, a assessora de imprensa, Tim Aiken, um jovem psicólogo criminal, e o subcomissário Oakley, sentado imperiosamente à cabeceira da longa mesa de reuniões. Oakley nunca tentava esconder a sua antipatia por Erika. Tinha feições matreiras, e o seu cabelo cor de aço estava sempre bem penteado, o que fazia Erika pensar numa raposa lustrosa. No entanto, naquele dia, o calor afetara um pouco a sua elegância. O cabelo estava empapado em suor, e ele fora obrigado a despir o casaco, com as dragonas com o símbolo da sua patente, e a arregaçar as mangas da camisa.

Erika deu início à reunião, explicando como o caso progredira até então.

— Depois da descoberta de que o assassino fez uma visita prévia à casa do Gregory Munro, os meus agentes têm trabalhado dia e noite a analisar centenas de horas de filmagens dentro e em volta da estação de comboios de Honor Oak Park. Os moradores de Laurel Road foram interrogados novamente, mas ninguém se lembra de ter visto um representante da fictícia GuardHouse Alarms. A empresa não existe. O *e-mail* na brochura era falso, e o número do telemóvel pertencia a um pré-pago.

Olhando em volta, Erika percebeu que a reunião era uma oportunidade de manter ou perder a grande quantidade de agentes que conseguira para o seu departamento. Além da pressão que sentia, o ar condicionado estava avariado, contribuindo para uma atmosfera tensa e pegajosa.

— Estou a analisar todos os pormenores da vida pessoal do Gregory Munro — prosseguiu Erika. — Acredito que ele conhecia ou já se encontrara com o agressor, e que a sua vida privada pode revelar a identidade do assassino. Porém, num caso com este nível de complexidade, preciso de mais tempo.

— O cunhado da vítima, Gary Wilmslow, também está sob

investigação por outros crimes não relacionados, que fazem parte da Operação Hemslow — interrompeu Oakley. — Espero que as duas investigações continuem separadas e que os agentes do caso Munro sejam mantidos afastados da Operação Hemslow.

— Sim, temos tudo controlado — disse Marsh, lançando um olhar a Erika. Houve silêncio quando todos os olhos em volta da mesa se voltaram para ela. Marsh mudou de assunto. — E quanto à presença de pornografia *gay* na cena do crime? Soube que o Gregory Munro fizera o *download* de uma aplicação de encontros *gay* no telemóvel.

Marsh já discutira o assunto com Erika, que percebeu que ele estava a fazer a pergunta por causa de Oakley.

— É verdade. Havia algumas revistas pornográficas *gay* e ele descarregara a Grindr, mas ainda não a ativara. Não existia nenhum contacto nem mensagem — respondeu Erika.

— Então provavelmente a vítima tinha comportamentos homossexuais e encontrava-se com homens desconhecidos? — questionou Oakley.

— Além de algumas revistas de pornografia *gay* antigas, não há qualquer prova de que Gregory Munro seguia impulsos homossexuais — respondeu Erika.

— Porque não consideraram investigar as áreas frequentadas por *gays* em Londres? Casas de banho públicas? Parques? — pressionou Oakley.

— Considerei isso, sim. Conhecemos várias áreas, porém não são cobertas por câmaras de segurança. Os meus agentes já estão no limite a analisar as provas que *temos*, não têm tempo para ir fazer perguntas genéricas no meio do mato...

— Ele era um homem casado com desejos homossexuais. Não entendo porque descurou essa linha de investigação principal, inspetora-chefe Foster.

— Como já disse, subcomissário, temos várias linhas de investigação. Precisaria de mais agentes se fosse começar a...

— Já tem uma grande equipa, inspetora Foster. Talvez precisemos de falar sobre a forma como está a usar os seus recursos antes de pedir mais, não?

— Posso garantir-lhe que todos os meus agentes estão a dar o máximo.

Oakley pegou numa das fotos de Gregory Munro e analisou-a.

— A violência na comunidade *gay* costuma estar intrinsecamente ligada ao desejo sexual. Homens como este não procuram encontros clandestinos? Não convidam homens perigosos para sua casa?

— Pelos vistos, conhecemos tipos diferentes de *gays*,

subcomissário — ripostou Erika.

Fez-se silêncio à mesa.

— É o calor; está a afetar-nos a todos, subcomissário — disse Marsh, olhando furioso para Erika.

Oakley franziu o sobrolho, tirou do bolso um lenço bem engomado e limpou com ele a testa. A delicadeza com que levantou a franja fez Erika perguntar-se se ele usaria peruca. Seria careca? Lembrou-se de uma piada sobre cabeleiras postiças que Mark lhe contara da primeira vez que tinham ido a Londres.

— Há alguma coisa engraçada, inspetora Foster? — perguntou Oakley, guardando o lenço no bolso.

— Não, subcomissário — disse Erika, contendo-se com esforço.

— Bom, porque, além da questão do número de agentes, a comunicação social já sabe que não conseguiu encontrar um suspeito e está a usar isso para nos atacar. Primeiro, os jornais locais; agora, os nacionais. — Apontou para os periódicos no centro da mesa, com cabeçalhos como «MÉDICO MORTO NA CAMA» e «POLÍCIA AINDA PROCURA ASSASSINO DO MÉDICO». — Tem estado muito calada, Colleen. O que pode acrescentar a respeito disto?

— Estou a tentar que a minha equipa conduza a imprensa na direção certa. Claro, não temos provas novas para lhes passar — respondeu ela, tentando lançar a culpa de novo para Erika.

— Não nos compete enfiar a papa na boca dos jornalistas. Acho que foi prematuro fazer um comunicado tão cedo — retrucou Erika. — Devíamos ter estado pelo menos dois passos à frente e prontos com mais informação. Agora investigaram e fizeram o que achei que fariam, encontraram o seu próprio ângulo e ligaram este caso aos cortes orçamentais.

— Sim, e onde conseguiram esta declaração, inspetora Foster? — perguntou Oakley, pegando num dos jornais. — «Por toda a Londres, catorze mil câmaras de segurança já não são usadas; a polícia não tem os recursos necessários para manter os moradores da capital em segurança.» Foi bastante eloquente sobre a falta de câmaras de segurança, não foi?

— Está a sugerir que passei informações à imprensa sobre o caso?

— Não, o subcomissário não está a sugerir isso — interrompeu Marsh.

— Ora, Paul, posso falar por mim — admoestou-o Oakley. — O que estou a dizer é que não se pode começar a fomentar o medo, inspetora Foster. A inspetora comanda e influencia um grande número de agentes. A sua equipa recebeu reforços para a investigação deste

homicídio. Só não acho que seja bom para o moral uma pessoa estar sempre a queixar-se do que não tem. De quantos mais agentes acha que precisa?

— Subcomissário, não estou a ser negativa e não me queixo — disse Erika.

— Quantos?

— Cinco. Preparei uma exposição que especifica a forma como os utilizarei...

— Passou uma semana desde o homicídio do Gregory Munro, e preciso de ter a certeza de que os agentes suplementares são distribuídos adequadamente — interrompeu Oakley.

— Sim, mas...

— Aconselho-a a redirecionar a sua investigação, inspetora Foster, e a partir do princípio de que o Gregory Munro convidou um homem a ir a sua casa para ter sexo, e que esse homem o matou. Um crime passional.

— Um ataque homofóbico? — perguntou Erika.

— Não gosto dessa expressão, inspetora Foster.

— Mas a imprensa adora. E a comunidade *gay* vai, sem dúvida, sofrer negativamente se orientarmos a investigação nesse sentido. Também encontrámos vestígios de entrada forçada na janela da cozinha e vimos que a vedação de arame nas traseiras da propriedade foi cortada. Não parece que o Gregory Munro tenha convidado quem lhe fez aquilo. A brochura falsa da empresa de segurança é a nossa melhor pista. Estamos nas férias de verão. Ainda não falámos com todos os moradores de Laurel Road, porque alguns ainda estão de férias. Além disso, continuamos a investigar a lista de queixas dos pacientes do Gregory Munro. Isso leva tempo.

— Alguma dessas queixas merece ser investigada?

— Até agora, nenhuma, mas...

— Gostava de saber a opinião do nosso psicólogo criminal — interrompeu Oakley mais uma vez. — Tim?

Tim Aiken permanecera em silêncio até ali. Tinha cabelo curto e lustroso, barba curta desenhada e, apesar da camisa e da gravata, usava pulseiras de tecido de várias cores. Levantou o olhar do caderno onde estivera a rabiscar uma série de cubos.

— Acho que o homem que procuramos é um indivíduo muito contido. Planeia todos os movimentos com bastante cuidado. Fisicamente, é forte. Gregory Munro não era um homem pequeno e não parece ter havido luta.

— Gregory Munro foi drogado; tinha uma dose grande de flunitrazepam no organismo, que é usada como droga da violação.

Quem entrou lá em casa drogou-o e esperou que fizesse efeito — acrescentou Erika.

— Sim. Também é comum o uso do flunitrazepam na comunidade *gay* para aumentar o prazer — respondeu Tim.

— Duvido que as pessoas a quem puseram a droga no copo num bar tenham tido muito prazer — disse Erika.

— O assassino pode ter sido perspicaz, usando a brochura como isco para fazer a vítima ligar-lhe. Aliado ao uso de sedativo, não podemos descartar o elemento homossexual — prosseguiu Tim.

— Gregory Munro não sofreu qualquer agressão sexual — insistiu Erika.

— É verdade, mas o nosso assassino podia ter problemas de masculinidade e experiências anteriores negativas com homens tipo A, ou machos alfa. Pode querer eliminar homens.



— Que inferno. Quanto nos custa ele? — perguntou Erika quando aqueles longos e penosos quarenta minutos de reunião terminaram. Ia a descer as escadas com Marsh.

— Não acredita muito nos perfis dos psicólogos?

— Acho que podem ser úteis, mas muitas vezes são considerados operadores de milagres. Os psicólogos forenses não apanham criminosos; nós, sim.

— Não se queixe. Ele trabalha para si, lembre-se. E convenceu o Oakley a não lhe cortar o orçamento.

— Só porque lhe disse umas larachas psicológicas.

— Não está satisfeita?

— Ficarei satisfeita quando apanharmos quem fez isto — disse Erika. — O Tim não disse nada que não soubéssemos já, apesar de aquela teoria sobre os machos alfa ser interessante. Mas como podemos usá-la? É tão ampla. Não podemos vigiar todos os homens agressivos dominadores. O mundo está cheio deles.

Marsh revirou os olhos.

— Podia fazer um favor a si mesma e tentar dar-se bem com o Oakley.

— Não repreendi a atitude homofóbica dele, isso é um começo. E, de qualquer forma, para quê? Ele nunca irá gostar de mim. Nunca farei parte da sua lista de postais de Natal.

Chegaram ao andar do gabinete de Marsh.

— Mantenha-me informado, está bem? — pediu ele ao passar

pela porta dupla.

— Antes de ir, há mais alguma notícia sobre a vaga para superintendente?

Marsh parou e virou-se novamente para ela.

— Já disse que vou indicá-la, Erika.

— Já informou o Oakley que tenciona fazer isso?

— Já.

— E o que disse ele?

— Não posso entrar em pormenores sobre o processo, sabe isso. Tenho de ir — atirou Marsh, virando-se novamente para a porta.

— Só mais uma coisa. O que tem a dizer-me a respeito de o Peter Munro viver sob o mesmo teto de Gary Wilmslow? Estou preocupada com o bem-estar dele.

Marsh parou e virou-se novamente.

— Na última semana, o Peter só saiu de casa com a mãe para ir à escola. Temos escutas em várias assoalhadas. Tanto quanto sabemos, ele está bem. E o Gary Wilmslow é da velha guarda. Fala em honra, família, e essas coisas todas. Não ia deixar ninguém tocar num dos seus.

— Tem visto demasiados episódios do *EastEnders*, superintendente. Esperemos que tenha razão.

— Eu tenho razão — respondeu Marsh com frieza, dirigindo-se ao seu gabinete.

— Toda a gente me parece *adorar*. E tudo porque estou a tentar fazer a porra do meu trabalho — murmurou Erika ao descer os outros lanços de escada.

Quando chegou à sala de operações, as ventoinhas do teto estavam a fazer horas extraordinárias, mas pareciam apenas deslocar o ar quente, o cheiro a café e os odores corporais.

— Chefe, acabei de saber que os vizinhos da frente do Gregory Munro chegaram de férias — disse Peterson, desligando o telefone.

Moss, sentada frente a Peterson e com o rosto vermelho do calor, desligou também o telefone.

— Era a Estelle Munro. Disse que o certificado do General Medical Council¹ do Gregory Munro desapareceu de casa dele.

— Quando é que entregámos a casa à família? — perguntou Erika.

— Ontem. Analisei os dossiês da polícia científica, tudo o que tirámos da casa. Não há qualquer referência a um certificado do GMC.

— O que significa que o assassino pode tê-lo levado. Merda. Como deixámos escapar isso?

- 1 Equivalente à Ordem dos Médicos; o documento desaparecido será a inscrição na ordem. (*N. da T.*)

Quando Erika, Moss e Peterson chegaram a Laurel Road, encontraram-na amena e calma. O sol baixara o suficiente para deixar as casas do lado da de Gregory Munro na sombra.

Havia um grupo de homens e mulheres com roupas de escritório a entrar na rua, com rostos ruborizados. Os homens, com as mangas arregaçadas, traziam os casacos na mão. Passava das cinco e meia da tarde e Erika deu-se conta de que aquela era a primeira leva de pessoas a regressar do trabalho no centro de Londres.

Tocou à campainha no número catorze. Momentos depois, Estelle Munro abriu a porta. Vestia calças claras, uma camisa branca elegante com rosas estampadas e sabrinhas amarelas.

— Olá, senhora Munro. Estamos aqui por causa do certificado — disse Erika.

— Sim.

Em seguida deu um passo para trás e os agentes entraram. Erika reconheceu o cheiro intenso a produtos de limpeza com aroma a limão, misturado com a fragrância a flores sintéticas. No entanto, dentro da casa estava fresco. Com todas as janelas fechadas, o ar condicionado espalhava frescura.

— Estava no escritório do Gregory — informou Estelle, fechando a porta da rua e trancando-a.

Erika notou que ela tinha trocado as fechaduras: uma reluzente *Yale* e dois novos ferrolhos.

Seguiram Estelle até ao andar de cima, movimentando-se lentamente atrás da mulher arquejante.

— Como estão as coisas? — perguntou Erika.

— Ainda ando a limpar o chiqueiro que vocês deixaram — ripostou Estelle.

— Tentamos tratar o lugar do crime com o maior respeito possível, mas são muitas as pessoas envolvidas e estiveram aqui todas ao mesmo tempo — disse Moss.

— E todas essas pessoas estão mais perto de encontrar quem matou o meu filho?

— Seguimos várias pistas — respondeu Erika.

Chegaram ao cimo da escada. Estelle parou para recuperar o fôlego, pousando a mão com a luva de borracha na anca. As cortinas pesadas que cobriam a janela do corredor tinham sido retiradas e o

patamar estava bastante mais claro.

— Quando vão libertar o corpo do meu filho, inspetora Fosset? — perguntou Estelle.

— É Foster...

— Porque tenho um funeral para organizar — continuou Estelle, descalçando as luvas, dedo a dedo.

— Infelizmente temos de verificar quem é o nosso primeiro contacto na família antes de transmitirmos alguma informação — respondeu Moss.

A expressão de Estelle toldou-se ainda mais.

— O Gregory era meu filho. Carreguei-o na barriga durante nove meses. Vão ligar-me primeiro, percebido? A Penny só estava casada com ele há quatro anos. Fui mãe dele durante quarenta e seis... — Respirou fundo para se recompor. — Ela ligou-me, a Penny, a exigir saber quando é que nos iam entregar o *corpo*. «O corpo!» Não «o Gregory» ou «o Greg»... ele detestava que lhe chamassem Greg. A Penny quer alugar o recinto do Shirley Football Club para o velório. Um clube de futebol! Sem dúvida o Gary e os seus amigos *hooligans* vão conseguir *um bom preço*.

— Sinto muito, senhora Munro.

Estelle entrou na casa de banho e pôs as mãos debaixo da torneira. Depois voltou a limpá-las a uma toalha pequena.

— O Gary ligou hoje e ameaçou-me.

— Ameaçou-a? — perguntou Erika.

— O Gregory alterou o testamento quando se separou da Penny. Acabámos de descobrir que me deixou a casa; e ao Peter, as casas alugadas, num fideicomisso.

— E à Penny?

Estelle lançou um olhar a Erika.

— E a ela? Vai ficar com a casa de quatro quartos em Shirley. Vale bom dinheiro. O Gary foi malcriado ao telefone, disse que a Penny tinha direito a esta casa e que eu tinha de a passar para o nome dela, senão...

— Senão o quê? — perguntou Erika.

— Oh, use a imaginação, inspetora Fosset. Senão ele vai tratar de mim. Mandará os seus rapazes vir aqui. Um carro pode atropelar-me quando voltar das compras. Presumo que tenham tido acesso ao registo criminal do Gary.

Erika, Moss e Peterson entreolharam-se.

— Mudei as fechaduras, mas ainda estou preocupada.

— Posso garantir-lhe que o Gary Wilmslow não irá fazer-lhe mal — afirmou Erika.

Os olhos de Estelle encheram-se de lágrimas e ela procurou um lenço na roupa. Peterson estava atento e tirou um pacote do bolso.

— Obrigada — agradeceu ela.

Erika fez sinal a Moss e deixaram Peterson a confortar Estelle. Avançaram pelo corredor até ao aposento que Gregory Munro usava como escritório.

Havia uma pesada secretária de madeira escura ali enfiada junto à janela e do lado oposto uma estante da mesma madeira escura. Nas prateleiras encontrava-se uma mistura de livros médicos e romances de capa mole. Erika reparou que Gregory Muro tinha três policiais do inspetor Bartholomew escritos por Stephen Linley.

— Merda!

— O que foi, chefe?

— Nada... — Erika lembrou-se da conversa com Isaac na semana anterior e que combinara jantar com ele nessa noite. Olhou para o relógio e viu que eram quase seis horas.

Estelle entrou no escritório, seguida de Peterson.

— Estava aqui — disse Estelle, apontando para a parede atrás da secretária, onde havia duas molduras douradas. Uma encontrava-se cheia de fotografias: Gregory e Penny a cortar o bolo de noiva; Penny a segurar óculos escuros diante do indiferente gato da família; Penny numa cama de hospital, a segurar em algo que devia ser Peter, com Gary, Estelle e a mãe de Penny de ambos os lados, desajeitados. A outra moldura estava vazia.

— Perguntei à Penny se o tinha, mas para variar acho que disse a verdade ao responder que não — explicou Estelle, apontando para a moldura vazia. — Se fosse a televisão ou o DVD, ela levava-os, mas aquilo não.

Erika aproximou-se da moldura vazia, calçando um par de luvas de látex. Tirou-a da parede e descobriu que era leve e de plástico.

— Tocou nisto, senhora Munro?

— Não — respondeu ela.

Erika virou a moldura, mas não viu nada.

— Devíamos chamar alguém para recolher impressões digitais. É um tiro no escuro, mas...

— Certo, chefe — disse Moss. Pegou no rádio e fez o pedido; responderam-lhe que não havia ninguém disponível.

Erika agarrou no rádio.

— Fala a inspetora-chefe Foster. Preciso de alguém hoje, agora, o mais rápido possível. São provas novas encontradas na cena do crime de Laurel Road, número catorze.

Houve uma pausa e alguns bipes.

— Uma técnica está a terminar de examinar o local de um arrombamento em Telegraph Hill; vou pedir-lhe que vá aí assim que terminar. Mas pode autorizar as horas extraordinárias? — perguntou a voz pelo rádio.

— Sim, autorizo as horas.

— Muito bem.

Erika pendurou a moldura na parede e descalçou as luvas.

— Certo, então temos de esperar um pouco. Moss, venha comigo. Vamos falar com o vizinho que regressou de férias. Senhora Munro, o detetive Peterson pode esperar consigo?

— Claro. Quer um chá, querido? — ofereceu Estelle.

Peterson assentiu.



Os vizinhos eram um casal quase nos quarenta: uma mulher branca chamada Marie e um negro chamado Claude. A casa, em frente do número catorze, era bonita e moderna, e o casal possuía uma elegância urbana. O vestíbulo ainda estava cheio de malas de viagem coloridas, e levaram Erika e Moss até à cozinha. Marie encheu alguns copos com água e gelo tirado do dispensador na porta do grande frigorífico de aço inoxidável. Deu um a Moss e outro a Erika, que bebeu um longo gole, saboreando a frescura.

— Ficámos chocados ao saber o que aconteceu ao doutor Munro — disse Marie quando se sentaram à mesa da cozinha. — Sei que esta área não é das melhores, mas homicídio?!

Claude sentara-se ao lado da mulher, e ela esticou o braço e pegou-lhe na mão. Ele respondeu apertando a mão dela de forma tranquilizadora.

— Compreendo que isto seja angustiante, embora deva frisar que, estatisticamente, os homicídios ainda são raros — acrescentou Erika.

— Bom, estatisticamente, um homem ser morto na cama a algumas casas da nossa é demasiado! — exclamou Claude, revirando os olhos.

— Com certeza — concordou Erika.

— Temos de perguntar se viram alguém diferente aqui na zona — disse Moss. — Qualquer coisa, por insignificante que seja... Em particular, no dia vinte e um de junho, entre as cinco e as sete da tarde.

— Esta rua não é desse tipo — respondeu Marie. — Estamos

todos demasiado ocupados a trabalhar e a viver, não ficamos a espreitar os vizinhos pela janela.

— Estavam em casa nesse dia, entre as cinco e as sete? — perguntou Erika.

— Isso foi há quatro semanas... — começou Marie.

— Sim... numa terça-feira — completou Moss.

— Eu devia estar no trabalho. Sou contabilista na City — respondeu Marie.

— Eu saio mais cedo, trabalho aqui na zona para município — explicou Claude. — Se era terça-feira, eu estava no ginásio. O Fitness First, ao fundo da rua, em Sydenham. Eles podem confirmar, temos de passar o cartão para entrar.

— Tudo bem. Os senhores não são suspeitos — disse Erika. — Conhe-ciam bem o Gregory Munro?

Abanaram a cabeça.

— Mas ele era sempre agradável e educado — acrescentou Claude. — Era o nosso médico de clínica geral, só que nunca precisámos de o consultar. Acho que o vimos uma vez, há alguns anos, quando nos inscrevemos.

Erika e Moss trocaram um olhar desanimado.

— Há uma coisa — começou Claude. Bebeu um gole de água gelada e rolou-a pela boca, pensativo. Gotas de condensação pingavam do copo na mesa de madeira.

— Qualquer coisa, por ínfima que seja — incitou Moss.

— Ah, sim — concordou Marie. — Também os vi.

— Viu quem? — perguntou Erika.

— Parecia haver bastantes homens jovens e bonitos a entrar e a sair da casa do doutor Munro nas últimas semanas — explicou Claude.

Erika olhou para Moss.

— Podem ser mais específicos?

— Sabem, tipos musculados — disse Marie. — Julguei que o primeiro era algum borracho que o doutor Munro tinha contratado para lhe fazer algum trabalho, mas no dia seguinte um jovem diferente bateu-lhe à porta e entrou. Era tão bonito. Com uma beleza fora do normal, se é que me entende.

— Tipo prostituto?

— Sim. E parecia que só lá ficavam uma hora ou coisa assim — acrescentou Claude.

— Quando acontecia isso?

— Os dois primeiros foram durante a semana. Não me lembro em que dias. Eu voltava do trabalho, deviam ser umas sete e meia... o

doutor Munro puxou o primeiro tipo para dentro quando me viu a passar, cumprimentou-me de fugida. Tínhamos acabado de jantar, cerca de uma hora depois, encontrava-me na sala e vi-o sair — disse Marie.

— E os outros? — perguntou Erika.

— Houve um no sábado de manhã, acho. Não o viste sair cedo, Claude?

— Sim, a janela da casa de banho do primeiro andar dá para a rua; eu estava a urinar quando vi um rapaz a sair cedo, por volta das sete da manhã de um sábado.

— E não acharam isso estranho? — quis saber Moss.

— Estranho? Estamos em Londres, e foi antes de sabermos que ele se tinha separado da mulher... podia ser um amigo, um colega, um estudante de medicina, ou até um *babysitter* — disse Claude.

— Acham que algum destes homens... o matou? — perguntou Marie.

— Vou ser franca consigo: não sabemos. Esta é uma entre várias pistas.

As palavras pairaram no ar por um momento. Marie passou o dedo pela condensação no copo. Claude envolveu-a com um braço de forma protetora.

— Seriam capazes de ajudar na elaboração do retrato-robô? Saber como era o rosto desses jovens pode ser importante — disse Erika. — Podemos mandar cá alguém esta noite, para que façam isso no conforto do lar?

— Sim, claro — disse Claude. — Se isso ajudar a apanhar quem fez aquilo.



Moss e Erika voltaram para a rua escaldante e atravessaram para o lado que já estava à sombra.

— Chamo a isto um bom resultado — disse Moss.

— E, com alguma sorte, vamos ter retratos-robô esta noite — concordou Erika. Pegou no telemóvel e ligou a Peterson para saber como andavam as coisas.

— Nada de novo, chefe — informou ele. — A técnica ainda não se despachou em Telegraph Hill. Estelle Munro saiu para comprar mais leite... não fiquei com a chave da casa; portanto, não tenho como trancar a porta.

— Muito bem, vamos a caminho — disse Erika, desligando,

enfiando o telemóvel na mala e olhando para o relógio. Já passava das sete horas.

— Tem onde estar, chefe?

— Fiquei de ir jantar com o Isaac Strong.

— Posso ficar aqui com o Peterson, vá-se embora. Perspetiva-se uma noite longa e chata. Duvido que haja alguma impressão digital na moldura, mas informo-a assim que souber alguma coisa, e mantenho-a atualizada sobre os retratos-robô.

— Não quer ir para casa, Moss?

— Estou bem. A Celia vai levar o Jacob à nataçãõ; portanto, a noite é minha. E sei que não sai... — Calou-se.

— Sabe que não saio muito?

— Não foi o que quis dizer, chefe — desculpou-se Moss, ficando mais ruborizada.

— Eu sei. Não há problema. — Erika mordeu o lábio e olhou para Moss com os olhos semicerrados devido ao sol.

— A sério, chefe, no milissegundo que encontrarmos uma impressão digital, ligo-lhe. E o retrato-robô deve levar algumas horas.

O que vai cozinhar o Isaac?

— Não sei.

— Quando acabarem de jantar já teremos algumas respostas.

— Está bem. Obrigada, Moss. Fico a dever-lhe uma. Ligue-me assim que alguma coisa acontecer, por menor que seja, combinado?

— Prometo, chefe — disse Moss. Ficou a ver Erika a ir para o carro e arrancar, e desejou que encontrassem algo que fizesse avançar a investigação.

Parecia que a inspetora-chefe Foster precisava de um milagre.

— Na próxima semana teremos o dia mais longo do ano, depois as noites tornam-se mais compridas — disse Simone.

Estava diante da pequena janela no quarto de Mary. Tinha vista para os caixotes do lixo industriais e para um incinerador. As paredes de tijolo dos prédios circundantes agigantavam-se, mas uma nesga da linha do horizonte de Londres brilhava por uma fenda nas paredes. A esfera amarela do sol parecia prestes a ser espetada pela torre do relógio sobre a estação de King's Cross.

Simone aproximou-se da cama onde Mary estava deitada de olhos fechados. O cobertor puxado até ao queixo mal se movia por causa da respiração fraca, e o seu corpo parecia muito delgado debaixo dele. O turno de Simone terminara uma hora antes, mas ela decidira ficar. Mary definhava rapidamente. Não aguentaria muito.

Tirou do armário a foto a preto e branco de Mary e George e encostou-a ao jarro da água.

— Olhe, estamos todos juntos. Eu, a senhora e o George — disse Simone, enfiando o braço na grade da cama para agarrar na mão de Mary. — Parece tão feliz na foto, Mary. Gostava que pudesse falar-me dele. Parece um homem e tanto... Nunca tive uma amiga com quem conversar. A minha mãe nunca falava de sexo, a não ser para me dizer que era porco. Sei que estava errada. Não é porco. Quando acompanhado de amor, deve ser perfeito... Era perfeito com o George?

Simone virou-se para a foto. George semicerrava os olhos no seu belo rosto por causa do sol; o seu braço forte agarrava a cintura fina de Mary.

— Gostava das noites em que saíam? Ele levava-a a dançar? Acompanhava-a até casa?

Simone pegou numa escova e começou a pentear delicadamente o cabelo de Mary.

— A escuridão assusta-me, Mary. É a altura em que me sinto mais sozinha.

O som da escova a percorrer o fino cabelo prateado de Mary era reconfortante. A pele dela era clara, quase translúcida, e uma fina veia azul atravessava-lhe a têmpora até ao cabelo. Simone levantou a cabeça da idosa para chegar à nuca com a escova.

Uosh, uosh, uosh.

— O meu casamento não é feliz. As coisas nunca foram boas, mas há alguns anos pioraram. Então mudei-me para o quarto dos hóspedes...

Uosh, uosh, uosh.

— Isso não o fez parar. Ele vem ter comigo à noite. Tentei barricar a porta, mas entra à força.

Uosh, uosh.

— Entra em mim à força.

Uosh.

— Dói. Ele magoa-me...

Uosh, uosh,

— Ele gosta de me magoar e nunca quer parar. Nunca quer parar. Até. Estar. Satisfeito!

Ouviram-se pancadas ritmadas. Simone levou algum tempo a perceber que a escova estava presa numa mecha embaraçada.

A cabeça de Mary batia na grade da cama a cada escovadela furiosa.

Simone soltou-a e deu um passo atrás. O sangue rugia na sua cabeça e tinha as mãos a tremer. Mary jazia inerte de lado, uma pálpebra meio aberta no local pressionado contra a grade.

— Oh, Mary! — Simone inclinou-se sobre ela e desprendeu a escova do emaranhado de cabelo na parte detrás da cabeça de Mary. Voltou a deitá-la delicadamente de barriga para cima e prendeu o cobertor. Um pequeno hematoma começara a formar-se sob a pele fina da têmpora.

— Desculpe. Oh, Mary, peço imensa desculpa — disse Simone, passando os dedos ao de leve sobre o hematoma. — Por favor, desculpe... —

Tornou a ajeitar os cobertores. O sol descera para trás dos edifícios do hospital, e o quarto agora estava escuro e frio. — Eu faria qualquer coisa por si... E para lhe provar o quanto significa para mim, quero mostrar-lhe uma coisa...

Simone foi até à porta, abriu-a e verificou se o corredor estava vazio. Fechou-a e voltou para junto da cama. Curvou-se e agarrou na bainha da sua bata. Lentamente, levantou-a, expondo os colãs escuros grossos. A pele clara brilhava através deles. Continuou a levantar a farda até onde o cós dos colãs, acima das cuecas, lhe sulcava a pele clara da barriga. Mudou de posição, levantando mais a bata, até o tecido estar enrolado acima dos seios. Uma cicatriz rosa irregular começava em volta do que fora o umbigo e espalhava-se sob as costelas, enrugando e manchando a pele. Desaparecia sob o sutiã acinzentado. Simone aproximou-se da idosa, pegou-lhe na mão e

pressionou-a no remoinho da cicatriz, fazendo-a acariciá-la.

— Está a sentir, Mary? Ele fez-me isto. Queimou-me... Tal como a senhora precisa de mim, eu preciso de si.

Simone ficou assim um momento, a sentir o ar refrescar a sua pele arruinada, com cicatrizes, e a mão quente de Mary no seu corpo, depois soltou-lhe a mão e baixou novamente a bata, alisando-a. Levantou a mala do chão e tirou dela um envelope.

— Quase me esquecia. Comprei-lhe um postal! Posso abri-lo? — Simone enfiou o dedo no envelope grosso, rasgou-o e tirou o postal. — Olhe. É uma aguarela, de uma amoreira... acho que a árvore que vos faz sombra na fotografia é uma amoreira. Quer ouvir o que escrevi? «Para a minha melhor amiga, Mary, que melhore depressa, com amor da enfermeira Simone Matthews.»

Simone pôs o postal ao lado da foto e do jarro e acendeu o candeeiro sobre a cama. Recostou-se e tomou a mão de Mary nas suas.

— Sei que não vai melhorar. Tenho a certeza. Mas é o pensamento que conta, não é? — Deu algumas palmadinhas na mão de Mary. — Pronto. Estamos de novo confortáveis. Vou ficar aqui consigo mais algum tempo, se não se importa. Não quero ir para casa. Não até ter a certeza de que ele já se foi embora.

Isaac abriu a porta de calções e camisola sem mangas. Chegou-lhe um cheiro delicioso a comida.

— Uau, quem é esta mulher elegante e bonita que vejo diante de mim? — perguntou ele, olhando para o vestido de verão comprido de Erika, para o cabelo arranjado e para os longos brincos de prata.

— Estás sempre a dizer que me visto como uma mendiga — disse ela.

— Nada disso, mas quando te arranjas ficas muito bem. — Ele sorriu. Abraçaram-se e ela entrou, entregando-lhe uma garrafa de vinho branco gelado. Foram para a cozinha e ela ficou aliviada ao ver que era a única convidada para o jantar.

— O Stephen está a escrever... manda um beijo e pede desculpas. O prazo para a entrega do livro novo está apertado — disse Isaac. O som da rolha da garrafa a sair foi agradável. — Que tal bebermos o primeiro copo na varanda, acompanhado de um cigarinho?

Foram para a varanda com o vinho e acenderam os cigarros. O sol estava baixo no céu, lançando compridas e amenas sombras sobre a cidade.

— Oh, isto é lindo — comentou Erika, dando um gole no vinho.

— Antes que me esqueça, o Stephen pediu-me para te entregar uma coisa — disse Isaac. Desapareceu pela porta da varanda e regressou com um livro. — É o último dele. Bom, o último que foi publicado...

— *Das Minhas Mãos Frias e Mortas* — disse Erika, lendo o título. A capa tinha uma mão de mulher pálida a içar a tampa de um caixão. Na mão, havia uma carta a pingar sangue.

— É o quarto romance do inspetor Bartholomew, mas são todos independentes; portanto, não precisas de ter lido os anteriores. Ele também o autografou — disse Isaac. Pegou no copo dela, para a deixar abrir o livro.

— «Das minhas mãos quentes e vivas, para si, Erica, tudo de bom, Stephen» — leu ela. Tinha escrito o nome com «c», não «k». Levantou o olhar para Isaac e estava prestes a falar quando viu o desespero dele para que aceitasse a prenda e para que ela e Stephen se tornassem amigos. — Que bom. Não posso esquecer-me de lhe agradecer quando o encontrar de novo — disse Erika, enfiando o livro

na mala e recuperando o copo de vinho.

— Está tudo bem entre nós? Fiz merda no jantar da semana passada, e...

— Já pediste desculpa três vezes. Está tudo bem. — Ia dizer mais qualquer coisa quando o telemóvel tocou.

— Dá-me um segundo... desculpa — disse ela, procurando o aparelho na mala. Viu que era Marsh. — Tenho de atender.

— Vou deixar-te sozinha. — Isaac voltou para dentro.

— Superintendente?

— Quem deu autorização ao Peterson para prender Gary Wilmslow? — gritou ele.

— O quê?

— O Peterson prendeu Gary Wilmslow há uma hora, e levou-o para a esquadra! O Woolf já registou a entrada e meteu-o numa cela!

— Onde o prendeu ele? — perguntou Erika, com o sangue a gelar.

— Em Laurel Road...

— Saí de lá há pouco tempo.

— Bom, devia ter ficado! Parece que Gary Wilmslow entrou pela casa adentro, a dizer que tinha de ir recolher algumas coisas. E o Peterson descobriu uma reserva de cigarros.

— Cigarros?

— Sim... de contrabando.

— Merda!

— Erika, se ele for preso por causa de uns cigarros de contrabando, a nossa ligação direta à Operação Hemslow foi-se... Meses de trabalho, porra!

— Sim, senhor. Eu sei.

— Acho que não sabe! Para começar, por que raio o Peterson o prendeu? Ouviu o Oakley na reunião. Você está a investigar o homicídio do Gregory Munro, e o Gary Wilmslow não tem nada que ver com isso! Estou a regressar de uma conferência em Manchester. Vá já para lá e controle os seus malditos agentes. Liberte-o ou, melhor ainda, advirta-o, depois solte-o! — Marsh desligou.

— Algum problema? — perguntou Isaac, regressando com um grande prato muito bem decorado com queijos e azeitonas. Erika olhou para a comida com apetite.

— Era o Marsh. Problemas com o Peterson. Tenho de ir à esquadra resolver isso. — Bebeu um último gole de vinho e devolveu-lhe o copo.

— Agora?

— Sim... as alegrias do trabalho. Desculpa. Não sei quanto tempo

vou demorar. Já te ligo — disse ela e correu para o carro.

Isaac ficou na varanda a olhar para a cidade, pensando que provavelmente não teria notícias dela tão cedo, a menos que houvesse um cadáver.

Quando Erika chegou a Lewisham Row, a área da receção encontrava-se vazia. Woolf estava de serviço, mas comendo ruidosamente ao balcão.

— Emperiquitou-se toda para o Gary Wilmslow? — brincou ele, olhando para o vestido de Erika e sorvendo esparguete.

— Onde está ele? — vociferou ela.

— Sala de interrogatório três.

— Abra-me a porta.

Woolf pressionou o botão para destrancar a porta e viu Erika entrar apressada na parte principal da esquadra, reparando pela primeira vez nas curvas dela e em como as pernas ficavam muito bem naquele vestido.



Erika passou pela pesada porta de aço que separava o bloco de celas do resto da esquadra e entrou na sala de observação, onde encontrou o detetive Warren e um guarda diante de vários ecrãs. Um deles mostrava, de um ângulo superior, acima de uma mesa e duas cadeiras, o interior da sala de interrogatórios três. Peterson estava sentado frente a Gary Wilmslow, que, de braços cruzados, exibia uma expressão presunçosa. Uma jovem agente que Erika não conhecia estava sentada a um canto atrás de Peterson.

— Quem é ela? — perguntou Erika.

— É a detetive Ryan — respondeu Warren.

— Vá lá, Gary. Onde arranjou os cigarros? — perguntou Peterson. A sua voz soava metálica nas colunas da sala de observação.

— Não são meus. — Gary encolheu os ombros. As luzes intensas faziam brilhar a sua cabeça clara e calva.

— Sabia que eles estavam lá, Gary.

— Não são meus.

— Gregory Munro ganhava mais de duzentas mil libras por ano. E ainda recebia rendas de imóveis.

— Não são meus — repetiu, com ar entediado.

— O Munro não arriscaria a carreira por contrabando de tabaco...

— Não. São. Meus — repetiu, mostrando os dentes.

— Foi lá a casa por isso? Soube que ela foi transferida para o nome da Estelle Munro?

Gary manteve os braços cruzados e olhou em frente.

— Vá lá, Gary, está a ficar descuidado. Ouvimo-lo a ameaçar a Estelle. Esse é o seu estilo, ameaçar velhinhas? — perguntou Peterson.

— Eu não estava a ameaçá-la — disse Gary, franzindo a testa. — Estava a protegê-la.

— A protegê-la de quê?

Gary riu-se e inclinou-se para a frente.

— De si, rapaz da selva. Conheço o seu tipo. Parecem cães com o cio quando veem uma branca. Até velhas cheias de peles caídas como a Estelle. — Recostou-se e esboçou um sorriso.

Peterson parecia prestes a perder o controlo.

— Onde arranjou os cigarros, Gary? — gritou Peterson.

— Não sei do que está a falar.

— Ouvimo-lo dizer claramente que ia lá buscar os *seus* cigarros. Depois encontrámos duzentos mil *Marlboro Light* espanhóis no sótão. Envolto em plástico.

— Tive a sorte de passar férias em Espanha — disse Gary, com um sorriso enfiado. — Isso não tem nada que ver com os cigarros, estou só a fazer conversa.

Peterson inclinou-se para a frente e o seu nariz quase tocou no de Gary.

— Afaste-se de mim... afaste-se de mim...

Peterson continuou onde estava.

— Afaste-se de mim, porra! — Gary ganhou balanço e deu uma cabeçada em Peterson.

— Meu Deus! — gritou Erika, saindo da sala de observação e correndo até junto de Moss, no corredor. — Que diabo está a fazer? Porque não está lá dentro?

— Estou à espera do advogado do Wilmslow... — começou Moss.

Erika empurrou Moss e abriu com um puxão a porta da sala de interrogatórios três. Peterson e Wilmslow estavam no chão. Wilmslow por cima, a dar murros no rosto de Peterson. Peterson empurrou Gary e encostou-o à parede. Gary recuperou depressa e lançou-se ao agente de novo.

A detetive Ryan viu Erika e fez menção de ajudar.

— Vá! Precisamos de reforços. Venham cá, já! — gritou Erika para a câmara.

Erika, Moss e Ryan tiraram Gary Wilmslow de cima de Peterson e

conseguiram algemá-lo. Ele tinha o lábio cortado e cuspiu no chão. Mais três guardas apareceram de repente à porta.

— Acordaram, foi? Vá! Ponham-no numa cela — ordenou Erika.

— Quando quiseres, rapaz da selva — disse ele, com um sorriso alucinado e ensanguentado para Peterson enquanto o puxavam para fora.

Peterson levantou-se lentamente do chão sujo. Faltavam-lhe dois botões na camisa e sangrava do nariz.

— Que diabo estava a fazer? — perguntou Erika.

— Chefe, ele...

— Cale-se e vá limpar-se. Depois conversamos.

Peterson limpou a boca com as costas da mão e saiu da sala de interrogatórios.

— Chefe, ele tinha milhares de cigarros... — começou Moss. Erika levantou a mão para a silenciar.

— Eu sei o que aconteceu. Só não percebo a razão de dois dos meus melhores agentes não estarem a seguir o protocolo.

— Eu estava à espera do advogado dele.

— Lá para fora — disse Erika, vendo que as câmaras continuavam a gravar a conversa.



Já no corredor, Erika continuou:

— Sabe que o Peterson guardou rancor do Wilmslow. Ele é um crápula, mas tem álibi no caso do Gregory Munro. O vosso trabalho é investigar esse homicídio. Não começar a prender pessoas ao deus-dará.

— Não prendemos ninguém ao deus-dará, foi...

— Vá para casa, Moss. Eu resolvo isto.

— Mas...

— Vá para casa. Agora!

— Sim, chefe — obedeceu Moss, limpando o suor da testa antes de se afastar, deixando Erika sozinha no corredor, iluminada pela luz fluorescente intensa.

Uma hora depois, Erika encontrou Peterson no vestiário na cave da esquadra. O espaço tresandava a cera e a odor corporal. Peterson estava sentado numa fila de bancos, encostado aos cacifos. Uma das portas de metal à sua frente estava amassada, e Peterson tinha um pano ensanguentado enrolado na mão.

— Ele estava a pedir para ser preso, chefe — justificou Peterson,

levantando o olhar para ela. — Entrou na casa, derrubou a Estelle e mandou-nos foder.

— Ele é um crápula, Peterson. Mas se eu prendesse toda a gente que me manda foder, o sistema prisional já tinha entrado em colapso.

Não havia janelas, e as luzes estavam apagadas, tirando as dos lavatórios, que projetavam uma luz sinistra. Erika sentia-se exposta com aquele vestido fino, e os longos brincos de prata a bater nas faces. Cruzou os braços.

— Então, porque o prenderam exatamente, Peterson?

— Ele tinha cigarros de contrabando que tencionava vender!

— E que prova temos de que ia vendê-los?

— Vá lá, chefe. Eram milhares!

— E se ele tencionava vendê-los, em que parte da nossa investigação de homicídio isso se encaixa?

— Chefe, o Wilmslow está em liberdade condicional — disse Peterson. — Isso tem de valer alguma coisa. Ainda não sabemos se foi o responsável pela morte do Gregory Munro. Com isto ganhamos tempo para investigar melhor.

— Ele não é o responsável pela morte do Gregory Munro! — bradou Erika.

— Não sabemos isso, chefe. O álibi dele são a irmã e a mãe, que...

Erika foi até ao lavatório e abriu a torneira da água fria. Molhou o rosto, pôs a mão em concha e bebeu um longo gole. Em seguida, fechou a torneira e limpou a boca com uma toalha de papel.

— Peterson...

— O quê?

— O Gary Wilmslow está a ser investigado por produção e distribuição de pornografia infantil. É provavelmente um elemento fundamental numa gigantesca rede de pedofilia. Está sob vigilância policial. Por causa disso, eles *sabem* que não foi o Gary quem matou o Gregory Munro. Tem um álibi sólido.

Peterson ergueu o olhar para ela em choque.

— Está a falar a sério?

— Sim, e não devia ter-lhe contado isto.

Peterson curvou-se para a frente e apoiou a cabeça nas mãos.

— Não pode permitir que idiotas como o Wilmslow o afetem dessa maneira. Conhece o género. Ele sabe afetar as pessoas. Faz isso desde pequeno. Pensei que fosse mais inteligente. As vinganças pessoais toldam o raciocínio.

— Estão perto de o prender? — quis saber Peterson, quase a conter as lágrimas.

— Não sei. O Marsh informou-me há dias quando eu queria ir atrás do Wilmslow. O nome da investigação é Operação Hemslow. Achem que há um local onde se fazem os DVD e existem centenas de horas de... filmagens a ser descarregadas na Internet.

As frases pairaram no ar. Peterson recostou-se e pressionou a palma das mãos contra os olhos.

— Não, não, não, não... — exclamou ele. Erika ficou chocada com a forma como Peterson encarava a situação. Não tentava livrar-se da culpa nem defender-se. Tirou as mãos do rosto. — O que vai acontecer agora?

— A ignorância não é desculpa, e você é um idiota... Mas não sabia isto sobre o Wilmslow. Estava a fazer o seu trabalho, embora de forma errada. Tem sorte, porque foi o Wilmslow que começou a zaragata na sala de interrogatórios. Vou dizer ao Marsh que lhe dei um grande raspanete.

Ele olhou-a, surpreso com o seu tom calmo.

— Eu referia-me ao que vai acontecer à Operação Hemslow.

— Não sei.

— Não quer o meu distintivo? — perguntou ele em voz baixa.

— Não, Peterson. Não me parece que esteja a encarar isto de ânimo leve.

— Não estou, não.

— Agora vá para casa. Vejo-o aqui amanhã, com a cabeça no lugar. Vai receber uma advertência formal. Por sorte, é a primeira.

Peterson levantou-se, pegou no casaco e saiu sem dizer mais nada. Erika olhou para a porta, preocupada. Passou mais uma hora na esquadra, a resolver as coisas, enquanto Gary Wilmslow era formalmente advertido por linguagem abusiva e racista contra um agente.



Erika estava a fumar um cigarro ao fundo dos degraus de entrada da esquadra quando Gary saiu com o seu advogado, um homem de aspeto caro num fato cinzento às riscas. Gary parou no cimo dos degraus. Quando o advogado se afastou o suficiente para não conseguir escutá-lo, disse:

— Obrigado por me ajudar a sair. E por falar em sair, o que vai fazer? Está boa como o milho.

Erika virou-se e levantou a cabeça, vendo o seu olhar malicioso pousado na frente do vestido. Subiu os degraus e ficou ao mesmo

nível que ele.

— Tentativa de violação é o máximo que consegue comigo, e sei que é isso que se passa entre si e a maior parte das mulheres — disse ela, inclinando-se na direção do rosto dele.

O advogado ia a meio do parque de estacionamento quando percebeu que Gary não o acompanhava.

Então virou-se

— Senhor Wilmslow.

— Filha da mãe — murmurou Gary.

— Os irmãos reconhecem-se — retrucou Erika, sem tirar os olhos de Wilmslow. Ele virou-se e desceu os degraus para se juntar ao advogado.

O carro de Marsh parou ao lado dos degraus e ele saiu. Não parecia satisfeito.

— Temos de conversar. Para o meu gabinete, já! — vociferou, passando disparado ao lado dela.

Erika viu Gary e o advogado saírem num *BMW* preto. Teve a terrível sensação de que colocara à solta um animal perigoso.

— Tem de controlar os seus malditos agentes. O que a fez deixá-los no local? — perguntou Marsh, circulando pelo gabinete. Ela continuava de pé.

— Não se passava nada quando me fui embora. O Peterson e a Moss aguardavam com a Estelle Munro a chegada da técnica que ia recolher impressões digitais... o Wilmslow chegou lá depois.

— Bem, acabei de ouvir uma reprimenda do Oakley no Departamento de Operações e Crimes Especializados.

— Esse departamento sabe que tem um potencial conflito com o nosso caso.

— Sim, e graças ao detetive Peterson, os dois colidiram.

— Não dissemos nada ao Wilmslow nem ao advogado dele sobre a Operação Hemslow. Nenhum dos meus agentes sabe dela. Portanto, o Peterson foi...

— Um grande idiota.

— Adverti o Wilmslow e mandei-o embora.

— E acha que ele não vai desconfiar disso? Temos atacado em força o contrabando de tabaco e a evasão fiscal. Prendemo-lo com milhares de cigarros, e ele deu uma cabeçada num agente. Acha que não vai desconfiar por ter sido libertado apenas com um puxão de orelhas?

— Não sei o que o Gary pensa, mas ele é um criminoso de carreira. Essa gente passa a vida a oscilar entre paranoia e euforia.

— Erika, o Wilmslow é o único membro dessa rede de pedofilia de quem conseguimos aproximar-nos. Gastaram-se milhões na Operação Hemslow, e se o perderem...

— Não vão perder o Wilmslow.

— Agora está a comandar a Operação Hemslow, Erika?

— Não, superintendente. Ainda estou à espera de ser promovida...

Marsh andava de um lado para o outro. Erika mordeu o lábio. *Porque não fico calada?*, pensou.

— Que progressos fez no caso do Gregory Munro? — perguntou Marsh, por fim.

— Estou à espera de saber se encontrámos impressões digitais numa moldura em casa do Munro. Parece que a inscrição dele no GMC desapareceu durante o crime. Só tivemos conhecimento disso

quando devolvemos a casa à Estelle Munro. Além de que os vizinhos em frente voltaram de férias. Durante as duas semanas que antecederam o homicídio, viram alguns jovens a entrar em casa da vítima. Pareciam prostitutas. Devo ter os retratos-robô amanhã.

Marsh refletiu por um momento e olhou para ela.

— Quero que prepare o caso para ser entregue a uma das equipas especializadas em crimes com motivação sexual.

— O quê?!

— Temos pornografia *gay* no local do crime, uma aplicação de encontros *gay* no telemóvel da vítima, e agora sabemos que os vizinhos viram prostitutas a entrar e a sair.

— As identidades dos jovens ainda não foram confirmadas — argumentou Erika, arrependida de ter dito que pareciam prostitutas. — Se passarmos o caso, ele vai ficar perdido no meio de outros processos. Estou tão perto...

— Tão perto de estragar uma vigilância secreta multimilionária?

— Isso não é justo.

Marsh parou de andar e sentou-se à mesa.

— Olhe, Erika, aconselho-a a largar este caso e a passá-lo a outro departamento. Hei de garantir que não será visto como incompetência da sua parte.

— Por favor, deixe...

— Não vou falar mais do assunto. Quero tudo o que tem sobre o processo do Gregory Munro pronto para ser despachado amanhã à hora do almoço.

— Sim, senhor.

Erika pensou em dizer mais alguma coisa, mas achou melhor ficar calada. Subiu a alça da mala no ombro e saiu da sala, obrigando-se a não bater com a porta.



Erika chegou ao parque de estacionamento ao lado de casa e desligou o carro. A ideia de entrar deixou-a mais deprimida. Baixou o vidro, acendeu um cigarro e fumou-o enquanto ouvia o som do trânsito a vir de London Road e o canto dos grilos nos arbustos.

Algo naquele caso lhe escapava. Seria Gary Wilmslow? Ou um dos rapazes que tinham ido a casa de Munro? Gregory tinha algo contra Gary, e por isso fora despachado? Parecia que a resposta estava ali ao seu alcance. Era algo simples, sabia-o. A pista era sempre uma coisa pequena, como um fio solto numa peça de roupa.

Só precisava de encontrar essa pista, agarrá-la e tudo surgiria.

Detestava já não ir ser a pessoa que descobriria o assassino de Gregory Munro. Teria de voltar ao trabalho no dia seguinte e informar a equipa de que o caso ia ser transferido precisamente na altura em que as coisas ficavam interessantes.

duke: Aquilo chegou?

NIGHT OWL: Sim. Não estava cá quando veio o carteiro e acabei de o ir buscar ao correio. Ah, se eles soubessem o que está lá dentro.

DUKE: Estava selado?

NIGHT OWL: Sim.

DUKE: Tens a certeza?

NIGHT OWL: Estava muito bem selado. Tive de abrir o envelope almofadado com uma faca.

DUKE: ok.

NIGHT OWL: Estás nervoso.

DUKE: Sim. Achas que eles abrem as coisas?

NIGHT OWL: Quem?

DUKE: Os correios.

NIGHT OWL: Não. É ilegal. A menos que sejas um terrorista.

DUKE: ok.

NIGHT OWL: Eu sou terrorista?

DUKE: Claro que não.

NIGHT OWL: Exatamente. O que faço é para o bem da sociedade.

DUKE: Eu sei. E as pessoas ficarão gratas. Eu estou grato.

DUKE: Mas podem tê-lo aberto e selado de novo?

NIGHT OWL: Sou eu que estou a fazer isto, NÃO TU.

DUKE: Mesmo assim. É um risco para mim. É o meu nome que está na fatura.

NIGHT OWL: Caramba, Duke. Não sejas medricas.

DUKE: Não sou medricas!

NIGHT OWL: Então cala-te.

Houve uma pausa. O texto ficou suspenso no ecrã por um momento.

NIGHT OWL: Ainda aí estás?

DUKE: Sim. Não tomes nada como certo. Tem cuidado.

NIGHT OWL: Ele estava a pedi-las.

DUKE: Sim.

NIGHT OWL: O meu ódio intensificou-se, tornou-se algo que inspira temor.

DUKE: Tu inspiras-me.

NIGHT OWL: Ele irá temer-me.

DUKE: Contas-me, quando terminar?

NIGHT OWL: Serás o primeiro a saber.

As ruas estavam desertas quando Night Owl percorreu Lordship Lane, uma zona abastada do sul de Londres. Passou diante de várias lojas às escuras. Reinava o silêncio, interrompido apenas pelo som das rodas da bicicleta e o zumbido distante da cidade.

Era quase meia-noite, mas o calor ainda subia do asfalto e Night Owl suava com o fato de corrida preto. Um carro teria sido mais rápido, mas havia câmaras de segurança em todas as esquinas, a fotografar pessoas e matrículas. Era demasiado arriscado.

Fora fácil encontrar a morada do homem: bastara uma busca na Internet. Ele era bastante conhecido e gostava de falar da sua vida nas redes sociais. Night Owl sorriu e revelou os dentes tortos.

Ele expôs-se muito mais do que devia.

Como a vítima seguinte era uma figura pública — e frequentemente polémica —, Night Owl preocupara-se com a possibilidade de a casa ter um excelente alarme, mas bastara uma simples visita num dia quente e ensolarado na semana anterior — uma visita-surpresa com um folheto muito bem feito da BELL SAFE SECURITY. Fora um choque ver o rosto dele de tão perto. Difícil disfarçar o ódio e manter a naturalidade.

Night Owl saiu de Lordship Lane e parou ao lado de um muro alto. Os travões da bicicleta chiaram, e o som pareceu demasiado alto na rua silenciosa.

O muro pertencia a uma longa fila de jardins traseiros. As casas ali eram requintadas e elegantes. Night Owl enfiou a bicicleta atrás de uma caixa do correio perto do muro, e depois usou-a para o transpor. Quatro das casas tinham alarmes. O muro alto estendia-se ao longo dos seis jardins e do outro lado dele havia um terminal rodoviário.

O primeiro jardim foi fácil. Na grande casa vivia uma idosa e o jardim estava abandonado. As janelas encontravam-se às escuras. Night Owl atravessou-o sem fazer barulho e saltou a vedação baixa para o jardim seguinte.

De novo, nenhuma luz acesa, mas o dono do imóvel tinha ampliado muito a casa, reduzindo o jardim a uma faixa estreita de relva junto ao muro alto das traseiras. A primeira janela no rés do chão estava às escuras, mas a segunda encontrava-se aberta alguns centímetros e dela saía uma luz suave multicolorida. Era um espaçoso quarto de bebé, quase despido, tirando um grande berço de madeira

perto da janela.

Um bebé de olhos grandes e penugem preta na cabeça estava em pé no berço, agarrado à grade com as mãos gordinhas. Via o jardim iluminado pela claridade suave da luz de presença, que girava lentamente. Night Owl aproximou-se da janela.

— Olá — sussurrou.

O bebé virou-se um pouco, agarrando-se à extremidade do berço. Era uma menina. Vestia um *babygrow* e um casaquinho de tricô cor-de-rosa. O ar estava quente e a parede emanava calor.

— Estás cheia de calor? — sussurrou Night Owl, sorrindo. A menina sorriu e saltitou. Puxou o casaquinho e gemeu.

Night Owl ainda tinha de atravessar três jardins, mas sentiu pena daquela criança inocente, a assar lentamente naquele quarto abafado. A janela abriu-se com facilidade. Night Owl suspendeu uma perna, meteu-a lá dentro e entrou. A menina levantou os grandes olhos castanhos sem saber quem era a pessoa que entrara no seu quarto.

— Está tudo bem... está tudo certo — sussurrou Night Owl. — És inocente. Ainda tens hipótese de causar confusão no mundo.

Movimentando-se rapidamente, Night Owl levantou a menina e suspendeu-a com os braços esticados; ela riu-se. Tornando a pousá-la no berço, desabotoou depressa os botões do casaquinho, segurando-o para que não se desequilibrasse, depois soltou um braço de cada vez e despiu-lho.

— Pronto, estás melhor? — sussurrou Night Owl. A menina deixou-se ser levantada e deitada no pequeno colchão. O tecido era branco e tinha desenhos de elefantes cinzentos. Ela estendeu os braços quando Night Owl deu corda devagar ao móbile pendurado sobre o berço.

Quando a suave melodia de «Brilha lá no céu» começou a tocar, Night Owl retirou-se do campo de visão da menina.

No terceiro jardim, havia uma luz de segurança instalada na parede detrás, por isso, atravessá-lo foi difícil, pois era preciso afastar-se o suficiente para evitar a parte iluminada.

O quarto jardim estava um pouco ao abandono, a relva alta e os canteiros a transbordar. Night Owl passou por um balouço de plástico e uma caixa de areia, antes de se agachar ao lado da porta da sala das máquinas.

Depois levantou o capuz para que apenas o brilho dos seus olhos fosse visível. Encostando o ouvido à porta, puxou lentamente um arame longo e fino e inseriu-o na fechadura.

Quando o apresentador de televisão Jack Hart saiu do elegante bar em Charlotte Street, no centro de Londres, parou para saborear a noite quente de verão. Apesar da hora tardia, um grande número de fotógrafos aguardava-o no passeio, e os flaches começaram a disparar freneticamente quando Jack desceu um curto lanço de escadas e se aproximou deles.

Era elegante e bonito, com cabelo louro-claro rapado dos lados e atrás, com uma popa elegante em cima. Os seus dentes eram tão brancos como o cabelo, e o fato era feito à medida, para se ajustar na perfeição ao seu corpo alto. Ficou agradado ao ver jornalistas da BBC, da ITV e da Sky News a aguardá-lo, juntamente com a habitual multidão dos tabloides — alguns dos quais eram ex-colegas. Jack, contudo, não expressou esse prazer no rosto bonito, mostrando antes um semblante sério.

— Assume a responsabilidade pela morte de Megan Fairchild? — gritou um jornalista.

— Acha que vão tirar o seu programa do ar? — berrou outro.

— Vá lá, Jack. Matou-a, não matou? — ronronou um dos *paparazzi*, aproximando-se e fazendo a sua máquina disparar um enorme flache.

Jack ignorou as perguntas, avançou por entre eles e entrou num táxi preto que aguardava na berma. Bateu com a porta e o carro arrancou lentamente, as máquinas a acompanhá-lo, as lentes a bater na janela e a iluminar o interior do táxi com os clarões dos flaches. Assim que viraram a esquina de Charlotte Street, o condutor conseguiu acelerar.

— A minha mulher adora o seu programa, amigo — disse o condutor, olhando-o pelo retrovisor. — Só que é tudo inventado, não é?

— É gravado ao vivo, tudo pode acontecer — respondeu Jack, repetindo o bordão que utilizava sempre no início do programa.

— Ouvi dizer que a rapariga que esteve no programa, a tal Megan que se matou, tinha uma série de problemas mentais. Aposto que ela faria aquilo de qualquer maneira, amigo — continuou o taxista, novamente a observar Jack pelo retrovisor.

— Tudo bem. Ia dar-lhe uma boa gorjeta de qualquer forma — disse Jack, recostando-se e fechando os olhos. O suave balanço do

carro acalmou-o enquanto atravessavam o centro de Londres.

— Como quiser, amigo — murmurou o condutor.

O *Jack Hart Show* era transmitido ao vivo cinco manhãs por semana e conquistara muita audiência no ano anterior — no entanto, ainda tinha um longo caminho antes de conseguir bater o rival, *The Jeremy Kyle Show*.

Jack Hart orgulhava-se de o programa ser transmitido ao vivo. Conferia-lhes força e mantinha-os na comunicação social. Cinco dias por semana, os convidados, na grande tradição do *Jerry Springer Show*, lutavam por quinze minutos de fama, lavando a roupa suja diante das câmaras, e as pessoas adoravam isso.

Jack começara a vida profissional como jornalista em Fleet Street, e aprendera, trabalhando nessa área como investigador, a expor casos tórridos entre celebridades, políticos dúbios e histórias de «interesse humano». Descrevia o *Jack Hart Show* como um tabloide transmitido pelas lentes das câmaras.

Megan Fairchild fora um bom exemplo. Estava grávida do companheiro, que dormia com o pai dela. No entanto, os produtores do programa não tinham descoberto que o pai abusara sexualmente de Megan na infância. No dia após o controverso programa ir para o ar, Megan bebera um litro de herbicida, tirando a própria vida e a do filho que estava para nascer.

Publicamente, Jack mostrara-se arrependido, e não tinha um coração tão frio a ponto de não se entristecer com as mortes. No entanto, secretamente, ele e os produtores adoraram a exposição na imprensa, desejando que o alarido na comunicação social os fizesse chegar ao primeiro lugar das audiências.

Abriu os olhos, pegou no telemóvel e entrou no Twitter. Ficou mais descansado ao ver que as pessoas ainda falavam sobre a morte de Megan e que havia mais alguns ótimos comentários de pseudocelibridades a desejar que ela descansasse em paz. Ele partilhou-as e depois entrou na página «Go Fund Me», que tinha uma campanha para angariar fundos em honra de Megan. As doações já atingiam as cem mil libras. Ele partilhou a informação com uma mensagem de agradecimento, depois recostou-se, cantarolando «And the Money Kept Rolling In» do seu musical preferido, *Evita*.



Quarenta e cinco minutos depois, o táxi parou frente à grande e bela casa de Jack em Dulwich. Ele agradeceu ao condutor, sentindo-

se em parte aliviado, em parte desapontado por não haver mais fotógrafos à sua espera no passeio. Só contou cinco. *Devem ter conseguido o que queriam à porta do bar e não precisaram de atravessar o rio*, pensou, descendo do carro e pagando ao taxista pela janela do passageiro. Os fotógrafos começaram a tirar fotos e os flashes refletiram-se no táxi preto e nas casas circundantes.

Ele atravessou o pequeno grupo e abriu o portão que dava acesso à porta da casa, imaginando que aquela cena bizarra num canto tranquilo de Dulwich, no sul de Londres, poderia em breve estar nas primeiras páginas dos jornais de todo o país.

— Tem alguma mensagem para a mãe de Megan Fairchild? — perguntou um dos *paparazzi*.

Jack parou à porta e virou-se.

— Porque não tomou conta da filha? — A seguir fez uma pausa e olhou pensativo para as objetivas, que não paravam de o fotografar. Depois deu meia volta, destrancou a porta e entrou, fechando-a contra os flashes.

O alarme começou a tocar e Jack marcou o código de quatro dígitos. O ecrã ficou verde e o alarme calou-se. Despiu o casaco, tirou a carteira e as chaves e colocou-as na mesa da entrada. Foi até à zona ampla de estar com vista para o jardim das traseiras às escuras. Quando ligou as luzes, deparou-se com o amplo espaço vazio. Foi até ao frigorífico e parou por um momento para observar os desenhos fixados na porta, feitos pelo filho e pela filha. Abriu a porta e tirou uma garrafa de *Bud*. A tampa saiu sem emitir som algum e retiniu ao bater na bancada.

Jack bebeu um gole. Estava gelada, mas um pouco morta. Voltando ao frigorífico, viu que era a última garrafa. Tinha a certeza de que estavam lá três... Pensou nisso por um momento, apagou a luz e subiu.

A sala ficou em silêncio. Da casa de banho no primeiro andar soaram alguns barulhos, em seguida o chuveiro começou a funcionar.

Uma pequena e compacta figura de preto deslizou pelas sombras. Movendo-se com agilidade, atravessou a cozinha e subiu as escadas com os pés bem afastados para não rangerem.

O patamar estava às escuras, mas um feixe de luz da casa de banho incidia na carpete. Night Owl aproximou-se da porta, apenas um par de olhos a brilhar através da abertura no capuz.

Jack era bem constituído, forte e ágil. Night Owl viu-o ensaboar-se no chuveiro, a espuma branca do champô no cabelo. Um fio de água com sabão correu pelas suas costas musculosas e entre as nádegas. Durante o duche, Jack começou a cantarolar desafinado.

— Metes-me nojo — sussurrou Night Owl. A cantilena parou quando Jack enfiou a cabeça debaixo da água, o cabelo molhado agora liso como o pelo de uma foca.

Era inebriante estar ali a observar, nas sombras. Pensar que toda a gente no país falava daquele homem... daquele filho da mãe arrogante e egoísta. A água foi fechada com um rangido metálico, e Night Owl aguardou nas sombras.



Jack saiu do duche e passou pelos quartos vazios dos filhos, cujas portas mantinha fechadas. Assim, podia passar por elas todas as noites sem sentir arrependimento e saudade. Dirigiu-se ao elegante quarto principal, com a garrafa de *Bud* numa mão e a toalha na outra, a secar o cabelo. Sentou-se nu na beira da cama e largou a toalha na carpete. A *Bud* estava a ficar quente e sem gás, então ele bebeu o resto e pousou a garrafa vazia na mesa de cabeceira, do lado que não era ocupado.

Pensou no corpo quente e confortável da mulher, em como ela, na maioria das vezes, estava sentada, fingindo ler um livro, quando ele chegava tarde. O livro era sempre um artifício, uma desculpa para estar acordada e poder encenar a sua decepção.

Jack quis levantar-se e ir lá abaixo beber mais alguma coisa, mas a sua cabeça ficou de repente pesada, assim como os membros, e sentiu-se exausto. Deitou-se e rodou até a cabeça estar sobre a almofada. Estendeu o braço na direção do comando na mesa de cabeceira e ligou a televisão. Viu na Sky imagens suas a sair da discoteca em Charlotte Street uma hora antes, com uma faixa vermelha na parte inferior que dizia: NOTÍCIA DE ÚLTIMA HORA: OFCOM2 INVESTIGARÁ CONTROVÉRSIA DE JACK HART.

Quando olhou em volta, as luzes pareciam sair da televisão às riscas. Jack levantou a cabeça e o quarto girou violentamente. Tornou a pousá-la na almofada. Tremia, apesar da elevada temperatura. Puxou o edredão e tapou-se, apreciando o calor.

— Espera, espera... — murmurou, mal distinguindo as palavras que deslizavam pelo ecrã. O som da televisão rolou sobre ele e o quarto girou. Jack sacudiu a cabeça quando uma mancha preta pareceu mexer-se ao lado da cama. Um movimento junto à porta que desapareceu em seguida. Algures no fundo da mente, Jack percebeu que algo se passava. Talvez tivesse apanhado alguma gripe fortíssima. *Espera lá, eu devia ligar a alguém se estou a ser*



Night Owl trabalhou depressa; desceu ao rés do chão, trancou a porta da rua, pegou numa tesoura de podar e cortou os cabos do *modem* da Internet e do telefone. As luzes no *modem* deixaram de piscar. Night Owl moveu-se na direção do casaco que Jack tinha pendurado à entrada, agarrou no telemóvel que estava no bolso, tirou rapidamente o cartão SIM e largou o aparelho no chão, pisando-o com um calcanhar e partindo o ecrã.

A tarefa final era cortar a luz. O painel de segurança emitiu um bipe, Night Owl marcou o código, depois absorveu o silêncio. Chegou-lhe lá de cima o fraco som de um gemido. Night Owl pôs uma mão no corrimão e subiu a escada lentamente.



Jack estava deitado na cama e sentia o quarto girar violentamente. Levou alguns segundos a dar-se conta de que a televisão estava escura e silenciosa, assim como o quarto. O pânico parecia ser algo muito para lá do seu alcance, um sentimento nebuloso e longínquo. A sua mente regressou à mulher, Marie. Estendeu o braço para tocar no outro lado da cama no escuro e sentiu-se confuso. Onde estava ela?

Sentiu o colchão mover-se e inclinar-se ao seu lado; alguém entrara na cama. Jack estendeu o braço e sentiu um corpo quente.

— Marie? — grasnou no silêncio. Tateou em volta e sentiu que havia carne sob um tecido fino. — Marie? Quando voltaste para casa? — Apesar da droga no sangue, lembrava-se de que ela se fora embora, levando as crianças. Enrijeceu o corpo e tentou afastar-se.

— Chiu... descontraí-te — disse uma voz. Não era a voz de Marie. Era desafinada e tinha um estranho tom agudo.

A cama balançou e inclinou-se debaixo de Jack, que tentou fugir. Os seus membros não tinham força nem coordenação. Esticou o braço para o telefone fixo na mesa de cabeceira e atirou-o ao chão. Então sentiu a pessoa subir para as suas costas e virá-lo de frente. Jack tentou lutar, mas os seus membros balançavam, inúteis. Mãos ligeiras e fortes juntaram e amarraram os seus pulsos, depois viraram

o corpo novamente.

Jack tentou gritar, mas tinha a boca frouxa; a voz saía ininteligível e fraca:

— Quem é você?

— Alguém que quer quinze minutos de fama. — A voz riu-se.

Jack ouviu o som de um fecho e um estalido, depois um saco de plástico cobriu-lhe lentamente a cabeça. As mãos movimentaram-se depressa, puxaram o que lhe pareceu um cordel, e Jack sentiu-o apertar-se no seu pescoço. Desatou a respirar mais depressa, o plástico emitiu um estalido e aproximou-se do seu rosto, cada vez mais agarrado à pele. Um olho ficou fechado, mas o outro permaneceu aberto colado ao plástico. E esgotou-se o ar para respirar.

Night Owl segurou o saco com firmeza, saboreando os sons: arquejos ofegantes e ânsias de vômito. Jack continuou a debater-se, aumentando a força com a vontade de viver. A cabeça dele subiu de repente e bateu no rosto de Night Owl, que sentiu uma explosão de dor e aumentou a pressão, puxando o cordel com mais força em volta do pescoço de Jack. Depois, levantou um punho e esmurrou aquele rosto achatado e contorcido.

Um dos últimos pensamentos de Jack foi o de que os fotógrafos ainda deviam estar lá fora, e que aquela seria uma história e tanto.

Finalmente, depois de estremecer e soltar um gemido fraco, Jack ficou imóvel. Night Owl permaneceu vários minutos junto do corpo de Jack, a observar, a respirar com euforia, tremendo de entusiasmo.

Depois levantou-se silenciosamente e saiu da casa como uma sombra.

Na manhã seguinte, apesar de ser ainda cedo, a onda de calor intensificara-se, parecendo ter penetrado nas paredes da esquadra de Lewisham Row. Mesmo com as ventoinhas no máximo, a sala de investigação continuava um forno. Moss estava frente aos quadros, a conversar com Erika e a equipa.

— Não encontraram impressões digitais na moldura da casa do doutor Munro, mas conseguimos identificar um dos jovens que os vizinhos em frente viram — informou ela. — Ontem à noite, Marie e Claude Morris ajudaram-nos a fazer retratos-robô.

Erika e os outros agentes observaram o rosto que se juntara às fotos de Gregory Munro e Gary Wilmslow. Era de um jovem de cabelo escuro penteado para trás; tinha uma testa alta, um rosto magro e bonito.

— O detetive Warren decidiu alargar os seus horizontes e passou boa parte da noite a ver perfis em *sites* de prostitutas... — prosseguiu Moss.

Várias pessoas assobiaram, e Warren corou e revirou os olhos.

— E agora temos isto...

Moss colou uma foto de perfil retirada de um *site* chamado RentBoiz. Era muito parecida com o retrato-robô. O jovem que olhara para a objetiva tinha olhos verdes e barba aparada. Moss ficou em silêncio por um momento, limpou a testa com a manga enrolada da camisa e chamou Warren com um gesto de cabeça.

Ele levantou-se, com alguma timidez.

— Hum, certo. O nome dele no perfil é JordiLevi. Segundo o *site*, tem dezoito anos, vive em Londres, cobra duzentas e cinquenta libras por hora e parece que faz quase tudo, se lhe pagarem bem. É claro que não fornece o nome verdadeiro nem o endereço. Entrei em contacto com o administrador do *site*, que informou que o registo é anónimo; portanto, não consegui nada, mas vou continuar a trabalhar.

Moss piscou-lhe o olho e Warren sentou-se.

— Acho que todos concordamos que parecem ser a mesma pessoa — disse ela apontando para o retrato-robô e a foto do perfil. — Talvez seja uma grande descoberta para nós.

Ouviram-se aplausos. Erika levantou-se de onde estava, ao lado das impressoras, com o coração apertado.

— Moss e Warren, ótimo trabalho, obrigada. No entanto, após

cuidadosa revisão do caso com o superintendente Marsh e o subcomissário, foi decidido que ele deve ser passado a uma das equipas especializadas em crimes com motivação sexual — explicou. — Quero que preparem os vossos dossiês e os dados recolhidos até agora, pois esta tarde o processo será transferido.

— Chefe, não vê a importância disto? Se localizarmos o JordiLevi, ele pode ser a nossa linha direta para o homicídio do Gregory Munro. Ele pode ter testemunhado alguma coisa! — exclamou Moss.

— Só precisamos de tempo, chefe — acrescentou Crane —, e nem seria muito. Vamos criar um perfil de utilizador falso no RentBoiz e marcar um encontro com o JordiLevi. Talvez ele faça um retrato-robô de alguém que possa ter estado na casa de Gregory Munro, e pronto, teríamos um suspeito.

— Lamento, mas não é discutível — disse Erika. Moss recostou-se, frustrada, na cadeira e cruzou os braços. — Também não gosto nada disto. Por favor, tenham os relatórios e os dados relativos ao caso prontos ao meio-dia.

Houve um coro de protestos e Erika saiu da sala. Foi até à máquina de café no corredor, inseriu o dinheiro trocado, carregou no gasto e apagado botão do *cappuccino*, mas não aconteceu nada. Erika deu um murro na máquina, depois bateu várias vezes, descarregando toda a frustração. Não ouviu Moss aproximar-se.

— Tudo bem, chefe? Está a ter um ataque de falta de cafeína? — Erika virou-se e assentiu. — Afaste-se um pouco.

Erika deu um passo atrás, Moss levantou a perna e deu um pontapé com a sola da bota debaixo da foto de uma chávena de café fumegante que enfeitava a frente da máquina. Ouviu-se um bipe, de repente, um copo caiu e começou a encher-se.

— Tem de fazer pontaria ao pires — disse Moss.

— Excelente trabalho, detetive — brincou Erika. — Os seus talentos não têm fim?

— Devo dizer que também funciona para o chá e, às vezes, se carregamos no botão da sopa.

— Há sopa?

— Sopa de rabo de boi. Eu não arriscaria.

Erika esboçou um sorriso fraco e pegou no café.

— Posso perguntar-lhe uma coisa, chefe? Acha mesmo que este caso ficará melhor com outra equipa?

Erika soprou o café.

— Acho, sim.

Detestava não poder falar com Moss sobre aquilo. Ela fora

sempre leal e ótima ouvinte.

— Ouvi dizer que há uma vaga para superintendente — comentou Moss. — Não tem nada que ver com o facto de querer livrar-se deste caso, tem?

— Achei que me conhecia, Moss. Não é o meu estilo.

— Ótimo. Então porquê? Conheço-a, não desiste fácil de um caso. É como o Charlton Heston, nesse sentido.

— O quê?

— «Das minhas mãos frias e mortas» — disse Moss, com um péssimo sotaque americano. Houve um momento de silêncio. — Vá lá, chefe, depois das cabeçadas que demos na parede durante tanto tempo, estamos muito perto.

— Moss, já disse tudo sobre o assunto. Esta é a minha decisão final.

— Está bem. Não pode falar sobre o caso. E se piscar os olhos uma vez para sim e duas para não?

— Moss... — protestou Erika, abanando a cabeça.

— Se não pode contar-me o que se passa, permite-me ao menos dizer-lhe o que acho que está a acontecer?

— Tenho escolha?

— Julgo que estamos sobrecarregados e o Marsh está a ser pressionado para melhorar os resultados. Este caso começou a ficar mais complexo e a transformar-se numa batata quente. Então ele quer livrar-se dele.

— Moss...

— Acho que a única maneira de encontrarmos um motivo para o crime é quando surgir um padrão. Para que surja um padrão, é preciso aparecer outro corpo.

— Faz sentido.

— E sei o que acontecerá quando este caso já não estiver nas nossas mãos. Se surgir outro corpo, ele irá ser classificado como ataque homofóbico, e acentuar-se-ão o alarmismo e os debates sobre a comunidade *gay*. Na comunidade heterossexual, a quantidade de assassínios é dez vezes maior. Quando um homem viola e mata uma mulher, pensa-se que ele é mau. Mas quando uma pessoa *gay* faz a mesma coisa, o facto é visto como uma extensão da sua sexualidade! Do seu estilo de vida como um todo!

Erika via Moss ficar cada vez mais alterada.

— Desculpe, chefe. É que... estou farta disto. Ainda agora começámos. Se estamos sobrecarregados, as coisas serão diferentes nas outras equipas? Eu sabia que este caso estava em boas mãos consigo. Já estou a ver os cabeçalhos: «Ataque homofóbico nos

subúrbios», «Terror gay nos arredores de Londres!»

— Não sabia que isto era tão pessoal para si.

— Não diretamente... Na semana passada, o Jacob fez um exercício na escola para o Dia do Pai, e a idiota da professora, que por acaso é casada com o vigário, não percebeu que ele tinha duas mães. Mandou-o fazer um postal para o pai que estava «por aí, algures». A Celia teve de me impedir de ir lá esbofetear a mulher.

— Sinto muito.

— Estas merdas acontecem. Eu só queria ver este caso resolvido e com a chefe a consegui-lo. Não papa grupos e sabe sempre fazer a coisa certa. Bom, até...

Erika percebeu que Moss se tinha contido antes de dizer «até agora». Ficaram em silêncio durante um momento.

— Sabe onde está o Peterson? — perguntou Erika.

— Ligou a dizer que está doente, chefe.

— Referiu o problema?

Moss ficou calada tempo suficiente para mostrar a Erika que sabia algo, depois respondeu:

— Não, chefe, não disse. Vou certificar-me de que toda a gente tem os relatórios prontos ao meio-dia.

— Obrigada — disse Erika.

Percebendo que ambas queriam dizer coisas que não podiam, ela ficou a ver Moss regressar à sala de operações.

O resto da manhã passou de forma deprimente na sala de operações superaquecida, e o desmantelamento da investigação afetara Erika.

O que Moss dissera repetia-se na cabeça de Erika. «Das minhas mãos frias e mortas...» Ali estava ela, com uma pista incrível sobre o homicídio de Gregory Munro, uma equipa pronta para trabalhar no duro, mas tinha de desistir do caso! Um pouco antes da uma da tarde, Erika ainda estava sentada à secretária, a olhar para o ecrã do computador, quando Moss se aproximou.

— Chefe...

— Sim?

— Já mandou os dossiês sobre o caso?

Erika levantou a cabeça e olhou para ela.

— Não, porquê?

— Um agente acabou de nos telefonar. Homem branco encontrado nu e asfixiado na cama numa casa em Dulwich. Nenhum sinal de entrada forçada nem de luta. De acordo com a identificação preliminar, é Jack Hart.

— Como conheço esse nome?

— É o apresentador do *Jack Hart Show*, tabloide televisivo para os desempregados e os domésticos. A Celia costuma vê-lo.

— E o agente acha que é o mesmo tipo que matou o Gregory Munro?

— O agente está à espera de alguém da equipa de investigação, mas tudo indica que é obra da mesma pessoa. O caso ainda é nosso?

— Sim. Oficialmente, ainda é. Vamos até lá — disse Erika.

A casa de Jack Hart ficava numa zona cara de Dulwich, no sul de Londres, numa rua que subia de forma íngreme e depois descia de forma acentuada. A polícia isolara-a e a seguir à fita encontravam-se cinco carros-patrolha, uma ambulância e duas carrinhas grandes de apoio ao bloqueio da rua. Erika estacionou perto dos três agentes que guardavam a fita de isolamento. No passeio em frente havia uma multidão com máquinas fotográficas e telemóveis que não parava de aumentar.

— Caramba, a notícia corre veloz — comentou Erika, quando ela e Moss saíram do carro. Avançaram pelo meio da multidão, composta por um grande grupo de adolescentes, um aglomerado de idosas e uma mulher com um bebé de cabelo escuro.

— É o Jack Hart? — gritou um rapaz ruivo.

— Aquela casa é do Jack Hart. Já o vi por ali — acrescentou uma rapariga com um *piercing* no lábio.

— Isto é o cenário de um crime, desliguem as câmaras dos telemóveis — disse Erika.

— Não é ilegal filmar em público — retorquiu uma rapariga pequena de cabelo acinzentado e com uma mala rosa felpuda. Para enfatizar, ela levantou o telemóvel para a cara de Erika. — Sorria, está no YouTube.

— E que tal mostrar algum respeito? Isto é o cenário de um crime — repreendeu Moss num tom calmo. As idosas permaneceram em silêncio, a observar.

— O Jack Hart era um grande filho da mãe. Praticamente matou a Megan Fairchild. Ele explorava as pessoas, então porque não hei de explorá-lo? — perguntou um rapaz de cabeça rapada.

Encorajados pelo discurso, mais adolescentes levantaram os telemóveis.

— Leve esta gente mais para trás — pediu Erika a um dos agentes.

— Mas a fita de isolamento está aqui — respondeu ele.

— Então use o bom senso: desvie a fita para trás! — vociferou Erika.

Nesse momento, uma carrinha da Sky News chegou com uma grande parabólica no tejadilho e parou no lado oposto da rua.

— Se precisar de mais agentes, não há problema. Mas faça isso

— ordenou Erika.

— Sim, minha senhora — respondeu o policial.

Erika e Moss assinaram um papel, baixaram-se para passar sob a fita e seguiram em direção à casa.



Foram recebidas por um guarda que as levou para dentro. A temperatura no corredor era mais amena. A casa estava decorada com bom gosto, tinha um grande espelho dourado na parede e uma carpete creme que levava a uma escadaria com corrimão de madeira polida. Seguiram o agente escadas acima e chegaram a um patamar comprido onde a carpete continuava. A casa estava estranhamente silenciosa. Erika percebeu que o isolamento devia ser muito bom para bloquear os sons do caos da rua. O quarto principal ficava ao fundo do patamar. A luz do Sol atravessava a porta aberta e partículas de pó giravam preguiçosamente no ar.

— Credo — disse Moss quando entraram no quarto. O corpo nu da vítima estava esparramado no colchão. Parecia um homem alto, com pele clara e macia e quase sem pelos. De barriga para cima, tinha um saco de plástico sobre a cabeça, bem apertado em volta do pescoço. A boca encontrava-se aberta, assim como um olho. O outro estava ferido e fechado, de tão inchado. Os lábios estavam repuxados, como se mostrasse os dentes.

— Quem encontrou o corpo? — perguntou Erika.

— Uma produtora do programa — explicou o agente. — Trepou pela parede e partiu a janela atrás de si para entrar.

Viraram-se e viram a grande janela voltada para o jardim das traseiras. Havia um buraco no vidro, rodeado por rachas em forma de teia de aranha. A carpete creme estava coberta de vidros partidos.

— Então ela confirmou que este é o Jack Hart? — perguntou Erika.

— Sim. — O agente acenou com a cabeça.

— Pensei que o programa dele era ao vivo todos os dias da semana. Hoje é sexta-feira — disse Moss.

Refletiram sobre aquilo um momento.

— Certo. Precisamos da polícia científica o mais depressa possível — disse Erika, pegando no telemóvel.



Isaac Strong e a equipa da polícia científica chegaram rapidamente e começaram a trabalhar de macacões azuis. Duas horas depois, Erika e Moss voltaram ao quarto no primeiro andar com vestimenta igual. Uma fila de caixas de metal fora colocada em volta da cama para que os agentes subissem para elas, evitando contaminar qualquer prova.

— Certo, Isaac. Achas que é o mesmo assassino que matou o Gregory Munro? Um homem sozinho, nu e com um saco de plástico — disse Erika.

— Vamos excluir essa hipótese por enquanto — respondeu Isaac, erguendo a cabeça na direção dela e de Moss, no outro lado da cama de casal. Um fotógrafo inclinou-se entre eles e tirou uma foto ao corpo. — Ele está morto há menos de vinte e quatro horas. Ainda vemos vestígios do *rigor mortis* nas mãos fechadas, na boca e nos olhos. A casa fica voltada para leste e este quarto, em particular, beneficia de sombra ao longo do dia; portanto, a temperatura permitiu uma decomposição lenta. Ele foi fotografado a chegar a casa tarde ontem à noite, sendo mais uma questão de bom senso do que de ciência. O saco de plástico estava amarrado sob o queixo... —

Isaac apontou para o local onde o cordão fora apertado com força, sulcando a pele. — É possível que tenha havido luta, o olho esquerdo está muito ferido devido a um golpe com um objeto rombo, talvez uma mão ou um punho. Havia uma garrafa vazia de cerveja na mesa de cabeceira, vamos levá-la para o laboratório, para análises toxicológicas. Mais uma vez, há pouco sinal de luta em volta da cama e no quarto, estava tudo muito arrumado. A vítima podia estar incapacitada... ter sido dominada por quem fez isto. Não há sinal de agressão sexual. Como digo sempre, saberei mais depois de o abrir.

— O que é aquilo no lençol? — perguntou Erika, apontando para um resíduo branco-acinzentado junto ao corpo.

Agachou-se e espreitou para baixo da cama: viu um par de meias e uma espessa camada de pó que tinha sido mexida.

— Pó — disse ela, respondendo à própria pergunta. — Estava debaixo da cama e foi trazido para cima do colchão.

— Bolas, havia alguém debaixo da cama — disse Moss.

O fotógrafo pericial inclinou-se para tirar mais fotografias ao corpo da vítima, disparando o flache. De repente, sentiram um clarão atrás deles. Erika virou-se e viu um homem agachado no telhado plano do lado de fora da janela. Era magro e tinha um moicano azul-claro. Enfiou a lente da máquina pelo buraco e tirou mais duas fotos.

— Ei! — gritou Erika, baixando a máscara protetora. Foi até à janela, mas o homem, que tinha calções de ganga e uma *T-shirt* preta

dos AC/DC, baixou-se e tirou mais algumas fotos por entre as pernas dela.

Deslocou-se rapidamente até à ponta do telhado plano e, com o som de vidro a partir-se, começou a descer, agarrando-se a uma glicínia que crescia em volta de um cano.

— Merda, quem é aquele tipo? — perguntou Erika.

— Parece um *paparazzi* — respondeu Moss.

Espreitaram pela janela e viram o homem a chegar ao relvado. Não havia agentes no jardim das traseiras. Erika olhou para Moss e saíram disparadas.

Erika e Moss correram para as escadas, evitando por pouco chocar com um técnico que levava uma delicada bandeja com provas guardadas em sacos. Desceram e chegaram à sala ampla. Foram até às portas de correr de vidro que davam para o jardim, e Erika tentou abri-las. O fotógrafo com o moicano azul seguia na direção da vedação no lado direito.

— Preciso disto aberto! — gritou Erika, incapaz de distinguir o rosto dos técnicos, cujos macacões azuis deixavam à mostra apenas os olhos.

— Chefe, aqui! — gritou Moss, reaparecendo por uma porta ao lado de um frigorífico americano de aço. Erika seguiu-a. A porta dava para uma sala onde estava uma grande máquina de lavar e secar roupa. Uma janela comprida dava para o jardim bem tratado, mas não havia sinal do fotógrafo. Moss tentou o puxador de uma porta de madeira robusta.

— Está trancada! E a porcaria da chave não se encontra aqui! — gritou Moss. Olharam para o jardim e viram o fotógrafo a transpor a vedação. Acima da máquina, havia prateleiras com produtos de limpeza. Erika viu uma chave pesada de metal na prateleira de baixo, pegou-lhe e enfiou-a na porta. Esta abriu-se e as duas saíram; Erika correu para a direita, agarrou-se à parte de cima da vedação de madeira e saltou, seguida de perto por Moss. Aterrou na relva queimada do outro lado e pegou no rádio apressadamente enquanto atravessava o jardim a correr.

— Ele vai sair em Dunham Road — gritou Moss atrás da chefe.

— Temos um suspeito a sair de um jardim voltado para Dunham Road, em Dulwich. Preciso de reforços lá agora. — Erika chegou ao lado oposto do segundo jardim, saltou o muro e aterrou com facilidade no outro lado. Viu o fotógrafo à frente, o moicano a desaparecer atrás da vedação seguinte. *Não posso deixar este gajo fugir com fotos da cena do crime; ele pode publicá-las na Internet numa questão de minutos*, pensou.

Atravessou o jardim seguinte, contornou um balouço de plástico, transpôs a vedação, aterrando dolorosamente num lago e ficando com água pelos joelhos.

— Ei, está a invadir propriedade privada! Há aí carpas! — gritou uma jovem de vestido curto e óculos escuros.

— Sou agente da polícia! — gritou Erika, saindo a custo do lago e seguindo na direção da vedação seguinte. Viu que se aproximara do fotógrafo: ele tinha chegado à vedação do jardim seguinte, e levantava a perna.

— Detenham esse homem! — gritou Erika e, embora fosse pertinente, soou ridículo.

Virou-se, viu Moss transpor a vedação atrás dela e aterrar de cabeça no lago, com grande aparato. A mulher gritou ainda mais alto.

O calor era abrasador e Erika sentia-se exausta e demasiado quente com a sua roupa e o macacão por cima. Moss saiu da água com algas no cabelo.

— Estou bem, chefe, vá! — gritou ela.

Erika continuou, transpôs a cerca seguinte, sentindo farpas atravessarem a roupa na parte detrás das pernas. Viu que o fotógrafo chegara à ponta do último jardim, rodeado por um muro alto de tijolo claro.

— Pare já aí! — gritou ela.

O fotógrafo olhou para ela com o rosto vermelho, o moicano azul ainda espetado como uma barbatana. Pendurou a máquina ao ombro, mostrou-lhe o dedo do meio, saltou, agarrou-se à parte de cima do muro e suspendeu o corpo.

Erika correu pelo último jardim seco e sem relva e passou por vários pequenos bebedouros para pássaros cobertos de líquenes.

O fotógrafo escorregou um pouco, tentando chegar ao cimo do muro, e Erika conseguiu agarrar-lhe uma das pernas. Ele deu um pontapé, acertando-lhe no rosto, e apesar de calçar ténis, a dor espalhou-se pela face atingida. Erika agarrou a perna do fotógrafo, descalçando-lhe um ténis, mas ele soltou-se e escapuliu-se por cima do muro arredondado. Ela ouviu um baque surdo e um grito quando ele aterrou do outro lado.

Satisfeita por ser alta, Erika subiu com facilidade. Lá em cima, escarranchada no muro, viu que o passeio do outro lado era mais baixo. O fotógrafo caíra mal com o pé descalço. Mexia na máquina e tentava fugir a coxear. Erika saltou. Aterrando com facilidade no passeio, conseguiu mover-se mais depressa do que ele e agarrou-o. O fotógrafo debateu-se, tentando fugir.

— Não... nã... o... — disse ela, sem fôlego. Momentos depois, Moss apareceu em cima do muro. Desceu-o, aterrou no passeio e correu na direção dos dois. Juntou as mãos do fotógrafo atrás das costas e algemou-o enquanto Erika as segurava.

— Malditas putas! — gritou ele.

— Tem de se acalmar — disse Erika.

— Porquê? Estão a prender-me?

— Estamos a detê-lo — esclareceu Moss.

— Porquê?

— Porque não parou, fugiu quando a única coisa que queríamos era conversar. Deu um pontapé na cara da minha colega — explicou Moss.

— Não é ilegal tirar fotografias! — exclamou ele, tentando soltar-se.

— Era o cenário de um crime — disse Erika.

— Bom, tirar fotografias em cenários de crime também não é ilegal!

— Sim, mas a sua máquina é uma prova e estou a confiscá-la. Pode conter informação útil para o nosso caso — disse Erika, tentando recuperar o fôlego. Nunca vira Moss tão zangada. Tinha o cabelo e o macacão encharcados e suava. Erika pegou na máquina, que ainda estava pendurada ao ombro do fotógrafo. Abriu a aba na parte lateral e olhou lá para dentro.

— Onde está o cartão de memória?

— Sei lá. — O fotógrafo olhou-a com ar de desafio.

— Onde está o cartão de memória? Largou-o? Porque posso mandar fazer uma busca àqueles jardins — disse Moss.

Ele sorriu, presunçoso, e encolheu os ombros.

— Não vão encontrá-lo.

— Como se chama?

Ele encolheu os ombros.

Erika enfiou as mãos entre os braços algemados do fotógrafo e tirou-lhe a carteira do bolso detrás. Abriu-a e pegou na carta de condução.

— Mark Rooney, trinta e cinco anos — leu. — Para quem trabalha?

— Sou *freelancer*.

— Porque estava a tirar fotos?

— Que pergunta mais idiota. Era o *Jack Hart*. Eu não sabia que ele estava morto, pois não?

— Como podemos ter a certeza de que não é o responsável? Ainda nada foi divulgado. Não houve identificação formal.

— Já lhe disse, eu não sabia que ele estava morto. Pareceu-me ótimo ontem à noite.

— Esteve aqui ontem à noite? Porquê? — perguntou Erika.

— Ele não saiu dos jornais desde que aquela rapariga se matou.

— O que fotografou ontem à noite?

— Ele a chegar a casa de táxi, depois tirei algumas fotos dele no

quarto.

— A que horas foi isso? — perguntou Moss.

— Sei lá. Meia-noite e meia, uma.

— E ficou lá toda a noite?

— Não.

— Porque não?

— Deram-me uma dica. Uma das Kardashian está em Londres, soube que andava na farra. Fotos das Kardashian valem muito mais do que as do Jack Hart...

— Certo, tivemos uma conversa agradável. Agora preciso que me entregue o cartão de memória — disse Erika.

— Já lhe disse, não o tenho!

— Tinha-o há cinco minutos.

Ele esboçou um sorriso malicioso.

— Oh, devo ter-me esquecido de o pôr na máquina. Acontece.

Os cartões de memória são umas coisinhas pequenas. Por acaso, agora que penso nisso, sim, varreu-se-me. Esqueci-me de pôr o cartão.

— Sabe que mais? Estou farta disto — interveio Moss. Soltou os braços algemados do fotógrafo, abriu o fecho do macacão e tirou uma luva de látex das calças. Enrolou uma manga e calçou a luva. Com a mão livre, agarrou no moicano azul do rapaz e puxou-lhe a cabeça para trás.

— Ei! O que está a fazer? Ai! — gritou ele.

Moss enfiou-lhe dois dedos enluvados garganta abaixo. Ele caiu para a frente e vomitou no passeio. Erika e Moss conseguiram saltar para trás.

— As coisas que uma pessoa tem de fazer — comentou Moss, enquanto ele tossia, vomitava e cuspia.

Erika fê-lo ficar de frente para o muro.

— Tal como eu pensava. Engoliu-o, seu desgraçado — disse Moss, recolhendo um cartão de memória pequeno e preto do vomitado no passeio e guardando-o cuidadosamente num saco de plástico. — Antes fora do que dentro, como dizia a minha mãe.

— Sua cabra! Vou processá-la por violência policial! — gritou o fotógrafo encostado ao muro, ainda a tossir.

— Não seja criança, usei uma luva limpa — respondeu Moss, descalçando-a e deitando-a num caixote do lixo ali perto. Um carro-patrolha dobrou a esquina com a sirene ligada e parou ao lado deles.

— Já não era sem tempo — disse Erika, assim que os dois agentes que estavam junto ao cordão de isolamento saíram do carro.

— Desculpe, chefe, não contávamos que as ruas fossem de um

só sentido — começou um deles.

— Elas agrediram-me, violência policial! — berrou o fotógrafo.

— Levem-no para a estação de comboios mais próxima e deixem-no lá.

Os agentes meteram-no no carro e arrancaram, deixando Moss e Erika ainda ofegantes.

— Bom trabalho — elogiou Erika, pegando no saco de provas com o cartão de memória vomitado e segurando-o à luz.

— Exagerei? Ao enfiar os dedos na goela dele? — perguntou Moss.

— Não sei do que está a falar — respondeu Erika. — Agora, vamos voltar para a casa.

A multidão aumentara no cimo da rua quando Erika e Moss regressaram ao lugar do crime. Viram que as equipas de reportagem da BBC e da ITN se tinham juntado à carrinha da Sky News. As duas foram recebidas pelo responsável pela cena do crime, Nils Åkerman, que lhes deu novos macacões.

— As linhas telefónicas foram cortadas, tal como em Laurel Road — informou ele, enquanto Erika e Moss mudavam de roupa.

— É o mesmo assassino, só pode ser — disse Moss, subindo o fecho do macacão azul e levantando o capuz. Erika subiu o fecho do seu, em silêncio por um momento. Entregaram os fatos molhados e enlameados a um técnico, que os guardou em sacos.

— Veja o que consegue descobrir daqui — disse Erika, entregando a Nils o saco com o cartão de memória. — Ele foi engolido, mas não por muito tempo.

— Não deve ser um problema — respondeu ele. — Mas antes preciso que vejam uma coisa.

Seguiram-no para dentro, percorreram o corredor com a tapete creme, ainda cheio de técnicos, chegaram à ampla sala e entraram na sala das máquinas com vista para o jardim. A porta estava aberta. Saíram para o sol. Ao longe, um cortador de relva zumbia.

— Verificámos todas as janelas da casa. São feitas com uma mistura de PVC e vidro triplo, que é muito difícil de abrir à força, a não ser que se partam. Estão todas trancadas por dentro, com excepção da janela do quarto, partida pela colega do Jack Hart quando descobriu o corpo — disse Nils. Erika e Moss seguiram o seu olhar, levantando a cabeça na direcção da janela partida nas traseiras da casa. — Não há impressões digitais, nem outro sinal qualquer de entrada forçada.

— E a porta da frente? — perguntou Erika.

— Fechada por dentro — respondeu Nils. — Por isso só nos resta esta, a porta da sala das máquinas, que acredito ter sido o local da entrada.

A porta era de madeira maciça, pintada com tinta esmaltada azul-escura. O puxador era de ferro pesado, e a chave de metal resistente que Erika descobrira na prateleira encontrava-se na fechadura por dentro.

— Estava trancada. Tive de a destrancar quando fomos atrás do fotógrafo — explicou Erika.

— Já lá chego — disse Nils, fechando a porta. — Se olharem com atenção aqui para fora, verão uma tira minúscula de madeira na parte inferior com uma camada de tinta mais antiga.

Acocoraram-se na relva e notaram que havia um centímetro verde-claro ao longo da parte inferior da porta.

— Colaram uma fita de calafetagem aqui quando a porta era verde, e removeram-na recentemente; encontrámo-la atrás da máquina de lavar e secar — informou Nils, abrindo a porta e entrando de novo no aposento para tirar uma tira de borracha adesiva de cima da máquina. Colocou-a sobre a tira verde na parte inferior da porta, depois voltou a retirá-la. — Estão a ver o sítio de onde foi retirada? Deixou uma fresta de pouco mais de meio centímetro.

Erika olhou para Moss.

— Isso não explica como entrou, a menos que seja feito de papel — disse Moss.

— Já vos mostro — ofereceu-se Nils. Fez sinal a um dos técnicos, que saiu da cozinha e se aproximou deles com um arame comprido e uma folha de jornal. Em seguida, fechou a porta e trancou-a, deixando-os no jardim. Nils ajoelhou-se, desdobrou a folha de jornal e fê-la deslizar pela fresta debaixo da porta. Em seguida, pegou no arame, enfiou-o no buraco da fechadura e, com delicadeza, começou a empurrar e a torcer o arame. Erika e Moss observavam tudo pela janela e viram a chave balançar, sair da fechadura e cair com um tinido no jornal. Nils puxou-o cuidadosamente por baixo da porta, trazendo a chave. Depois, enfiou-a na fechadura e abriu-a.

— *Voilà!* — Ele sorriu, triunfante.

Elas fitaram-no durante um momento. Um pequeno cano ao lado da porta gorgolejou.

— Você não devia estar na polícia científica. Devia ter o seu próprio espetáculo de magia — brincou Moss.

— É muito bom, mas como sabe que foi assim que ele entrou? — perguntou Erika.

— Encontrámos um bocado de arame partido dentro da fechadura, e um pedaço de jornal ficou preso na madeira debaixo da porta — esclareceu Nils, e, com um floreado, retirou do bolso um saco de plástico com provas. Continha um fio prateado e um fragmento de jornal rasgado.

Uma imagem surgiu na mente de Erika: uma casa de banho cheia de vapor. Mark só com uma toalha à cintura, a colar um fragmento semelhante a papel higiénico a um corte feito ao barbear-se, e uma gota de sangue a ensopar o papel.

O zumbido do cortador de relva recomeçou, trazendo Erika de

volta à realidade.

— Havia alguma impressão digital na fita de calafetagem? — perguntou Moss. — Se o assassino entrou usando o truque do jornal debaixo da porta, como saiu ele... trancou a porta e deixou a chave na prateleira?

Nils abanou a cabeça.

— Não saiu. Tal como na casa do Gregory Munro, pode ter feito uma visita prévia, levado a chave, feito uma cópia, tê-la devolvido — disse Moss.

— Faz sentido. É um pouco rebuscado, mas faz sentido. Iria sustentar-se em tribunal? — indagou Erika.

— Sim, com a impressão que encontrámos do lado de fora da porta, aqui em baixo — disse ele, apontando para a tinta azul esmaltada.

— Encontrou uma impressão digital? — perguntou Erika.

Nils chamou de novo o técnico.

— Não é a impressão de um dedo... — Mostrou-lhes um cartão branco com o contorno perfeito de uma orelha. — Ele encostou a orelha à porta para ouvir.

A impressão da orelha era pequena, quase como a de uma criança. Apesar do calor sufocante no jardim, aquilo fez Erika sentir um calafrio.

Erika e Moss tinham entrado num dos grandes veículos de apoio estacionados frente à casa. Sentada diante delas, a uma das pequenas mesas de plástico, estava Danuta McBride, a mulher que encontrara o corpo de Jack Hart. Um guarda aproximou-se com três copos de plástico de chá e pousou-os na mesa. Todas pegaram num copo e deram um gole.

Erika calculou que Danuta devia ter quase cinquenta anos. Estava pálida e em choque. O seu cabelo escuro era liso e comprido, com franja direita. Usava um vestido floral sobre o corpo grande, cingido na cintura com um cinto grosso. Tinha um *smartphone* grande numa fita ao pescoço, e nos pés uns sapatos cor-de-rosa.

— Como conhecia o Jack? — perguntou Erika.

— Hum, sou a produtora executiva do programa dele. E éramos sócios na HartBride Media. É a nossa empresa que faz o programa.

— Conhecia-o há muito tempo?

— Sim. Estudámos juntos na universidade. Tirámos jornalismo — respondeu Danuta, olhando para elas com descrença nos olhos. — Posso fumar um cigarro? Há duas horas que estou a pedir aos seus colegas — pediu ela, apontando para os guardas à porta.

— Claro. Eu também vou fumar um — disse Erika, pegando no maço e no isqueiro.

— Desculpe, não pode fumar aqui... saúde e segurança — disse um dos guardas, de cabelo escuro.

— Bom, pode ir respirar lá para fora e nós prometemos que não queimamos a mobília — respondeu Erika, colocando um cigarro no canto da boca e oferecendo o maço a Danuta. Agradecida, ela tirou um. Quando Erika acendeu os dois cigarros, o guarda ia dizer alguma coisa, mas arrependeu-se.

— Consegue pensar em alguém que quisesse fazer isto ao Jack? — perguntou Erika, pondo o maço sobre a mesa. As ventoinhas de teto estavam no máximo, porém notava-se o calor.

— Isso é o que não falta — respondeu Danuta, soprando o fumo e baixando o olhar para a pequena mesa de plástico.

— Tem de ser mais específica — pediu Moss.

— Ele era o rei da encenação... Amado por uns e odiado por outros, em igual medida. Foi jornalista do *Sun* durante anos, depois do *Mirror*, do *Express*, do *News of the World*. E bastante bom. Fazia tudo

o que fosse preciso para conseguir a história. E separara-se da mulher há uns meses, depois de ela o apanhar na cama com uma das nossas investigadoras. Ou seja, fez muitos inimigos no caminho até ao sucesso, mas quem não fez? Não consigo pensar em alguém capaz de fazer... *aquilo*... — Os olhos de Danuta encheram-se de lágrimas por um momento e ela limpou-as com as costas da mão. — Desde que a Megan Fairchild se suicidou que ele recebia muitas cartas ameaçadoras. Bom, digo cartas, mas a maioria eram *e-mails*.

— Como se sentia ele em relação à morte da Megan?

— O que acha? — retorquiu Danuta. — Ficámos arrasados. O mais estranho é que a Megan *nos escreveu*. Veio a Londres para audições. Duas vezes. Explicamos às pessoas como é o programa. Avisamo-las sobre a cobertura de imprensa, sobre a possibilidade de intromissão; mesmo assim, elas querem os seus quinze minutos de fama. Mas não tinham cinco, e muito menos quinze. O Jack costumava dizer que gostava que o Andy Warhol ainda estivesse vivo para ver o que certos indivíduos estão dispostos a fazer para aparecerem na televisão.

— A que horas chegou a casa do Jack?

— Sei lá, por volta das onze. Ele devia ter ido a uma reunião de emergência com os produtores e o canal sobre o assunto da Megan.

— Pensei que o programa era ao vivo todos os dias, às nove da manhã. Hoje é sexta-feira — disse Erika.

— Só é ao vivo de segunda a quarta. Gravamos os outros dois programas na quarta-feira, depois do programa ao vivo. Poupa-se dinheiro no estúdio.

— E não viu ninguém por aqui?

— Não... só vi o quarto e passei-me, depois desci de novo para o jardim e liguei à polícia.

— Conhece a mulher do Jack?

— Conheço. Chama-se Claire; deixou-o há uns meses. Levou as crianças.

— Que idade têm as crianças?

— Nove e sete.

— Li na imprensa que lhe diagnosticaram um cancro — disse Moss.

— Sim, um mês depois de ela o deixar. O Jack disse-lhe que voltasse, para tentarem reconciliar-se, mas ela recusou. A imprensa não contou essa parte; preferem retratá-lo como vilão e dizer que a traía enquanto ela estava doente. A Claire está em casa da mãe no litoral, em Whitstable.

— Já teve algum envolvimento amoroso com o Jack? —

perguntou Erika.

— Demos umas quecas enquanto estudantes. Sou casada, e o Jack era como um irmão para mim.

O cigarro de Danuta tinha ardido até ao fim. Erika empurrou um copo de plástico para o centro da mesa para servir de cinzeiro.

— Como entrou na casa? Disse que subiu pela parede? — perguntou Moss.

— Sim. Subi até à janela do quarto nas traseiras.

— Costuma fazer isso?

— Não. Bem, só uma vez, quando ele adormeceu num dia de programa ao vivo. Para ser justa, isso aconteceu no dia seguinte à maratona de vinte e quatro horas que ele apresentou, aquele programa de angariação de fundos. Ele estava morto para o mundo... ou melhor, profundamente adormecido. Trepei pela parede e bati na janela até ele acordar.

— E hoje partiu a janela?

— Sim.

— Porquê? Achou que ele ainda estava vivo?

— Não... sim... não sei. Ele tinha um saco na cabeça. Achei que podia salvá-lo. Havia um cinzeiro de pedra pequeno no telhado. O Jack costumava ir para ali fumar e parti o vidro com ele. Depois, quando entrei, vi que já não tinha como ajudá-lo...

— Achou que ele tentara matar-se?

— Não.

— Então o que pensou que era?

— Não sei...

— O Jack era heterossexual? — perguntou Moss.

— Claro que sim! E não era homofóbico. Temos homossexuais a trabalhar no programa e ele dá-se bem com todos. Dava-se bem.

— Ele bebia muito, consumia drogas?

Danuta olhou pela janela da carrinha para a casa, de onde os técnicos entravam e saíam.

— O que estamos a perguntar aqui é confidencial. Vai ajudar na investigação — justificou Erika.

— Ele gostava de fumar...

— Marijuana?

Danuta confirmou com um gesto de cabeça.

— E experimentou *ecstasy* uma vez, há muitos anos, quando fizemos um documentário sobre o festival Burning Man... mas todos experimentámos. Ele gostava de ir para a farra, mas não diria que tinha problemas com a bebida ou a droga.

— Está bem.

— A casa é dele? — perguntou Moss.

— Sim.

— Há mais alguma coisa de que se lembre?

— Sejam delicados quando contarem à mulher, está bem? Ela tem passado por muita coisa.

Erika anuiu. Olharam pela janela quando o saco com o corpo foi retirado da casa numa maca e colocado numa ambulância. No cimo da rua, a multidão aumentara. Os flashes disparavam.

Bateram à porta da carrinha, e Crane espreitou lá para dentro.

— Tudo bem, chefe? Posso falar consigo?

— Obrigada, Danuta. Vamos mandar um carro levá-la a casa — disse Erika.

Danuta assentiu, abatida. Erika e Moss pediram licença e saíram da carrinha.

— Uma vizinha quer falar consigo. Disse que alguém entrou na casa dela ontem e roubou roupa de bebé — informou Crane.

— Como pode ela ter certeza? — perguntou Erika.

— Foi tirada do corpo da bebé.

— E não roubaram mais nada? — perguntou Erika, aproximando-se da janela do quarto da bebé, que ficava no rés do chão, voltado para um relvado amarelado com canteiros de flores demasiado cheios. O sol lançava dois quadrados brilhantes numa carpete bege nova. As paredes tinham sido pintadas recentemente de branco, com um friso de elefantes multicoloridos.

— Não. Nada... — respondeu a mulher, que morava a duas casas de Jack Hart. Estava pálida, com ar exausto, e segurava com força a filha bebé. Tinham ambas cabelo curto escuro e espesso e grandes olhos castanhos.

Moss afastou-se do berço no centro do quarto e foi até uma cómoda na parede à esquerda. Em cima dela, havia um trocador, um frasco grande de loção e um intercomunicador.

— Este intercomunicador estava ligado na altura? — perguntou Moss.

— Sim.

— Esteve ligado a noite toda, senhora Murphy? — perguntou Erika.

— Por favor, chame-me Cath. Sim. Esteve ligado a noite toda. O nosso quarto fica ao lado. Venho ver muitas vezes como está a Samantha.

— Com que frequência faz isso?

— A cada três horas. Ponho o despertador.

— Sabe a que horas a roupa desapareceu?

— Não tenho a certeza. Só reparei de manhã.

— E não ouviu nada estranho pelo monitor, nada que lhe parecesse fora do normal? — perguntou Moss, aproximando-se com o dedo levantado. A menina agarrou-o com a mão minúscula e soltou uma risada.

— Não. A Samantha é muito tranquila. Não liguei uma coisa à outra até ver a agitação lá fora. É verdade que encontraram o Jack Hart estrangulado? Tal como aquele médico há umas semanas?

— Não podemos comentar o caso — disse Erika.

— Esta casa é minha! Tenho o direito de saber!

— Estamos a tratar a morte dele como suspeita. É só o que podemos dizer.

— Ele era simpático. O Jack Hart. Uma das únicas pessoas na

rua que me cumprimentavam sempre. Parava para perguntar pela Samantha. Pôs um postal de parabéns debaixo da porta. Não era nada parecido com o homem na televisão.

— Andou alguém por aqui nas últimas semanas, a visitar as casas e a perguntar pelos alarmes? — questionou Moss.

— Que eu saiba, não. Posso perguntar ao meu marido quando ele voltar.

— Quando volta?

— Tarde. Ele trabalha no centro.

— Muito bem. Estava alguma janela aberta ontem à noite? Não há sinal de arrombamento.

A mulher pareceu culpada.

— Sim, mas só um bocadinho. Esta área é geralmente muito segura, e estamos aqui enfiadas no meio das casas. A noite estava muito quente. Eu não sabia o que fazer. Queria mantê-la quente, mas que não sentisse demasiado calor. Ouvimos tantas coisas sobre os bebés... — Começou a chorar e agarrou a filha com mais força.

— A Samantha é a sua primeira filha? — perguntou Moss. A menina ainda lhe agarrava o dedo. Cath anuiu. — É difícil ser mãe — comentou Moss. — Toda a gente o faz, mas ninguém admite o quanto é difícil. E falo como polícia.

Cath descontraiu-se um pouco e sorriu. Erika olhou em volta do quarto recentemente pintado, deixando de prestar muita atenção à conversa sobre crianças entre Moss e a vizinha. Afastou da mente os sentimentos maternos, foi até à janela e olhou para a relva do outro lado.

— E tem a certeza de que nem o seu marido nem a ama puseram o casquinho para lavar?

— Não temos ama. Procurei pela casa e na roupa suja. Durante a noite, sou a única que acorda por causa da Samantha, e ela é demasiado pequena para abrir aqueles botões minúsculos... — A voz de Cath falhou de novo e ela segurou a filha com força. — Porque faria alguém isso? É doentio! É espalhar o medo deliberadamente. Vou trancar todas as janelas. Nunca mais vou abrir nenhuma delas!



Erika e Moss saíram da casa minutos depois.

— Quero que procurem impressões digitais em cada centímetro daquele quarto, e que passem estes jardins a pente fino — disse Erika. — Quem fez isto vai ter de cometer algum deslize algures em

breve. Já matou duas pessoas.

— Então falamos de um assassino em série? — perguntou Moss.

— Não sei. Mas porquê levar a roupa da bebé e não a magoar? Isso não faz sentido. Ele também foi a casa das vítimas antes, em plena luz do dia, e não temos nada.

— Temos a impressão da orelha — disse Moss.

Erika pensou nisso novamente, no seu contorno preto no papel. Sentiu-se gelar.

Era tarde quando Erika chegou a casa. Ao destrancar a porta, sentiu-se esmagada pelo calor e pela escuridão. Ligou o interruptor na entrada, mas a luz não se acendeu. Ficou parada no escuro por um momento, em seguida a luz das escadas, que funcionava com temporizador, apagou-se, mergulhando-a na escuridão.

O rosto de Jack Hart apareceu na sua mente. Os olhos abertos presos debaixo do plástico. Um grito silencioso.

Erika respirou fundo várias vezes, voltou para a porta e acendeu a luz das escadas. Começou a ouvir o tiquetaque do temporizador. Regressou para a porta do apartamento, pegou no telemóvel e acendeu a lanterna, lançando um arco de luz no interior. Avançou até ao quarto. Tateando a parede, encontrou o interruptor, mas nada aconteceu. Movimentando o braço da esquerda para a direita, iluminou os cantos, agachou-se, iluminou o espaço debaixo da cama e abriu o roupeiro.

Nada.

Mais imagens inundaram a sua mente: Gregory Munro, Jack Hart, de barriga para cima, os corpos nus expostos, as cabeças desfiguradas nos sacos de plástico transparentes.

Ouviu um clique quando a porta do apartamento se fechou.

— Merda — praguejou entredentes. O seu coração começou a galopar. Ainda sentia o cheiro enjoativo da água do lago na pele suada. Rapidamente, saiu do quarto e, com um olho na porta, esticou o braço para dentro da casa de banho em busca da corda que acendia a luz. Puxou-a com força, mas nada aconteceu. Parou à porta e apontou a luz do telemóvel lá para dentro. Estava vazia: sanita, banheira e lavatório. Abriu a cortina do duche. Nada. O reflexo da luz do telemóvel no espelho encandeou-a momentaneamente. Tentou livrar-se da dolorosa sensação e da mancha brilhante na sua vista ao sair à pressa da casa de banho para chegar à sala.

Tentou o interruptor, mas, de novo, nada. O apartamento estava como o deixara: desarrumado. Várias moscas zumbiam sobre as chávenas de café na bancada da cozinha. Erika descontraíu-se um pouco. O apartamento estava vazio. Regressou à porta da frente, prendeu a corrente e voltou para a sala. Agarrou no cordel do grande estore da janela que dava para o jardim, e subiu-o ruidosamente.

Viu diante da janela a silhueta de um homem alto. Gritou e

cambaleou para trás, caindo sobre a mesa de centro, e partindo algumas chávenas.

Largou o telemóvel, mergulhando a sala na escuridão.

Enquanto Erika estava deitada no chão, a silhueta alta permaneceu imóvel por um momento, depois oscilou um pouco e perguntou, através do vidro:

— Chefe? Está aí? Sou eu, o Peterson. — Encostou as mãos curvadas contra o vidro e espreitou lá para dentro. — Chefe?

— Que diabo faz aqui? — perguntou Erika, levantando-se e abrindo a porta do jardim. A poluição luminosa banhava Peterson com um brilho alaranjado.

— Desculpe, não encontrei a porta. Não sabia que ela ficava na parte lateral do edifício.

— Que grande detetive me saiu — disse Erika. — Espere aí um segundo.

Foi buscar o telemóvel que estava sob a mesa de centro, acendeu a lanterna de novo e pegou numa cadeira para conseguir chegar ao quadro que ficava no cimo da parede sobre a televisão. Abriu-o, ligou o disjuntor principal. Todas as luzes do apartamento se acenderam, com exceção da lâmpada sobre a porta de entrada.

Agora conseguia ver Peterson junto à porta do jardim. Vestia calças de ganga, *T-shirt* velha *Adidas* e tinha barba de dois dias. Ele esfregou os olhos vermelhos.

— A lâmpada foi-se — comentou ela, mais por alívio do que para dar uma explicação a Peterson. Desceu da cadeira e alisou o cabelo, dando-se conta de que devia estar meio desganhado. — Onde esteve hoje? — acrescentou, olhando Peterson de cima a baixo e sentindo nele o cheiro a bebida.

— Posso entrar para conversar? — perguntou ele.

— É tarde.

— Por favor, chefe.

— Está bem.

Ele entrou na sala. Uma brisa leve soprou para dentro do apartamento.

— Isto é... agradável — comentou ele.

— Não é, não — disse Erika, dirigindo-se à cozinha. — Quer beber alguma coisa?

— O que tem?

— Não vai beber nada com álcool. Pelo cheiro, já bebeu o suficiente.

Ela olhou rapidamente para os armários quase vazios. Tinha uma bela garrafa de *Glenmorangie* por abrir. No frigorífico, uma garrafa de vinho branco com um resto. A lata do café estava quase vazia.

— É água da torneira ou... *Bongo* — disse ela com secura, tirando dois pacotes do sumo tropical debaixo de uma alface bolorenta na gaveta dos legumes.

— O sumo, obrigado — disse Peterson.

Erika fechou o frigorífico e entregou-lhe um dos pacotes. Tirou o tabaco da mala e foram os dois para o quadrado de cimento no jardim. Não havia cadeiras, por isso sentaram-se no muro rente à relva.

— Não sabia que ainda vendiam *Bongo* — comentou Peterson, tirando o plástico da palhinha e enfiando-a no buraco tapado com papel de alumínio.

— A minha irmã e os filhos estiveram aqui há uns meses — disse Erika, acendendo um cigarro.

— Não sabia que tinha uma irmã.

O cigarro não ficou bem aceso e ela puxou umas baforadas, para tentar acender a ponta. Exalou e assentiu.

— Quantos filhos tem ela?

— Dois. E mais um a caminho.

— Meninos ou meninas?

— Um menino, uma menina e um bebé... ainda não sabe o sexo.

— E o menino e a menina são pequenos?

— Que horas são? Merda, queria ver o jornal da noite — comentou Erika. Pôs-se em pé e entrou em casa. Peterson seguiu-a e encontrou-a à procura de algo no sofá debaixo das almofadas.

— Está aqui — disse ele, tirando o comando de baixo de uma caixa de comida pronta na mesa de centro.

Erika pegou-lhe e ligou a televisão.

O jornal da ITV mostrava o logótipo giratório da Scotland Yard e o fim de uma entrevista com Marsh, que parecia cansado.

— ... A Unidade de Homicídios e Crimes Graves fez disso a prioridade máxima — dizia. — Seguimos várias linhas de investigação.

Ato contínuo, apareceu um vídeo do *Jack Hart Show*. A câmara movia-se sobre uma plateia turbulenta, em pé, a vaiar, a gritar e a assobiar. Depois mostrou uma jovem no palco com um rapaz de fato de treino e boné de baseball. A legenda na parte inferior dizia: ABORTEI TRIGÉMEOS FERTILIZADOS IN VITRO PARA FAZER PLÁSTICA AOS SEIOS.

— A vida é minha... posso fazer o que quiser — disse a rapariga, determinada.

Em seguida o ecrã mostrou um grande plano de Jack Hart,

sentado ao lado do jovem casal, com a testa convenientemente franzida. Estava imaculado e bonito num fato azul.

— Mas não é só a sua vida. O que me diz das crianças que não nasceram?

A seguir, uma voz em fundo:

— Jack Hart era uma figura controversa, idolatrado e odiado em igual medida, e hoje foi encontrado morto em casa, em Dulwich, no sul de Londres. A polícia não deu mais nenhuma informação, mas confirmou que está a tratar a morte como suspeita.

— Credo, alguém o matou? — perguntou Peterson.

— Onde esteve o dia todo? — retorquiu Erika. Peterson ficou em silêncio. — Foi morto exatamente como o Gregory Munro... bem, ainda estamos à espera do exame toxicológico.

No ecrã, o público do estúdio entoava:

— Assassino! Assassino! Assassino!

O rapaz de boné de baseball levantou-se e começou a ameaçar as pessoas na primeira fila.

— Quanto tempo acha que temos até a imprensa descobrir que este assassinio está ligado ao do Gregory Munro? — perguntou Peterson.

— Não sei. Talvez vinte e quatro horas, mas espero que demore um pouco mais.

— Falou com o Marsh?

— Sim, pu-lo ao corrente há cerca de duas horas — respondeu Erika.

O noticiário mostrava imagens gravadas mais cedo: pessoas a aglomerar-se junto à fita de isolamento diante da casa de Jack Hart, depois uma imagem feita com uma lente de longo alcance do saco com o corpo a ser retirado da casa numa maca.

— O Isaac Strong vai tratar da autópsia esta noite. Teremos o resultado daqui a algumas horas.

O noticiário terminou e no ecrã apareceu a previsão do tempo. Erika baixou o som e virou-se para Peterson, que olhava para a televisão em silêncio com a palhinha no canto da boca, a chupar o resto do sumo do pacote.

— Peterson, você apareceu aqui e espreitou pela janela. O que se passa? Onde esteve hoje?

Ele engoliu em seco.

— Tive de pensar.

— Teve de pensar. Certo. E teve de o fazer à custa dos contribuintes? É para isso que servem os fins de semana.

— Desculpe, chefe. Aquela coisa com o Gary Wilmslow deu cabo

de mim...

Erika acendeu outro cigarro. Gary Wilmslow parecia já pertencer ao passado; tanta coisa acontecera nos últimos tempos.

Peterson continuou, com a voz a falhar devido à emoção.

— A ideia de que comprometi uma investigação gigantesca de pedofilia... E se aquilo o tiver alertado? E se eles desaparecerem, continuarem a abusar de crianças e a fazer aqueles filmes doentios? Significa que sou indiretamente responsável por aquelas crianças, todos aqueles maus tratos. — Pousou as mãos sobre os olhos e o seu lábio inferior começou a tremer.

— Ei, ei! Peterson... — Erika envolveu-o com um braço e massajou os seus ombros. — Já chega. Está a ouvir?

Ele respirou fundo várias vezes e limpou os olhos com as mãos.

— Peterson, ele ainda está sob vigilância. A operação continua. Vou ver se consigo saber mais alguma coisa amanhã. — Erika fitou-o por um momento. Os olhos dele ficaram vidrados. — Peterson, o que foi?

Ele engoliu em seco e respirou fundo:

— Abusaram da minha irmã quando éramos pequenos. Quer dizer, ela era pequena, e eu suficientemente crescido para não... despertar *interesse*.

— Quem foi?

— O tipo que dava a catequese, o senhor Simmonds. Um branco velho. A minha irmã só nos contou no ano passado, depois de ter tentado matar-se. Tomou uma data de comprimidos. A minha mãe encontrou-a a tempo.

— Apanharam o gajo?

Peterson abanou a cabeça.

— Não, já morreu. Ela teve muito medo de contar a alguém. O tipo ameaçou que, se a minha irmã o fizesse, a mataria. Disse que arranjaría forma de entrar no quarto dela e de lhe cortar a garganta. Durante anos, ela fez chichi na cama. Eu gozava com ela por causa disso. Ah, se eu soubesse! Quando o senhor Simmonds morreu, os meus pais foram ao grande funeral na nossa igreja em Peckham. Para homenagear o excelente serviço que ele prestou à comunidade.

— Sinto muito, Peterson.

— A minha irmã tem quase quarenta anos. Nunca superou o trauma. E o que posso eu fazer?

— Voltar ao trabalho, ser o melhor agente que conseguir... há um monte de estupores lá fora que pode apanhar.

— Adoraria apanhar aquele filho da mãe do Gary Wilmslow — disse Peterson, entredentes. — Se pudesse ter uma hora numa sala

com ele...

— Sabe que isso não vai acontecer, não sabe? E se o tentar... Bom, Peterson, não quer seguir esse caminho. Acredite em mim.

— Estou tão zangado! — bradou ele, batendo na mesa.

Erika não se encolheu. Ficaram sentados em silêncio por um momento, a ouvir os grilos a cantar no escuro junto a uma macieira. Erika levantou-se, foi ao armário da cozinha, pegou em dois copos e na garrafa de *Glenmorangie*. Serviu uma dose generosa em cada um e voltou lá para fora. Entregando um a Peterson, tornou a sentar-se ao lado dele.

— É uma das emoções mais prejudiciais, a fúria — disse Erika, pousando o copo e acendendo outro cigarro. — O nome Jerome Goodman ainda me faz ferver o sangue. Passei horas a pensar em formas elaboradas e dolorosas de o matar. A minha fúria é quase ilimitada.

— Ele é o...

— O homem que matou o meu marido e quatro colegas nossos. É o indivíduo que destruiu a minha vida. A minha antiga vida, na verdade. O homem que quase me destruiu. Mas não conseguiu. Não vou deixar que ele o faça.

Peterson ficou em silêncio.

— O que estou a querer dizer é que há pessoas más em todo o lado. O mundo está cheio de gente boa, mas igualmente inundado de pessoas más. Gente que faz coisas horríveis. Tem de se concentrar no que *pode* fazer, no que *pode* influenciar. Nos que *pode* caçar. Sei que parece simplista, mas levei muito tempo a aperceber-me disso, e foi o que me deu alguma paz.

— Onde está o Jerome Goodman? — perguntou Peterson.

— Desapareceu da face da Terra, depois do tiroteio... Não sei se teve ajuda interna ou sorte. Mas não o encontraram. Ainda. — Prosseguiu: — Acredito no destino. Sei que um dia voltarei a ver o Jerome Goodman, e que o apanharei. E ele vai ficar preso o resto da vida. — Enfatizou a última parte com um punho cerrado.

— E se não acontecer?

— Não acontecer o quê?

— Se não o apanhar?

Erika virou-se para ele. Os olhos dela estavam arregalados e não pestanejavam.

— A única coisa que me vai impedir de o apanhar é a morte. A dele ou a minha. — Desviou o rosto e bebeu um longo gole de uísque.

— Lamento. Lamento que isso lhe tenha acontecido, chefe... Erika...

— E eu lamento o que aconteceu à sua irmã.

Ela virou-se para ele e os seus olhares cruzaram-se por um momento. Então Peterson inclinou-se para a beijar. Erika pôs a mão sobre a boca de Peterson.

— Não.

Ele recuou.

— Merda, desculpe.

— Não, não se desculpe. Por favor, não se desculpe. — Ela levantou-se e saiu, voltando com um cobertor e uma almofada.

— Durma aí no sofá. Não vá conduzir.

— Chefe, peço muita desculpa.

— Peterson, por favor. Você conhece-me. Está tudo bem entre nós, OK?

Ele assentiu.

— E muito obrigada por me ter falado da sua irmã. Sinto imenso. Mas ajudou-me a perceber algumas coisas. Agora, durma um pouco.



Erika ficou acordada durante bastante tempo a olhar para a escuridão. Pensou em Mark e obrigou-se a visualizar o seu rosto, a mantê-lo vivo na memória. Estivera tão perto de retribuir o beijo de Peterson, mas Mark fizera-a recuar. Parte dela desejava um homem na cama, um corpo quente a abraçá-la, mas sentiu que era um passo muito grande.

Um passo que a distanciaria mais da sua vida com Mark.

Erika acordou pouco antes das seis. O sol entrava pelas janelas. Quando chegou à sala, Peterson já saíra, mas deixara um bilhete fixado no frigorífico.

OBRIGADO, CHEFE — DESCULPE SE FUI IDIOTA
+ OBRIGADO POR ME DEIXAR DORMIR NO SOFÁ
VEJO-A NO TRABALHO — JAMES (PETERSON)

Ela ficou satisfeita por ele não ter terminado o bilhete com um beijo, e esperava que não houvesse tensão entre eles no trabalho. Já havia tensão suficiente sem o envolvimento da vida pessoal.



O ambiente era fresco e silencioso enquanto Erika caminhava pelo longo corredor em direção às portas da morgue. Premiu a campainha e levantou os olhos para a pequena câmara sobre a porta. Houve um bipe, e a grande porta de aço abriu-se automaticamente. O ar frio do interior saiu em volutas de vapor.

— Bom dia — cumprimentou Isaac, vindo recebê-la à porta. Ainda vestia a roupa de cirurgia azul, que tinha salpicos de sangue.

Chegaram à ampla sala de autópsias. O chão tinha mosaicos com um padrão geométrico vitoriano preto e branco aos losangos. O teto era alto, mas não havia janelas, e as paredes eram de azulejos brancos. Um lado tinha portas de metal, e no centro viam-se quatro mesas de aço inoxidável. Três delas cintilavam vazias sob as fortes luzes fluorescentes e, na mais próxima da porta, encontrava-se o corpo de Jack Hart.

Uma das assistentes da morgue, uma jovem pequena de origem chinesa, cosia a incisão em forma de Y que começava abaixo do umbigo. Já ia a meio, na zona do peito, e cosia a pele delicadamente na direção do local onde a incisão se separava e seguia para os ombros. Os pontos eram impecáveis, mas grandes e proeminentes.

— Como no caso do Gregory Munro, havia níveis elevados de flunitrazepam no sangue — disse Isaac. — Foi ingerido de forma líquida. Isto é consistente com a garrafa de *Bud* que encontrámos na mesa de cabeceira, que continha uma grande quantidade de resíduo de flunitrazepam.

— Então ele foi drogado? — perguntou Erika.

— Os níveis eram mais elevados do que os encontrados no sangue do Gregory Munro. Não sei se foi acidental ou planeado. Jack era mais novo do que Munro e estava no auge da condição física: pouquíssima gordura corporal e músculos bem desenvolvidos.

— O assassino pode ter pensado que precisava de uma dose maior para o incapacitar — sugeriu Erika. Viram a assistente coser o peito, no momento em que ela puxou os músculos peitorais bem desenvolvidos e os juntou novamente. — Achas então que foi a mesma pessoa que fez isso?

— Não foi o que disse. As semelhanças são extraordinárias, mas tu é que tens de descobrir isso.

— Certo. Causa da morte? — perguntou Erika.

— Asfixia com saco de plástico sobre a cabeça.

— A cara dele está diferente da do Gregory Munro. Tem marcas vermelhas e a pele apresenta uma tonalidade esquisita.

— A asfixia do Gregory Munro foi mais rápida; levou só um ou dois minutos. A força dos pulmões do Jack Hart deu-lhe a possibilidade de reter oxigénio sob stresse; por isso os sinais de asfixia e os sintomas foram severos. Essas manchas vermelhas no rosto são hemorragias petequiais. E a tonalidade azulada é causada pela cianose, que faz descolorar a pele devido à má circulação. Os órgãos internos também estão cheios de pontos hemorrágicos.

— Quanto tempo achas que ele levou a morrer?

— Quatro, cinco... talvez seis minutos. Tinha as mãos amarradas atrás das costas, mas deve ter esperneado violentamente e resistido, fazendo o assassino agredi-lo. O olho esquerdo negro é compatível com um soco e há contusões nos lábios e nas gengivas, sugerindo que foi aplicada pressão no rosto. Também tens de ver isto. — Isaac aproximou-se do corpo. A assistente deu um passo para trás, e Isaac abriu delicadamente a boca do cadáver.

— Credo — murmurou Erika.

— Ele quase arrancou a língua à dentada — disse Isaac. — Foi uma morte demasiado longa, lenta e dolorosa.

— Algum sinal de agressão sexual?

— Não.

Isaac assentiu e a assistente aproximou-se para continuar a sutura. O corpo flácido moveu-se um pouco quando a agulha atravessou a pele e a linha a uniu. Erika achou que as abas de pele abertas pareciam-se mais com plástico pintado do que com carne humana.

— Quero mostrar-te mais uma coisa. Vamos até ao meu gabinete

— disse Isaac.

O gabinete estava quente em comparação com o resto da morgue. O sol entrava por uma janela no cimo da parede. Estava repleto de estantes com livros médicos. Um *iPod* brilhava num *dock Bose*. A secretária estava muito arrumada, a proteção de ecrã era um cubo a saltar de um lado para o outro.

— Os sacos usados para asfixiar o Gregory Munro e o Jack Hart eram do mesmo tipo — disse Isaac, pegando num saco de plástico de provas. Este continha o saco amarrado e manchado com sangue seco e um resíduo leitoso. O cordão também estava coberto de sangue seco.

— O que queres dizer? Do mesmo supermercado? — perguntou Erika, pegando no saco dele.

— Não, estes são produzidos para ajudar pessoas a suicidar-se. São conhecidos como sacos «de suicídio» ou «de saída». Eu devia ter concluído isso no caso do Gregory Munro. Só o percebi quando o vi de novo com o Jack Hart.

— Mas como é que ajuda uma pessoa a suicidar-se? Porque não usar um saco de plástico comum?

— É difícil enfiar-se apenas um saco na cabeça e esperar sufocar-se. O nosso instinto não nos deixa. Chamamos a isso resposta respiratória à hipercapnia. Quando a pessoa é privada de oxigénio, rasga o plástico, em pânico. Então alguém teve a ideia do saco de suicídio. Como podes ver, é comprido... não fica bem encaixado na cabeça, há um espaço em cima. A ideia é enfiar o saco na cabeça e um tubo de plástico sob o cordão antes de o apertar em volta do pescoço... mas não com muita força, porque pelo cano enches o saco com um gás inerte como o hélio ou o nitrogénio. As pessoas compram botijas de hélio usadas para encher balões. Respiram o gás, o que evita o pânico, a sensação de asfixia e a tentativa desesperada de tirar o saco durante a perda de consciência.

— Então a pessoa que fez isto deve ter comprado o saco? — perguntou Erika.

— Sim.

— Onde?

— Podes comprá-los pela Internet, em *sites* específicos, creio — respondeu Isaac.

— Então há a possibilidade de conseguirmos uma lista das pessoas que compraram um desses sacos? — perguntou Erika.

— Isso agora é contigo — disse Isaac.



Quando terminaram, Isaac acompanhou Erika à entrada da morgue.

— Devas dormir um pouco. Pareces exausto — comentou ela.

— Vou fazer isso. — Isaac carregou num botão e a porta de metal abriu-se. — Humm, sei que na próxima semana é o segundo aniversário da...

Erika parou e virou-se.

— Morte do Mark — completou ela, encarando-o.

— Isso, da morte do Mark. Se quiseres fazer alguma coisa, estarei por cá. Se não quiseres, tudo bem na mesma. Podemos sair, ficar em casa. Só não quero que fiques sozinha.

Ela sorriu.

— Espero estar a resolver este caso. Isso vai ocupar-me a cabeça.

— Com certeza. Só queria que soubesses que estou aqui.

— Obrigada. Como vão as coisas com o Stephen?

Isaac baixou o olhar, com uma expressão culpada.

— Bem. Ele vai viver comigo.

Erika assentiu.

— Não me julgues — acrescentou ele.

— Sou a última pessoa a julgar-te — afirmou ela, erguendo as mãos. — Até breve. — Esboçou um sorriso e afastou-se pelo comprido corredor.

Erika convocou a equipa para uma reunião no início da manhã. Encontrava-se diante dos quadros com as fotos dos cenários dos crimes de Gregory Munro e Jack Hart. Os agentes estavam ainda a instalar-se quando Peterson chegou.

— O Peterson voltou e trouxe café como deve ser — disse Moss, vendo-o entrar com uma bandeja grande de cafés.

— Aqui tem, chefe — disse Peterson, estendendo a Erika a bandeja grande com copos do Starbucks.

— Onde esteve ontem? — perguntou ela, pegando num copo.

— A comida chinesa não me caiu bem — respondeu ele, sem pestanejar.

— Certo. Bom, fico contente por o ter de volta — disse Erika com um sorriso.

— Obrigado, chefe — agradeceu Peterson, aliviado. Depois andou pela sala a distribuir cafés aos colegas.

— Então... essa chinesa que não te caiu bem... onde a conheceste? — perguntou Moss com um sorriso malicioso, inclinándose para tirar um copo da bandeja, que se esvaziava rapidamente.

— Foi galinha *kung pao* — respondeu Peterson.

— Até sabes o nome dela! A miúda deve ter classe: tem dois apelidos.

— Vai-te lixar, Moss — atirou ele com uma gargalhada.

— Muito bem, vamos concentrar-nos — começou Erika. Todos na sala se viraram para ouvir. — Então, aqui estamos de novo. Agora temos dois homicídios, com duas semanas de intervalo. As vítimas vivem num raio de vinte e cinco quilómetros. Posso afirmar que foram ambas mortas da mesma maneira: drogadas e asfixiadas com um saco de plástico.

Ela ficou em silêncio quando um murmúrio percorreu a sala.

— Um dos homens era médico de clínica geral. O outro era um dos rostos mais conhecidos da televisão britânica. Portanto, como costume dizer, vamos voltar ao início. E não há perguntas estúpidas.

— São ambos do sexo masculino — disse o detetive Warren.

— Sim, podemos confirmar isso pelas fotos — concordou Erika, apontando para os dois homens deitados nus na cama. — E?

— Foram dominados com a droga da violação misturada numa bebida alcoólica em casa deles, o que facilitou a asfixia com o saco de

plástico — acrescentou Singh.

— Isso, e foi usado o mesmo tipo específico de saco nos dois homicídios. Saco «de suicídio» ou «de saída». Podem ser comprados em *sites* específicos na Internet. Então temos de verificar que *sites* os vendem e quem os comprou, obter uma lista de transações com cartão de crédito e moradas.

— Eram ambos da mesma altura — observou Moss. — O Gregory Munro era mais velho e não estava em tão boa forma, nem era tão saudável como o Jack Hart.

— O assassino ajustou a dosagem ao tamanho das vítimas. O Jack Hart recebeu uma dose maior do que o Gregory Munro; portanto, é provável que tenha estudado os dois à distância — disse Erika.

— Foram os dois seguidos — acrescentou Peterson.

— Porque usou o termo «seguidos»?

— O assassino já podia estar dentro de casa quando eles chegaram... Provavelmente seguiu-os pela casa, observando-os. Pode não ter sido a primeira vez — disse Peterson.

— Sim, foi planeado. Vigiou as casas antes. Forjou a brochura de uma empresa de segurança falsa para Gregory Munro; sabia como ia entrar na casa do Jack Hart — acrescentou Moss.

— Talvez um ex-militar. Praticamente não deixou vestígios de ADN — disse Singh.

— Ou trabalha num hospital, numa farmácia... Teve acesso a flunitrazepam líquido e a seringas... encontrámos a tampa de uma seringa debaixo da cama do Jack Hart. Embora hoje em dia se consiga comprar esse tipo de coisa pela Internet — comentou o detetive Warren.

— Isso pode ligá-lo ao Gregory Munro — disse Peterson.

— Mas como o liga ao Jack Hart? — perguntou Erika.

— O Jack não tem historial de relacionamentos *gay* ou de um passado *gay*? — perguntou Peterson.

— Não que saibamos — respondeu Erika. — A mulher vem fazer a identificação formal do corpo esta tarde, mas é óbvio que temos de ser cautelosos quando a interrogarmos. O Gregory Munro tem um filho; o Jack Hart tem dois filhos. Estavam separados das mulheres. Alguém tem algo a dizer sobre isso?

Instalou-se o silêncio.

— Tem de haver um motivo para o assassino ter escolhido os dois homens! — exclamou Erika, fazendo um grande círculo preto em volta das fotos das vítimas.

— Que raio tem um médico de clínica geral em comum com o apresentador de um programa sensacionalista? — perguntou Moss.

— Bom... temos de descobrir, e depressa — respondeu Erika. — A ligação irá conduzir-nos ao assassino. Quem quer que ele seja, *escolhe* as vítimas, vigiando-as nos dias que antecedem os crimes. Não recolhemos qualquer impressão digital em nenhum cenário do crime, nem da vizinha do Jack Hart, que teve alguém no quarto da filha bebé, mas conseguimos a impressão de uma orelha na parte de fora da porta das traseiras da casa do Jack Hart. Já recebemos alguma notícia, Crane, do... como é mesmo o nome?

— Centro Nacional de Treino para Apoio Científico à Investigação de Crimes — respondeu Crane. — Acabei de saber que estão prestes a introduzir a informação na sua base de dados, que contém mais de duas mil impressões de orelhas. Então devemos receber um telefonema em breve.

— Não tenho muita esperança, mas duas mil orelhas... A probabilidade é maior do que eu pensava — comentou Erika.

— Acabei de receber as fotografias do cartão de memória que confiscámos ao jornalista — disse Moss, olhando para o computador.

— Porque demorou tanto? — perguntou Erika.

— Os contactos metálicos estavam empenados; o fotógrafo provavelmente entortou-os quando arrancou o cartão da máquina à força e o engoliu — explicou ela.

— Está bem, vamos projetá-las — disse Erika.

O detetive Warren foi buscar um projetor *multimedia* a uma prateleira ao fundo da sala, aproximou-se do PC de Moss e ligou-o. Após alguns minutos de ajustes, as imagens surgiram no quadro.

Erika apagou as luzes, mergulhando a sala na escuridão; depois a imagem de um carro numa rua movimentada, rodeado de pessoas, apareceu na parede.

— Certo, chefe, vou passá-las — disse Moss, clicando com o rato. Uma série de fotos similares foram aparecendo, depois algumas de uma celebridade desconhecida a sair do restaurante Ivy num carro com vidros escuros.

— Aqui está. Estas são da casa do Jack Hart.

A primeira foto mostrava-o a chegar a casa na noite do seu homicídio. Moss passou as imagens tiradas em rápida sucessão, quase como uma animação. Jack a sair do táxi, a dirigir-se ao portão, a abri-lo, detendo-se um momento para se virar e dizer alguma coisa. Em seguida, a aproximar-se da entrada, a enfiar a mão no bolso, a tirar a chave e a abrir a porta.

— Então os *paparazzi* apanharam-no a entrar em casa — disse Moss. — A hora desta última foto é... meia-noite e cinquenta e sete.

Continuou a passar as fotos e a perspetiva mudou para o jardim.

Parou numa foto tirada de baixo para a janela do quarto das traseiras, que tinha a luz acesa.

— Caramba. O desgraçado do fotógrafo estava no jardim antes de o Jack Hart ser assassinado — disse Erika.

Seguiram-se fotos tiradas do telhado plano mesmo frente à janela. A cortina estava aberta e viram uma imagem lateral da cama. Em seguida, de novo como animação, a figura nua de Jack Hart entrou. Trazia uma toalha numa mão e uma garrafa de cerveja na outra. Dirigiu-se à mesa de cabeceira junto à janela do lado da casa, pousou a garrafa e sentou-se na beira da cama.

— Pare! O que é aquilo?! — gritou Erika. — Volte duas fotos atrás.

— Porra, olhem! Ali, debaixo da cama — exclamou Peterson.

Jack estava sentado na cama de costas para a objetiva. Era possível distinguir a nítida silhueta de uma figura debaixo da cama.

— Esperem, consigo ampliar — disse Moss, clicando e movimentando rapidamente o rato. A foto aumentou e foi deslocada, de modo a que o quadro ficasse preenchido com a imagem escura e granulada de uma figura debaixo da cama. Era possível distinguir duas mãos e os dedos sobre a carpete, e a metade inferior do rosto estava iluminada, revelando a ponta do nariz e a boca.

Foi a boca o que mais perturbou Erika. Esboçava um largo sorriso com os dentes à mostra.

— Meu Deus. Ele já estava dentro de casa, à espera da vítima — disse Erika.

Quebrando o silêncio que se seguiu na sala de operações, um telemóvel começou a tocar. Crane atendeu e falou em voz baixa.

— Consegue ampliar mais, Moss? — perguntou Erika.

Ela aumentou a parte da foto com a figura debaixo da cama, mas a imagem ficou muito desfocada e granulada.

— Vou mandá-la ao pessoal dos crimes cibernéticos para ver se conseguem melhorá-la — sugeriu Moss.

— Chefe, vai gostar de ouvir isto — disse Crane, entusiasmado, desligando o telefone.

— Por favor diga-me que é alguma coisa... algum tipo de prova relativa ao homem que está a fazer isto — pediu Erika.

— É uma prova. Só que não é um homem.

— O quê?

— O Nils Åkerman esteve a analisar a pequena quantidade de ADN que recolheu da impressão da orelha na porta detrás da casa do Jack Hart e em algumas amostras de células de pele encontradas no exterior do saco de suicídio usado para o matar. É uma mulher.

— O quê?

— É de uma mulher branca. Nils verificou o ADN na base nacional de dados criminais, e não encontrou qualquer correspondência, nenhuma condenação prévia... mas o ADN é feminino. É uma mulher que anda a fazer isto.

Um burburinho percorreu a sala de operações.

— Mas e o facto de termos ligado os dois homicídios? — perguntou Peterson.

— Ligámos mesmo os dois homicídios — concordou Erika. — E então? A ligação agora é posta em causa porque é uma mulher?

— Merda. Quem quer que seja, enganou-nos bem. Andávamos à procura de um homem — comentou Moss.

Deixaram aquilo assentar por um momento. Erika voltou para junto do quadro e olhou para a figura debaixo da cama, a parte inferior do rosto a emergir das sombras, revelando os dentes num sorriso.

— Muito bem. Então voltamos ao início. Vamos reexaminar todas as provas. Rever os interrogatórios aos moradores. E tragam aquele maldito fotógrafo para ser interrogado. Andamos à procura de uma mulher. Uma assassina em série.

Simone chegou a casa depois de um longo turno e fechou a porta, inspirando fundo no silêncio no corredor escuro. Despindo o casaco, foi até ao computador, que *f* ficava enfiado no vão da escada. Ligou-o, entrou na sala de *chat* e começou a digitar.

NIGHT OWL: Olá, Duke. Estás aí?

Passaram alguns momentos, e DUKE começou a escrever.

DUKE: Olá, Night Owl. Como vai isso?

NIGHT OWL: Vi-o de novo. Ao Stan. O meu marido.

DUKE: A sério? Estás bem?

NIGHT OWL: Nem por isso. Sabia que ele não era real, mas estava ali, tão real quanto qualquer outra coisa.

DUKE: Já tomaste os novos medicamentos?

NIGHT OWL: Sim.

DUKE: Qual?

NIGHT OWL: *Halcion*.

DUKE: Que dosagem? 0,125 mg?

NIGHT OWL: Sim.

DUKE: Distúrbios visuais são um dos efeitos secundários.

NIGHT OWL: Eu que o diga!

DUKE: Já passei por isso, sei como é. Chegaram a dar-me 0,5 mg, e não adiantou nada: dias sem dormir... Então o que andas a tramar?

Simone olhou fixamente para o ecrã; desfocou-se um pouco, e ela esfregou os olhos cansados e irritados. Sofria de insónia havia anos. Começara quando fora levada para o orfanato e passara a ter medo de fechar os olhos depois de a meterem na cama à noite.

Ao longo dos vinte anos seguintes aprendera a lidar com a insónia, com a sensação de entorpecimento e que o seu corpo apodrecia lentamente de dentro para fora. Aprendera a comportar-se como uma pessoa normal.

Desejava dormir — isso ocupava constantemente os seus pensamentos —, mas quando chegava a *hora de dormir*, expressão que soava como uma piada de mau gosto sempre que a ouvia, o seu corpo entrava num pânico gelado, por saber que dormir era algo fora

do seu alcance, que ela passaria intermináveis horas deitada na cama a ver o clarão vermelho do relógio digital, com pensamentos a rodopiar sem controlo na cabeça.

O medo, Simone sabia-o, era particularmente intenso à noite. Quando toda a gente parece ter partido do mundo, os insones estão sozinhos, encalhados na meia-luz. A insónia levava-a a um relacionamento abusivo, a uma gravidez não planeada, à perda do bebé logo depois do casamento forçado com Stan. Era normal, dissera o médico. Muito comum perder o bebé da primeira vez que se engravidava. Mas ela não achava nada normal. Ficara arrasada. Simone pensara que a sua vida entrara finalmente nos eixos, e animara-se bastante com a perspectiva de conhecer e cuidar da pequena criatura que crescia dentro dela.

Recém-casada, Simone julgara que partilhar a cama poderia ajudá-la com a insónia, mas continuou a olhar para o escuro. Via Stan mover-se pelos estágios do sono: o delicado subir e descer do seu peito, o estremecer das pálpebras enquanto os seus olhos se moviam rapidamente sob elas.

Às vezes, sem aviso, o ritmo da respiração ofegante era quebrado, Stan acordava e encarava-a com olhos famintos e vagos. E então, no momento da noite em que Simone se sentia mais vulnerável, exausta e nada atraente, ele montava-a sem dizer uma palavra e abria-lhe as pernas com as costas da mão — quase com indiferença, como se as pernas dela fossem um obstáculo entediante ao que ele queria.

No início do casamento, ela tolerara isso. O sexo era quase sempre bruto. Deixara-a muitas vezes dorida, mas Simone julgara que era o desejo que o marido sentia por ela que o fazia perder o controlo. Além disso, considerava que era o seu dever enquanto boa mulher: fazer os barulhos certos e fingir que gostava.

E ansiara ser recompensada novamente com um bebé; de ter outra oportunidade de ser mãe.

Então, uma noite em que estava dentro dela, o marido mordera-lhe o seio. Aquilo chocara-a. O choque quase se sobrepondo à dor. Ele levantara a cabeça, com o sangue dela a brilhar-lhe nos dentes, e continuara.

Pedira muitas desculpas na manhã seguinte, chorara e prometera não repetir o ato, e durante algum tempo o sexo a meio da noite parara.

Depois, lentamente, as coisas foram voltando. Aquilo coincidira com uma altura em que Simone não dormia nada, nem sequer alguns minutos. Sentia-se fraca, desesperada e permitia tudo. À medida que

os meses, depois anos, passaram, perdeu todo o impulso de lutar, o que parecia aumentar os desejos mais sombrios do marido. Simone perguntava-se como fora a sua vida acabar daquela forma. Não tivera sonhos? Não quisera coisas: viajar, fugir, tornar-se outra pessoa?

O seu salvador seria um bebé, com certeza — mas o bebé nunca veio, e os exames mostraram que ela era incapaz de conceber, resultado das complicações da primeira gravidez. A desolação agravou os problemas no casamento, e a fúria aumentou. Simone era violada repetidamente, e largada dorida no escuro. Stan deixava-a e voltava para a terra do sono.

Às vezes, ela achava que, se pelo menos dormisse, conseguiria lidar com a violência e o abuso. A falta de sono contribuía para grande parte da tortura. Era anónima, malévola. As substâncias químicas no seu cérebro conspiravam para a manter no mundo, enquanto os outros podiam sair e desaparecer nos seus sonhos.

Quando Simone fez trinta e cinco anos, o marido bebia demais e tinham problemas financeiros. Por essa altura, mandaram instalar a Internet em casa, e durante as noites em que não dormia, Simone descobrira uma luz ao fundo do túnel: as salas de *chat*. De início, gravitara na direção de grupos de apoio e conversava com outras mulheres vítimas de maus tratos cuja única fuga aos medos era falar sobre as experiências. Mas viu a própria situação refletida nos *posts* delas e, de fora, achava-as patéticas.

Então conheceu Duke.

Tal como ela, Duke tinha insónias. Ouvia-a sem fazer juízos de valor. Também falavam sobre assuntos normais: programas de televisão de que gostavam, coisas divertidas que lhes tinham acontecido. Namoriscavam.

Duke descrevia-se como alto, moreno (o que Simone duvidava), mas ela também se descrevia como alta e loura (o que também era mentira). Saíam da sala de *chat* e conversavam em privado, em espaços virtuais reservados, e às vezes as coisas ficavam quentes. Duke descrevia o que queria fazer com Simone sexualmente; ela respondia. Ele fazia-a sentir-se amada e desejada.

Ela abriu-se e revelou a sua situação. Falou-lhe do marido abusivo, sem nunca dizer o nome dele. Contou tudo a Duke: segredos, fantasias e desejos mais profundos. E ele fez o mesmo. As únicas coisas que não revelaram foram a morada e os verdadeiros nomes. Ele era DUKE; ela, NIGHT OWL.

Ela não conseguia lembrar-se do momento em que a conversa tomara um rumo sombrio. Acontecera uma noite depois de ter sido violada. Simone começara a referir-se àquilo como *violação*, não

como sexo. Queixara-se de que o médico lhe recomendara mais uma série de comprimidos que não reduziam minimamente a insónia. E Duke escrevera:

duke: Talvez os comprimidos funcionem melhor no teu marido!

Ela ficara a olhar para o ecrã durante bastante tempo, depois continuara a conversa.

Simone precisara de mais duas noites para arranjar coragem. Preparou esparguete à bolonhesa para o marido, e enquanto o molho de tomate borbulhava no fogão, ela abriu uma das cápsulas de *Zopiclona*, o último medicamento para dormir que lhe fora receitado. Simone lembrava-se de separar a cápsula e de ficar a segurar as duas metades acima do grande tacho fumegante... Depois, de juntar o pó branco à comida.

Nervosa, vira Stan comer um prato bem cheio e depois, quando terminou, ir para o sofá com uma cerveja e inclinar a cabeça para trás. Adormecera em minutos.

A euforia de Simone por aquilo ter funcionado foi substituída pelo medo e pela constatação de que fora estúpida. Não pensara no que fazer depois de o pôr a dormir. E se ficasse no sofá a noite inteira? E se acordasse de manhã ainda ali? Iria desconfiar.

Fora necessário um esforço sobre-humano para despertar Stan e levá-lo para a cama, apoiando-o como um bêbedo. Ela convenceu-se de que estragara tudo e, devido ao medo, observou-o a noite inteira. Pensamentos estranhos passaram-lhe pela mente: de fugir, de tirar a própria vida. Então o Sol nascera, e ele acordara. Irritado, desagradável, mas fora trabalhar sem dizer nada além de que devia ter estado muito cansado.

É assim tão fácil?, questionara-se ela.

Passou-se um mês e os maus tratos aumentaram. Numa noite angustiante, estavam a ver televisão e, sem motivo algum, Stan explodira, dizendo que a odiava, que ela estragara a vida dele. Começara a bater-lhe, e Simone conseguira fugir e trancar-se na casa de banho.

Ela ficara sentada, encolhida na banheira, ouvindo o marido praguejar e tombar coisas na cozinha. Depois, ele arrombara a porta e entrara na casa de banho com um tacho. Despira-a e segurara-a na banheira enquanto lhe deitava água a ferver em cima do corpo nu.

Simone ficara muito queimada no peito e na barriga. As queimaduras infetaram, e ela tinha tantas dores que Stan viu-se obrigado a levá-la ao médico. Ela vira a situação como uma

oportunidade de contar a alguém os maus tratos que sofria. Mas o Dr. Gregory Munro considerara aquilo um sintoma de paranoia e psicose ligado à insónia. Achara que Simone mentia! Stan representara bem o papel de marido preocupado.

No passado, ela já perdera a noção da realidade, tivera alucinações e contara ao Dr. Munro as coisas que via e ouvia, mas naquele momento, diante das queimaduras e das lágrimas, o médico não acreditara nela. Simone confiara no médico, mas este traíra essa confiança, ficando do lado do marido, quase sentindo pena dele por ter uma mulher tão maluca, e internara-a.

Simone recebera alta ao fim de uma semana e durante algum tempo após esse episódio a violência diminuía. Mas ela continuara com muito medo de o deixar e desesperara, sentindo que não havia forma de fugir daquela situação.

Drogara-o de novo, daquela vez com dois comprimidos na cerveja que ele bebia na cama. Minutos depois, dormia. Ela até tentara acordá-lo — dando-lhe cotoveladas, sacudindo-o —, em vão. Stan voltara a acordar sem dar por nada, queixando-se, como sempre, de que se sentia grogue.

Naquela altura, Duke deixara completamente de dormir. Começou a dizer que queria pôr fim à vida e explicava como o faria.

DUKE: Vou usar um saco de suicídio.

NIGHT OWL: O que é um saco de suicídio?

DUKE: Também lhe chamam saco de saída...

NIGHT OWL: ???

DUKE: É um saco de plástico grande com um cordão. As pessoas usam-no para se suicidarem.

NIGHT OWL: Parece doloroso.

DUKE: Não se usares um gás, como hélio ou nitrogénio. Com hélio é mais fácil. Podes comprar botijas de hélio para as festas de anos das crianças. Enfias o saco na cabeça e comesças a enchê-lo de gás... evita que entres em pânico, e adormeces. O sono eterno. Felicidade.

NIGHT OWL: É assim tão fácil?

DUKE: Sim, com um desses sacos de suicídio, é. Tenho visitado um fórum *online* sobre suicídio. Sabias que, se o saco for retirado, desde que não haja luta, é difícil determinar como é que a pessoa sufocou e até como morreu?

NIGHT OWL: Por favor, não faças isso.

DUKE: Porquê?

NIGHT OWL: Preciso de ti.

DUKE: Precisas?

NIGHT OWL: Sim... Estive a ler coisas sobre mitologia oriental...

DUKE: Isso! Continua a falar! Estou finalmente a adormecer!

NIGHT OWL: Ah, ah. A sério. Estive a ler tudo sobre o *yin* e o *yang*. Dois opostos que se encaixam. E se estivéssemos juntos na cama?

DUKE: Estou a ouvir. Vamos ficar nus?

night owl: Talvez... Mas estou a falar sobre dormir. E se formos para longe daqui e dormirmos juntos na mesma cama?

DUKE: Onde?

NIGHT OWL: Não sei. Longe. Podíamos abraçar-nos e simplesmente adormecer.

DUKE: Ia adorar isso. Imagina, acordar revigorado.

Foi então que Simone tivera uma revelação. Decidiu que não queria morrer. Não queria ser vítima. Falou mais com Duke sobre o saco de suicídio, depois limpou o histórico do seu computador. Ele encomendou-lhe um e mandou-o entregar no hospital onde ela trabalhava.

O saco de suicídio não era para ela, claro. Era para Stan. Simone dera-se conta de que não precisaria de hélio: tinha um fornecimento interminável de comprimidos para dormir.

A última vez que Stan a violou foi particularmente violenta, como se, de alguma maneira, soubesse que seria a última. Aquilo fortaleceu a determinação dela.

Na manhã seguinte, quando Stan tomava banho, Simone decidiu que agiria nessa noite, quando o marido chegasse a casa do trabalho. Encontrava-se a fazer chá, de olho na caixa dos comprimidos sobre o micro-ondas, quando ouviu o estrondo no andar de cima. Correu e encontrou Stan estatelado no duche. Estava branco.

Ela chamou uma ambulância, quase como um reflexo. Declararam-no morto à chegada. Tivera um ataque cardíaco aos trinta e sete anos.

A vida mudou, e Simone tornou-se uma viúva chorosa. E, na morte, o marido transformara-se num herói trágico. Nunca pagou pelo que lhe fizera. Ela devia ter-se sentido aliviada, mas à medida que as semanas passavam, sentia apenas fúria. Um nó de ódio que não parava de crescer pelo facto de um homem lhe ter roubado tantos anos. Ficara obcecada. Deixara de dormir; todo o poder lhe fora retirado. Gostava de fingir que Stan ainda estava vivo. Dessa maneira, ninguém sentia pena dele.



Simone deu-se conta de que divagara. Voltou a ver a mancha no ecrã do computador. Duke tinha perguntado várias vezes aonde ela fora.

DUKE: Night Owl?

DUKE: Estás aí????

DUKE: ????????

NIGHT OWL: Desculpa, Duke, sonhava acordada.

DUKE: Então? O que acontece agora? Vou finalmente poder conhecer-te? Vou poder deitar-me contigo na cama? Num lugar muito, muito distante?

NIGHT OWL: Em breve. Muito em breve. Só preciso de tratar do próximo nome da minha lista.

Simone pensou na lista. Só existia na sua cabeça. Ainda assim, era muito real. Quando matara o Dr. Gregory Munro — o médico que acreditara em Stan e não nela —, fizera um risco preto e grosso sobre o nome dele. Também fizera o mesmo com Jack Hart.

O apresentador tinha sido mais difícil de seguir. No passado, quando escrevera o artigo sobre a cruel e negligente mãe de Simone, Jack era um jornalista ambicioso, transformando a história num artigo muito proveitoso para o tabloide sensacionalista. Ajudara-o a subir alguns degraus na carreira... mas Simone acabara no orfanato, sozinha, diante de um novo cenário de horrores. Jack Hart tirara-lhe a mãe.

Simone pensou na vítima seguinte, e sorriu de si para si. Seria a melhor de todas.

Na manhã seguinte, Erika chegou à esquadra de Lewisham Row às sete e meia da manhã. Fora convocada para outra reunião de estratégia, marcada assim que comunicara a Marsh no dia anterior que ainda trabalhava no caso — e que enfrentavam uma assassina em série.

Estacionou, saiu do carro e foi envolvida pelo calor da manhã. Os guindastes zumbiam junto aos prédios altos em construção, e o céu estava pesado e húmido. Formavam-se nuvens baixas que reluziam como aço à luz do Sol. Erika trancou o carro e foi até à entrada principal. Avizinhava-se uma tempestade, tanto fora como dentro da sua vida profissional.

— Bom dia, chefe — cumprimentou Woolf quando ela entrou na receção. Estava curvado sobre o jornal matinal e tinha um folhado doce meio comido na mão esquerda. O artigo sobre Jack Hart no *Daily Star* estava coberto de migalhas. O cabeçalho era: «JACK HART MORTO POR ASSASSINO EM SÉRIE MISTERIOSO».

— Merda — murmurou Erika, curvando-se sobre o balcão para dar uma olhadela ao artigo.

— Olhe, até fizeram um suplemento — disse Woolf, mostrando uma revista preta lustrosa com uma foto gigante de Jack Hart a olhar para a objetiva. «Descanse em paz» estava escrito sobre a cabeça dele. — É impossível tocar nisto sem sujar as mãos — queixou-se Woolf, mostrando-lhe o resíduo de tinta preta na mão.

— Talvez seja uma metáfora — comentou Erika, ao passar o cartão na porta.

— Acha mesmo que uma *mulher* o matou? — perguntou Woolf, franzindo a testa.

— Acho — respondeu Erika, abrindo a porta e entrando.



O ar condicionado da sala de reuniões fora reparado, o que apenas contribuía para a atmosfera gélida. Em volta da mesa estavam Erika, o superintendente-chefe Marsh, Colleen Scanlan, Tim Aiken, o psicólogo criminal, e o subcomissário Oakley.

Oakley foi direito ao assunto.

— Inspetora-chefe Foster, estou preocupadíssimo com o facto de ter chegado à conclusão de que esses crimes foram cometidos por uma mulher.

— Subcomissário, existem assassinas em série.

— Eu sei! Mas as provas neste caso são frágeis. Temos ADN da impressão de uma orelha na porta das traseiras de Jack Hart...

— Também conseguimos recolher células epiteliais do saco colocado sobre a cabeça de Jack Hart. Ele levou sete minutos a sufocar e acreditamos que se debateu bastante e acertou no rosto do assassino.

Oakley inclinou a cabeça e ficou em silêncio. Erika sabia que permanecer em silêncio era uma técnica dele. Fazia muitas vezes com que a outra pessoa comesçasse a tagarelar ou deixasse escapar algo que Oakley poderia usar depois para reforçar o seu ponto de vista. Erika permaneceu em silêncio.

— Gostava de ouvir o contributo do Tim — disse Oakley, olhando para o psicólogo criminal.

Tim levantou os olhos do bloco em que escrevia. Tinha o cabelo espetado e não fazia a barba há vários dias.

— A única prova convincente de que é uma mulher vem de duas fontes: a impressão da orelha na porta e o saco de plástico. Isso pode ser explicado de várias formas. A porta foi pintada recentemente, seis meses antes do crime. A impressão pode ter sido deixada por um dos trabalhadores. Há alguns anos, no julgamento sobre o arrombamento de uma casa que culminou no assassinio de um casal, usaram a impressão de uma orelha para acusar um homem que, descobriu-se mais tarde, trabalhara ali legitimamente como canalizador.

— E como explica o saco de plástico? — perguntou Erika.

— Jack Hart guardava as ferramentas e o material de jardinagem na sala das máquinas. O relatório sobre o cenário do crime declara que havia duas gavetas com sacos do lixo, sacos de plástico de congelação e jornais velhos. É possível que a mesma pintora/decoradora tenha aberto essas gavetas e contaminado o saco de plástico com o seu ADN.

— A arma do crime não era um saco de plástico comum. Era um saco de suicídio, ou saco de saída. Um item específico que tem de ser comprado pela Internet.

— Sim, e o saco de suicídio é muito parecido com os sacos de plástico industriais e com fecho que são usados em todas as casas, na *bricolage*. Deixando de lado as provas físicas por um momento, o perfil coaduna-se mais com o de um assassino. Não devemos esquecer-nos de que com a primeira vítima, Gregory Munro, houve

um elemento homossexual envolvido... E as duas vítimas foram encontradas nuas na cama. Não quero recorrer a estereótipos, mas as assassinas em série são raríssimas, e precisamos de mais provas concretas antes de abandonar a teoria de que se trata de um homem branco solteiro.

— Então está a dizer que devemos ignorar as provas e concentrar-nos em estatísticas? — perguntou Erika.

— A cobertura na comunicação social é enorme — interrompeu Colleen, que tinha uma pilha de jornais do dia à frente. — Temos de fazer uma declaração, e estamos naquilo a que chamam *silly season*. Não há muitas outras coisas a acontecer, além da cobertura desta onda de calor. A história de um assassino em série vai dar muito que falar.

— Acredito que a pessoa responsável por estes homicídios é uma mulher — afirmou Erika. — Se a impressão da orelha na porta fosse a única prova de ADN, proporia que fôssemos cautelosos. Mas o ADN feminino está também no saco usado para matar Jack Hart, e em breve receberemos mais pormenores sobre o fornecedor desses sacos: um *site* concordou em dar-nos informações sobre as compras. Temos mais hipóteses de apanhar o assassino se focarmos a investigação numa mulher. Sugiro que façamos uma reconstituição. Gostava que a Colleen entrasse em contacto com o programa *Crimewatch*, da BBC. O episódio mensal irá para o ar dentro de dias. Podemos fazer uma reconstituição dos últimos movimentos do Gregory Munro e do Jack Hart.

Houve silêncio. Colleen olhou para Marsh e Oakley.

— Está muito calado, Paul — disse Oakley a Marsh.

— Concordo com a inspetora Foster — respondeu Marsh. — Acho que este é um caso singular e, com a prova de ADN, seria prudente concentrarmo-nos em localizar essa mulher. Como ressalva, sugeriria a Erika que também considerássemos a possibilidade de essa mulher trabalhar com um homem. Podemos pedir à população que leve isso em atenção.

— Mas isso praticamente não tem precedentes. Em todos os meus anos de trabalho na polícia, nunca perseguimos uma assassina em série — contestou Oakley.

— Talvez deva sair mais, subcomissário — picou Erika.

Marsh lançou-lhe um olhar.

— Muito bem, a decisão é sua, Erika. Porém, acompanharei de perto o caso — alertou Oakley.



Erika saiu da reunião e desceu a escada até à sala de operações, animada com a vitória. Ouviu a porta abrir-se no andar de cima, olhou, viu que era Marsh e parou para que ele a apanhasse. Encontraram-se no patamar, junto da enorme janela de vidro com vista para a cidade. Nuvens escuras formavam-se no horizonte.

— Obrigada pelo apoio, superintendente. Vamos trabalhar na reconstituição para o *Crimewatch*.

— É uma grande oportunidade, uma reconstituição na televisão. Não dê cabo disso.

— Não, senhor.

— Erika, estou dividido em relação a o assassino ser mulher, mas, como lhe disse, a decisão é sua.

— O meu histórico é bom. Sabe que raramente me engano sobre este tipo de coisa.

— Sei.

— Então, por falar no meu histórico, alguma novidade sobre a promoção?

— Apanhe essa maluca, depois conversamos sobre promoções — disse Marsh. — Agora, tenho de ir. Mantenha-me informado.

Deixou Erika ali, a olhar para a cidade através da janela alta de vidro.

É engraçado o quanto temos em comum, a assassina e eu, pensou Erika. *Estão a duvidar das nossas capacidades como mulheres.*

Alguns dias depois, Erika e Moss estavam em Laurel Road, a assistir às filmagens da reconstituição para o programa *Crimewatch*. A onda de calor acabara naquela manhã e a chuva torrencial martelava estrondosamente o tejadilho de duas grandes carrinhas da BBC estacionadas no cimo da rua.

Erika e Moss abrigaram-se frente a uma das carrinhas debaixo de um guarda-chuva gigante e viram o ator que interpretava Gregory Munro ensaiar percorrer a rua e entrar no número catorze. Um operador de câmara ia atrás dele embrulhado num enorme poncho de plástico transparente, a câmara presa ao corpo com um arnês preto de metal. O resto da equipa de televisão reunira-se debaixo de guarda-chuvas no outro lado da rua, e os vizinhos que não estavam a trabalhar observavam, curiosos, no seu alpendre, resguardados da chuva.

Ao fundo da rua, tinham erguido uma barreira, e vários jornalistas e curiosos observavam os procedimentos.

A produtora e o diretor disseram às detetives que era preciso uma chuva forte para aparecer na imagem, mas enquanto Erika e Moss observaram o ensaio, a água corria rua abaixo, saltando para o passeio e fazendo gorgolejar os bueiros sedentos.

— Não me parece que isto faça as pessoas lembrarem-se de uma noite quente de verão — comentou Erika, dando uma passa no cigarro.

Um assistente, também com um enorme poncho transparente, aproximou-se delas com uma prancheta. Ia acompanhado de uma rapariga baixa de cabelo escuro que vestia calças de fato de treino e um blusão preto, e apertavam-se ambos debaixo de um grande guarda-chuva.

— Olá, qual das senhoras é a inspetora-chefe Foster? — perguntou o jovem.

— Sou eu — respondeu Erika. — Esta é a inspetora Moss.

Todos apertaram a mão.

— Sou o Tom, e esta é a Lottie Marie Harper, que irá interpretar a assassina.

A rapariga era pequena, com feições compactas e cabelo liso. Tinha uma boca pequena que, quando sorria, deixava expostos os dentes de baixo.

— Isto é muito estranho — disse Lottie, falando com um sotaque elegante. Levantou o braço e verificou se o cabelo ainda estava preso no alto da cabeça. — Nunca interpretei um assassino real.

O que mais podem dizer-me? O meu agente não entrou em grandes pormenores...

Erika olhou para o jovem assistente.

— Não há problema, ela já assinou a cedência de direitos e o acordo de confidencialidade — informou ele.

— Certo — disse Erika. — Ela é muito metódica. Acreditamos que prepara tudo de forma minuciosa e investiga as casas que tem na mira com antecedência. Forçou a entrada nas duas ocasiões e ficou à espera das vítimas, e, depois, que elas tomassem algo a que juntara um sedativo.

— Está a brincar! — exclamou Lottie, levando uma mãozinha bem arranjada à boca.

— Infelizmente, não — disse Moss.

— Nem consigo pensar em alguém a arrombar o meu apartamento, quanto mais a fazê-lo várias vezes para descobrir coisas sobre mim...

Moss puxou de um dossiê e mostrou a foto da assassina debaixo da cama de Jack. Fora manipulada digitalmente para mostrar o melhor grande plano da figura. Era arrepiante. A parte inferior do rosto era visível, mas do nariz para cima desaparecia na sombra. A boca era pequena e quase idêntica à da jovem atriz.

— Acertaram na parte inferior do rosto — disse Erika, segurando a foto ao lado de Lottie. — Imagino que vão filmar alguns grandes planos.

— O realizador fará isso, sim — disse o jovem assistente.

Lottie pegou na foto e, por um momento, olhou para ela em silêncio. A chuva crepitava ao bater nos guarda-chuvas.

— E tudo aconteceu naquela casa — disse ela, olhando sobre o ombro para o número catorze.

— Sim. E vamos apanhá-la com a ajuda que você nos dará hoje — afirmou Moss. — Tem a certeza de que consegue fazer isto? Tem um ar demasiado doce e meigo para assassina.

— Estudei na Real Academia de Arte Dramática — afirmou Lottie, um pouco ofendida, devolvendo a foto a Moss.

Gerou-se um silêncio constrangedor, interrompido apenas quando o realizador se aproximou. Era um homem alto com o rosto vermelho e ar exuberante.

— Muito bem, estamos prontos para começar — disse ele. — Temos três horas e, em seguida, levamos a unidade para Dulwich a

fim de filmarmos a sequência do segundo homicídio.

Afastaram-se, deixando Erika e Moss sob o guarda-chuva. O som da chuva aumentou na carrinha atrás delas.

— Pensar que a nossa assassina é alguém daquele tamanho incomoda-a? — perguntou Moss. — Leu o que escreveram na imprensa.

— Só acho estranho que, quando investigamos uma violação ou um homicídio cometido por um homem, não se questiona nada. Os homens violam mulheres... e também as matam... E as pessoas parecem não achar que eles precisam muito de um «motivo»... Mas se uma mulher faz a mesma coisa, a sociedade começa com exames de consciência, surgem inúmeras opiniões sobre os porquês e as razões subjacentes...

Moss assentiu.

— E esta encaixa-se no perfil de uma assassina em série. Quando as mulheres matam, o crime tende a ser mais premeditado e bem planeado. Além disso, o envenenamento é muitas vezes usado pelas mulheres que cometem múltiplos homicídios.

— Embora esta lhes junte a violência e siga as vítimas sem que elas se apercebam — acrescentou Erika.

— A «Sombra»... Chamam-lhe hoje no *Sun*.

— Eu vi — disse Erika, virando-se e olhando para Moss.

— É bom. Gostava de ter tido a ideia — sorriu Moss.

— Sim, bem, vou recordar-lhe isso no futuro quando o nome voltar para nos assombrar.

Olharam para o fim da rua enquanto um trovão distante começava a ribombar e Lottie ensaiava com o operador de câmara e o realizador. Atrás da barreira, os fotógrafos disparavam os flaches, e os curiosos faziam o mesmo com os telemóveis. Aquilo, juntamente com os atores sócias e a equipa de filmagem, deixava tudo com um aspeto ridículo, reduzido a uma pantomima.

— Preocupa-a a possibilidade de estarmos erradas? — perguntou Moss.

— Sim — respondeu Erika. — Mas tudo me preocupa. É ao meu instinto que tenho de dar ouvidos, e ele diz-me que aqui pode estar a chave para resolver estes crimes. E se quem os cometeu se vir na televisão, poderá fazer algo estúpido e cometer um desliz...

O telemóvel de Erika tocou. Ela tirou-o da mala e atendeu.

— Chefe, é o Crane... Tem um minuto?

— O que foi?

— Lembra-se do rapaz que visitou o Gregory Munro, o Jordi Levi?

— Sim.

— Bom, entrei em contacto com um dos detetives infiltrados na Internet e ele fez o registo de um perfil falso no RentBoiz, passando por cliente. Têm trocado mensagens e combinaram um encontro. Hoje.

— Onde?

— No *pub* Railway, em Forest Hill, às quatro da tarde.

— Boa, Crane. Encontro-me lá consigo às quatro menos um quarto — disse Erika desligando o telemóvel e transmitindo a informação a Moss.

— Eu fico aqui a supervisionar a nossa assassina em série — afirmou Moss, olhando para Lottie, que naquele momento estava sob um guarda-chuva a ser maquilhada por uma senhora de poncho.

— Sim... aposto que fica — redarguiu Erika com um sorriso e revirando os olhos.

O Railway em Forest Hill ficava próximo de onde a mãe de Gregory Munro, Estelle, vivia. A ironia não passou despercebida a Erika quando estacionou. Era um *pub* antiquado, revestido de azulejos, com candeeiros de latão sobre todas as janelas e uma placa a balançar por cima da porta.

A esplanada estendia-se até ao parque de estacionamento, e ela viu Crane sozinho a uma das mesas, tentando passar despercebido no meio das pessoas que saboreavam uma bebida.

— Ele entrou há uns minutos — informou Crane, levantando-se quando ela se aproximou da mesa.

— Ótimo. Usaram a foto de quem? Com quem acha ele que vai encontrar-se? — perguntou Erika, contornando as mesas até à entrada principal.

— Do detetive Warren... Achei que precisávamos de alguém mais bonito do que eu!

— Não se subestime — disse Erika. — Como o meu marido costumava dizer, cada panela tem a sua tampa.

— Vou considerar isso um elogio... acho. — Crane sorriu.

O interior do *pub* era todo original, mas as paredes haviam sido pintadas de branco, a luz era mais suave e havia uma ementa de estilo *gastropub* dispendiosa em cima do balcão. Não se encontrava muita gente lá dentro e Erika viu logo o jovem rapaz, sentado a uma mesa no canto, diante de meia cerveja e um *shot*.

— Como fazemos isto? — sussurrou Crane.

— Devagar — respondeu Erika. — Ainda bem que ele escolheu o canto.

Dirigiram-se para onde o rapaz estava e detiveram-se um de cada lado do banco curvo, de modo a que ele não pudesse fugir. Vestia um fato de treino vermelho e preto, e tinha cabelo pelos ombros com risco ao meio.

Identificaram-se.

— JordiLevi? — perguntou Erika. — Sou a inspetora-chefe Foster e este é o sargento Crane.

— O quê? Estou a beber um copo. Não há nada de ilegal nisso...

— E está à espera deste homem, com quem combinou encontrar-se — disse Craig, mostrando a foto de Warren.

— Não pode saber isso...

— Posso, sim. Fui eu que marquei o encontro — revelou Crane.
O rapaz franziu os lábios e bebeu o *shot*.

— Bom, não é ilegal encontrar-me com alguém num *pub* — declarou, batendo com o copo na mesa.

— Não, não é — disse Erika. — Só queremos falar consigo. O que está a beber?

— Vodca dupla. E vou querer uma embalagem de *Kettle Chips*.

Erika acenou para Crane, que foi ao balcão. Ela sentou-se.

— Jordi, sabe porque queremos falar consigo?

— Acho que imagino — disse ele antes de acabar a cerveja e pousar o copo na mesa.

— Não somos dos Costumes. Não estamos interessados na forma como ganha a vida.

— Na forma como ganho a vida! Não sou um maldito dentista...

— Estou a investigar o homicídio do Gregory Munro, um médico local. Ele foi morto há dez dias. — Erika tirou da mala uma foto da vítima. — Este é o doutor Munro.

— Bem, não tive nada que ver com isso — afirmou Jordi, mal olhando para a foto.

— Não achamos que tenha. Mas um vizinho viu-o sair da casa dele dias antes de ele morrer. Confirma que esteve lá?

Jordi recostou-se e encolheu os ombros.

— Não tenho agenda, os dias confundem-se.

— Só queremos saber o que aconteceu e se viu alguma coisa. Isso ajudará a investigação. Não o consideramos suspeito. Por favor, olhe de novo para a foto. Reconhece-o?

Jordi baixou os olhos na direção da foto e anuiu.

— Sim, reconheço-o.

Crane voltou com a bandeja de bebidas, entregando a vodca dupla e as batatas fritas a Jordi e dando a Erika um dos copos de *Coca-Cola*. Sentou-se no banco do lado oposto. Jordi prendeu o cabelo atrás das orelhas e abriu o pacote. Emanava um cheiro a suor e tinha as unhas sujas.

— Muito bem. Precisamos de saber se foi a casa do Gregory Munro entre segunda-feira, dia vinte e um, e segunda-feira, dia vinte e oito de junho — disse Erika.

Ele encolheu os ombros:

— Acho que sim.

Erika deu um gole na bebida.

— Na sua opinião, o Gregory Munro era *gay*?

— Ele nunca me disse como se chamava, e, sim, era *gay* — respondeu Jordi, com a boca cheia de batatas.

— E tem a certeza disso?
— Bom, se não era, não sei o que a minha piça fazia no rabo dele.

Crane arqueou as sobrancelhas.

Erika prosseguiu:

— Como combinaram encontrar-se?
— Craigslist. Pus lá um anúncio.
— Que tipo de anúncio?
— O tipo de anúncio através do qual me encontro com homens, e eles me fazem doações. Fazer doações não é ilegal.
— E o Gregory Munro fez-lhe uma doação?
— Sim.
— De quanto?
— Cem libras.
— E ficou a noite inteira?
— Sim.
— De que conversaram, Jordi?
— Pouca coisa. A maior parte do tempo eu tinha a boca cheia...
— Ele sorriu.

Erika tirou da mala uma das fotos da cena do crime e pousou-a na madeira polida diante de Jordi.

— Acha isto engraçado? Olhe. Aqui, o Gregory está deitado na cama, com as mãos atadas e um saco de plástico enfiado na cabeça.

Jordi engoliu em seco quando viu a fotografia, e a pouca cor que tinha no rosto desapareceu.

— Por favor. Isto é muito importante. Conte-me o que sabe sobre o Gregory Munro — pediu Erika.

Jordi bebeu um gole de vodca.

— Ele era igual a todos os outros homens casados que se sentem culpados. Desejosos de uma boa queca, depois cheios de culpa e lágrimas. Da segunda vez que lá fui, ele estava bastante nervoso. Perguntou-me várias vezes se eu tinha levado a chave dele.

— Que chave?

— A da porta da frente.

— Porquê?

— Achava que eu também era ladrão... muitos deles julgam que vamos roubá-los... mas depois perguntou-me se eu tinha estado lá em casa quando ele se encontrava fora.

Erika olhou para Crane.

— E esteve?

Jordi abanou a cabeça.

— Ele disse que lhe tinham mexido nas coisas.

— Que coisas?

— As cuecas estavam espalhadas na cama... Ficou assustado com aquilo.

— Ele estava a divorciar-se — disse Erika, começando a entusiasmar-se. — Acha que pode ter sido a mulher?

— Ele disse que não podia ter sido ela. Acabara de trocar todas as fechaduras. Mais ninguém tinha a chave. Mandou chamar uma mulher da empresa de segurança para verificar tudo.

Novamente, Erika e Crane trocaram um olhar.

— Você viu essa mulher?

— Não.

— Ele descreveu-a?

— Não.

— Certo, consegue lembrar-se se ele disse quando é que essa mulher foi lá a casa?

Jordi franziu os lábios enquanto pensava.

— Não sei. Espere; foi da segunda vez que estive lá. Ela acabara de sair. Ele parecia aliviado por ela ter verificado tudo.

— Consegue lembrar-se se foi uma segunda-feira? Se foi, isso teria acontecido no dia vinte e um de junho.

Jordi fez uma careta ao olhar de novo para a foto e mordeu o lábio.

— Hum, foi... Foi, sim, tenho a certeza.

Erika enfiou a mão na mala, tirou três notas de vinte libras e estendeu-as a Jordi.

— O que é isso? — perguntou ele, olhando para o dinheiro.

— Uma doação — respondeu Erika.

— Combinei cem.

— Não está em posição de negociar.

Jordi pegou no dinheiro, tirou uma pequena mochila de baixo da mesa e levantou-se, passando diante de Erika.

— Estamos tão perto — disse Crane, minutos depois de Jordi ter saído. — Acha que ela simulou um arrombamento, depois voltou, fingindo ser da GuardHouse Alarms, no dia vinte e um de junho?

— Acho. Raios! Se o Jordi a tivesse visto, podíamos divulgar um retrato-robô no *Crimewatch* — bradou Erika.

A porta do *pub* abriu-se e ela endireitou-se. Gary Wilmslow entrara com um homem alto de cabelo escuro, calças de ganga e camisola do Millwall Football Club. Um menino acompanhava-os, e Erika viu que era Peter, filho de Gregory Munro.

— Bolas, era só o que nos faltava — murmurou Crane.

Dirigiram-se ao balcão e Gary viu-os. Disse qualquer coisa ao

homem de cabelo escuro e aproximou-se com Peter.

— Boa tarde, agentes — cumprimentou com escárnio.

— Boa tarde — disse Erika. — Olá, Peter, como estás?

O menino levantou o rosto pálido e cansado para Erika.

— O meu pai morreu... ontem abriram um buraco no chão e puseram-no lá dentro — respondeu ele num tom inexpressivo.

— É o seu namorado? — perguntou Gary, inclinando a cabeça na direção de Crane.

— Não, sou o sargento Crane — disse ele, mostrando o distintivo.

— Eh, lá! Para que é o distintivo? — questionou Gary.

— Você acabou de perguntar quem ele era — explicou Erika.

A situação ficou tensa. Gary encarou os dois.

— Então, o que andam a fazer por aqui? A beber um copo na minha zona?

— Existem muitos sítios aqui na sua zona, Gary — atirou Crane.

— Quem é o seu amigo? — perguntou Erika enquanto o homem ao balcão pagava uma rodada de bebidas.

— Um parceiro de negócios... Agora vou voltar para junto dele.

— Estás bem, Peter? Está tudo bem? — perguntou Erika sem pensar, olhando para a criança apática.

— O pai dele acabou de morrer. Que pergunta mais estúpida — resmungou Gary.

— Ei, tenha calma — alertou Crane.

— Eu tenho calma — disse Gary. — Agora vou andando.

Afastou-se, puxando Peter. Erika quis agarrar no menino e tirá-lo dali, mas sabia que seria uma loucura. Como podia explicar uma atitude dessas sem comprometer a Operação Hemslow?

Erika e Crane saíram do *pub* e foram envolvidos pelo sol. As mesas na esplanada estavam cheias. Erika reconheceu um homem alto e esquelético sentado com uma mulher magra curvada sobre o telemóvel, a escrever. Vestia uma camisola de alças, tinha um nariz proeminente e o cabelo louro apanhado num rabo de cavalo. O homem era pálido, tinha o rosto cheio de cicatrizes da acne e o cabelo preto oleoso penteado para trás, deixando exposta a testa alta. Usava uma *T-shirt* simples e calções beges.

Ao caminharem pelo meio das mesas, Erika adiantou-se a Crane e foi direita a eles.

— Inspetor-chefe Sparks? — disse ela ao aproximar-se.

— Inspetora-chefe Foster. — Ele pareceu surpreendido. A mulher que o acompanhava endireitou o corpo e os olhos dela foram na direção da janela do *pub*.

— Está de folga? A saborear uma bebida? — perguntou Erika,

seguindo o olhar da mulher.

— Hum, mais ou menos — respondeu Sparks.

Crane parou ao lado de Erika.

— Ena, Sparks, há quanto tempo... Onde trabalha agora? — perguntou Crane.

— Hum, estou a chefiar a minha equipa de homicídios no norte de Londres — respondeu ele, olhando para Erika e Crane. — Esta é a detetive Powell — apresentou.

Todos se cumprimentaram.

— Crane, importa-se de ir andando para o carro? — perguntou Erika.

— Não — disse Crane. Dirigiu um olhar estranho a Erika e afastou-se.

— Então, estão aqui os dois, num dia de semana, a beber um copo na zona sul de Londres, a tentar não dar nas vistas. Isso tem alguma coisa que ver com o Gary Wilmslow? — perguntou Erika quando Crane já não podia ouvi-la.

— Desculpe, quem é você? — perguntou a mulher.

— Inspetora-chefe Erika Foster, ex-colega do Sparks — respondeu Erika em voz baixa. — Têm dois tipos envolvidos na produção de vídeos de pornografia infantil naquele *pub*, não vigiados e com um menino.

— Nós sabemos... — começou a mulher.

Sparks inclinou-se sobre a mesa.

— Tem de dar meia volta e ir-se embora, Foster. Isto é uma operação secreta.

— Operação Hemslow, não é?

Sparks e Powell trocaram um olhar.

— Sim, Erika. Fomos chamados porque precisavam de mais gente — disse Sparks, olhando para as janelas do *pub*. — Agora tem de se ir embora, antes que estrague o nosso disfarce.

— Pois, mas vocês dão bastante nas vistas. Fazem ideia de quanto aquele menino está vulnerável agora? Ele chama-se Peter.

— Nós sabemos, e se não sair daqui já, estraga o nosso disfarce. E com certeza vou falar com o seu superior — ameaçou Sparks.

Erika olhou-os demoradamente, depois foi para o carro.

— O que foi aquilo, chefe? — perguntou Crane quando ela entrou.

— Nada — respondeu Erika. Ainda tremia.

— Não via o Sparks desde que o dispensou do caso da Andrea Douglas-Brown... Não é o melhor agente do mundo, pois não?

— Não, não é — concordou Erika.

— Aquela era a namorada dele?

— Acho que não.

— Calculei. É demasiada areia para a camioneta dele, apesar de a maioria das mulheres o ser — disse Crane. — Enfim, conseguimos mais uma pista sobre a identidade da mulher na casa do Gregory Munro. Até que enfim começamos a ter resultados!

— Sim.

Enquanto se afastavam, Erika pensou no pequeno Peter lá dentro com Gary Wilmslow e no seu «parceiro de negócios», e sentiu-se impotente.

Na noite seguinte, depois de uma longa semana de trabalho, Isaac Strong estava deitado no sofá com Stephen Linley. Acabara de preparar uma refeição para ambos, a fim de comemorar a entrega do manuscrito do último romance de Stephen à editora.

— Queres mais champanhe, Stevie? — perguntou Isaac.

— Referes-te ao champanhe no *frappé* com o guardanapo de pano em volta do gargalo? — perguntou Stephen, erguendo a cabeça do peito de Isaac.

— Que mal há em fazer as coisas como deve ser? — murmurou Isaac, dando um beijo na testa de Stephen.

— Não conheço mais ninguém que sirva champanhe em casa como se estivesse num restaurante — riu-se Stephen. Mudou de posição para que Isaac pudesse levantar-se. — E onde arranjaste isso? — perguntou, esticando o braço e apontando com o copo para o *frappé* num suporte de metal ao lado do sofá.

— No catálogo Lakeland — disse Isaac, levantando a garrafa e fazendo tilintar o gelo. Encheu os dois copos.

— E o suporte?

— É da morgue. Costumo ter nele a serra e os bisturis... Achei apropriadamente macabro para comemorar o teu livro novo.

— O senhor Certinho roubou uma coisa do trabalho! Sinto-me honrado — brincou Stephen, dando um gole no gelado e refrescante champanhe.

Isaac voltou a deitar-se no sofá. Um temporizador disparou na cozinha e ele levantou-se novamente para o desligar.

— Não me digas que é mais comida — gemeu Stephen.

— Não, programei-o porque está na hora do *Crimewatch*.

— Que inferno. Não é o programa com aquela tua amiga polícia terrível, com maus modos e um mau penteado?

— A Erika não tem maus modos, nem mau penteado.

— Bom, é com certeza prático. Ela é lésbica?

Isaac suspirou.

— Não. Foi casada, já te contei... É viúva.

— Ele suicidou-se, foi?

— Morreu no cumprimento do dever...

— Ah, sim — disse Stephen, dando outro gole no champanhe. — Já me lembro, o ataque à casa do traficante. Ela foi a responsável

pela morte dele e de mais quatro membros da equipa... Sabes, isso dava um bom enredo.

— Stephen, estás a ser cruel. E não gosto disso.

— Foi o que escolheste — sorriu Stephen. — Sou um bruto... Mas, de qualquer forma, mudaria o nome dela.

— Não vais pôr isso num livro... E vamos ver o *Crimewatch*. Trabalhei neste caso. Tenho interesse profissional, assim como pessoal.

Isaac pegou no comando e ligou a televisão. Viram o genérico do *Crimewatch*.

— Então, é um duplo homicídio, um assassino em série. Certo?

— Sim.

— Foi uma história chocante. Jack Hart, não foi? — perguntou Stephen.

— Chiu! — fez Isaac.

Viram em silêncio o apresentador do *Crimewatch* explicar o caso.

— A primeira vítima foi o doutor Gregory Munro, médico de clínica geral de Honor Oak Park, no sul de Londres. Foi visto pela última vez a voltar para casa pelas sete da tarde do dia vinte e oito de junho...

No ecrã, o ator que fazia de Gregory caminhava na direção da casa em Laurel Road. Ainda havia claridade, e um grupo de crianças saltava à corda na rua.

— Isso não está certo. Quem deixa os filhos brincar na rua hoje em dia? — começou Stephen, dando um gole no champanhe. — Têm-nos todos trancados. Os pais mantêm-nos em casa, com os computadores e telemóveis... E qual é a estratégia mais usada pelos molestadores de crianças? A Internet, pelo amor de Deus...

— Chiu — fez Isaac.

No ecrã, a jovem atriz estava vestida de preto e caminhava por um carroiro escuro atrás da casa. Viu-se um *close-up* do rosto dela iluminado pelo comboio que passava na via-férrea atrás.

— Ela é muito bonita — comentou Isaac.

— Parece um elfo — concordou Stephen. — Acham mesmo que é uma mulher? Ela parece uma miudinha...

No ecrã, surgiu a imagem das traseiras da casa vista do local onde a rapariga se encontrava. Ela levantou o braço e baixou o ramo de uma árvore, e viram o ator que interpretava Gregory Munro a deslocar-se pela cozinha. A rapariga ocultou o rosto com um capuz, baixou-se, atravessou a vedação e entrou no jardim.

— Como é que eles sabem tudo isto? — perguntou Stephen.

— Não posso discutir o caso contigo — respondeu Isaac. — Sabes perfeitamente.

— Estamos a vê-lo na BBC com milhões de outros pobres coitados numa sexta-feira à noite. Já toda a gente está a par do crime — respondeu Stephen, revirando os olhos. — Vá lá, vamos ver um filme porco e eu deixo-te foderes-me... Estou sedutoramente embriagado.

— Stephen, tenho de ver isto!

Viram a mulher atravessar o relvado, entrar na casa por uma janela lateral e chegar à cozinha.

— É uma ideia assustadora — comentou Stephen. — Alguém aproximar-se sorrateiramente de nós, movimentar-se pela nossa casa sem sabermos...

Tinha sido um dia bom para Simone no trabalho; conseguira passar algum tempo com Mary. O médico examinara-a, dissera que mostrava melhoras e chegou a sugerir que pudesse acordar. Felizmente, não dissera nada sobre a contusão na têmpora de Mary. Devia ter partido do princípio de que aquilo acontecera antes de ela dar entrada no hospital. Ou seja, eram só boas notícias. Mary viveria e Simone estaria ali para ela quando recebesse alta. Simone tinha dois quartos vagos em casa. Pintaria os dois em tons pastel, e Mary escolheria um deles, embora a vontade de Simone era de que Mary não melhorasse muito depressa. Ainda tinha mais um nome na lista, e precisava de tratar dos preparativos.

Antes de sair para trabalhar, Simone resolveu fazer a sua comida preferida: macarrão com queijo pré-cozinhado e cobertura especial — pão seco desfeito em migalhas e um pouco de queijo ralado. Levou a tigela quente e fumegante num tabuleiro até à sala, que estava cheia de jornais e revistas em pilhas altas sobre a mobília velha. Sentou-se no sofá, ligou a televisão e começou a procurar *Coronation Street*. De repente, parou e ficou a olhar fixamente para o ecrã. Por um momento, pensou que as alucinações tinham voltado.

Mas aquilo era diferente.

As alucinações passavam na televisão. Viu com um fascínio mórbido uma mulher parecidíssima com ela movimentar-se dentro da casa de Jack Hart.

Inclinou a cabeça para o lado, confusa.

A rapariga no ecrã era pequena, de feições delicadas e atraentes. Já Simone era pequena mas corpulenta. Tinha testa alta e larga, enrugada mesmo em repouso, e olhos azuis opacos, ao contrário dos da rapariga, que brilhavam.

A rapariga no ecrã observava um homem que se parecia com Jack Hart; ele tomava duche e ela via-o através da porta da casa de banho. Em seguida, a rapariga foi para o quarto dele. A cintura dela era fina, ao passo que Simone era toda direita e tinha uma leve curvatura na coluna.

Ouvia-se a música do programa *Crimewatch* e no ecrã surgiu o estúdio de televisão. O apresentador começou a falar.

— Como disse, deixámos de fora os elementos mais perturbadores da reconstituição. Temos no estúdio hoje a inspetora-

chefe Erika Foster. Boa noite...

Simone inclinou-se para a frente assim que viu, pela primeira vez, a agente que comandava a investigação. *Uma mulher*. Era pálida e magra, de cabelo louro curto e olhos verdes delicados. Por um momento, Simone achou que aquilo era bom. Como mulher, poderia entendê-la, compreender o que sofrera. Porém, ao ouvir a inspetora-chefe, Simone sentiu a fúria crescer dentro de si e o sangue começar a rugir.

— Estamos a pedir informação a todas as pessoas. Se viu esta mulher, ou se estava na zona na noite em que os crimes aconteceram, por favor, contacte-nos. Acreditamos que seja de estatura baixa, mas não se aproximem: trata-se de uma pessoa perigosa e profundamente perturbada.

Simone sentiu dor, baixou os olhos e viu que fechava e abria as mãos com força dentro do prato de macarrão. O molho de queijo escorria-lhe por entre os dedos. Ergueu o olhar e viu a cabra no ecrã, ouviu-a repetir que procuravam uma mulher que podia sofrer de problemas psiquiátricos. Simone empurrou a tigela para fora da bandeja e ela partiu-se contra a parede.

— Eu sou a vítima! — gritou para o ecrã, levantando-se. — A VÍTIMA, sua puta de merda! Não sabes NADA sobre os anos de maus tratos. Não sabes o que ele me fez! — Apontou o dedo para o teto, na direção do quarto do casal. — Não sabes NADA! — gritou ela, e um pouco do molho de queijo sintético acertou no rosto da inspetora-chefe Foster.

— Então, por favor, se souberem alguma coisa, liguem ou enviem um *e-mail*. Os vossos dados serão confidenciais. Os contactos estão na parte inferior do ecrã — finalizou o apresentador.

Simone ficou parada, tremia, em seguida foi até ao computador, no vão da escada. Sentou-se e puxou o teclado para perto de si, sem notar que as mãos estavam cobertas de molho e a pele queimada e vermelha.

Digitou no Google: «INSPETORA-CHEFE ERIKA FOSTER» e começou a ler os resultados, a respiração a voltar ao normal enquanto um plano ganhava forma.

Era tarde quando o carro do estúdio televisivo deixou Erika no seu apartamento em Forest Hill. Ao entrar, a visão da sua sala foi deprimente. Já estivera antes na televisão, mas aquilo fora diferente. Tinha sido num estúdio de gravação, e ela sentira-se muito nervosa. Moss sugerira-lhe que se imaginasse a conversar com uma família, sentada na sua sala de estar.

A única pessoa que ela conseguira visualizar fora Mark: a forma como se esparramava no sofá e ela se aninhava confortavelmente debaixo do seu braço. Fora isso que visualizara durante a transmissão ao vivo. E agora, em casa, percebeu que descobrira mais uma maneira de sentir a falta dele. Sentia falta de chegar e de o ver no sofá, a olhar para a televisão. Sentia falta de ter alguém com quem conversar, alguém que a tirasse da sua própria mente. Ali, tinha apenas as quatro paredes nuas em volta dela.

O telemóvel tocou e Erika procurou-o dentro da mala. Era o pai de Mark.

— Não me disseste que ias aparecer na televisão — começou Edward.

Sentindo-se culpada, Erika apercebeu-se de que tinham decorrido várias semanas desde a última vez que falara com ele. As emoções ficaram-lhe presas na garganta por uma fração de segundo. Edward soava tanto como Mark...

— Foi em cima da hora... Ainda não vi o programa. Não fiquei com cara de precetora, fiquei?

Edward deu uma gargalhada:

— Não, rapariga, estiveste muito bem. Mas parece que há mais um maluco à solta. Espero que tenhas cuidado.

— Esta gosta de homens — disse Erika. — Desculpa... não queria ser petulante. Até agora, os alvos dela foram homens.

— Sim, eu vi o programa — comentou Edward. — Achas mesmo que uma mulher tem coragem de fazer aquilo tudo?

— Ficarias horrorizado com o estado da psique humana se viesses trabalhar comigo uns dias...

— Aposto que sim. Mas como costumo dizer, querida, sê corajosa, mas não estúpida.

— Vou tentar.

— Já andava para te ligar há uns tempos, mas quando te vi na

televisão, decidi passar à ação. Queria pedir a morada da tua irmã Lenka.

— Espera, tenho-a aqui algures — disse Erika, prendendo o telemóvel debaixo do queixo, indo até às prateleiras e procurando no meio das brochuras de comida para fora. Encontrou a agenda.

— Para que queres a morada da Lenka? — perguntou, folheando a agenda.

— O bebé dela não está quase a nascer?

— É verdade, já me tinha esquecido. Faltam poucas semanas.

— O tempo voa quando andas a caçar pessoas, não é? — comentou Edward.

— Engraçadinho! Devias ser comediante — respondeu Erika com uma gargalhada.

— O menino e a menina dela são lindos — continuou ele. — Não percebi nada do que diziam, nem percebi a tua irmã, mas desenrascámo-nos!

Quando a irmã de Erika a visitara, Edward fora de comboio passar o dia a Londres com eles e tinham ido à Torre de Londres. Fora um dia cansativo. Lenka não falava uma palavra de inglês e Erika tivera de servir de tradutora para ela e os filhos, Karolina e Jakub.

— Achas que gostaram da Torre de Londres? — perguntou Edward.

— Não, acho que a Lenka estava um pouco aborrecida. A única coisa que queria era comprar roupa na Primark — respondeu Erika com secura.

— Mas a entrada na torre foi cara, não foi? Com que percentagem ficará a rainha?

Erika sorriu. Sentia falta de Edward e gostava que ele vivesse mais perto.

— Ah, encontrei — disse, dando-lhe a morada.

— Obrigado, querida. Vou mandar uns euros para o bebé, isto se conseguir chegar aos Correios centrais em Wakefield. Sabias que fecharam o balcão de câmbios nos Correios daqui?

— É a austeridade — disse Erika.

Houve silêncio. Edward aclarou a garganta.

— Está a chegar outra vez, não está? — perguntou em voz baixa, referindo-se ao aniversário da morte de Mark.

— Está, sim. Dois anos.

— Queres que vá até aí? Posso ficar contigo uns dias. O teu sofá é confortável.

— Não. Obrigada. Tenho muito trabalho. Vamos esperar até eu

despachar este caso e depois fazemos alguma coisa. Adorava passar uns dias aí no Norte... O que vais fazer?

— Pediram-me que formasse a equipa de bólingue. Acho que sabem que preciso de ocupar a cabeça.

— Então devias fazer isso — aconselhou Erika. — Fica bem.

— Tu também, rapariga — despediu-se ele.

A seguir, Erika ligou a televisão a tempo de ver a reposição do *Crimewatch*. Ficou horrorizada ao ver-se em alta definição: rugas, olheiras e sulcos. Quando um número de telefone apareceu no final, o telemóvel dela tocou.

— Inspetora-chefe Foster? — perguntou uma voz aguda abafada.

— Sim?

— Vi-a falar sobre mim na televisão... Não sabe nada a meu respeito — continuou a voz, calmamente.

Erika ficou hirta, a sua cabeça começou a zumbir. Levantou-se de um pulo, apagou as luzes e foi até à janela do pátio. Estava escuro lá fora, os ramos da macieira agitavam-se com a brisa.

— Pode ficar calma. Não estou perto de si — revelou a voz.

— Certo. Então onde está? — perguntou Erika, com o coração a bater muito depressa.

— Num sítio onde não me encontrará — respondeu. Houve outra pausa e Erika tentou pensar no que podia fazer. Olhou para o telemóvel, mas não tinha a menor ideia de como gravar telefonemas.

— Ainda não acabou — alertou a voz.

— O que quer dizer? — perguntou Erika.

— Ora, inspetora Foster. Acabei de a pesquisar. Foi uma estrela em ascensão na polícia. É formada em psicologia criminal. Recebeu uma medalha. E, por fim, tem algo em comum comigo.

— O quê?

— O meu marido também morreu... Embora, infelizmente, ao contrário de si, eu não tenha sido responsável pela morte dele.

Erika fechou os olhos e apertou o telemóvel.

— Foi responsável, não foi?

— Sim, fui — respondeu Erika.

— Obrigada por ser sincera — agradeceu a voz. — O meu marido era um porco brutal e sádico. Gostava de me torturar. Tenho as cicatrizes para o provar.

— O que aconteceu ao seu marido?

— Planeei matá-lo, e se tivesse tido a oportunidade, nada disto estaria a acontecer. Mas ele morreu, por acaso. Então transformei-me numa viúva alegre.

— Afirmou que isto ainda não acabou. O que quis dizer?

— Que mais homens vão morrer.

— Isso não vai acabar bem. A senhora vai cometer um deslize. Temos testemunhas que a viram. Estamos perto de descobrir como é fisicamente...

— Acho que por agora chega, Erika. Tudo o que peço é que me deixe em paz.

O telefone fez um clique.

Erika tentou ligar para o mesmo número, mas uma gravação informou-a de que não estava disponível. Confirmou se a porta de vidro que dava para o jardim estava trancada, tirou a chave e enfiou-a no bolso. Em seguida, foi até à porta da frente e verificou o ferrolho. Percorreu o apartamento, analisando e trancando as outras janelas.

Com todas as janelas fechadas, a casa começou rapidamente a aquecer. Transpirava quando ligou para a esquadra de Lewisham Row.

Woolf atendeu.

— Oh, é o novo rosto da Polícia Metropolitana. Esteve bem na televisão — comentou ele.

— Woolf, alguém ligou para falar comigo? — perguntou Erika.

— Sim, a *Playboy*; querem que seja o póster central da próxima edição. Disse-lhes que só se fizerem um bom trabalho. Não quero que as suas partes se percam na dobra do papel...

— Woolf, isto é sério!

— Desculpe, chefe, estava a brincar. Espere aí... — Ouviu-o folhear o registo de chamadas. — Só a produtora do *Crimewatch*. Ela devolveu-lhe a mala?

— Tenho a mala comigo — respondeu Erika, olhando para a mesa de centro onde a deixara.

— Ela ligou a dizer que se esquecera da mala no estúdio, e perguntou se lhe podia dar o número do seu telemóvel. Então... não se esqueceu da mala?

— Não, não esqueci. E não me diga que o número de que ela lhe ligou era confidencial...

— Uh, era, sim... — disse Woolf. — Se não era a produtora, quem era?

— Acabei de receber um telefonema da Sombra — respondeu Erika.

Quando Simone chegou a casa, depois de ligar a Erika Foster, um cheiro desagradável atingiu-lhe o nariz. Viu que o espelho na entrada e o computador estavam lambuzados de molho de macarrão com queijo. Foi até à sala, e havia molho por todo o lado: na parede, na televisão...

Enquanto limpava, analisou as coisas na sua mente. Como sabia a polícia que fora ela? Como sabiam que era uma mulher?

Fora tão engenhosa, tão cuidadosa.

Não passara de uma sombra.

Esfregava a carpete da sala quando viu um movimento pelo canto do olho. Parou. Ouviu passos a aproximarem-se por trás. Segurou com força a escova de madeira e virou-se.

Stan estava junto à porta da sala, nu, a água a escorrer da sua pele pastosa para a carpete limpa. A boca dele abriu-se, revelando uma fila de dentes pretos. Simone ficou admirada por não sentir medo. Levantou-se lentamente, com os joelhos a estalar.

— *Duu... c* — foi o som que saiu da boca de Stan. Não era exatamente uma voz, mais um suspiro. Um sussurro. — *Duu... c, Duu... c.*

Os braços caíram ao lado do corpo e os cantos da boca abriram-se num sorriso que ela recordava bem: faminto, crescendo à medida que se aproximava, carregado de dor. Ele começou a andar na sua direção, a água a escorrer pelo corpo e a ensopar a carpete.

Nesse momento ela sentiu medo.

— NÃO! NÃO! — gritou, arremessando a pesada escova de madeira contra ele. Stan desapareceu e ouviu-se o barulho do espelho no vestíbulo a partir-se quando a escova o atingiu e os cacos se espalharam pelo chão.

Stan desaparecera. A carpete estava seca, e então ela compreendeu o que ele dissera.

Duke. Ele tinha dito *Duke*.

Correu até ao computador debaixo da escada e ligou-o.

NIGHT OWL: Duke?

Momentos depois, Duke entrou.

DUKE: Night Owl, olá! Noite difícil?

NIGHT OWL: Porque perguntas isso?

DUKE: Conheço-te. Melhor do que tu mesma.

Simone ficou parada com as mãos sobre o teclado.

NIGHT OWL: A sério? CONHECES-ME realmente?

Houve uma longa pausa. Simone ficou a olhar para o cursor, que não parava de piscar. Perguntou-se se Duke estaria ali sentado com os dedos suspensos, a decidir o que escrever. Teria ligado as coisas?

Pela primeira vez, perguntou-se onde Duke morava. Costumava pensar que ele vivia ali no seu computador. Falara com ele durante os últimos anos sobre os seus planos, o que fantasiava, a dor que ela infligia ao médico, ao homem da televisão, aos que viriam. Duke sempre a encorajara. E falara dos próprios medos — do escuro, das tentativas de suicídio fracassadas. Ela lembrava-se da angustiante descrição de como ele tentara asfixiar-se com um saco de suicídio sem gás. Enfiara-o na cabeça, apertara o cordão em volta do pescoço e depois, quando começara a ficar sem ar, entrara em pânico e rasgara o saco com as unhas, fendendo a pálpebra e lacerando o globo ocular.

Duke disse que sem ela morreria, e Simone acreditava nele.

Pestanejou. O cursor movia-se novamente pelo ecrã.

duke: É claro que te conheço, Night Owl. Melhor do que todos eles. Amo-te. E prometo que os teus segredos morrerão comigo.

Erika estava com Crane numa das minúsculas salas técnicas junto à sala de operações.

— Muito bem, aqui está o seu telemóvel novo — disse Crane. — Fique com o antigo, carregue-o normalmente, mas só o use se ela ligar de novo. O número está a ser monitorizado. Se ela ligar, o aparelho de localização começará a funcionar de forma automática. Logo. Só não se esqueça disso... conheço agentes que foram apanhados acidentalmente a fazer telefonemas particulares, e eles foram gravados.

— Não se preocupe. Não vou esquecer-me, embora a minha vida particular seja muito chata — respondeu Erika, pegando nos telemóveis. — Espere aí, este tem ecrã tátil — acrescentou ela, olhando para o aparelho novo. — Não tem nada com botões?

— Bom, tecnicamente, é um *upgrade* do aparelho anterior, chefe — justificou Crane.

Bateram à porta e Moss espreitou para a sala.

— Chefe, tem um minuto?

— Tenho.

— Vou ver se lhe arranjo um *Nokia* antigo — prometeu Crane.

— Obrigada — agradeceu Erika.

Seguiu Moss para a movimentada sala de operações, até ao enorme mapa da Grande Londres afixado na parede. Era um quadrado de um metro e oitenta com um labirinto de ruas. As manchas verdes indicavam os muitos parques da capital, mas o mais proeminente era o rio Tamisa, uma linha curva azul que atalhava pelo centro do mapa.

— Ela ligou-lhe de uma cabina telefónica — informou Moss. — Descobrimos que fica em Ritherdon Road, uma rua residencial em Balham. Dista uns seis quilómetros do seu apartamento em Forest Hill. A cabina nunca é usada. Foi o primeiro telefonema feito de lá em três meses. Por causa disso, a British Telecom tenciona removê-la no final do mês.

— Porquê uma cabina? Estamos a pensar que ela não tem telefone? — perguntou Peterson, colocando uma tacha vermelha em Ritherdon Road, na parte inferior do mapa.

— Não... Acho que ela é inteligente — respondeu Erika. — Sabe que podemos localizar telemóveis. Mesmo que usasse um pré-pago,

consegui-lo-íamos a partir da antena de telemóvel mais próxima e obter o número de IMEI e todas as informações do aparelho. Assim, ela permanece anónima. Há câmaras na zona?

— A cabina fica aqui — disse Moss, apontando para a tacha vermelha —, e as primeiras câmaras estão a quatrocentos metros. — Deslizou o dedo até onde Ritherdon Road se encontrava com Balham High Road. — Há um Tesco Metro na esquina da Balham High Road, também conhecida como A24, e câmaras em ambas as direções. Mandámos o detetive Warren ir lá ver se consegue as imagens do parque de estacionamento do Tesco e das câmaras ao longo da A24 em ambas as direções...

— Mas vejam no mapa onde fica a cabina. Ela pode ter ido na direção contrária e feito vários percursos naquele emaranhado de ruas que não são cobertas por câmaras de segurança — argumentou Erika. — Tem mais alguma coisa?

— Bom, a cabina era a boa notícia — disse Moss, aproximando-se de Singh, que estava ao lado das impressoras. — Finalmente, obtivemos os dados dos três *sites* que vendem esses sacos de suicídio no Reino Unido.

— E?

— E, como pode ver, há muito que analisar. Três mil nomes — informou Singh. — Mostraram-se relutantes em dar-nos estes nomes. E já vi que alguns foram pagos com PayPal, o que pode tornar a localização das pessoas mais difícil.

— Merda — resmungou Erika. — Bom, sugiro que comecemos por pôr de parte as pessoas fora da Grande Londres. Devemos partir do princípio de que ela me viu no *Crimewatch*. Isso enfureceu-a, e foi a uma cabina ligar-me.

— Sim, chefe — disse Singh.

— Recebemos telefonemas depois de o programa ir para o ar?

— Poucos — respondeu Peterson. — Estamos a analisá-los, mas acho que o programa deixou muita gente assustada. Um homem da zona norte ligou durante a emissão para dizer que afugentou um ladrão que tentava entrar-lhe em casa por uma janela no rés do chão, uma mulher de Beckenham acha que viu uma figura pequena a andar pelo seu quintal pouco depois do programa... Uma idosa que mora perto de Laurel Road acordou e afugentou um intruso, que saiu pela janela do quarto... Oh, e agora três moradores de Laurel Road acham que viram uma mulher pequena, parecida com a da reconstituição, a entregar caixas de legumes na zona — disse Peterson. — Vamos levar tempo a verificar tudo isto.

— Temos uma cópia do *Crimewatch*? — perguntou Erika. —

Quero vê-lo de novo. Talvez alguma coisa que eu disse tenha feito a mulher procurar-me, descobrir o meu telemóvel e ligar-me. Entrem em contacto com o Tim Aiken. Nunca se sabe, talvez ele tenha alguma coisa interessante para nos contar.

Voltou a olhar para o mapa de Londres que se estendia pela parede.

— Tantos lugares para alguém se esconder na escuridão — observou Moss, lendo-lhe o pensamento.

Erika, Peterson, Moss, Marsh e Tim Aiken estavam sentados em volta do televisor numa das salas da esquadra. Assistiam novamente à participação de Erika no *Crimewatch*.

A detetive detestava ver-se no ecrã: a sua voz parecia mais fina, mais estridente. Por outro lado, agradava-lhe que a Polícia Metropolitana ainda não tivesse trocado os televisores por aparelhos de alta definição. Esses pensamentos, contudo, eram efémeros e estavam em segundo plano na sua cabeça. O que queria saber era, partindo do princípio de que a assassina vira o programa, por que motivo reagira daquela forma.

Chegaram ao fim da parte em que Erika era entrevistada no estúdio. «Acreditamos que ela seja de estatura baixa, mas não se aproximem: trata-se de uma pessoa perigosa e profundamente perturbada», disse Erika no ecrã.

Em seguida o apresentador começou a ler o endereço de *e-mail* e o número de telefone para contacto, que apareceram na parte inferior do ecrã.

— Então? — perguntou Erika, voltando-se para Tim Aiken.

— Há muitas variáveis — disse ele, esfregando o queixo com a barba por fazer e tilintando as pulseiras multicoloridas quando levantou o braço.

— Se a assassina estava a assistir, como terá reagido ao ver os seus crimes recriados no ecrã?

— Pode ter-lhe inchado o ego. Os assassinos em série podem ser indivíduos vaidosos e egocêntricos — disse Tim.

— Então pode ter ficado lisonjeada por termos posto uma mulher jovem e bonita a interpretar o seu papel? — perguntou Moss.

— Depende do que considera *bonita* ou atraente — respondeu Tim.

— Bom, *eu* não correria com ela da cama. Peterson? Superintendente? — perguntou Moss.

Peterson abriu a boca, mas foi interrompido por Marsh.

— Não vou entrar num debate sobre a beleza da atriz da reconstituição — respondeu, irritado.

Tim prosseguiu:

— Ou ela não é atraente e não gostou da forma como foi representada. Ou pode ser uma mulher fisicamente muito mais forte.

Pode não ter gostado que uma rapariga com corpo de elfo tenha interpretado o seu papel... Devemos lembrar-nos de que isto não é sobre ela, é sobre o que faz, e porque o faz. Ela escolhe e mata homens. As vítimas eram altas, fortes e tinham um físico atlético. Ela pode ter sido maltratada por um homem ou homens, o marido, o pai...

— Pode dar-nos um perfil? — pediu Marsh.

— Já submeti um perfil com base num assassino do sexo masculino, *gay*, predador...

— Já descártamos isso, é óbvio — disse Marsh.

— É raro entrar em contacto com uma assassina em série. Fazer o seu perfil é muito difícil. Temos pouquíssimos dados.

— Bom, pagamos-lhe o suficiente. Tente — ordenou Marsh.

— Tim, pode dizer-nos mais alguma coisa a partir do vídeo? — perguntou Erika.

— Pode ter-se avaliado ao comparar-se consigo, inspetora Foster. Ao aparecer no programa, a senhora apresentou-se como a pessoa que vai apanhá-la, independentemente da equipa que trabalha consigo. Ela pode ver isso como uma luta por supremacia. Também lhe chamou «uma pessoa perigosa e profundamente perturbada».

— E ela pode ver-se como vítima — finalizou Erika.

— Sim. E a senhora chamou-lhe isso ao vivo na televisão. Deve tê-la abalado. Certamente fez com que fosse atrás de si.

Quando terminaram, Marsh pediu a Erika que ficasse para conversarem.

— Não estou a gostar disto — disse o superintendente. — Já falei com o Woolf sobre fornecer números de telefone a estranhos.

— Ele não sabia.

— Se quiser, ponho um carro a vigiar o seu apartamento. Algo discreto. Posso disponibilizar alguns agentes.

— Não, superintendente. Ela teve sorte ao conseguir o meu número, e não quero um carro parado frente ao meu apartamento. Vou ficar de olhos abertos.

— Erika. — Marsh tinha uma expressão frustrada.

— Obrigada, mas não. Agora tenho de ir. Aviso se descobrir mais alguma coisa. — Erika saiu da sala.

Marsh ficou ali mais um momento, a olhar para os ecrãs desligados, sentindo-se apreensivo.

Simone seguira o homem de longe durante a maior parte da tarde. A viagem começara frente ao prédio dele em Bowery Lane Estate, perto de Old Street, no centro de Londres. Saíra logo depois do almoço e atravessara a zona financeira até à estação de Liverpool Street. Simone ficara confusa de início, perguntando-se aonde iria ele sem bagagem, apenas de elegantes calções de ganga e camisola de manga curta. Seguira-o a uma distância de vinte metros. A multidão aumentara quando se aproximaram das bilheteiras e quase a arrastara, mas ele fora na outra direção e por um momento perdera-o.

Os olhos tinham-se virado para as escadas rolantes na parede ao fundo, que levavam ao mezanino com lojas, e ao telhado de vidro da estação. Pusera-se em bicos de pés, tentando ver por cima da multidão, e então localizara-o, a descer por uma escada rolante na direção das casas de banho públicas. Simone fora até à grande WH Smith ao lado das escadas rolantes, juntando-se a várias pessoas que olhavam para as revistas, e continuara de olho nas casas de banho.

Lera os títulos dos jornais, muitos deles com artigos e peças sensacionalistas sobre a identidade da Sombra. Guinchara de prazer ao ver que um jornalista do *Independent* lhe chamara «génio do subterfúgio». A mulher ao seu lado olhou-a de relance. Simone encarou-a até ela arrumar a revista na prateleira e sair apressada com a mala.

Tinham passado dez minutos, depois vinte... Simone olhava para as escadas rolantes que levavam às casas de banho. Estaria ele doente? Teria escapado? Quase não desviara os olhos das escadas, com exceção da altura em que aquela mulher idiota olhara para ela. Só quando reparou na quantidade de homens sozinhos que desapareciam pela mesma escada e quanto tempo ficavam lá em baixo é que percebeu que ele andava no engate. Tinha ido à casa de banho atrás de sexo.

Muitas coisas nos homens enojavam Simone: a petulância, o desvio sexual, a forma como recorriam à violência quando queriam controlar ou não conseguiam as coisas à maneira deles. Aquilo não a surpreendeu — era só mais um pormenor para acrescentar à lista — e aumentou a sua determinação. Simone investia o tempo que fosse preciso para recolher as informações sobre os homens que perseguia. Estava preparada para aguardar semanas, para se recostar e

descobrir pacientemente tudo sobre cada um dos seus alvos. Riscara Gregory e Jack da lista seguindo a mesma estratégia.

Olhara para o *Independent* nas suas mãos novamente e relera a descrição: «génio do subterfúgio». Tinha de comprar o jornal. Era a primeira coisa boa que ouvia sobre si em anos.

Estava prestes a ir para a caixa quando ele emergiu na escada rolante... com o rosto levemente vermelho, o olhar vidrado e descontraído. Simone arrumou o jornal, deixou-o adiantar-se, e começou a segui-lo. Ele foi para o fundo da estação e entrou num Starbucks.

Simone aguardou alguns minutos e juntou-se ao fim da fila, mantendo-o na sua visão periférica enquanto olhava para os bolos na vitrina. Era o mais perto que estivera dele até ao momento — apenas três pessoas os separavam.

Sim, ele era jovem, e exercitava-se. Podia ser forte. Embora fosse vaidosamente magro.

Viu-o chegar ao início da fila e flirtar com o bonito empregado negro, inclinando-se e pousando a mão no braço do jovem, soletrando o seu nome, certificando-se de que seria escrito corretamente no copo.

Em breve essa boca chupadora de piças vai dar o último suspiro, pensou ela. Em seguida, sorriu para o empregado e pediu uma fatia de bolo de frutas e um *cappuccino*.

— Como se chama, querida? — perguntou o empregado.

— Mary — respondeu Simone. — Deve ser bastante aborrecido, comparado com os nomes exóticos que ouve.

— Gosto de Mary — disse o empregado.

— Herdei o nome da minha mãe. Também se chama Mary. Está no hospital... muito doente. Sou tudo o que ela tem.

— Sinto muito. Deseja mais alguma coisa?

— Vou levar uma cópia do *Independent*. Tenciono ler-lho mais tarde. Ela adora saber tudo o que se passa no mundo.

Simone pegou no jornal, no café e no bolo e foi sentar-se.

A vigiar a vítima seguinte.

A descida de temperatura durou pouco tempo. Ao longo dos dias seguintes, o sol começou a brilhar de forma implacável e a investigação pareceu chegar a um impasse.

A reconstituição no *Crimewatch* ficara no *iPlayer* da BBC durante uma semana, e à medida que mais pessoas a viam, surgiram mais telefonemas e *e-mails* para analisar.

Os restantes moradores de Laurel Road chegaram das férias e espalhou-se a notícia de que a sua rua tinha aparecido numa reconstituição que passara num canal nacional. Vários lembravam-se de ter visto uma jovem de cabelo escuro a distribuir folhetos de porta em porta, outros lembravam-se de uma rapariga a entregar cabazes de fruta e legumes e de uma rapariga na carrinha de um canalizador a reparar um cano perto da casa de Gregory Munro.

Aquela nova série de avistamentos fez a equipa de Erika trabalhar ainda mais. Conseguiram localizar a canalizadora, que na verdade era um jovem com ar saudável, e a mulher de cabelo escuro que entregava semanalmente cabazes de fruta na zona. Apresentaram-se ambos na esquadra voluntariamente, responderam a perguntas e até forneceram amostras de ADN. Depois de uma espera tensa de doze horas, os resultados entregues revelaram-se negativos. O ADN deles não correspondia às amostras recolhidas na porta das traseiras de Jack Hart nem no saco de suicídio.

Dois moradores de Laurel Road e um dos vizinhos de Jack Hart foram a Lewisham Row e ajudaram a fazer retratos-robô da mulher que tinham visto a entregar folhetos. Erika esperava que aquilo conduzisse a alguma descoberta, mas todos os retratos eram parecidos com Lottie, a atriz que aparecera no *Crimewatch*.

No entanto, o trabalho mais deprimente fora localizar os londrinos que tinham comprado sacos de suicídio pelos *sites*. Muitos dos telefonemas tinham sido atendidos por pais e cônjuges enlutados que haviam respondido que sim, um dos sacos fora comprado, e que a tentativa de suicídio fora concretizada.

Na tarde de 15 de julho, o ambiente na sala de operações era de desânimo. No dia anterior, seis membros da equipa de Erika haviam sido transferidos para um caso de tráfico de drogas, e ela acabara de falar ao telefone com um pai furioso de três crianças cuja mulher se matara, e cuja filha pequena encontrara o corpo com o saco de

plástico na cabeça.

Era sexta-feira e Erika percebia que o resto da equipa estava desejosa de ir para casa desfrutar o fim de semana. Não podia culpá-los; tinham trabalhado muito, com escassos resultados. E os jornais estavam cheios de fotos de pessoas nas praias e nos parques locais.

Moss e Peterson encontravam-se sentados à secretária, bem como Crane e Singh. Erika olhou para os quadros com as fotos de Gregory Munro e Jack Hart pelo que lhe pareceu ser a milésima vez. Agora havia ali também a imagem tirada de um dos *sítes* de suicídio, de um manequim bronzado e careca deitado num quarto lúgubre, com um saco de suicídio na cabeça, o tubo e a botija de gás. As suas pálpebras estavam sombreadas de roxo e tinham longas pestanas pintadas.

— Chefe, tenho o Marsh ao telefone — avisou Moss, cobrindo o bocal.

— Pode dizer-lhe que já saí? — pediu Erika. Calculava que mais gente da equipa estava prestes a ser transferida e não suportava a ideia de outra reunião acalorada.

— Quer que vá ao gabinete dele. Diz que é importante.

— Talvez queira dizer-lhe que vamos ter um ar condicionado decente — comentou Peterson com um sorriso.

— A esperança é a última a morrer — disse Erika. Enfiou a camisa dentro das calças, vestiu o *blazer*, saiu da sala de operações e subiu os quatro lanços de escadas até ao gabinete de Marsh.

Bateu à porta e ele gritou-lhe que entrasse. Ficou admirada ao ver que o superintendente arrumara o gabinete: livrara-se da confusão das pastas velhas, das roupas e do cabide desmontado. Havia uma garrafa de *Chivas Regal* de dezoito anos em cima da mesa.

— Posso servir-lhe uma bebida? — perguntou ele.

— Sim, já que é sexta-feira.

Marsh foi ao canto da sala, e Erika viu que onde antes havia uma pilha de casacos e documentos, encontrava-se agora um pequeno frigorífico. Marsh abriu-o e tirou uma cuvette do congelador. Ela viu-o pôr gelo em dois copos de plástico, e em seguida servir uma generosa dose de uísque em cada um deles.

— Bebe com gelo, certo? — perguntou ele.

— Sim, obrigada.

Ele pôs a tampa na garrafa, pousou-a na mesa, depois entregou-lhe um dos copos.

— Sei que amanhã é o segundo aniversário — comentou em voz baixa. — Só queria beber um copo consigo. Para que saiba que não me esqueci. Para brindar ao Mark.

Ele levantou o copo e Erika bateu com o seu no dele. Beberam um gole.

— Sente-se, por favor.

Sentaram-se, e Erika baixou o olhar para o líquido cor de âmbar que se agarrava rapidamente ao gelo que derretia. Sentiu-se sensibilizada, mas estava decidida a não chorar.

— Ele era um bom homem, Erika.

— Não consigo acreditar que já passaram dois anos. No primeiro, acordava quase todas as manhãs sem me lembrar de que ele partira. Mas agora habituei-me ao facto de ele não estar presente, o que, até certo ponto, é pior.

— A Marcie também lhe manda cumprimentos.

— Obrigada... — Erika enxugou os olhos com a manga e mudou de assunto. — Os retratos-robô chegaram. São todos uma reprodução da atriz do *Crimewatch*.

— Sim, eu vi.

— Receio que só consigamos descobrir alguma coisa quando ela matar de novo. Mas vamos continuar a trabalhar nisso. Na próxima semana vou pôr a equipa a rever todas as provas. Recomeçamos do zero. Há sempre alguma coisa, por menor que seja...

Marsh recostou-se na cadeira. Ele parecia constrangido.

— Sabe como isto funciona, Erika. Ela pode atacar de novo daqui a semanas, ou dias... ou pode levar meses. Trabalhei na Operação Minstead. Num determinado momento, o agressor não atuou durante sete anos.

— É assim que me retira do caso, com bons modos?

— Não... Vou dar-lhe mais tempo, mas tenho de lhe recordar que os recursos não são infinitos.

— Então para que é o uísque?

— É um gesto genuíno. Não tem que ver com o trabalho.

Erika bebeu um gole e ficaram sentados em silêncio por um momento. Ela olhou para a vista atrás de Marsh: o céu azul, as casas ao longe, dando lugar a manchas verdes no horizonte.

— O que vai fazer amanhã? Tem alguém consigo? — perguntou ele.

— O pai do Mark ofereceu-se para vir a Londres, mas pensei que com a investigação...

— Tire o dia de folga, Erika. Está a trabalhar nisto, sem descansar, há três semanas.

— Sim, senhor.

Ela bebeu o resto do uísque e pôs o copo de plástico na mesa.

— Acho que ela planeia o próximo homicídio, superintendente.

Não vai hibernar. Não acho que serão sete semanas, muito menos sete anos.

Simone seguiu o homem em mais três ocasiões. Ele gostava de passar as tardes numa sauna *gay* em Waterloo, atrás da estação de comboios. Por duas vezes, seguiu-o até lá e ficara discretamente à espera num cibercafé um pouco mais abaixo. As visitas dele tinham durado várias horas. Certa manhã, apanhara o metro em Barbican. Ela sentara-se ao fundo da carruagem, no meio de outros passageiros, a fingir ler o *Metro* enquanto a composição percorria a Circle Line até à estação de Gloucester Road.

Sentira-se desconfortável a segui-lo na zona oeste de Londres. Era uma área que desconhecia. Transpirava dinheiro, com a sua mistura de elegantes casas jorgianas e pessoas exóticas a beber em esplanadas. Ele tocara à campainha de um escritório elegante numa rua residencial e desaparecera lá dentro sem olhar para trás.

Ela voltara naquele dia para observar o prédio onde ele vivia. O Bowery Lane Estate era um grande e lúgubre bloco de apartamentos de seis andares em forma de U, com um retângulo de relva no meio. Era feito de betão, construído como alojamento camarário depois da Segunda Guerra Mundial, quando a maior parte de Londres fora bombardeada. Agora, sessenta anos depois, o prédio era considerado um local de importância arquitetónica e cada apartamento valia meio milhão ou mais — os novos moradores endinheirados conviviam desconfortavelmente com o resto dos inquilinos das casas camarárias.

Antigamente, a entrada principal era acessível a partir da rua, mas um assalto à mão armada no final da década de 1980 levava a que fosse fechada com vidro reforçado, e a grande porta de vidro era vigiada por um sistema de segurança com vídeo.

Observando o local desde um cibercafé do outro lado da rua, Simone tentara descobrir forma de entrar. A mais óbvia seria esperar pela entrada ou saída de um morador, mas isso raramente funcionava. Em duas ocasiões, vira distribuidores serem impedidos de entrar por moradores idosos. Os residentes usavam uma chave eletrónica na forma de cartão de plástico, que encostavam a um painel sob as campainhas, destrancando a porta.

Aquilo preocupava Simone. Ela era boa com fechaduras, mas ia ser difícil conseguir um daqueles cartões-chave sem lhe fazerem perguntas. Ou sem armar uma confusão que teria de ser explicada.

Então, às duas da tarde, vira um grupo barulhento de idosas sair

pelas grandes portas de vidro, todas com uma toalha de banho enrolada. Atravessaram o pátio de relva e entraram por uma porta ao fundo. Regressaram uma hora depois, com o cabelo molhado, a tagarelar e a atravessar lentamente a relva iluminada pelo sol, e usaram os cartões-chave para abrir a porta principal.

Simone pesquisara «Bowery Lane Estate» no Google e descobrira que havia uma pequena piscina municipal no rés do chão. Davam ali aulas de natação a idosos quatro dias por semana.

Com isso em mente, ela aguardou que os horários se cruzassem, seguiu o homem até uma das suas sessões regulares de sauna em Waterloo e voltou para Bowery Lane Estate a tempo de apanhar as idosas a sair para nadar.

Simone achava que as coisas simples funcionavam melhor; então, com a farda de enfermeira e uma peruca escura curta retirada do armário de uma paciente com cancro que morrera recentemente, aproximou-se da porta de vidro quando as idosas iam a sair.

Bastou um sorriso e um pedido de desculpas por ter perdido a chave, e as senhoras deixaram-na passar. Às vezes ajudava ser vulgar e desinteressante.

O apartamento dele era o número 37, no primeiro andar. Cada andar era um corredor comprido de betão, ao ar livre, cheio de portas. Simone moveu-se de forma confiante, passando pela janela da frente dos apartamentos, dando-se conta de que cada uma daquelas janelas dava para a cozinha. Numa delas, viu uma idosa a lavar a louça; noutra, vislumbrou uma sala a seguir à cozinha, onde duas crianças brincavam sentadas no tapete.

Chegou à porta do número 37 — o terceiro apartamento antes do fim do corredor — com uma chave na mão. Apostara que a porta tinha uma fechadura tipo *Yale*. Era das mais comuns e abria com uma chave fina. Duke ensinara-lhe tudo sobre arrombar fechaduras. Era possível forçar uma fechadura daquelas com uma chave de formato especial com a borda dentada. O único problema era que aquilo podia ser barulhento. Uma vez dentro da fechadura, a chave tinha de ser puxada ligeiramente para fora, depois era só bater-lhe com força com um martelo ou um objeto semelhante. Isso obrigava a subir os cinco pequenos pinos que constituíam o mecanismo da fechadura, enganando-a e fazendo-a pensar que aquela era a chave correta.

Duke encomendara uma chave mestra pela Internet, juntamente com os sacos de suicídio. Simone treinara com a chave na porta das traseiras, mas o seu coração galopava quando se aproximou da porta do homem. Ficou satisfeita ao ver que a fechadura era tipo *Yale*, e inseriu a chave. Na outra mão tinha uma pedra pequena e lisa que

usou para bater com força na chave... uma, duas vezes... e girou a maçaneta.

O triunfo inundou-a quando a porta se abriu. Se a fechadura fosse de canhão fixo, com sistema *deadlock*, aquilo teria sido quase impossível, mas a porta abriu-se e Simone entrou silenciosamente. Verificou se havia alarme e ficou contente ao constatar que não. Parecia que o sistema de vídeo na entrada fizera aquele homem pensar que não precisava de segurança extra.

Permaneceu uns momentos encostada à porta, à espera de que a respiração voltasse ao normal.

Atravessou depressa o apartamento. A primeira porta à esquerda levava à cozinha — era minúscula, mas moderna. O corredor estendia-se até uma sala enorme. Através de uma grande janela, viu a gigantesca torre do Lloyd's e os edifícios mais baixos em volta. Na sala havia um televisor de ecrã plano e um sofá grande em forma de L. Sobre o sofá, a fotografia gigante de um homem nu fitava-a com malevolência. Havia uma parede repleta de livros, e a última prateleira da estante era dedicada exclusivamente ao álcool: cinquenta garrafas, talvez mais.

Eram demasiadas garrafas. Teria de recorrer ao uso de uma seringa?

No canto detrás, havia uma escada de caracol em metal que desaparecia no teto. Simone subiu e viu que o andar de cima também era pequeno: um desafio.

O seu coração começou a bater devido à animação e à expectativa. Estava mais excitada com aquele do que com os outros. Verificou a localização da caixa da eletricidade, das linhas telefónicas e, quando se deu por satisfeita, voltou à porta da frente. Na parede ao lado pendiam vários casacos: compridos, curtos, grossos e finos. Havia ainda um chaveiro cheio de chaves, e ela experimentou todas na porta até encontrar a que a abria.

Às vezes, as coisas estão simplesmente destinadas a acontecer, pensou, trancando a porta do apartamento depois de sair.

Pelo aniversário da morte de Mark, Moss convidara Erika para um churrasco em sua casa, dizendo que também tinha convidado Peterson. Erika ficou grata pela preocupação deles, mas disse que queria passar o dia sozinha.

O que a surpreendeu foi não ter notícias de Isaac. Ele estivera muito calado durante a semana anterior, e ela percebeu que o vira pela última vez na autópsia de Jack Hart. Talvez a sua reserva em relação a Stephen tivesse afetado a amizade de ambos.

Erika acordou cedo, e uma das primeiras coisas que fez foi tirar os relógios da cozinha e do quarto. Manteve a televisão, o portátil e o telemóvel desligados. As quatro e meia da tarde estavam gravadas na sua memória. Fora a essa hora, dois anos antes, que ela dera a ordem para entrarem na casa de Jerome Goodman.

Estava outro dia quente, mas ela foi correr, dando tudo por tudo no ar húmido, contornou o parque Hilly Fields no meio dos rapazes que passeavam cães, das pessoas que jogavam ténis nos campos gratuitos e das crianças a brincar. Parou ao fim de duas voltas e regressou a casa.

Assim que chegou, começou a beber, servindo-se da garrafa de *Glenmorangie* que abrira para Peterson.

Sentou-se no sofá, o calor a circular pela casa e um corta-relva a zumbir em fundo. Apesar de todas as coisas que dissera a si mesma sobre seguir em frente, sentia-se puxada para aquele dia escaldante naquela rua decrépita em Rochdale...

Erika sentia o equipamento de proteção colar-se à pele através da blusa. As pontas duras e afiadas do colete à prova de bala tocaram-lhe no queixo quando se agachou contra o muro baixo da casa geminada.

Havia seis agentes na sua equipa, todos também agachados contra o muro, três de cada lado, com o portão entre eles. Ao lado dela, estava o inspetor Tom Bradbury, conhecido por Brad — um agente com quem ela trabalhava desde que entrara como recruta na polícia de Manchester. Ele mascava pastilha e respirava devagar. O suor escorria-lhe pelo rosto e ele agitava-se ansioso.

Ao lado de Brad estava Jim Black, ou Beamer. Tinha um rosto sério, que se transformava por causa do seu enorme sorriso. O facto

de ele conseguir ser tão determinado e sisudo no trabalho, e, ainda assim, esboçar sorrisos tão deslumbrantes, fazia sempre Erika rir-se. Ela e Mark tinham-se tornado amigos próximos de Beamer e da mulher, Michelle, que era funcionária civil na esquadra deles.

Do outro lado do portão, estava Tim James, uma estrela em ascensão e um novo membro da equipa de Erika. Era um agente excecional. Alto, magro e lindíssimo. Durante o dia, prendia rufias de aspeto grosseiro e, à noite, frequentava bares para se dar com eles. Tim James tinha recebido a alcunha de TJ ao entrar para a equipa e, quando os colegas souberam que ele gostava de homens, tornou-se BJ (Blow Job), mas era uma alcunha afetuosa, e ele teve o bom senso de perceber isso.

Ao lado de BJ estava Sal, cujo nome completo era Salman Dhumal: um indiano extremamente inteligente, com cabelo e olhos negros. A família vivia em Bradford havia quatro gerações, mas durante as patrulhas ainda tinha de ouvir insultos como «volta para a tua terra». A mulher, Meera, tomava conta dos três filhos, além de ser uma das maiores vendedoras da marca Ann Summers no Noroeste do país.

E, finalmente, na ponta estava Mark. Sempre conhecido apenas como Mark. Não que fosse chato ou desinteressante. Era amigo de toda a gente, de bom trato, calmo e de uma lealdade feroz. Mark tinha tempo para todos, e Erika sabia que era graças a ele que tinha tantos amigos — ele suavizava as arestas da personalidade abrasiva da mulher, amaciava a dureza dela, e, em troca, Erika ensinara-lhe a não deixar que tudo recaísse sobre os seus ombros.

Lá estavam eles, às quatro e vinte e cinco da tarde, no dia 25 de julho, a suar, acorados junto à casa do traficante Jerome Goodman. Vigiavam-no há anos, e nos últimos dezoito meses ele envolvera-se no sangrento assassinio de um importante traficante num pub em Moss Side. Aproveitando-se do vazio de poder deixado pela morte do outro, Jerome apoderara-se do fornecimento e da produção de metanfetamina e ecstasy. E naquele dia escaldante, numa rua decrépita de Rochdale, eles aguardavam para entrar à força naquela casa geminada, um dos seus redutos.

Na esquadra, um grupo de trabalho apoiara Erika e a equipa. A casa estava sob vigilância havia semanas, e imagens dela estavam gravadas na sua memória. Fachada de betão, caixotes do lixo com rodas a transbordar, contadores de gás e luz na parede com as tampas arrancadas.

Um agente infiltrado conseguira a planta do interior da casa. Tinham decidido o local de entrada: a porta da frente, e depois

subiriam a escada. A porta à esquerda do patamar levava a um quarto nas traseiras, e acreditavam ser aí o laboratório de metanfetamina.

Nos últimos dias, a vigilância vira uma mulher entrar e sair com um menino. Era um risco. Tinham de prever a possibilidade de Jerome usar o menino como escudo, como chantagem, ou, na pior das hipóteses, ameaçar acabar com a vida dele — mas estavam preparados. Erika vira e revira a entrada com a sua equipa. Trabalhavam muito bem juntos.

Foi dominada pelo medo quando o relógio marcou as quatro e meia. Levantou o olhar e deu a ordem. Viu os colegas entrarem pelo portão e chegarem à porta da frente. Ela seguiu na retaguarda. Algo brilhante atingiu o seu olho, encandeando-a, e ela percebeu que era o sol a incidir no disco do contador da luz, que girava. Cintilou de novo, e de novo, quase acompanhando as pancadas do aríete na porta. À terceira tentativa, a madeira estilhaçou-se e a porta da frente abriu-se com estrondo.

Perceberam logo que Jerome fora avisado. Depois de alguns minutos que provocaram uma reviravolta, Brad, Beamer e Sal estavam mortos. Erika levou um tiro no colete, e caiu para trás. Em seguida, uma bala atravessou-lhe o pescoço, sem atingir nenhuma das artérias principais. Mark estava perto quando Erika levou a mão ao pescoço e o sangue começou a jorrar entre os seus dedos.

Mark olhou para ela, com horror nos olhos ao perceber o que acontecia — e em seguida pareceu ficar paralisado.

Naquele momento, Erika viu que a parte detrás da cabeça do marido explodira.

Erika e o inspetor Tim James foram retirados do local de helicóptero, gravemente feridos. Ela deixou os seus agentes — os amigos e o marido — mortos.

Na verdade, tudo acabara em minutos, mas desde as quatro e meia da tarde daquele dia fatídico, a vida de Erika parecia andar em câmara lenta. Desde então, sentia que caminhava através de um pesadelo do qual jamais acordaria.

Simone recuou, olhando para Mary deitada de esguelha na cama, com apenas metade do corpo dentro da camisa de dormir estampada. Estava sem fôlego e zangada.

Vira a camisa de dormir numa loja de caridade em Beckenham e decidira comprá-la para Mary. Era um bom sítio para encontrar pechinchas; as pessoas que doavam para as lojas de caridade em Beckenham tinham uma situação melhor do que as da zona onde ela vivia, por isso era possível conseguir coisas boas.

A camisa de dormir custara-lhe doze libras. Ela hesitara antes de gastar tanto, mas adorara o estampado das cerejas no fundo branco e achara que ficaria muito bem a Mary.

O problema era que não lhe servia. Os ombros de Mary eram muito largos e Simone passara quinze minutos a tentar enfiar os membros inertes dela nas mangas, mas ficaram presos. A idosa estava deitada com a roupa presa na cabeça e a apertar-lhe os ombros, o que, por sua vez, fazia com que os braços pendessem à frente do corpo.

Simone começou a andar de um lado para o outro no quarto. Faltavam apenas alguns minutos para a hora da refeição, altura em que as enfermeiras apareciam para alimentar os doentes. Mary não comia, mas era quase certo que alguém abriria a porta.

— Porque não me disse que vestia mais do que o quarenta? — queixou-se Simone. — Não tem comido. Gastei muito dinheiro nisto!

Agarrou na gola da camisa de dormir e puxou-a. A cabeça de Mary oscilou, sem apoio, já que o seu tronco estava levantado do colchão. Simone lutou com a camisa até que, de repente, ela se soltou com o barulho de algo a rasgar-se e Mary caiu para um lado, batendo com a cabeça na grade de segurança.

— Veja o que fez — disse Simone, levantando a camisa rasgada. — Agora não posso sequer devolvê-la à loja! — Sacudiu a idosa, sentindo o corpo inerte, pequeno e frágil. Soltou-a em seguida. — Porque é que as pessoas me desiludem sempre?

Com brusquidão, enfiou Mary na bata de hospital e tapou-a com o cobertor.

— Não vou falar consigo durante uns tempos — anunciou Simone, dobrando a camisa de dormir e metendo-a no saco. — Desiludiu-me. Não passa de uma velha gorda e mal-agradecida.

Gasto o meu dinheiro suado em roupas boas para si e não tem sequer a decência de caber nelas!

Simone pôs a mala ao ombro e abriu a porta. O som de gemidos ecoava pelo corredor.

Ela virou-se para Mary.

— Não me admira que o George a tenha deixado... vou visitar outra pessoa.

Erika abriu os olhos na sala escura e sombria. Anoitecera, e uma brisa entrava pelas portas abertas do jardim. Levantou-se e sentiu a dor pulsar na sua cabeça: o início de uma ressaca por causa do uísque que bebera.

O vento soprara uma pequena pilha de folhas pela porta do jardim e amontoara-as na carpete. Ela inclinou-se e apanhou-as. Eram compridas, com uma textura diferente, e Erika reconheceu que eram de eucalipto. Levou-as ao nariz e inalou a mistura de mel e hortelã, um aroma fresco e quente. Sentiu o peito aquecer quando a memória de Mark regressou. Eucalipto era o seu aroma preferido. Ela costumava comprar-lhe frasquinhos de óleo de eucalipto para o banho. Inalou de novo as folhas e saiu para o jardim escuro. O vento fresco agitou-lhe o cabelo e ela viu o contorno escuro do enorme eucalipto na rua, atrás das casas.

Ouviu-se um trovão e uma grande gota de chuva atingiu-lhe a perna. A seguir outra e outra e mais outra, até que, de repente, começou a chover torrencialmente. Ficou ali por um momento e levantou o rosto para a chuva, saboreando a sensação da água fria a cair-lhe em cima. Os trovões ribombavam e a chuva ficou mais forte, impiedosa, deixando-a completamente encharcada, lavando as lágrimas e o suor do dia.

Então apercebeu-se de que a porta do jardim estava fechada quando se sentara no sofá e adormecera. Virou-se e olhou para lá, estava escuro. Não conseguia ver lá para dentro. Foi até ao canto do jardim, tirou uma pedra grande do estreito canteiro de flores ao longo da vedação e, suspendendo-a, entrou de novo em casa.

Ligou a luz. A sala estava vazia. Avançou pelo corredor, ligou a luz e levantou a pedra, preparando-se para a utilizar ao acender a luz da casa de banho. Nada. Chegou à porta do quarto e ligou a luz. Também estava vazio. Agachou-se, olhou para debaixo da cama e, ao endireitar-se, viu algo.

Havia um envelope creme grosso em cima da sua almofada. Escrito nele, a tinta azul, estava: «Inspetora Erika Foster.»

Erika olhou para o envelope, com o coração a bater muito depressa. Pôs-se em pé, segurando a pedra, e foi até à sala. Fechou com toda a força a porta do jardim e trancou-a. Estava escuro lá fora e a chuva batia com força no vidro. Procurou na mala um par de luvas

de látex. Foram necessárias várias tentativas para as calçar devido ao tremor das mãos. Regressando ao quarto, aproximou-se do envelope cautelosamente e levantou-o da almofada.

Ela tinha entrado... entrado na sua casa. A Sombra, Erika tinha a certeza. Levou o envelope para a cozinha e pousou-o na bancada. A chuva continuava a martelar as janelas. Erika abriu-o cuidadosamente com uma faca e tirou dele um postal. Tinha a foto de um pôr do Sol no mar. O Sol parecia uma grande e ensanguentada gema de ovo, a explodir no horizonte. Respirou fundo e virou o postal. Ali, escrito a azul numa letra bonita, estava:

*Não chores junto ao meu túmulo.
Não estou ali; não durmo.
Estou em mil ventos que sopram,
No brilho de diamante na neve,
Estou no sol que amadurece o grão,
Na suave chuva de outono.
Quando acordas no silêncio da manhã
Estou na algazarra graciosa
Das aves em voo circular.
E das estrelas da noite sou o ténue brilhar.
Não chores junto ao meu túmulo,
Não estou ali; não morri.*

Sob o poema estava escrito:

*Tem de o deixar partir, Erika...
De uma viúva para outra.*

A Sombra da Noite

Erika largou o cartão na bancada da cozinha e deu um passo para trás, descalçando as luvas de látex das mãos trémulas. Percorreu o apartamento de novo, verificando se as janelas e as portas estavam trancadas. A Sombra estivera na sua casa; entrara enquanto Erika dormia. Quanto tempo estivera ali? Tê-la-ia visto dormir?

Olhou em volta e sentiu um calafrio. A assassina não só estivera na sua casa, como agora parecia estar dentro da sua mente. O poema era lindo, falava com ela, falava com os seus sentimentos de perda e luto. Como é que alguém tão doentio podia ligar-se a si tão profundamente?

Simone corria pelas ruas secundárias pouco movimentadas, que eram já ínfimas no centro de Londres. Chovia torrencialmente e ela sentia o sangue escorrer pelo lado do pescoço; tinha a boca dormente e o lábio superior inchado. Aquilo não correra conforme o plano. Ela fizera merda.



O início fora tranquilo. Conseguira entrar de novo no Bowery Lane Estate com a roupa de enfermeira. O corredor do primeiro andar estava vazio e ela avançou sem fazer barulho, passando pelas janelas abertas das cozinhas. Através de uma delas, viu um homem a dormir diante da televisão ligada. Simone parou e ficou a olhar para ele um momento. As pernas abertas, um braço sobre o peito, que subia e descia banhado pela luz tremulante do aparelho...

Obrigou-se a seguir e a atravessar as sombras até chegar ao número 37, a porta do apartamento de Stephen Linley. Encostou a orelha à tinta vermelha e não ouviu nada. Meteu a chave na fechadura e a porta fez um clique suave ao abrir-se.

Stephen Linley chegou a casa uma hora depois. Ela ficou à espera dele nas sombras, ouvindo-o movimentar-se pela cozinha. Através de uma escotilha de vidro na sala de estar, viu-o encher um copo grande com o sumo a que ela juntara um pouco da droga da violação. Ele bebeu depressa, depois encheu outro copo e levou-o para o andar de cima.

Passou muito perto de onde Simone aguardava, atrás das grossas dobras da cortina junto à grande janela. Sentiu o ar deslocar-se quando ele passou e o cheiro do homem: um aroma doce e intenso a perfume, suor e sexo. Isso aumentou o seu ódio por ele.

Ouviu-o entrar na casa de banho e avançou no escuro, sem fazer som algum na carpete. A porta da casa de banho foi fechada e Simone ouviu o tinir do cinto a ser aberto e o som da urina na sanita.

Aproveita, é a última vez que vais usá-lo, pensou Simone. Entrou no quarto e abriu suavemente o cinto fino para guardar dinheiro, tirando o saco de plástico bem dobrado.

Deitou-se na carpete e deslizou para debaixo da cama. Simone

gostava daquela parte, da espera. Reforçava os pesadelos infantis do papão debaixo da cama, dos monstros no armário escuro. Ela era um monstro, sabia-o, e gostava.

OuvIU os sons abafados de Stephen na casa de banho. A torneira a ser aberta e a cortina da banheira a ser puxada.

Minutos depois, os pés dele apareceram finalmente no seu campo de visão enquanto, cambaleante, dava a volta à cama. O telemóvel de Stephen começou a tocar, e ele praguejou, procurando-nos bolsos das calças. O aparelho fez um clique quando ele cancelou a chamada e, em seguida, caiu na carpete ao lado dela. O ecrã brilhava. Então, ele desequilibrou-se e caiu na cama. Simone encolheu-se um pouco e recuou para as sombras. O colchão oscilava acima dela.

— Caramba, quanto é que eu bebi? — ouviu-o murmurar.

Aguardou mais um minuto antes de deslizar para o lado onde estava o telemóvel. Esticou o braço, puxou-o para si e desligou-o. Devagar, muito devagar, saiu de baixo da cama. Viu que ele estava deitado de lado, de costas para ela, a passar lentamente a mão trémula pelo rosto. Ficou um momento a observá-lo, ouvindo os gemidos, depois saiu silenciosamente do quarto e desceu a escada. A caixa de fusíveis ficava num pequeno armário sob a escada de caracol. Abriu-a e desligou o disjuntor.

Os seus olhos habituaram-se à pouca claridade. Olhou para os livros que ele escrevera alinhados nas prateleiras: *Descida para as Trevas*, *Das Minhas Mãos Frias e Mortas*, *A Rapariga na Cave*. O que ela mais odiava e temia era a mente de Stephen Linley. O seu marido gostara daqueles livros, gostara do horror e da tortura. Lembrava-se de como Stan a segurara e deitara água a ferver sobre o seu corpo nu... como tinha retirado a tortura das páginas do livro *Das Minhas Mãos Frias e Mortas*.

Ficou parada um minuto a absorver o silêncio e foi interrompida pelos murmúrios de Stephen no andar de cima.

— Vou apanhar-te. Vou apanhar-te, seu filho da mãe diabólico — sussurrou Simone, movimentando-se depressa, subindo a escada e entrando no quarto.

A cama rangeu quando ela se sentou ao lado de Stephen. O plástico fez barulho quando Simone esticou os braços e lhe enfiou o saco na cabeça.

Stephen entrou em pânico e debateu-se, acertando de lado na cabeça de Simone com o punho. Ela tentou ignorar a dor e a explosão de estrelas, e puxou o cordel, apertando-o em volta do pescoço. Ele lutou com mais força e atacou de novo, acertando-lhe na boca. A força

do soco surpreendeu-a; julgara que, por aquela altura, ele estaria enfraquecido pela droga que lhe pulsava nas veias. Simone deu um puxão brusco no cordel, que ficou ainda mais apertado, cravando-o na pele do pescoço. Stephen começou a debater-se no colchão, procurando afastar-se dela na cama. Simone achou que ele tentava fugir e só se deu conta do que ele fazia quando Stephen levantou o braço e algo muito duro e pesado lhe acertou na parte de trás da cabeça. Só que ele não tinha força para desferir um golpe certo, e o objeto grande resvalou e rolou pelo colchão.

O saco estava agora mais apertado e o vácuo começava a formar-se no plástico sobre o rosto e a boca, que gemia. Simone segurou o saco com uma mão e com a outra procurou o que lhe acertara. Stephen deu-lhe uma dolorosa cotovelada na têmpora e a mão de Simone fechou-se em volta de um grande e pesado cinzeiro de mármore. Ele arranhava como um louco o plástico sobre a cara enquanto sufocava. Stephen fincou os pés no colchão e impeliu-se para cima. Simone sentiu a cabeça dele afastar-se. Levantou o cinzeiro e, com toda a força, bateu-lhe com ele. Com um baque surdo e nauseante, a parte da frente do crânio de Stephen afundou-se. Ela levantou o cinzeiro e bateu-lhe outra vez, e outra. À terceira, o saco de plástico rasgou-se e sangue e osso mancharam a parede.

Ela ficou sentada no colchão, a tremer. Tinha conseguido. Tinha conseguido. Mas fizera merda. Foi então que saiu do quarto, caiu quando ia a meio da escada e escorregou até ao chão, levantou-se e fugiu do apartamento. Não parou até estar a uma distância segura, envolta pela escuridão e pela chuva torrencial.

Erika deu um salto quando o seu telefone fixo começou a tocar, perfurando o som da chuva torrencial. Não sabia quanto tempo estivera a olhar para a letra bonita no postal. Levantou o telefone do chão ao lado da porta de entrada e atendeu.

— Erika, ajuda-me, ele está morto! — disse uma voz que ela mal reconheceu.

— Isaac, és tu?

— Sim! Erika, tens de me ajudar. É o Stephen... Acabei de chegar ao apartamento dele, e encontrei-o... meu Deus... há sangue, há sangue por todo o lado...

— Chamaste a polícia? — perguntou Erika.

— Não, não sabia a quem mais ligar... ele está deitado na cama, nu...

— Isaac, ouve, tens de chamar a polícia.

— Erika... Ele está morto e tem um saco de plástico na cabeça...

A chuva era torrencial quando Erika chegou a Bowery Lane Estate. Enquanto os seus limpa-para-brisas se esforçavam por combater o dilúvio, as luzes azuis dos carros-patrolha junto à entrada pareciam misturar-se com a água, formando riscas. Ela parou atrás de uma das carrinhas e saiu para a chuva.

— Minha senhora, não pode estacionar aí! — gritou um guarda correndo na direção de Erika.

Ela mostrou o distintivo.

— Sou a inspetora-chefe Foster, estou a responder à chamada — mentiu ela.

— É a agente responsável pelo caso? — perguntou o polícia, levantando a mão para proteger os olhos da chuva que batia no revestimento à prova de água do seu capacete.

— Saberei mais quando vir o cenário — respondeu a detetive.

Ele mandou-a passar e ela avançou na direção da fita. Havia carros-patrolha em cima do passeio e uma ambulância na relva do pátio, as suas luzes a juntar-se à sinfonia de azul e vermelho refletida no prédio.

Erika levantou o olhar e viu que as luzes começavam a acender-se nos apartamentos. Um guarda mandava as pessoas voltarem para dentro, e Erika viu um grupo de meninas em pijama a serem

arrebanhadas pela mãe.

Mostrou o distintivo quando chegou à fita da polícia.

— A senhora não está na lista — gritou o agente para se fazer ouvir acima do barulho da chuva e das sirenes.

— Estou na primeira equipa de resposta. Inspetora-chefe Foster — gritou ela, mostrando o distintivo de novo. Ele mandou-a assinar a prancheta, depois levantou a fita.

Passou por uma grande porta de vidro aberta, entrou e subiu uma escadaria. O betão era cinzento e tinha décadas de manchas. O apartamento de Stephen Linley estava cheio quando Erika lá chegou. Mostrou o distintivo e recebeu um macacão, uma máscara e capas para os sapatos, que vestiu apressadamente no corredor. Os técnicos andavam à procura de impressões digitais em todos os espaços disponíveis do pequeno apartamento, e a tirar fotos. Trabalhavam em silêncio e não lhe ligaram quando ela subiu a escada em espiral com uma sensação de temor. Ouviu murmúrios lá em cima e o som da máquina fotográfica.

O quarto estava mais caótico do que ela imaginara. Havia um homem nu deitado num colchão branco ensopado de sangue. O corpo não tinha marcas, porém a cabeça estava irreconhecível dentro do saco de plástico. A parede branca atrás encontrava-se salpicada de vermelho. O quarto encontrava-se cheio de agentes, e um deles chamou a atenção de Erika por ser muito alto. Ao seu lado, havia outro bastante mais baixo e gordo que abriu uma das gavetas da cómoda e tirava de lá vários *dildos*, arneses de couro e o que pareciam máscaras de fetiche. Ergueu uma das máscaras de PVC.

— Parece uma daquelas coisas de fetiche para controlar a respiração — comentou ele.

— Caramba, não admira que tenha tido azar — disse o agente alto.

Erika sentiu um aperto no coração ao identificar a voz.

— Inspetora Foster, o que faz aqui? — perguntou o inspetor Sparks.

Com luvas nas mãos, o gordo ao lado dele colocou a máscara num saco de provas, depois virou-se. As suas sobranceiras eram compridas e crespas sobre o olhar duro.

— Eu... recebi um telefonema — respondeu ela.

— De quem? A Polícia da Cidade de Londres é responsável pelo caso. Mandaram a minha equipa para cá — declarou Sparks. — Este é o superintendente Nickson.

Sparks e Nickson observaram-na de trás das máscaras. A máquina disparou dois flashes ofuscantes.

— Está muito longe de casa, não acha? — perguntou Nickson. Tinha uma voz rouca, firme e direta.

— Eu... hum... recebi um telefonema do patologista forense Isaac Strong — explicou Erika com voz trémula.

— Eu sou o patologista forense, Duncan Masters — apresentou-se um homem baixo de olhar intenso, a trabalhar num canto. — O doutor Strong está a ser interrogado. Não está aqui na sua capacidade profissional.

— Olá, doutor Masters — cumprimentou Erika. — Estou a trabalhar no duplo homicídio por asfixia do Jack Hart e Gregory Munro. Também estou aqui na minha capacidade profissional. Acredito que este crime pode ter sido cometido pela mesma pessoa.

— E o que a faz acreditar nisso? Acabou de chegar à minha cena do crime — disse o Dr. Masters.

— Este homem foi espancado até à morte com um cinzeiro de mármore e tem o cu cheio de sémen — disse Sparks. — Parece que é um dos nossos. Nós tratamos disto a partir de agora. — Chamou um guarda. — Pode levar esta senhora para um dos veículos de apoio lá fora? Ela precisa de ser interrogada sobre um telefonema que recebeu a alertá-la para o crime.

— Sou a inspetora-chefe Foster — começou Erika, antes de sentir uma mão a agarrar-lhe no braço com força. — Está bem, está bem, não precisa de me agarrar. Sou capaz de ver a porta. Vou sair.

O guarda levou-a lá para fora. Ainda que apenas os seus olhos estivessem à mostra, Erika sabia que todos viam que ela se sentia profundamente humilhada.

Da mesma forma que os médicos não gostam de se tornar doentes, a inspetora Foster não gostou de ser interrogada por agentes numa carrinha. A chuva continuava a cair e fazia muito barulho ao bater no tejadilho.

O inspetor Wilkinson e o inspetor Roberts fitavam-na do outro lado da mesa, enquanto uma jovem agente, de cabelo castanho-avermelhado, a observava pela porta aberta.

— Então, o que fez o Isaac Strong ligar-lhe antes de chamar a polícia? — perguntou o inspetor Wilkinson. Tinha um rosto estreito de rato e dentes a condizer.

— Ele estava assustado. E em choque — respondeu Erika.

— Então são chegados? Tem uma relação amorosa com Isaac Strong? — perguntou o inspetor Roberts. Era louro e bonito em comparação com o colega.

— Não, ele é só um amigo — respondeu Erika.

— Só bons amigos? — insistiu Roberts, erguendo uma sobrancelha. — Mais nada?

— Então o seu trabalho de detetive é descobrir quem vai para a cama com quem?

— Responda à pergunta, senhora Foster — exigiu o inspetor Wilkinson.

— Já lhe disse duas vezes, sou a inspetora-chefe Foster — frisou ela, pegando no distintivo e batendo com ele na mesa. — Estou a investigar um duplo homicídio em que uma pessoa forçou a entrada na casa das vítimas e as asfixiou, enfiando-lhes um saco de plástico na cabeça. As duas vítimas eram homens. Devem ter ouvido falar disso: as vítimas foram o doutor Gregory Munro e Jack Hart. Sou a responsável pela investigação do caso, e o doutor Strong é o patologista forense. Também convivo com o doutor Strong fora do trabalho. Encontramo-nos de vez em quando, como amigos, e sei que ele é *gay*. Agora, ao que parece, as nossas vidas pessoais e profissionais misturaram-se, já que o companheiro de Isaac, Stephen Linley, é o homem na cama lá em cima com uma cova na cabeça. É compreensível que o doutor Strong tenha ficado perturbado quando o encontrou, e ligou-me. Quando escutarem a gravação do telefonema, vão ouvir-me dizer-lhe para chamar a polícia. Em seguida, desliguei o telefone e vim para cá. Posso dizer-vos que o saco usado nos crimes

anteriores é uma peça muito específica, e acredito que um saco idêntico foi usado para matar o Stephen Linley. Agora, é melhor começarem a dar-me ouvidos e a mostrarem um pouco de respeito, porque daqui a algumas horas, se ainda estiverem neste caso, receberão ordens minhas.

Recostou-se e fitou os dois agentes. Eles entreolharam-se, preocupados.

— Muito bem, minha senhora — disse Wilkinson, que parecia constrangido.

— Querem fazer-me mais alguma pergunta?

— Acho que estamos despachados por agora — respondeu Roberts.

— Obrigada. Gostaria de falar com o doutor Strong, por favor. Onde está ele? — perguntou Erika.

A agente à porta levantou os olhos do rádio que tinha na mão.

— Era da esquadra. Acabaram de me informar que o inspetor Sparks deixou o superintendente Nickson na cena e levou o doutor Isaac Strong para a esquadra de Charing Cross.

— Levou? — perguntou Erika. — Ele foi preso? Ou foi voluntariamente?

A agente repetiu a pergunta para o rádio, e houve uma pausa, alguns cliques e bipes, em seguida a voz confirmou que Isaac tinha sido preso como suspeito do homicídio de Stephen Linley.

Erika hesitou antes de estender o braço e bater com a grande aldraba da porta. Deu um passo atrás e olhou para a parte de cima da casa escura. A chuva fora substituída por um vento frio, e embora ainda estivesse ensopada, aquela temperatura era uma mudança bem-vinda depois da onda de calor. Erika fechou o blusão de ganga e estava prestes a bater de novo quando a pequena janela ao lado da porta se iluminou.

— Quem é? — perguntou Marsh, bruscamente.

— Chefe, é a Erika, inspetora Foster.

— Mas que diabo? — resmungou Marsh, correndo vários ferrolhos, abrindo duas fechaduras e, finalmente, a porta. Vestia apenas *boxers*.

— Tenho um motivo muito forte para fazer isto — disse ela, levantando as mãos.

Vinte minutos depois, o blusão de ganga de Erika fumegava levemente ao lado do fogão *Aga* e ela estava sentada com Marsh à comprida mesa de carvalho da cozinha. Ele vestira um fato de treino, e a mulher, Marcie, com o cabelo escuro comprido em desalinho e sem maquilhagem, deitava folhas de chá num bule enquanto a chaleira estava ao lume.

— Caramba — disse Marsh, depois de Erika lhe contar o que acontecera a Stephen Linley.

— Peço desculpa por ter cá vindo, mas não quis ligar do meu telemóvel — justificou Erika.

— Não tem um número particular?

— Não.

— E quando quer fazer um telefonema pessoal?

— Não faço muitos — respondeu Erika. A frase ficou a pairar no ar por um momento. A chaleira apitou e Marcie verteu a água para o bule. — O que quero dizer é que a minha conversa telefónica com Isaac vai servir de prova no nosso caso, agora que ele é suspeito. Mas, superintendente, ele não fez aquilo. Eu vi o cenário do crime. Foi a Sombra, tenho a certeza.

— Disse que o Stephen Linley foi agredido na cabeça com um cinzeiro?

— Era o mesmo tipo de saco de plástico, um saco de suicídio; ele

estava nu na cama. Alguma coisa pode ter corrido mal. Provavelmente lutou com ela e fez-lhe frente.

— Acham mesmo que é uma mulher? — perguntou Marcie, incrédula.

— Achamos, sim — respondeu Erika. Marcie pousou as chávenas de chá diante deles. O telemóvel de Marsh tocou na mesa.

— É o superintendente Nickson — disse Marsh, olhando para o ecrã antes de atender.

— Ele estava na cena do crime com o inspetor Sparks — informou Erika.

— Estou? John, fala Paul Marsh. — Saiu da cozinha e fechou a porta. Erika ouviu a voz dele afastar-se pelo corredor. Marcie sentou-se em frente dela.

— Quer uma? — Ofereceu, abrindo uma lata de bolachas e colocando-a entre as duas. — Está um pouco pálida.

— Obrigada — agradeceu Erika. Serviram-se ambas e mastigaram em silêncio.

— Sei que dia é hoje... o aniversário — disse Marcie. — Sinto muito. Sabe que sinto. Não deve ser fácil.

— Obrigada — disse Erika, tirando outra bolacha. — Mas creio que hoje aceitei o que aconteceu. Sabe o que quero dizer? Ainda penso nele o tempo todo, mas aceitei que nunca mais vai voltar.

Marcie assentiu. Erika achou que ela era muito bonita sem toda a maquilhagem que geralmente usava; ficava com um ar mais doce.

— Está a pensar em ficar cá pelo sul? — perguntou Marcie, tirando outra bolacha e mergulhando-a delicadamente no chá.

— Não sei. Os últimos dois anos pareceram de novo os dois primeiros da minha vida. Passou o primeiro dia após a morte do Mark, depois uma semana, um mês, um ano...

— É impossível planear alguma coisa — terminou Marcie.

— Sim.

— Ainda tem a casa lá no Norte, em Ruskin Road?

— Tenho.

— É uma casa tão bonita, tão acolhedora.

— Nunca mais lá voltei. Contratei uma empresa para tirar tudo de lá e levar para um armazém. Está alugada — disse Erika, dando outra dentada na bolacha.

— Devia vendê-la. Lembra-se da nossa casa em Mountview Terrace? Acabei de ver na Internet que foi vendida por quinhentas mil libras! Sabia que os preços tinham subido em Manchester, mas aquilo é uma loucura. Vendemo-la por trezentas mil há seis anos, quando nos mudámos para cá. Você podia comprar qualquer coisa em

Londres. Há umas belas casas para os lados de Hilly Fields... e uma completamente remodelada em Forest Hill...

Erika esforçava-se por ouvir o que Marsh dizia no corredor.

— Marcie, não vim até aqui para falar do preço das casas — interrompeu Erika.

Marcie ficou um pouco hirta.

— Mas veio bater-nos à porta às três da manhã. O mínimo que pode fazer é ser educada.

— Foi um dia longo e terrível, Marcie.

— Os dias são todos longos para si, Erika? — perguntou Marcie, levantando-se e deitando o resto do chá no lava-louça, salpicando os azulejos.

— Desculpe.

— Mais ninguém do departamento do Paul acha normal vir até aqui ou telefonar para cá a meio da noite.

— Isto não...

— O que tem você de tão especial?

— Nada. Conhecemo-nos há muito tempo e não queria falar disto pelo telefone.

Marsh voltou para a cozinha. Viu o quadro diante de si: Marcie em pé inclinada sobre Erika a apontar o dedo, prestes a dizer alguma coisa.

— Marcie, dá-nos licença?

— Claro. Tudo pelos *teus* agentes. Vejo-te de manhã — respondeu ela.

A expressão de Marsh era estranha. *Estarão a dormir em quartos separados?*, interrogou-se Erika.

Marsh fechou a porta e recuperou a compostura rapidamente.

— Vão manter o Isaac na esquadra esta noite. Estão a aguardar os resultados de ADN.

— De quê?

— Parece que o Stephen Linley era bastante... promíscuo. Tinha diversos acessórios de cabedal e de *bondage* e encontraram pornografia da pesada no apartamento.

— De que tipo?

— Nada ilegal, mas coisas de fetiche, algumas delas relacionadas com asfixia... Ouviram as mensagens no telefone do Linley e parece que ele e o Isaac atravessavam um período difícil. O Isaac deixou várias mensagens a dizer que queria «acabar com ele».

— Já deixei mensagens assim, superintendente.

— Erika...

— Não. Sabe como são essas coisas. Se nos esforçarmos o

suficiente, encontramos coisas incriminatórias na correspondência particular de qualquer pessoa. O Isaac não fez aquilo.

— E o que quer que eu diga, Erika? Certo, não vamos seguir o protocolo porque acha que ele é inocente?

— Sabemos bem como este tipo de coisa mancha uma reputação! Ele tem advogado?

— Creio que sim.

— Consegue dar-me acesso a ele? Se alguém vai interrogá-lo, quero ser eu.

— Sabemos ambos que isso não vai acontecer...

Erika tirou o postal da mala.

— Tem de ver isto — disse ela empurrando-o sobre a mesa, aberto, dentro do saco de plástico. Marsh foi buscar os óculos de leitura à bancada da cozinha, voltou e ficou a olhar para ele durante bastante tempo. Virou-o e leu o que estava escrito no interior.

— Onde arranjou isto?

— Adormeci ao fim da tarde. Quando acordei, a porta do jardim estava aberta e encontrei isto na minha almofada.

— Na sua almofada! Porque não me contou?

— Estou a contar agora! Acordei, encontrei o bilhete... não lhe toquei, calcei luvas de látex para lhe mexer, e a seguir recebi o telefonema do Isaac. Fui logo para o apartamento do Stephen Linley e depois vim para cá.

— Isto está a descontrolar-se — disse Marsh. — Marque uma reunião para o início da manhã. Vou fazer um telefonema. Temos de mandar uma equipa da polícia científica ao seu apartamento.

— Tudo bem.

— Quer dormir aqui no sofá?

— Não, obrigada. São quase quatro da manhã. Vou para um hotel ver se consigo dormir algumas horas.

— Certo. Vejo-a na esquadra às nove da manhã em ponto.

Chovia torrencialmente de novo quando Erika saiu do carro e correu na direção da entrada principal da esquadra de Lewisham Row. Woolf estava de serviço e havia um grupo de jovens mulheres carrancudas nas cadeiras de plástico. Duas delas embalavam bebês a chorar nos carrinhos. Três crianças mais crescidas estavam nas cadeiras da ponta: dois meninos e uma menina. Batiam com os pezinhos descalços nas cadeiras de plástico verdes, riam-se e faziam desenhos na janela embaciada. Acima da cabeça deles, fora do alcance, alguém escrevera com um dedo engordurado: TODOS OS CHUIS DEVEM MORRER. As crianças estavam desgrehadas e eram muito barulhentas, mas Erika ficou sensibilizada ao ver que atrás delas, no chão de betão, havia três pares de chinelos de dedo pequeninos alinhados.

— Bom dia. O Marsh quer toda a gente na sala de operações — disse Woolf de trás do balcão, levantando o olhar para ela.

— E disse porquê? A equipa devia reunir-se às nove.

Woolf inclinou-se para a frente e disse em voz baixa:

— Tem que ver com a prisão do doutor Strong pela morte do namorado com um cinzeiro. Eu nem sabia que ele fumava, quanto mais que pegava de empurrão!

— Não tem nada melhor para fazer do que trocar mexericos, sargento? E nunca está de folga? — perguntou Erika, carrancuda. Passou o cartão para abrir a porta e fechou-a com estrondo.

Woolf viu-a marchar pelo corredor através das câmaras da esquadra.

— Eh! Quanto tempo mais vou ter de esperar? — gritou uma das mulheres.

— Vai reunir-se com o amor da sua vida em breve — disse Woolf.

— E vocês também. Só estão a recolher-lhes as impressões digitais e a acusá-los de agressão.

As mulheres olharam-no furiosas e voltaram a conversar.

— Parece que toda a gente deixou o sentido de humor em casa esta manhã — murmurou Woolf, abrindo o jornal e dando uma dentada num folhado.



Quando Erika chegou à sala de operações, estavam todos presentes, sentados em silêncio. Marsh aguardava à frente, bebendo um café.

— Ah, Erika, por favor, sente-se.

— Julguei que ia informar a equipa esta manhã, superintendente.

— Eu também, mas as coisas mudaram. Por favor, sente-se.

Erika sentou-se na fila de mesas ao fundo, junto às impressoras estranhamente silenciosas.

Marsh começou:

— Ontem à noite, o doutor Isaac Strong, que trabalhou nesta e em várias outras investigações connosco como patologista forense, foi acusado do homicídio do companheiro, o escritor Stephen Linley.

Marsh fez uma pausa enquanto os agentes absorviam a notícia.

— Isto colocou-nos numa situação muito complicada. Boa parte das provas da investigação sobre as mortes de Gregory Munro e Jack Hart foi processada pelo doutor Strong e, nos dois casos, as suas descobertas ajudaram-nos a elaborar o perfil do assassino.

A forma como Stephen Linley foi morto apresenta muitas semelhanças com os homicídios do Gregory Munro e Jack Hart. Stephen Linley foi encontrado com um elevado nível de flunitrazepam no sangue. Também se asfixiou com o mesmo «saco de suicídio», mas desta vez parece que lutou com o agressor. A autópsia e o exame toxicológico mostraram que Linley consumia regularmente drogas recreativas, benzodiazepinas e *Rohypnol*, o nome comercial do flunitrazepam, e tinha uma elevada tolerância a esse tipo de substância. O único vestígio de ADN encontrado no local é do sexo masculino.

Marsh fez uma pausa para que os agentes digerissem aquilo, e prosseguiu:

— Parece que Stephen tinha muitos parceiros sexuais, e ontem à noite foi a uma sauna *gay*. As câmaras mostram que ele esteve na sauna Chariots, em Waterloo, das seis da tarde às dez da noite. Além disso, o homicídio de Stephen Linley aconteceu em Bowery Lane Estate, o que coloca o caso na jurisdição da Polícia da Cidade de Londres. Ou seja, o crime não só aconteceu fora da nossa área, mas também fora da jurisdição da Polícia Metropolitana.

— Superintendente, com certeza não pensam que o Isaac é o assassino em série! — interveio Erika.

— Posso terminar, por favor?

— Gostava que me tivesse informado antes. Estou a dirigir este caso e é a primeira vez que ouço isto.

Os agentes na sala de operações mexeram-se

desconfortavelmente na cadeia.

— Erika, só fui informado disto pelo subcomissário há vinte minutos — respondeu Marsh. — Posso continuar?

— Sim, senhor.

— O doutor Strong foi encontrado na cena do crime. De início foi levado para a esquadra para um interrogatório de rotina; diz que encontrou o corpo do Stephen. Depois, os resultados das análises à cena do crime começaram a chegar. Havia uma grande quantidade de fotos no portátil de Stephen Linley, e em algumas delas identificaram JordiLevi.

— É o prostituto que interrogámos. Ele esteve em casa do Gregory Munro dias antes do homicídio — disse Crane.

— Sim, várias fotos no portátil mostram JordiLevi com Stephen Linley e Isaac Strong: a praticar sexo. A polícia fez uma busca à casa do doutor Strong e encontrou uma pequena quantidade de *ecstasy*, marijuana e flunitrazepam, a droga usada nos três crimes. Também descobriu vários acessórios de fetiche: máscaras e sacos, o tipo de coisa utilizada na asfixia erótica: a quase asfixia da pessoa ou do parceiro por prazer sexual...

Erika sentou-se ao fundo da sala, sentindo o sangue a gelar. Começou a pensar nas vezes em que estivera em casa de Isaac. Poderia aquilo ser verdade?

— Bem... como sempre, a pessoa é inocente até que provem a sua culpa, e há um fator delicado neste caso, já que o doutor Strong é um dos nossos, um exímio patologista forense, com uma carreira imaculada — continuou Marsh. — Mas as provas contra ele acumularam-se de forma alarmante, por isso a Polícia da Cidade de Londres teve de o prender pelo homicídio de Stephen Linley.

O Isaac Strong também está a ser considerado suspeito das mortes do Gregory Munro e Jack Hart.

— Então em que ficamos? — perguntou Erika.

Marsh hesitou.

— Como sabem, precisamos de manter a transparência. Todos fizeram um ótimo trabalho neste caso, e agradeço a cada um de vocês. Inspetora-chefe Foster, também tem trabalhado com o doutor Strong, e agora precisamos de analisar os relatórios dele e ver se pode ter influenciado a investigação. O doutor Strong também lhe ligou da cena do crime, antes de alertar a polícia...

Todos os olhos da sala de operações se voltaram para Erika.

— Eu convivo com o Isaac, com o doutor Strong, fora do trabalho — disse Erika. — Ele acabara de se deparar com o namorado assassinado.

— Não estou a acusá-la de nada, Erika. Mas o doutor Strong procedeu mal ao ligar-lhe. Não podemos ter o agente responsável por um caso de homicídio a receber telefonemas do suspeito na cena do crime. Um dos nossos ex-colegas, o inspetor-chefe Sparks, esteve no local ontem à noite. Como ele agora chefia uma equipa experiente na investigação de homicídios, passará a assumir o comando deste caso.

Vários agentes na sala de operações viraram-se e olharam para Erika, que tentou manter a compostura.

Marsh continuou:

— Estou aqui para vos agradecer todo o trabalho, mas preciso que passem a pasta esta manhã o mais rápido possível. O inspetor Sparks deve ficar com alguns de vocês na equipa.

Erika levantou-se.

— Posso falar consigo, por favor?

— Erika...

— Gostava de falar consigo no seu gabinete. Agora.

— Erika, sinto muito — disse Marsh.

Ela ficara em pé.

— Não acredito que me contou aquilo à frente da *minha* equipa sem me avisar primeiro.

— Como referi, o Oakley ligou-me de madrugada. A decisão estava tomada. Fui apenas informado.

— Oakley. Era de esperar...

— Não foi pessoal. Ouviu o que eu disse lá em baixo, na sala de operações.

— Acha que o Isaac fez aquilo? — perguntou ela, sentando-se na cadeira frente à mesa de Marsh.

O superintendente foi até à sua cadeira e também se sentou.

— Não me pergunte. Mal o conheço. Ele é um ótimo patologista forense. Você tinha mais intimidade com ele... qual a sua opinião?

— Eu não tinha intimidade com ele. Jantámos algumas vezes. — Erika deu-se conta de que estava a menosprezar a amizade entre os dois, e isso fê-la calar-se. *Sou uma cabra assim tão grande? Ele é um dos meus amigos mais chegados.* Mas tinha de admitir que as provas de que tivera conhecimento contra ele a deixavam chocada.

— E o namorado? O que pensou quando os viu juntos? — perguntou Marsh.

— Eu sabia que o Isaac tinha uma relação instável com o Stephen Linley. Apesar de ele não ter entrado em pormenores, sabia que Stephen o traía e que se tinham separado. Então, uma vez fui jantar lá a casa e o Stephen estava de volta. Acho que ele não gostava de mim. Por outro lado, parece que ultimamente as pessoas precisam de tempo para gostarem de mim.

— Ultimamente? — Marsh sorriu e, apesar da situação, Erika sorriu também.

— Já leu algum dos livros do Stephen Linley? — perguntou Marsh.

— Não — respondeu Erika.

— A Marcie descarregou um deles, o *Descida para as Trevas*, para ler nas últimas férias... Não conseguiu passar do quarto capítulo.

— Porquê?

— Parece que ele gosta de torturar mulheres.

— São *thrillers*, superintendente.

— Foi o que eu disse. Sugerir-lhe que devia ater-se às comédias românticas... Bom, tive de organizar a transferência da investigação dos homicídios do Gregory Munro e Jack Hart para o inspetor Sparks e a sua equipa. Vão pedir a outro patologista forense que reveja tudo.

Erika levantou-se e olhou para Lewisham lá fora, sob um manto de nuvens escuras.

— Como é que o estupor do Sparks acabou por ficar com o meu caso? Parece que levei um pontapé na boca!

— Esse é o problema quando fazemos inimigos, Erika. Eles afastam-se, começam a conspirar e florescem na sombra. O Sparks está a sair-se muito bem.

— Bem, como? — perguntou Erika. — Com certeza tem dado ao litro... Está a comandar uma equipa, foi chamado para ajudar na Operação Hemslow.

Marsh ficou em silêncio.

— Não me diga que ele também está a concorrer para a vaga de superintendente?

— Há muitos agentes a concorrer. Não são só vocês os dois.

— Então como é que eu fico?

— Fora do caso. E a única razão para isso, na minha opinião, é ter um conflito de interesses. É amiga do patologista forense que agora é suspeito.

— Se estou fora do caso, use-me noutro lado. Não me importo de trabalhar na Operação Hemslow. O Sparks está fora dela agora. Devem precisar de outro inspetor-chefe.

— O superintendente Nickson não ficou muito satisfeito com a sua intromissão no cenário do crime ontem à noite... nem com a forma como lidou com os agentes dele. — Marsh viu a expressão de Erika. — Sim, eu soube o que aconteceu. E o Oakley também.

— Desculpe, mas acredite que tento apenas ser a melhor agente possível. Não é minha intenção enfurecer as pessoas, mas...

— É preciso aprender a gostar de si — terminou Marsh. — Olhe, tem três semanas de férias por gozar. Sugiro que vá apanhar sol. Às vezes é bom desaparecer.

— Superintendente, não sou de ficar a apanhar sol na praia.

— Pois, mas tente. Compre um protetor com fator cinquenta e vá para um sítio bonito. Livrou-se de boa com este caso da Sombra, garanto.

— Sim, senhor.

— Oh, e Erika, se eu souber que anda a meter o nariz por aí, pode dizer adeus ao sonho de ser promovida a superintendente.

— Não é um sonho...

— Bom, não interessa. Tire férias.
— Sim, senhor. — Erika despediu-se de Marsh com um gesto de cabeça e saiu.



A sala de operações estava vazia. As luzes fluorescentes tinham sido deixadas acesas. Erika ficou um momento a saborear o silêncio, olhando para os quadros onde o trabalho árduo da equipa e todas as provas das três últimas semanas agitadas estavam coladas.

Uma mulher bateu à porta e entrou. Era uma das agentes de apoio, mas Erika não sabia o nome dela.

— Desculpe, chefe, mas podemos começar a passar o caso à outra equipa? — perguntou, olhando para as mesas vazias.

Erika assentiu e saiu da sala. Encontrou Woolf no corredor.

— Desculpe aquilo de há pouco, chefe... conhecia bem o doutor Strong? — perguntou ele.

— Conhecia, mas agora começo a achar que não...

— Ah, bem. Verá que tudo se vai resolver. — Woolf sorriu. — Enfim, consegui arranjar-lhe isto. — Entregou-lhe um velho *Nokia*. — Ainda funciona.

— Lembrou-se — disse ela, pegando-lhe.

— Foi a primeira coisa que a chefe me disse quando veio para Lewisham Row. «Arranje-me um telefone com teclas, seu filho da mãe gordo!»

— Eu não disse «filho da mãe gordo»! — retorquiu Erika com um sorriso.

— Pois não, eu inventei essa parte.

Olharam pela divisória de vidro e viram os agentes de apoio a retirar as fotos das cenas dos crimes do quadro.

— Para onde foi toda a gente? — perguntou Erika.

— Mandaram muitos para casa, esperar até serem transferidos para outros casos, e é domingo. Acho que quiseram aproveitar um dia de folga inesperado antes do início de mais uma semana agitada.

Erika sentiu-se desapontada e um pouco abandonada. Afastou esses sentimentos, percebendo como estava a ser idiota. Aquilo era trabalho.

— Então, o que vai fazer agora, chefe?

— Estou de férias durante as próximas três semanas.

— Oh, que maravilha! Eu mataria alguém agora para conseguir três semanas de férias. Divirta-se!

Woolf deu-lhe uma palmadinha no ombro e dirigiu-se à recepção.

Divirta-se... Erika não conseguia lembrar-se da última vez que se divertira. Olhou para os quadros atrás de si, já quase vazios. Subiu a alça da mala no ombro e saiu da esquadra, sem saber o que fazer em seguida.

Erika passou o resto da manhã a conduzir sem rumo, sentindo-se impotente e frustrada. Passou pela casa de Isaac em Blackheath e viu que estava a ser revistada. Havia um agente à porta e uma fita na entrada. Era estranho ver a elegante casa, com duas iúcas a ladear a porta preta e as janelas a brilhar ao sol, e saber que ele estava preso.

Em seguida, dirigiu-se a Shirley, passando pela casa de Penny Munro. A rua estava tranquila e em várias casas as cortinas encontravam-se corridas por causa do calor, pois o sol voltara a aparecer. A casa de Penny destacava-se com o seu relvado viçoso e verde. Parecia que Gary ainda ignorava a proibição da rega. Erika queria saber o que mais ele andava a fazer e quase abrandou o carro, mas o bom senso prevaleceu. Fez inversão de marcha e voltou para Forest Hill.

Recomeçara a chover quando chegou a casa. Procurou algo para beber, mas o frigorífico estava vazio, bem como a maioria dos armários.

Andou de um lado para o outro, sentindo-se um animal enjaulado, depois ligou o computador e deixou-o na bancada enquanto se servia do resto do uísque. Olhou em volta, odiando a vida, odiando a carreira, odiando tudo. A chuva caía com mais força. Ela abriu a porta do jardim e, protegida pela ombreira, acendeu um cigarro. Atrás dela, o computador fez um som estranho — era o Skype a abrir. Começou a tocar, e ela entrou a correr, imaginando que pudesse ser a Sombra.

Era a sua irmã Lenka, a ligar da Eslováquia.

— Estou a enlouquecer — murmurou Erika, ao perceber que ficara desapontada. — Prefiro receber o telefonema de uma assassina em série do que da minha irmã.

Respirou fundo e atendeu.

— *Ahoj zlatko!* — cantarolou a irmã. Lenka estava sentada na sala num grande sofá de couro, coberto com uma pele de carneiro. A parede atrás dele tinha uma tonalidade alaranjada e exibia várias fotos dos filhos, Karolina e Jakub. Apanhara o cabelo louro no alto da cabeça com um nó, e, apesar de ter uma enorme barriga de grávida, usava um *top* rosa de alças.

— Olá, Lenka. — Erika sorriu, falando em eslovaco. — Pareces prestes a rebentar.

— Sim, já não falta muito — disse a irmã. — Tinha de te ligar. Fiz

a última ecografia e tenho uma novidade. É outro menino!

— Que bom, parabéns!

— O Marek está radiante. Acabou de me levar a uma joalheria na cidade... lembrás-te, aquela muito chique... e comprou-me uma pulseira para o tornozelo.

Marek, o marido de Lenka, estivera preso pouco tempo antes por recetação de bens roubados.

— Como é que ele conseguiu isso? — perguntou Erika.

— Está de novo a trabalhar.

— A trabalhar? Pensei que estava preso.

— Saiu em liberdade condicional há um mês.

— Como conseguiu a liberdade condicional assim de repente?

Foi condenado a quatro anos.

— Erika, eu sabia que ias reagir assim... Ele lembrou-se de algo que a polícia achou útil, e libertaram-no. Também estou a ligar para dizer que não precisas mais de me mandar dinheiro. Obrigada.

— Lenka...

— Não, estou bem, Erika. Agora que o Marek voltou, as coisas estão bem.

— Porque não abres outra conta? Eu continuo a mandar-te dinheiro e guarda-lo para as tuas coisas.

— Não precisas de cuidar de mim, Erika.

— Preciso, sim. Sabes que as pessoas que trabalham para a máfia acabam mortas ou encarceradas para sempre. Queres ser mãe solteira com dois filhos... três... agora que vais ter mais um?

— Ele tem-se esforçado muito por ser bom e conseguiu a liberdade condicional — disse Lenka, levantando as mãos, zangada, como se aquele esforço o tornasse melhor. — A vida aqui é diferente, Erika.

— O que não quer dizer que isso seja correto.

— Não percebes. Não podes ao menos ficar contente? O Marek toma conta de nós. As crianças têm boas roupas, *iPhones*. Não vai faltar nada a este pequenito. Vamos poder pô-los em boas escolas...

— Meu Deus, para que hão de passar todas aquelas horas aborrecidas a estudar se o Marek pode ir lá e ameaçar rebentar com a rótula do professor deles?

— Erika, não quero mais falar sobre isso. Não te liguei para discutir — desconversou Lenka, ajeitando o carrapito com ar decidido.

— Enfim, estás bem? Tenho tentado contactar-te pelo Skype. Liguei quatro vezes no aniversário da morte do Mark.

— Estou bem.

— Devias pendurar uns quadros aí — comentou Lenka,

espreitando pela câmara. — Parece uma cela.

— Deixei isto assim para quando tu e o Marek me visitarem. Assim ele vai sentir-se em casa.

Apesar do comentário, as duas começaram a rir.

— As crianças mandam beijos — disse Lenka. — Foram à piscina com os amigos.

— Manda-lhes também um beijo meu. E avisa-me quando entrares em trabalho de parto, está bem?

— Está bem... Aviso, sim. Adoro-te.

Lenka encostou os dedos à boca e mandou um beijo. Erika fez o mesmo e o ecrã ficou preto.

Depois da chamada por Skype, o silêncio tornou-se ensurdecedor no apartamento. Os olhos de Erika moveram-se pelas paredes nuas e pararam na estante, cheia de tralha variada. Ao lado do livro *As Cinquenta Sombras de Grey* estava a obra de Stephen Linley autografada. Ela levantou-se, pegou no *Das Minhas Mãos Frias e Mortas* e começou a ler.

Moss aproveitara o inesperado domingo de folga e ficou contente por estar em casa à hora do banho de Jacob e poder deitá-lo. Tinha acabado de lhe ler uma história e viu que ele adormecera. Beijou-lhe o rosto e deu corda à luz de presença para que ela continuasse a tocar a canção de embalar mais algum tempo.

Quando saiu do quarto, a sua companheira, Celia, estava no patamar com o telefone na mão.

— É a Erika Foster — disse Celia. Moss pegou no telefone, atravessou o patamar e foi até ao pequeno quarto que usavam como escritório, fechando a porta.

— Desculpe ligar para sua casa, Moss — disse Erika.

— Não há problema, chefe. O que se passa?

— Hoje toda a gente desapareceu.

Houve um silêncio constrangedor por parte de Moss.

— É verdade. Desculpe. Achei que ia estar ocupada com o Marsh.

— Ah, e estive. O seu dia de folga foi bom?

— Sim. Fomos a St. James's Park. Foi ótimo.

— Pode falar?

— Sim. Acabei de ler *A Lagartinha Muito Comilona* ao Jacob e está a apetecer-me uma salada... acho que é a primeira vez que isso acontece.

— Estive a ler um dos livros do inspetor-chefe Bartholomew, aqueles que o Stephen Linley escreve, escrevia...

— E quer fundar um clube de leitura? — brincou Moss.

— Engraçadinha. Não. Comecei a ler o *Das Minhas Mãos Frias e Mortas* e estou achá-lo muito perturbador...

— De que forma?

— Não tenho problema com cenas sangrentas, mas isto é uma coisa profunda, sombria. Há um assassino em série que rapta mulheres à noite, depois mantém-nas na cave e tortura-as.

— Tipo *O Silêncio dos Inocentes*?

— Não, *O Silêncio dos Inocentes* tem uma certa elegância e moderação na descrição da violência. Isto aqui é só pornografia de tortura. Forcei-me a ler páginas e páginas de uma longa e contínua série de violações pormenorizadas e, no meio de tudo, o assassino deita água a ferver nos corpos nus delas.

— Credo!

— É quase como se ele ficasse excitado ao escrever aquilo... Isto é um tiro no escuro, mas e se a Sombra matou o Stephen por causa da atitude dele para com as mulheres?

— Pensei que a nova linha de investigação era que o Isaac Strong matou o Stephen. E pensei que a chefe estava fora do caso.

— Acredita que o Isaac pode ter feito aquilo, Moss?

— Não. Por outro lado, não o conhecia assim tão bem.

— Eu estive na cena do crime, Moss, e tudo aponta para o mesmo assassino. Acabei de fazer uma pesquisa sobre o Stephen Linley no Google e ele vende carradas de livros, mas encontra muita polémica em eventos literários. Várias pessoas abordaram-no questionando-o quanto ao seu tratamento na questão da violência contra as mulheres; houve uma espécie de boicote ao trabalho dele. E se for essa a ligação? E se este livro inspirou alguém a ser violento com a Sombra? Quando ela me telefonou, disse-me que o marido a torturara, mas que ele morrera antes que pudesse assassiná-lo.

— É uma boa teoria, chefe. Ou está a tentar usar o romance policial para descobrir quem é o seu assassino? — perguntou Moss.

— Só estou a dizer que não analisámos bem o motivo. Perdemos tempo a achar que fora um amante *gay* rejeitado no caso do Gregory Munro e, por causa da enorme exposição mediática do Jack Hart, podemos ter-nos focado no ângulo errado.

— Mas há um problema, chefe. O caso já não é nosso. Fui temporariamente transferida para um grupo de gestão de câmaras de segurança — disse Moss.

— E o Peterson?

— Não sei. Ouvei falar que também ia ser transferido, mas não sei para onde.

— Bom, eu estou de férias — disse Erika, ironicamente.

— E sabe o que as pessoas fazem geralmente quando estão de férias? Visitam os amigos... talvez deva fazer uma visita ao Isaac. Se não pode ser uma agente agora, seja uma amiga.

Erika chegou à fila para entrar na Prisão Belmarsh e aguardou a sua vez de passar pela segurança. A prisão era um edifício comprido de betão, baixo e húmido, e o espaço era apertado para as quarenta pessoas que aguardavam passar pelo detetor de metais. Chovia lá fora, e as janelas altas e estreitas estavam embaciadas. O cheiro a pele suada, odor corporal e perfume misturava-se com o fedor do produto industrial usado na limpeza do chão. Havia alguns homens e mulheres sozinhos, e parte deles parecia em choque por ter de visitar, pela primeira vez, um amigo ou um familiar. Um grupo barulhento de mulheres de prisioneiros com os filhos aos gritos atrasava a passagem pelo detetor de metais, e uma mulher rejeitou o pedido do guarda para ver o que havia dentro da fralda do bebé.

Depois de todos terem passado pela segurança, houve nova espera numa sala comprida antes de entrarem num local que parecia um ginásio enorme, com várias filas de cadeiras e mesas de plástico. Os prisioneiros aguardavam sentados e em silêncio quando Erika entrou. Vestiam macacões amarelos para não poderem misturar-se com os visitantes e sair no fim do período de visitas.

Ela encontrou Isaac numa mesa ao fundo da terceira fileira e ficou chocada com a aparência dele: olhos vermelhos, olheiras escuras e profundas. O seu cabelo, geralmente impecável, estava despenteado e havia cortes no rosto.

— É tão bom ver-te — disse ele.

— Sinto muito pelo Stephen.

Isaac observou os olhos dela.

— Obrigado. Porque vieste ver-me?

— Estou aqui como amiga — disse ela, esticando o braço e pegando-lhe na mão. Estava fria, suada e trémula. — Desculpa, devia ter vindo antes.

— Este sítio é um pesadelo. A imundície, os gritos, a ameaça constante de violência — murmurou Isaac. — Eu não fiz aquilo. Por favor, acredita, eu não fiz aquilo. Acreditas em mim, não acreditas?

Erika hesitou.

— Acredito, sim.

— Descobri que ele frequentava uma sauna *gay* em Waterloo. Andava a ter relações com outros, sem proteção. Desconfiei, confrontei-o e ele disse-me que só ia ao ginásio. Então o idiota levou o

meu *iPod* e deixou-o num cacifo da sauna, e eles entraram em contacto comigo... imagino que saibas do telefonema em que digo que vou matá-lo?

— Sei, sim.

— Mas não o fiz. Não matei o Stephen. Fui ao apartamento para discutir, entrei com a chave que ele me tinha dado e... — Isaac engoliu em seco e ficou com os olhos marejados. As lágrimas caíram na superfície da mesa e ele limpou-as com a manga.

— Espera, entraste com a tua chave?

— Sim. Tínhamos dado esse passo. Ele estava empenhado na relação e deu-me uma chave. Fiquei pateticamente grato.

— O apartamento dele é no primeiro andar. Não tem varanda, certo?

Isaac confirmou com um gesto de cabeça.

— Então não foi arrombamento, se a porta estava trancada quando entraste. Ou ele deixou a pessoa entrar ou ela entrou com a própria chave.

— É por isso que estás aqui? Por causa do caso?

Erika contou-lhe rapidamente que fora afastada.

— Então estás a investigar sozinha? Achas que consegues ajudar-me?

— Não sei se consigo fazer alguma coisa, Isaac.

— Por favor. Eu não consigo... lidar com isto.

Erika viu que já usara dez minutos da sua preciosa meia hora.

— Isaac, tenho de perguntar: porquê o Stephen? Tens uma vida tão organizada: um trabalho respeitável, uma casa, amigos. O que te atraía nele? O Stephen consumia drogas regularmente, contratava prostitutas...

— Ele excitava-me, Erika. Era travesso. Eu era o miúdo certinho que cresceu com aparelho nos dentes e óculos, que não tinha coordenação nas pernas finas nas aulas de educação física. Fui virgem até acabar o curso de medicina, aos vinte e três anos. Sempre fiz a coisa certa e trabalhei muito, mas o Stephen era sexy, perigoso e imprevisível. Tinha uma espécie de graça abrasiva... — Isaac encolheu os ombros. — Era incrível na cama. Eu sabia que ele não era bom para mim e que não se encaixava na minha vida... Mas deixei-o voltar, e isso afastou-te. Desculpa, Erika. Precisavas de mim, não precisavas? Até me esqueci do aniversário da morte do Mark. Desculpa.

Erika inclinou-se para a frente e agarrou na mão dele.

— Está tudo bem. Isaac, está tudo bem. Estou aqui, e tu és meu amigo.

Ele levantou o olhar na direção dela e esboçou um sorriso fraco.

— Olha, tenho de te fazer mais perguntas — disse Erika. — Li dois dos livros do Stephen, *Das Minhas Mãos Frias e Mortas* e *A Rapariga na Cave...*

— Eu sei — disse Isaac, quase a adivinhar-lhe o pensamento. — Ele escrevia coisas chocantes.

— Há tanta tortura de mulheres... e depois o inspetor-chefe Bartholomew. Ele é o herói nos livros, mas também bate na mulher?

— Um anti-herói — disse Isaac, encolhendo os ombros. — O Stephen costumava dizer que era por causa da profissão... Fazia surgir todas as coisas más dentro dele. Pensa em todos os escritores de livros de terror que existem... não passam necessariamente à prática o que escrevem. E pensa no que fazemos... bem, pelo menos no que eu faço. Ganho a vida a cortar pessoas, a dissecar o seu corpo, a pesar o seu cérebro. O que faço é igualmente invasivo.

— Mas o que fazes é diferente, Isaac. Ajudas a apanhar os bandidos. O Stephen criava-os, ainda que ficcionalmente — argumentou Erika.

— Para os fãs dele, as suas personagens eram tão reais como tu e eu.

— O Stephen tem algum fã maluco? Sabias de alguma correspondência perturbadora de fãs que ele possa ter recebido?

Isaac limpou o nariz com a manga.

— Não sei. Ele não recebia muita correspondência. Sei que muitos fãs escreviam na página dele no Facebook.

— O agente do Stephen recebia correspondência dos fãs dele?

— Provavelmente sim. O escritório deles fica na zona ocidental... Eu tinha uma vida, Erika... Achas que vou poder voltar para ela? Sei como este sistema funciona. Estou manchado. Ocupo uma posição de confiança que agora foi posta em causa.

Começou a chorar.

— Isaac, não, não faças isso aqui — pediu Erika, vendo que alguns prisioneiros olhavam para ele. — Vou fazer tudo o que puder para te tirar daqui. Prometo.

Ele olhou para ela.

— Obrigado. Se alguém pode fazer isso, esse alguém és tu — disse ele.

A cabina telefónica ficava nos arredores de Londres, em Barnes Common. Simone tinha-se lembrado dela. Fazia parte de uma recordação antiga e feliz, de quando a mãe a levava a Kew Gardens. Tivera de se esconder no casaco da mãe até passarem pela bilheteira, mas, uma vez lá dentro, ela adorara as flores e as árvores. A pretensão da mãe era entrar na estufa tropical, uma estufa gigantesca, muito quente e cheia de plantas de todas as partes do mundo. «Flora e fauna raras», dizia a placa.

Claro que a mãe só ia a Kew Gardens para se encontrar com o seu traficante. Iam para os arbustos fazer coisas de adultos. Mas a pequena Simone dispusera de algumas horas para passear. E sabia que se a mãe estivesse feliz, ela seria feliz.

No autocarro para casa, Simone pressionara o rosto contra a janela e vira a cabina telefónica vermelha a brilhar em contraste com o verde do Barnes Common. Parecia igual, tantos anos depois. A seca transformara o verde em amarelo, e a tinta vermelha da cabina estava a descascar, mas não havia ninguém à vista.

Erika Foster atendeu o telemóvel depois de ele ter tocado várias vezes.

— Recebeu o meu postal, inspetora Foster?

Houve um silêncio.

— Recebi. Obrigada. Mas a maioria das pessoas teria usado a caixa de correio — disse Erika.

— Eu não sou a maioria das pessoas, inspetora Foster — disse Simone. Segurou com força o auscultador e olhou através do vidro sujo para o jardim vazio.

— Julga-se especial? — perguntou Erika. — Foi enviada para cá com um propósito maior?

— Não... longe disso. Não tenho nada de extraordinário. Não sou bonita nem inteligente, mas estou furiosa e triste... A tristeza, em particular, dá-nos muita energia, não dá?

— Dá, sim — confirmou Erika.

— Decidi usar essa energia para me vingar... Tenho lido coisas a seu respeito. Que tentou fazer o seu trabalho, que tentou apanhar aquele traficante de drogas e que tudo correu mal. Não só perdeu os amigos e o marido, como também as pessoas para quem trabalha se viraram contra si. Culparam-na.

— E se eu lhe disser que pode obter ajuda se parar? — interrompeu Erika.

— E se eu lhe disser que pode obter ajuda se parar? — repetiu Simone.

— O que quer dizer?

— Vi onde vive, o apartamento patético. Os seus bens materiais são inexistentes. O que lhe deu a sua vida dedicada à polícia? Não seria mais fácil se deixasse de tentar salvar o mundo?

Houve outro silêncio; em seguida, Erika respondeu com voz trémula:

— Vou encontrá-la. E quando o fizer, vou olhá-la nos olhos e ver o quanto se julga esperta.

— Apanhe-me, se puder. Ainda não terminei — disse Simone.

Depois de um clique, ouviu-se o sinal de linha.

Simone estremeceu, não de medo, mas de dor. Doía-lhe sorrir no sítio onde fora atingida pelo cinzeiro.

Moss estendeu o braço livre e bateu à porta. No outro segurava uma caixa de piza. Momentos depois, foi aberta. Erika surgiu com o cabelo espetado.

— Achei que ia gostar de comer uma piza — ofereceu Moss, levantando-a. — *Pepperoni*?

— Obrigada, entre — disse Erika, afastando-se para deixar Moss passar. A chuva parara e através da janela do jardim via-se um belo anoitecer. O Sol punha-se lentamente, tingindo o céu de azul e laranja.

— Acabei de deixar a Celia e o Jacob em Ladywell, para irem nadar. Lembrei-me de passar por aqui para ver como correm as férias.

— Pouse a caixa onde houver espaço — disse Erika, tirando pratos do armário.

Moss olhou em volta e viu que todos os sítios disponíveis, e partes do chão, estavam cobertos com papéis do caso da Sombra.

— Deixaram-na trazer isto tudo?

— Não... descarreguei para o meu portátil.

— Então, as férias estão a correr bem? — perguntou Moss, empurrando algumas pastas cinzentas e pousando a caixa da piza numa ponta da mesa de centro.

— Recebi outro telefonema.

— Da Sombra?

— Sim.

— O que disse ela?

— Ligou para me provocar. Disse que ainda não terminou.

— Conseguiram localizar a chamada?

— Sim. O Crane ligou-me. Foi colocado no caso, a pedido do Sparks. O telefonema foi feito de uma cabina na zona ocidental de Londres. De novo, nenhuma câmara de segurança... Ele não conseguiu contar-me muito mais. Como pode ela não cometer nenhum deslize? Como? Imprimir tudo, e ajuda ter as coisas em papel. Estou a rever todos os pormenores.

Erika entregou a Moss um prato e um guardanapo. Abriu a caixa e o vapor da piza de massa fina cozinhada na perfeição elevou-se no ar. Quando começaram a comer, Erika falou-lhe da visita a Isaac e disse que depois do telefonema da Sombra voltara a analisar tudo.

— A impressão que tenho é que nunca descobrimos nada que

valesse a pena sobre a Sombra. Veja o postal que ela me mandou. —

Erika entregou-lhe uma fotocópia. — Porque escolheu ela esse poema?

— Ela é uma assassina em série cruel. Porque deveria ser mais criativa do que nós? — perguntou Moss. — Esse poema não é difícil de encontrar. É o mais lido em funerais. É como os livros... Todos passamos os olhos pelas listas dos mais vendidos, vemos o que os críticos nos sugerem e compramos os livros para nos sentirmos inteligentes. Fiz parte dos muitos milhões que leram metade de *O Pintassilgo*.

— Foi isso que a Sombra disse ao telefone.

— Que só leu metade de *O Pintassilgo*?

Erika fitou Moss.

— Desculpe, chefe, só estou tentar desanuviar o ambiente.

— Ela disse ao telefone que não era inteligente.

— Mas é inteligente. Ou sortuda. Três corpos até agora e quase nenhuma prova. Entra e sai sem ser vista — comentou Moss, dando uma dentada na piza.

Erika abanou a cabeça.

— Porquê dar-se ao trabalho de encontrar o meu apartamento, entrar e deixar um postal? E ainda assiná-lo como Sombra.

— Talvez ela a considere uma nova amiga ou aliada, chefe.

— Então porque não assinou com o próprio nome, se estava assim tão confiante? Os assassinos em série geralmente detestam os nomes que a imprensa lhes dá, achando que isso piora a forma como as pessoas os veem. Acham que o que estão a fazer é sério, um ato nobre, ou uma série de atos nobres. Um serviço à sociedade.

— Talvez ela só queira baralhar-lhe as ideias — sugeriu Moss.

— Também revi as vítimas, para tentar perceber se tinham alguma coisa em comum, mas eram muitíssimo diferentes. As únicas coisas em comum é que são do sexo masculino e foram mortas da mesma maneira; com exceção do Stephen, que levou com um cinzeiro na cabeça. Também analisei os nomes das pessoas que compraram esses sacos de suicídio pela Internet.

— Também investiguei esses nomes. Muitas dos londrinos que os compraram estão mortos — comentou Moss.

— O Isaac disse-me uma coisa quando fui visitá-lo. Quando ele descobriu o corpo do Stephen, usou a sua chave para entrar no apartamento. A porta estava fechada e trancada. Não forçaram a entrada. O apartamento fica no primeiro andar e não tem varanda nem outra porta.

— Então a Sombra tinha uma chave? — perguntou Moss.

— Sim. Li o relatório do cenário do crime. A fechadura foi forçada, danificada por alguém que usou uma chave mestra.

— São comuns nos arrombamentos, e, hoje em dia, podem comprar-se por tuta e meia na Internet — comentou Moss.

— Exatamente. E há uma pessoa na lista das que compraram o saco de suicídio pela Internet que também comprou uma chave mestra — disse Erika.

— A sério?

— Sim. Quando verificámos os nomes, chegámos a aceder a contas bancárias e transações financeiras. Esta pessoa comprou um saco de suicídio há três anos, e depois nos últimos três meses comprou mais cinco. Quem precisa de cinco? E também comprou a chave mestra pela Internet há três meses.

— Caramba! Porque não investigámos isso? — perguntou Moss.

— Deve ter passado despercebido... não procurávamos uma chave mestra, e estávamos concentrados em mulheres. Esta pessoa é um homem com trinta e cinco anos. Está preso a uma cadeira de rodas desde a infância. Vive em Worthing, na costa sul, não muito longe de Londres.

— Disse isso ao Marsh?

— Ainda não.

— Então o que vai fazer? Passar um dia à beira-mar? — perguntou Moss.

— Estaria interessada em passar um dia à beira-mar? — contrapôs Erika.

Moss hesitou.

— Desculpe, mas amanhã tenho de me apresentar no grupo de gestão de câmaras de segurança. Não posso... Não posso correr esse risco.

— Não se preocupe — sorriu Erika.

— Mas vou apoiá-la. Se precisar de que alguma coisa seja feita às escondidas, pode contar com a minha ajuda.

— Obrigada.

— Mas tenha cuidado, chefe, está bem? Já irritou demasiada gente.

— Quase sempre temos de irritar alguém para chegar à verdade, mas não estou a fazer isto pelo meu ego — disse Erika. — Devia ter visto o Isaac ontem. Ele não fez aquilo. E vou prová-lo.

Simone tentava passar despercebida desde que fugira do assassinio de Stephen Linley. Ser atingida pelo cinzeiro deixara-a com o lábio muito inchado e um galo enorme na parte lateral da cabeça. Também perdera um dente: o incisivo esquerdo partira-se perto da gengiva. Não sabia se o engolira ou se caíra num canto escuro do apartamento da vítima. O nervo exposto doía-lhe imenso, mas temia demasiado ir ao dentista. Ele poderia tirar uma radiografia aos seus dentes e depois haveria um registo deles.

Tentou lembrar-se se lhe tinham radiografado os dentes no passado. Recordava-se vagamente de a deixarem sozinha numa sala grande, de a mandarem ficar deitada quieta enquanto a mãe aguardava do lado de fora. Fora uma radiografia? Não sabia. Tinha apenas a certeza de que nunca lhe haviam tirado as impressões digitais nem o ADN.

A princípio, estivera convencida de que seria descoberta. Estragara tudo; aquilo não decorrera conforme o plano. Dissera no hospital que não iria trabalhar, com a desculpa de que estava doente. À medida que os dias e as noites foram passando, deixara de dormir. Nenhuma quantidade de soporíferos ajudava.

Na terceira noite sem dormir, estava deitada na cama depois da meia-noite quando ouviu um som leve, *pat, pat, pat*, vindo de fora do quarto, como água a cair na carpete. Era acompanhado do som de uma respiração laboriosa, como se uma pessoa estivesse com o nariz entupido.

Simone saltou da cama e prendeu a cadeira do toucador sob a maçaneta. O barulho continuara: *pat, pat, pat, pat, pat... inspira, expira*.

Levou as mãos às têmporas doridas e latejantes. Aquilo não era real. Mesmo assim, o barulho continuou.

Pat, pat. Inspira, expira. Uma tosse com expetoração.

— Não és real! — gritou ela. — Stan, sai daqui!

Pat, pat, pat, pat, pat... Inspira, expira.

Tirou a cadeira do sítio, girou a maçaneta e abriu a porta. Sentiu um aperto na garganta quando viu que não era Stan ali em pé, a pingar água. Era Stephen Linley.

Calçava ténis, calças de ganga, uma *T-shirt* branca e um casaco preto fino. O saco de plástico estava apertado em volta do pescoço e

meio cheio com fluido e sangue, que pingava pelo cordão, escorria pela roupa e caía na carpete clara.

Pat, pat, pat...

A testa tinha uma cova onde Simone o atingira com o cinzeiro, e o rosto estava quase irreconhecível. Lá dentro, encostada ao plástico, a boca mexia-se. O rosto arruinado tentava respirar.

— NÃO! — gritou Simone. — ESTÁS MORTO!

A cada palavra, avançava na direção do cadáver pavoroso, fazendo-o recuar. Ele deu passos vacilantes para trás, na direção do cimo da escada, agitando os braços.

— MERECESTE MORRER!

Chegaram ao cimo da escada. Simone deu um empurrão ao corpo e ele caiu de costas, rolando pelas escadas e aterrando inerte lá em baixo.

Ela fechou os olhos, contou até dez e abriu-os. Ele desaparecera. Tudo voltara ao normal. Ela estava sozinha. Trémula, desceu a escada, verificou a sala e a cozinha. Não havia nada. Foi até ao computador e ligou-o. Pouco depois, começou a escrever.

NIGHT OWL: Estás aí?

Durante um momento, nada aconteceu. Estava prestes a ir preparar uma bebida quando Duke apareceu.

duke: Olá, Night Owl, o que foi?

NIGHT OWL: Senti a tua falta.

DUKE: Eu também senti a tua.

NIGHT OWL: Tenho medo. Ando de novo a ver coisas.

DUKE: Mudaste a medicação?

NIGHT OWL: Não, deixei de tomar medicamentos.

DUKE: Receei que alguma coisa te tivesse acontecido.

NIGHT OWL: Estou bem.

DUKE: Correu tudo conforme o planeado?

NIGHT OWL: Sim, e não. Fui agredida. Tenho os lábios inchados.

DUKE: Mentirosa. Foste tratar dos lábios para quando formos viajar! Colagénio. LOL.

NIGHT OWL: É só o lábio de baixo.

DUKE: Muito sensata. Estás a poupar para o de cima.

Simone riu-se e tocou no rosto com as mãos. Continuava sensível. Sentira falta de conversar com Duke. O computador fez um bipe e ela viu texto surgir no ecrã.

DUKE: Então, Night Owl, vamos?

NIGHT OWL: Aonde?

DUKE: Fazer a nossa viagem. Já falámos tanto disso. Vamos torná-la real!

DUKE: Ainda queres ir, não queres?

DUKE: Night Owl?

NIGHT OWL: Estou aqui.

DUKE: Então?

NIGHT OWL: Ainda tenho um nome na lista.

DUKE: Já esperei que lidasses com três nomes. Mais um não será problema. Mas quero saber quando.

NIGHT OWL: Um dia.

DUKE: Um dia!

NIGHT OWL: Não, uma semana. Um ano... Não sei! Não me apresses, Duke, ouviste?

DUKE: Desculpa. Só preciso de saber...

DUKE: ... se vai demorar menos de um ano.

NIGHT OWL: Sim.

DUKE: Ufa! ***Limpa testa suada***

NIGHT OWL: Aviso-te em breve. Prometo. E depois podemos viajar juntos.

DUKE: OK. Amo-te.

Simone ficou a olhar para o ecrã bastante tempo. Ao longo de todos os anos em que tinham conversado, Duke dissera-lhe muitas coisas — os segredos mais profundos e sombrios —, e ela fizera o mesmo. Mas era a primeira vez que ele dizia que a amava. Isso fazia-a sentir-se poderosa.

Saiu da sala de *chat* e voltou para a cama no andar de cima. Sentia-se muito melhor. Voltaria ao trabalho. Depois começaria os preparativos para o número quatro. O quarto, e último.

— Certo, chefe, mas para onde vamos, exatamente? — perguntou Peterson ao sentar-se no banco do passageiro. Vestia calças de ganga e *T-shirt*, e levava uma pequena mochila. Eram quase nove da manhã e Erika fora apanhá-lo a casa, um apartamento num prédio elegante e baixo numa rua tranquila e arborizada em Beckenham. Uma placa no relvado bem cuidado frente ao prédio indicava que este se chamava Tavistock House.

— Worthing — respondeu Erika, entregando-lhe um mapa dobrado.

Uma cortina na janela do rés do chão foi aberta e uma jovem magra, bonita e loura espreitou por ela, revelando apenas o rosto e um ombro nu. Acenou a Peterson enquanto observava Erika. Ele respondeu com um aceno e tirou da mochila o estojo dos óculos.

— É a sua namorada? — perguntou Erika.

Peterson limpou os *Ray-Ban* com um quadradinho de tecido cinzento e colocou-os. A rapariga ainda olhava.

Ele encolheu os ombros.

— Vá, chefe. Vamos embora — disse ele, parecendo constrangido.

Arrancaram, seguindo em silêncio por um minuto, com o reflexo das copa das árvores no para-brisas.

— Temos de apanhar a M23 e a A24 — disse Erika, percebendo que Peterson não queria falar sobre a sua hóspede.

— Porque me chamou hoje? — perguntou ele, desdobrando o mapa e olhando para ela por cima dos óculos escuros.

— A Moss foi transferida, e quando lhe liguei, você disse que estava livre... Porque concordou em vir?

— Deixou-me intrigado — respondeu ele com um sorriso. Ela devolveu-o. — Também fui transferido.

— Para onde?

— Operação Hemslow.

Erika virou-se para o encarar e o carro guinou para a faixa da esquerda. Peterson inclinou-se e endireitou o volante.

— Não se entusiasme. Estou a trabalhar na vigilância. É um trabalho monótono, na maior parte do tempo observo a Penny Munro e o Peter.

— E?

— Eles estão seguros... O miúdo vai para a escola, volta para casa, vai nadar uma vez por semana, gosta de dar comida aos patos... Estão muito próximos de prender o Gary Wilmslow. Toda a gente se concentra agora num armazém em Crystal Palace. Só precisam de apanhar o Wilmslow lá dentro. É de facto assim tão simples, mas ao mesmo tempo muito complicado. Ele consegue pôr pelo menos três pessoas entre ele e a produção dos vídeos, a seleção de crianças... Vamos ver quanto tempo podemos esperar antes de avançarmos e acabar com a operação.

— Vocês *têm* de apanhar o Wilmslow — disse Erika.

— Não há ninguém que o queira ver preso mais do que eu... sabe que não devia estar a contar-lhe isto, chefe.

— Sei. Obrigada.

— E sabia que o Sparks está quase a acusar o Isaac pelas mortes do Gregory Munro e do Jack Hart, além da do Linley?

— Merda.

— Porque não lhes falou disto? Do que vamos fazer hoje?

— Porque preciso primeiro de dar uma olhadela. Eles já tomaram uma decisão, obviamente. É mais fácil acusar o Isaac... encerram tudo de maneira satisfatória e resolvem o caso.

— Não acha que foi ele?

Erika olhou para Peterson.

— Não, não acho. Só preciso de verificar isto. É um tiro no escuro, mas se eu os avisar, a informação vai para o fundo da pilha e pode ser demasiado tarde quando alguém chegar a ela. Não concorda comigo?

Ele encolheu os ombros e sorriu.

— É como disse ao telefone, chefe: um dia à beira-mar.

— Obrigada.

Erika pensou em como as coisas haviam mudado. Estava agora de fora. Então, começou a informar Peterson sobre o que descobrira e como gostaria de agir.

Noventa minutos depois, saíram da autoestrada e aproximaram-se de Worthing por um complexo sistema de vias de sentido único. No entanto, quando chegaram à cidade, viram que era pitoresca, uma velha cidade à beira-mar, que no pico do verão parecia mais sumptuosa do que decadente. Erika seguiu pela marginal. A praia estava repleta de pessoas a apanhar banhos de sol e sentadas em espreguiçadeiras antigas. Em frente havia casas geminadas, apartamentos e uma eclética seleção de lojas. Estacionou e desceram para a rua movimentada, onde as pessoas passeavam, comiam gelado e saboreavam o sol.

— Como vamos fazer isto? — perguntou Peterson, juntando-se a ela ao lado do parquímetro.

— Não temos autoridade para estar aqui, mas ele não sabe isso — respondeu Erika, pondo moedas na máquina. — Tenho esperança de que o elemento surpresa funcione a nosso favor.

Tirou o recibo da máquina e trancaram o carro. A morada que procuravam ficava um pouco mais adiante, onde as lojas de recordações e as casas de chá diminuam. Ali, as casas geminadas estavam menos bem cuidadas e tinham sido transformadas em apartamentos e estúdios.

— É aqui — disse Erika, quando chegaram a uma grande casa de cinco andares com um jardim coberto de cimento, onde havia cinco caixotes do lixo pretos de rodinhas com os números dos apartamentos pintados a branco nas tampas. As janelas estavam todas abertas e do último andar vinha música.

— Cheira a erva — disse Peterson, parando para inspirar.

— Não estamos aqui por causa de erva. Lembre-se disso.

Subiram os degraus e Erika tocou à campainha do apartamento do rés do chão. Aguardaram enquanto a música cessava por um segundo, depois «Smells Like Teen Spirit», dos Nirvana, começou a tocar.

Viam-se luzes acesas pela janela voltada para os caixotes e meio tapada por roupa pendurada. Erika tocou de novo à campainha e através do vidro fosco da porta viu um vulto grande e escuro movimentar-se nas sombras. A porta abriu-se alguns centímetros, e em seguida parou. Momentos depois, ouviram um zumbido e a porta foi aberta lentamente.

O vulto que Erika viu era uma enorme cadeira de rodas motorizada, com rodas resistentes e botijas de oxigénio presas atrás. Um mecanismo em concertina zumbiu e levantou o assento onde um homem minúsculo estava sentado. Tinha feições miúdas, roliças, óculos grossos e tufo de cabelo acinzentado na cabeça calva. Usava um tubo de oxigénio debaixo do nariz. O seu corpo era compacto — repararam que era anão — e as suas minúsculas pernas macilentas chegavam só à beira do assento, contrastando com o corpo pequeno. Um dos seus braços estava enfiado no lado da cadeira e o outro segurava a corda que ele usara para abrir a porta da frente. Solto a corda, agarrou no comando de lado na cadeira e avançou, bloqueando a passagem.

— O senhor é Keith Hardy? — perguntou Erika.

— Sou — respondeu com voz aguda, olhando para um e para o outro.

Erika e Peterson mostraram a sua identificação.

— Sou a inspetora-chefe Foster e este é o meu colega inspetor Peterson. Podemos conversar?

— Sobre o quê?

Erika olhou para Peterson.

— Preferimos conversar aí dentro.

— Bom, não vão entrar.

— Não vamos tomar muito do seu tempo, senhor Hardy — disse Erika.

— Não vão tomar tempo nenhum.

— Senhor Hardy... — começou Peterson.

— Têm um mandado?

— Não.

— Então vão-se embora e arranjem um — disse o homem. Esticou o braço e agarrou no fio preso à fechadura. Erika inclinou-se para a frente e arrancou-lho da mão.

— Senhor Hardy, estamos a investigar um triplo homicídio. O assassino usou sacos de suicídio... acedemos às suas contas bancárias e vimos que comprou cinco sacos desse tipo; mesmo assim, está vivo. Trata-se apenas de esclarecer um mal-entendido.

Keith franziu o nariz, empurrou os óculos para cima, fez recuar a cadeira de rodas e deixou-os entrar.

O apartamento de Keith Hardy tinha uma carpete com hexágonos verde-lima, amarelos e vermelhos. Erika e Peterson seguiram-no pelo corredor e só viam os tufo de cabelo por cima do encosto alto da cadeira de rodas. A porta do quarto era a primeira à direita; na parede ao fundo, no lado oposto à enorme janela, Erika viu uma grande cama hidráulica de hospital com rodas. Ao lado, havia uma cómoda antiga de madeira polida com um espelho dobrável de três partes. O móvel estava coberto de medicamentos variados: tubos de pomada, preparados e um pacote de algodão. Havia roupas penduradas no varão da cortina, a janela dava para a movimentada marginal, e ouvia-se o piar ténue das gaivotas. A luz do teto estava acesa, tal como dois candeeiros, um na mesa de cabeceira e outro na cómoda.

Passaram por outro quarto minúsculo cheio de tralha, incluindo uma antiga cadeira de rodas manual, pilhas de livros e outra cadeira de rodas elétrica com o painel traseiro desmontado, os fios e as entranhas expostos. Outra porta à direita dava para uma casa de banho grande, especialmente equipada.

Keith chegou a uma porta com vidro fosco, entrou com a cadeira de rodas e seguiram para o interior de uma pequena sala com *kitchenette* com vista para um minúsculo pátio e um enorme prédio de tijolo. A cozinha era velha e suja e tinha bancadas baixas, especialmente adaptadas. No ar, misturavam-se os cheiros a canos e a comida frita.

Na outra metade da assoalhada, três paredes tinham estantes até ao teto com centenas de livros, cassetes de vídeo e DVD. Havia uma pequena lareira a gás e sobre ela mais prateleiras com mais livros, papéis e vários candeeiros todos acesos, de modo que o espaço, embora pequeno e atulhado, estava bem iluminado. A um canto havia um computador, numa velha mesinha de metal. Uma série de bolas coloridas saltavam no ecrã.

— Não recebo muitas visitas — disse Keith, apontando para uma pequena poltrona coberta de revistas e jornais, frente à lareira de gás. — Há algumas cadeiras arrumadas ao lado do frigorífico — acrescentou.

Peterson foi até lá e trouxe-as.

Keith deslizou até ao computador e, usando o manípulo, girou a cadeira para ficar de frente para os detetives. Empurrou os óculos

nariz acima e observou-os através das lentes engorduradas, com os olhos grandes a mexer-se de um lado para o outro. Erika imaginou que, se uma mosca passasse a voar, a língua do homem poderia sair da boca e apanhá-la.

— Não podem prender-me — declarou Keith. — Nunca saio deste apartamento... não fiz nada.

Erika tirou algumas folhas da mala, desdobrou-as e alisou-as

— Tenho aqui o extrato da sua conta no Santander. Pode confirmar se é a sua conta?

Passou o papel a Keith, que o observou rapidamente e o devolveu.

— Sim.

— Indica que, nos últimos três meses, o senhor encomendou cinco itens num *site* chamado Allantoin.co.uk. Cinco estojos com sacos de suicídio. Destaquei as transações no seu extrato...

Erika inclinou-se para a frente e entregou-o a Keith.

— Não preciso de ver isso — disse ele.

— Então reconhece que é o extrato da sua conta e que as transações estão corretas?

— Reconheço — respondeu ele, mordendo o lábio.

— Também encomendou uma chave mestra. Isso está igualmente destacado...

— Comprei-a no eBay e não é ilegal — argumentou Keith, recostando-se e cruzando os braços curtos.

— Não, não é — disse Erika. — Mas temos um problema aqui. Houve três homicídios em Londres e arredores cometidos por alguém que usou: a) um saco de suicídio para asfixiar as vítimas e b) uma chave mestra para aceder a uma das casas.

Erika enfiou a mão na mala e tirou uma foto de Stephen Linley no cenário do crime. Levantou-a e mostrou-a a Keith, que estremeceu.

— Como pode ver, neste caso, o saco de suicídio rebentou... O intruso usou uma chave mestra para entrar na casa.

Erika guardou a foto e tirou outras de Gregory Munro e Jack Hart mortos com os sacos na cabeça.

— Nestes casos, os sacos permaneceram intactos, só que mesmo assim fizeram o serviço...

Keith engoliu em seco e desviou o olhar das fotos.

— Não posso ser a única pessoa que comprou essas coisas — disse ele.

— Temos a lista de todas as pessoas que compraram sacos de suicídio nos últimos três meses. Muitas adquiriram-nos com o propósito de acabar com a vida e, tragicamente, não estão cá para

falar conosco. O senhor é um dos poucos que encomendaram vários sacos e ainda aqui está para nos contar a história.

— Eu fui suicida — disse Keith.

— Sinto muito. Tentou tirar a própria vida?

— Sim.

— Tem os cinco sacos aqui? Se puder mostrá-los, riscamo-lo da nossa lista.

— Deitei-os fora.

— Porquê? — perguntou Peterson.

— Sei lá.

— E a chave mestra?

Keith limpou a testa suada.

— Comprei-a para o caso de ficar trancado do lado de fora.

— Acabou de nos dizer que nunca sai de casa — observou Peterson.

— Tenho uma cuidadora que vem três vezes por semana. Comprei-a para ela.

— Porque não dar-lhe uma chave normal? — ripostou Peterson.

— Ou fazer outra cópia? Porquê dar-se ao trabalho de comprar uma chave mestra pela Internet?

Keith engoliu em seco e lambeu o suor do lábio superior. Os seus grandes olhos atrás dos óculos oscilavam entre os dois agentes.

— No que está este país a transformar-se? Não fiz nada ilegal — disse ele, recuperando repentinamente a compostura. — Nunca saio deste apartamento e vocês não podem provar nada. Estão a fazer acusações infundadas e quero que se vão embora antes que eu ligue para os vossos superiores.

Erika olhou para Peterson e levantaram-se os dois.

— Muito bem — disse ela, recolhendo as fotos, os extratos e enfiando-os na mala. Peterson dobrou as cadeiras e guardou-as ao lado do frigorífico. Keith começou a avançar na cadeira; esta forçou-os a sair da sala, a passar pela porta com vidro fosco e a caminhar pelo corredor.

— Posso apresentar queixa. Direi que me pressionaram! — ameaçou Keith.

— Como pode ver, estamos de saída — disse Erika, detendo-se diante da casa de banho grande para deficientes, abrindo a porta e entrando. Peterson seguiu-a.

— O que foi agora? — perguntou Keith, parando frente à porta. Havia uma banheira branca grande com uma plataforma de suspensão motorizada, um lavatório e um espelho baixos, além de uma sanita com um enorme varão de metal na parede com uma

dobradiça que permitia a sua movimentação horizontal e vertical.

— Quem responde se puxar este alarme? — perguntou Erika, tocando num cordel vermelho pendurado no teto ao lado da sanita.

— A polícia e os serviços sociais. Está ligado a uma central — respondeu Keith.

Erika saiu da casa de banho e olhou para o pequeno quarto cheio de tralha.

— O que é isto? — perguntou ela.

— É o quarto das arrumações — respondeu Keith.

— Está a dizer que é um segundo quarto?

— É um quarto que uso como arrecadação — disse Keith, rangendo os dentes.

— Não... isto é um segundo quarto, Keith — afirmou Erika.

— É um quarto que uso como arrecadação — insistiu Keith.

— Não. Eu chamo a isto um segundo quarto — corroborou Peterson, saindo da casa de banho e juntando-se a eles. Keith agarrava os braços da cadeira, agitado.

— Pode meter uma cama grande aí... é mesmo um segundo quarto — reafirmou Erika.

— Sim, um segundo quarto — concordou Peterson.

— Isto NÃO é um segundo quarto! Vocês não sabem nada! — gritou Keith.

— Oh, sabemos muita coisa! — disse Erika, aproximando-se de Keith. — Não viemos de tão longe para o senhor nos fazer de idiotas! Sei que o Governo cortou o seu subsídio de invalidez porque tem um segundo quarto... Também sabemos que não conseguiu alugá-lo, e que não tem como continuar a pagar esta casa por muito mais tempo. Quando o despejarem, o que com certeza irá acontecer, para onde vai? Presumo que o único sítio que pode pagar com a sua deficiência é um andar fora do centro, a quilómetros de lojas, bancos e médicos. Terá de depender de elevadores a feder a mijo e vielas sombrias cheias de traficantes.

— E a vida nesses prédios é difícil para qualquer um, ainda mais para alguém como o senhor — acrescentou Peterson.

— Ou pode ir para a prisão por obstrução à justiça, por ajudar a encobrir um assassino. Também duvido que a prisão seja um bom sítio para si — disse Erika. Deixou a frase no ar por um momento. — Mas, claro, se colaborar com a investigação, em vez de mentir, então, quem sabe, podemos ajudá-lo.

— Está bem! — berrou Keith. — Está bem!

Estava já em lágrimas e a puxar, desesperado, os tufo de cabelo que lhe restavam.

— Está bem, o quê? — perguntou Erika.

— Vou contar-vos. Vou contar o que sei... Acho que tenho falado com ela pela Internet. Com a assassina...

— Como se chama ela? — perguntou Erika.

— Eu não... não sei o nome verdadeiro dela, e ela não sabe o meu. Só me conhece como Duke.

— Conheci a Night Owl na Internet há uns anos — contou Keith. Estavam de novo sentados na apertada e bem iluminada sala.

— Night Owl? — perguntou Erika.

— Sim, esse é o *nick* dela; o nome que usa nas salas de *chat*. Não durmo muito e entro na Internet para conversar com pessoas com ideias em comum.

Viu Peterson olhar para Erika.

— Não tenho ideias iguais a pessoas como Night Owl... O que estou a querer dizer é que ela é diferente comigo. Ligámo-nos a um nível profundo. Podemos contar qualquer coisa um ao outro.

— Ela disse-lhe o seu nome verdadeiro? — perguntou Erika.

— Não, só a conheço como Night Owl... Mas isso não significa que não somos chegados. Amo-a.

Erika deu-se conta de que lidavam com algo muito mais sombrio do que tinham imaginado. Keith encontrava-se metido naquilo até ao pescoço.

— Sobre o que conversa com ela? — perguntou Peterson.

— Tudo. Começámos com banalidades, durante meses, na verdade. Sobre o que gostávamos de ver na televisão, comidas favoritas... Então, uma noite a sala de *chat* estava cheia, os outros utilizadores não paravam de se intrometer e convidei-a para uma conversa particular que as outras pessoas na sala de *chat* não conseguissem ver. E as coisas ficaram... pesadas.

— O que quer dizer com «pesadas»? Sexo virtual? — perguntou Peterson.

— Não diga «sexo virtual»... é mais do que isso — discordou Keith, mudando de posição, constrangido.

— Compreendo — disse Erika. — Aconteceu mais alguma coisa nessa noite?

— Ela começou a falar do marido e de como ele a violava.

— Violava? Onde?

— Em casa, na cama, durante a noite... Ele simplesmente acordava e obrigava-a a fazer sexo. Ela disse que muita gente não acha que isso seja violação, mas é, não é?

— É, sim — respondeu Erika.

Keith digeriu aquilo por um momento.

— Eu só ouvia... quer dizer... lia, o que a Night Owl escrevia no

ecrã. Desabafou tudo. Ele era violento e abusava dela, que se sentia encurralada. O pior era que ela não conseguia dormir. Tem insónias como eu.

— Há quanto tempo conversam? — perguntou Erika.

— Há quatro anos.

— Conversa com ela há quatro anos? — admirou-se Peterson.

— De vez em quando ela desaparece, e isso também acontece comigo, mas falamos quase todas as noites. Vamos viver juntos. Ela quer fugir comigo... — Keith baixou os olhos por um momento, dando-se conta da situação. — Bom, pelo menos era esse o plano.

— O que lhe contou a seu respeito? — perguntou Erika.

Keith abriu e fechou a boca algumas vezes, sem saber como explicar.

— Ela acha que sou dono do meu próprio negócio, uma instituição de caridade, dedicada à distribuição de água potável. Também acha que sou infeliz no casamento. Que a minha mulher não me compreende como ela.

— E suponho que não seja casado. Nem divorciado — disse Peterson, olhando em volta na sala minúscula.

— Supõe bem — respondeu Keith.

— Como se descreveu fisicamente? — perguntou Peterson.

Erika lançou um olhar ao colega; não queria que Keith se fechasse. Houve outro silêncio constrangedor.

— Tudo bem. Então não foi totalmente sincero com ela. O que aconteceu depois?

— Ela disse-me que fantasiava matar o marido... Nessa altura, eu passava por um período muito difícil e investigava formas de me suicidar. Com a minha condição, não conto viver muitos anos... Além disso, sinto dores constantes. Então, entrei num fórum que explicava como comprar um desses sacos de suicídio e usá-lo com uma botija de gás. Sem dor, deixamo-nos simplesmente levar.

Erika e Peterson trocaram um olhar.

— E falou-lhe desse saco e como ela podia matar o marido? Keith anuiu.

— E ela pediu-lhe que lhe comprasse um saco desses?

— Não. Naquela altura, eu tinha um. Mande-i-lho pelo correio.

— Mandou-lho pelo correio?

— Mande-i... bom, pedi à minha cuidadora para o meter no correio, para um apartado em Uxbridge, na zona ocidental de Londres. Ela contou-me que alugara um apartado para que o marido não descobrisse. Ele não descobriu, mas antes de ela poder agir, o tipo morreu.

— Como? — perguntou Erika.

— Teve um ataque cardíaco. Pensei que ela ficaria feliz, mas na verdade senti que lhe tinham roubado a oportunidade de fazer aquilo. Então tornou-se muito obsessiva e zangada. Parecia confusa. Começou a falar sobre os homens que gostaria de matar. O seu médico era um. Consultara-o uma vez porque o marido começara a abusar dela de outras maneiras. Prendeu-a e atirou-lhe água a ferver para cima.

— Meu Deus. É o que acontece num dos livros do Stephen Linley — disse Erika a Peterson.

— Por isso, ele foi a terceira vítima — explicou Keith. — Ela odiava o Stephen Linley. O marido era obcecado pelos livros dele e reproduzia muitas cenas.

— E não pensou que devia falar com alguém, ligar para a polícia?

— Tem de compreender que estou a resumir anos, horas e mais horas de conversas.

— Keith, vá lá!

— Amo-a! — gritou ele. — Não compreende! Nós... nós íamos fugir. Ela ia tirar-me... tirar-me... DISTO!

Keith cedeu, e baixou a cabeça a chorar. Erika aproximou-se e pôs um braço sobre os ombros dele.

— Keith, sinto muito. Ainda conversa com ela?

Ele levantou o rosto e assentiu. As lentes sujas dos óculos estavam molhadas de lágrimas.

— E então? Estavam prestes a fugir?

Peterson tirou do bolso um pacote de lenços e estendeu um a Keith.

— Obrigado — disse Keith, aos soluços. — Íamos apanhar o comboio para França. O Eurostar tem acesso para deficientes. Eu verifiquei. Então, continuaríamos para sul de comboio, ficaríamos em castelos franceses, até chegarmos a Espanha e vivermos junto ao mar.

Erika viu que, coladas por cima do computador, havia algumas fotos de Barcelona e de outra povoação costeira espanhola.

— Quando tencionavam ir? — perguntou Peterson.

Keith encolheu os ombros.

— Quando ela acabasse.

— Acabasse o quê? — perguntou Erika.

— Acabasse... com todos os nomes na lista dela.

— Quantos nomes tem a lista?

— Ela disse que tinha quatro.

— E deu-lhe a entender quem será a quarta vítima? — perguntou

Erika.

— Não, só sei que, quando ela terminar, ficaremos juntos. — Keith mordeu o lábio e olhou para Erika e Peterson. Começou a chorar de novo. — Isto é real. Ela ama-me. Pode não saber o que sou, mas temos uma ligação verdadeira! — Respirou fundo algumas vezes, tirou os óculos e começou a limpá-los com a ponta da *T-shirt*.

— Keith, sabe que agora que falou connosco haverá implicações? Essa mulher é procurada por três homicídios.

Keith colocou os óculos no rosto e pareceu prestes a ir-se de novo abaixo.

Erika perguntou num tom mais suave:

— Tem a certeza de que em momento algum ela lhe deu o nome verdadeiro ou a morada? Faz ideia de quem seja?

Keith abanou a cabeça.

— Ela disse Londres, uma vez. E eu verifiquei, o apartado é anónimo.

— Alguma vez tentou localizar o endereço IP dela? — perguntou Peterson.

— Tentei, mas não consegui. Provavelmente ela usa o Tor. Eu uso.

— O que é o Tor?

— Um *software* de encriptação para que ninguém saiba o que fazemos na Internet.

Erika levou a mão à têmpora.

— Então está a dizer que vai ser impossível descobrir a localização da Night Owl quando ela aceder à sala de *chat*?

— Sim — confirmou Keith. — Impossível.

Erika e Peterson saíram do apartamento de Keith por um momento e atravessaram a rua até à beira-mar. As pequenas ondas arrastavam suavemente os seixos da praia e o vento trazia-lhe o som de conversas e risadas.

— Eu sei que é errado, mas tenho pena dele — afirmou Peterson.

— O que me dá pena é ver a sua vida acabar desta forma. Mas tem protegido a tal mulher, a Night Owl — disse Erika.

— Não devíamos deixá-lo sozinho muito tempo — continuou Peterson, olhando para o apartamento. — Quem sabe o que pode fazer?

— Ele não vai a lado nenhum.

— O que *devíamos* fazer era passar esta informação ao responsável pelo caso, o Sparks — disse Peterson.

— Mas o Sparks está convencido de que foi o Isaac Strong quem matou o Stephen, e de que pode ligar o Isaac aos dois outros crimes — argumentou Erika. — Se eu contar isto ao Sparks ou ao Marsh, podem dizer-me para lhe entregar toda a informação ou não seguir esta pista, e então, se eu a *seguir*, vou contra uma ordem direta.

— Então, neste momento estamos... — começou Peterson.

— Estamos apenas a visitar alguém em Worthing.

— O nosso bom amigo Keith...

Erika olhou para o Pavilion Theatre, que se erguia como uma gigantesca forma de gelatina, com o molhe a estender-se mar adentro atrás dele. Um bando de gaivotas aglomerava-se na ponta, com as cabeças enterradas nas penas.

— E se conseguíssemos arquitetar um encontro entre o Keith e a Night Owl? — perguntou Erika.

— Onde? E como o levamos para lá? E se ela o vir, não vai simplesmente dar meia volta e...

— Não, Peterson. O Keith não vai estar à espera dela. Estaremos nós. E metade da Polícia Metropolitana.

Ainda naquele dia, Erika cobrou um favor que Lee Graham lhe devia, um antigo colega da Polícia Metropolitana que estava agora na Polícia de Sussex. Ele foi a Worthing dar uma olhadela ao computador de Keith. Era um analista informático forense jovem, brilhante e um pouco intenso.

Algumas horas mais tarde, Lee, Erika, Peterson e Keith estavam na minúscula sala de Keith.

— Certo, agora têm o computador dele... — começou Lee.

— Chamo-me Keith — apresentou-se ele, observando Lee com desconfiança.

— Sim, agora têm o computador do Keith em rede com estes dois — esclareceu Lee, entregando dois portáteis a Erika. — Serão capazes de ver o que acontece em tempo real e podem entrar a qualquer momento e escrever. Quem estiver do outro lado não vai saber nada.

— Obrigada — disse Erika.

— Também posso ter acesso e monitorizar a sala de *chat* remotamente desde o meu gabinete. Vou tentar descobrir a localização da tal Night Owl, mas se ela usar a rede Tor, será quase impossível.

— Como funciona essa rede Tor? — perguntou Peterson.

— Digamos que você usa a Internet normalmente, por exemplo, para me mandar um *e-mail*. Do seu computador, ele passa por um servidor e depois chega ao meu computador. Ambos conseguimos facilmente descobrir onde está a outra pessoa pelo endereço de IP. Que é uma sequência única de números separada por pontos que identifica qualquer computador que use a Internet para comunicar através de rede. Com o *software* Tor no seu computador, o tráfego é direcionado para uma rede voluntária, mundial e gratuita de computadores. Há mais de sete mil computadores a funcionar como transmissores para ocultar a localização do utilizador de alguém que esteja a vigiar a Internet ou a fazer uma análise do tráfego.

— Chamam a isto encaminhamento cebola, pois tem muitíssimas camadas — explicou Keith.

— Isso mesmo. Usar o Tor torna mais difícil localizar a atividade de um utilizador na Internet. Isso inclui visitas a *sites*, publicações *online*, mensagens instantâneas e outras formas de comunicação —

disse Lee.

— E qualquer pessoa pode descarregar esse Tor? — perguntou Erika.

— Sim. É um programa gratuito disponível *online* — respondeu Lee. — Transforma a nossa vida num pesadelo.

— Se não conseguem localizar a Night Owl, porque querem espiar-me a falar com ela? — perguntou Keith.

Erika e Peterson trocaram um olhar.

— Queremos que marque um encontro com ela — respondeu Erika.

— Não posso encontrar-me com ela. Não estou pronto. Quero poder preparar-me!

— O senhor não vai encontrar-se com ela a sério — explicou Erika.

— Não, não posso... sinto muito. Não.

— Pode, sim — declarou Peterson.

— Na estação de Waterloo — disse Erika.

— Como vou de repente convencê-la a encontrar-se comigo? — gritou Keith, em pânico.

— Há de arranjar uma forma — respondeu Peterson.

— Vi que salvou todo o histórico das suas conversas com a Night Owl nessa sala de *chat* — comentou Lee. — Copiei tudo para os vossos portáteis — disse ele a Erika e Peterson.

— Mas... aquelas conversas eram particulares! — insistiu Keith.

— Temos um acordo. Lembra-se? — perguntou Erika.

Keith assentiu com nervosismo.

Quando tudo estava combinado, Erika e Peterson saíram do apartamento para se despedirem de Lee. O ar estava parado e quente, e, ao longe na praia, conseguiam escutar o som estridente de um espetáculo de marionetas.

— Também fiz uma cópia do disco dele. Vou ver se há alguma coisa suspeita que precisemos de saber — disse Lee, dirigindo-se ao seu carro estacionado junto ao passeio. Abriu o porta-bagagens e pôs o saco lá dentro. — Às vezes desejo que a Internet nunca tivesse sido inventada. É demasiada gente com demasiado tempo para satisfazer as suas fantasias doentias.

— Parece-me que sempre que o encontro lhe dou alguma coisa sórdida para investigar — disse Erika. — Obrigada pela ajuda.

— Quem sabe da próxima vez não nos encontramos fora do trabalho — retorquiu ele com um sorriso.

Peterson olhou para ambos e viu que Erika ficou vermelha e sem palavras.

— Mais uma vez, obrigada! — disse ela por fim.

— De nada. Espero que ajude a apanhar essa cabra. Entrarei em contacto *online* quando ligar o seu computador — disse ele, e entrou no carro.

— Não sabia que o conhecia tão bem — comentou Peterson, enquanto viam o carro de Lee afastar-se.

— E o que tem que ver com isso? — perguntou Erika.

— Nada — respondeu ele, encolhendo os ombros.

— Ótimo, vamos voltar para dentro. Estou preocupada com a possibilidade de o Keith desistir.

Simone estava muito animada na ida para o trabalho. Apanhara o autocarro para King's Cross e caminhava pelas ruas pouco movimentadas atrás da estação, na direção do Queen Anne Hospital. Gostava de trabalhar à noite, da sensação de ir para o trabalho quando tantos voltavam para casa. Era como um salmão, a nadar contra a corrente. Quando trabalhava à noite, não tinha de se preocupar por não dormir, por estar em casa sozinha, vulnerável.

Não precisava de se preocupar por ver coisas.

Estava uma noite amena e, enquanto esperava para atravessar a rua, percebeu que se sentia animada por ir ver Mary novamente. A velhota era uma lutadora e ainda lá estaria. Simone tinha a certeza. Trouxera prendas para Mary: uma moldura para a fotografia com George e uma escova nova para o cabelo. Tinha a certeza de que o cabelo de Mary estaria embaraçado.

Um cheiro quente e repugnante a urina e fraldas descartáveis atingiu o nariz de Simone quando ela avançou pelo comprido corredor até à ala de Mary. Algumas enfermeiras cumprimentaram-na com acenos de cabeça, aos quais ela respondeu da mesma forma, antes de trocarem algumas palavras amáveis. Muitas enfermeiras pareceram admiradas ao ver o grande sorriso no seu rosto geralmente taciturno.

Quando Simone chegou ao quarto de Mary, abriu a porta sem bater e ficou chocada ao ver uma mulher elegante sentada na cadeira *dela*, ao lado da cama de Mary. Tinha cabelo grisalho liso pelos ombros e vestia calças brancas, sapatos de cabedal preto e uma camisa de seda com um motivo floral. A cama estava vazia e Mary encontrava-se sentada numa cadeira de rodas ao lado da mulher, vestida com calças cinzento-escuras e um *blazer* com padrão *pied-de-poule*. Tinha o cabelo bem apanhado com uma fita vermelha, e a mulher ajudava-a a calçar sapatos novos.

— Quem é você? — perguntou Simone olhando para as duas. A mulher enfiou o pé de Mary no segundo sapato e levantou-se. Ela era muito alta.

— Olá, enfermeira — cumprimentou, com sotaque americano arrastado.

— O que se passa? — perguntou Simone abruptamente. — O médico sabe que está aqui?

— Sim, querida. Sou a Dorothy Van Last, irmã da Mary. Vou levá-la para casa.

— Irmã? Não sabia que a Mary tinha uma irmã. A senhora é americana!

— Nasci aqui, querida, mas estou fora de Inglaterra há muito tempo. — Dorothy olhou para o sombrio quarto do hospital. — Parece que as coisas não mudaram muito.

— Mas, Mary — disse Simone —, o seu lugar é aqui com... conosco.

Mary aclarou a garganta.

— Quem é você, querida? — perguntou ela, analisando o rosto de Simone. Tinha a voz trémula e muito frágil.

— Sou a enfermeira Simone. Tenho tomado conta de si.

— Ai sim? O meu vizinho contou à minha irmã que eu estava aqui. Ela apanhou um avião de Boston e veio para cá. Não sei o que faria sem ela — comentou Mary, com voz fraca.

— Mas a senhora é a... minha... eu ia... — começou Simone, sentindo os olhos começarem a lacrimejar.

— O médico disse que ela teve uma *excelente* recuperação — interrompeu Dorothy. — Vou ficar com a Mary até ela melhorar.

Destravou a cadeira de rodas e fê-la contornar a cama.

— Mas, Mary... — disse Simone.

A idosa levantou o olhar para ela da cadeira e perguntou à irmã:

— Quem é?

— É uma enfermeira, Mary. Elas ficam todas muito parecidas ao fim de algum tempo. Sem ofensa, querida.

Dorothy passou por Simone, empurrando a cadeira, saiu do quarto e afastou-se pelo corredor. Simone foi até à porta, vendo Mary a ser levada. A idosa nem tentou virar o rosto para Simone. Em seguida, dobraram uma curva e desapareceram.

Simone trancou-se numa das casas de banho para deficientes. Ficou ali um momento, a tremer. Depois abriu a mala, pegou na moldura que comprara para Mary e bateu com ela várias vezes no lavatório até a partir. Encarou o seu reflexo, a fúria a crescer dentro dela. Tinha sido abandonada. De novo.

Erika reservou dois quartos num hotel apropriadamente chamado Sea Breeze, barato e alegre, além de próximo do apartamento de Keith. Os quartos ficavam ao lado um do outro, eram pequenos, e com vista para o pátio das traseiras, cheio de caixotes do lixo. Compraram comida no restaurante do rés do chão, depois voltaram para o quarto de Erika e prepararam-se para esperar.

De modo a matar o tempo até a noite cair, começaram a analisar a colossal quantidade de conversas que Lee descarregara do computador de Keith. Estendiam-se ao longo de quatro anos, e ler todas as páginas teria sido impossível. Depois de dividirem os arquivos das conversas por anos, importaram-nos para um documento Word. Em seguida, passaram algum tempo a pesquisar por palavras-chave que poderiam levá-los a conversas específicas.

— Esta conversa é perturbadora — comentou Peterson, sentado numa cadeira à janela. — Acabei de fazer uma pesquisa por «suicídio», e apareceram páginas e mais páginas em que Keith fala em matar-se, e em como o faria exatamente. Ouça: «Apagaria as luzes do meu apartamento. Seria o único momento em que deixaria a escuridão envolver-me. Inalaria um pouco de gás, colocaria o saco na cabeça e enchê-lo-ia de gás, para não entrar em pânico. Depois, apertaria o cordel com força e respiraria fundo várias vezes até desmaiar. Partiria de forma indolor, facilmente... como um sonho que nunca acaba.»

— Qual é a data disso? — perguntou Erika.

— Três anos, quando começaram a corresponder-se — respondeu Peterson.

— Fiz uma pesquisa por «cadeira de rodas» e «deficiente» — disse Erika. — São só comentários breves da parte dela, um sobre ver um deficiente na rua e sentir muita pena dele, e outra menos importante ainda. Ele nunca lhe contou.

— Ela fala aqui sobre ter sido queimada pelo marido — comentou Peterson, depois de algum silêncio. — É mais ou menos da mesma altura. Ele tentou violá-la, ela fugiu e trancou-se na casa de banho. Ele foi atrás com uma panela de água a ferver, deu-lhe um murro na cara, depois meteu-a na banheira, meio inconsciente, despiu-a e deitou lentamente a água a ferver sobre o seu corpo nu. Ela diz que ficou com cicatrizes terríveis, mas só foi ao médico uma semana depois, e

apenas porque as feridas infetaram.

— Ela diz quem ele é? Menciona o nome do médico? — perguntou Erika.

— Não, mas diz que o médico não acreditou quando ela lhe contou que o marido a queimara.

Erika olhou para Peterson, horrorizada.

— Diz que o médico achou que o medicamento que ela tomava, juntamente com a falta crónica de sono, lhe provocava alucinações... Ela já tinha ido a esse médico com queimaduras semelhantes quando encheu acidentalmente a banheira com água muito quente e entrou nela. O marido tinha, no passado, contado ao médico os episódios psicóticos da mulher e que ela já fizera uma cesariana.

— Meu Deus. Ele acreditou no marido, e não nela...

Já era noite e ouviam, através da janela aberta, o barulho ténue das ondas a bater nas rochas da praia.

— Na imprensa, descrevem sempre as pessoas como monstros, e nós também usamos esse termo — disse Erika. — Mas com certeza elas não nascem monstros, pois não? Um bebé nunca é um monstro. Toda a gente chega boa a este mundo, não é? Não é a sua vida e as circunstâncias que a tornam má?

O portátil de Peterson emitiu um bipe.

— É o Keith — disse o detetive. — Começou a conversar com a Night Owl.

Keith estava diante do computador na sua minúscula sala. As luzes pareciam brilhar com demasiada intensidade, e ele estava encharcado em suor. Este pingava dos seus ralos tufo de cabelo para o plástico preto do assento. Erika e Peterson encontravam-se nas cadeiras desdobráveis atrás dele.

— Não sei o que dizer — alegou ele, virando-se para os dois.

— Só precisa de conversar normalmente durante algum tempo. Não queremos que ela desconfie — orientou Erika.

Ele assentiu e começou a digitar.

DUKE: Olá, Night Owl. Como vai isso?

NIGHT OWL: Olá.

DUKE: Como vai isso?

Passaram alguns momentos. Erika abriu outro botão da blusa e abanou o tecido. Olhou para Peterson, que também morria de calor.

— Podemos apagar algumas dessas luzes? — perguntou ele, limpando a testa com a manga da camisa.

— Não! Não, não gosto do escuro. As sombras — disse Keith. — Pode abrir uma janela, se quiser.

Peterson foi até à pequena cozinha e abriu a janela sobre o lavatório. O cheiro a canos entupidos espalhou-se pelo aposento, mas pelo menos o ar ficou mais fresco.

— Ela não está a responder — disse Keith, virando-se para os dois.

— Isso é normal? — perguntou Peterson, voltando para a cadeira desdobrável.

— Sei lá... normalmente não tenho público aqui quando falo com ela. Pessoas a pressionar-me. E se ela souber?

— Não sabe — tranquilizou-o Erika. Continuaram em silêncio mais alguns minutos.

— Vou usar a sua casa de banho — disse Erika.

Keith anuiu e virou-se de novo para o ecrã. Ela foi até ao corredor, onde as lâmpadas brilhavam intensamente. Conseguiu ouvir o som abafado da música no andar de cima. Entrou e fechou a porta.

Agachou-se cuidadosamente sobre a sanita imunda e fez chichi o mais depressa possível. Quando estendeu o braço para puxar o papel

higiénico, bateu com o ombro na comprida barra de segurança. Empurrou-a e viu-a movimentar-se para cima, quase como uma bizarra guilhotina ao contrário. Apressou-se e lavou as mãos. A casa de banho era deprimente, lembrava a de um hospital. Baixou-se para ver o seu reflexo no espelho e arrependeu-se logo. Parecia exausta.

Quando voltou à sala, esta parecia ainda mais quente sob as luzes intensas. Peterson passava os olhos pelas prateleiras de DVD.

— Esperem, ela está a escrever — alertou Keith, inclinando-se na direção do ecrã do computador. Erika e Peterson juntaram-se a ele.

NIGHT OWL: Desculpa, tinha comida ao lume.

DUKE: Ooh, o que estamos a comer?

NIGHT OWL: Ovo escalfado com torrada.

DUKE: Hum. Tens um para mim? Podes pôr no meu um pouco de *brown sauce*?

NIGHT OWL: Sim, comprei um especialmente para ti.

— Isto é bom — comentou Erika, enquanto ela e Peterson espreitavam por cima do encosto da cadeira de Keith. Ficaram ali a assistir ao desenrolar da conversa.

— É a primeira vez que vejo uma assassina em série falar do dia péssimo que teve no trabalho e explicar como gosta dos ovos escalfados — murmurou Peterson, sem deixar de olhar para o ecrã e apoiando o queixo na palma da mão. — Que horas são?

— Duas e meia — respondeu Erika, olhando para o relógio.



Às cinco e meia, com o dia a nascer, a conversa ainda continuava. O pátio do lado de fora da janela da cozinha tingia-se de uma luz azulada.

Erika deu uma cotovelada a Peterson, que tinha conseguido adormecer na cadeira, com a cabeça tombada para trás. Ele esfregou os olhos ao acordar.

— Acho que ele vai finalmente tocar no assunto — sussurrou Erika. Observavam o ecrã.

DUKE: Então... ando para te dizer uma coisa há algum tempo.

NIGHT OWL: Hã-hã?

DUKE: Fui ao médico outro dia.

NIGHT OWL: Ai, sim?!

DUKE: Sei que detestas médicos.

NIGHT OWL: Abomino-os.

DUKE: O meu é uma mulher. Não é má.

NIGHT OWL: Andas a trair-me?

DUKE: Claro que não. Ela disse que tenho o colesterol elevado. O meu trabalho é muito stressante... preciso de abrandar o ritmo ou posso...

NIGHT OWL: Podes?

DUKE: Posso ter um ataque cardíaco. Fiquei muito assustado. Fez-me colocar as coisas em perspetiva.

NIGHT OWL: Pensei que querias morrer. Acabar com tudo.

DUKE: Isso vem e vai. Mas, neste momento, o sol está a nascer lá fora, a vida são dois dias... e amo-te.

DUKE: Então, queria perguntar-te... e sei que é um pedido e tanto... se queres encontrar-te comigo. A sério. Como pessoas a sério.

Houve uma longa pausa.

— Pronto, já a assustei — disse Keith, com os olhos cansados a começar a revelar pânico. — Eu tentei. Vocês viram, estive aqui a noite toda, a tentar!

— Está tudo bem — tranquilizou-o Erika. — Olhe. Keith voltou-se para o ecrã.

NIGHT OWL: OK. Vamos encontrar-nos.

— Meu Deus! — exclamou Keith. Começou a escrever.

DUKE: Isso é ÓTIMO!!!

NIGHT OWL: Mas não quero que fiques desiludido.

DUKE: Nunca. Nunca. NUNCA!

NIGHT OWL: Onde?

NIGHT OWL: E quando?

— Onde? O que devo escrever? — perguntou Keith.

— Diga que quer encontrar-se com ela na Estação de Waterloo, em Londres — respondeu Erika.

— Não, pergunte primeiro, dando essa sugestão — acrescentou Peterson. — E então, se ela aceitar, marque para as cinco desta tarde, sob o relógio do átrio.

Keith anuiu e recomeçou a escrever.

DUKE: Que tal na Estação de Waterloo, em Londres?

NIGHT OWL: OK. Quando?

DUKE: Amanhã. Bom, hoje, na verdade. Sob o relógio, às cinco da tarde.

NIGHT OWL: OK.

DUKE: BOA! Estou tão feliz!!! Como vou saber quem és?

NIGHT OWL: Não te preocupes.

NIGHT OWL: Irás saber.

Ela saiu da sala de *chat*. Ficaram sentados em silêncio por um momento. Keith sorria. O seu cabelo estava ensopado e espetado, e ele tresandava.



— Cinco da tarde é a hora de ponta na Estação de Waterloo — comentou Peterson. — Devíamos ter-lhe dito que combinasse mais cedo.

— Vai ser mais difícil agarrá-la — concordou Erika. — Mas a margem de manobra é menor.

— Chefe, vai ter de contar ao Marsh. Não há outra forma de conseguir autorização para uma operação de vigilância grande... esperemos que ele a autorize.

— Pois — concordou Erika, olhando para o relógio. Eram seis menos um quarto. — Vamos comer alguma coisa e dar tempo ao Marsh de acordar antes de lhe contarmos.

— Tenho de voltar, entro ao serviço daqui a duas horas.

— Claro. Desculpe. Vá andando. Não quero arranjar-lhe problemas. E, hum, você não esteve aqui. Bom, se as coisas correrem mal, não esteve. Se forem um sucesso, esteve.

Eram seis e meia da manhã quando Erika se despediu de Peterson no passeio frente à casa de Keith. Ficou admirada ao perceber como a entristecia vê-lo partir. Quando o táxi parou junto ao passeio, ele surpreendeu-a com um abraço de despedida.

— Abraço rápido! — exclamou com um sorriso. — Devo tresandar!

— Não... bom, um pouco. Eu também devo — disse ela, devolvendo o sorriso.

Ele abanou a cabeça:

— Mantenha-me informado, chefe.

— Fique descansado — prometeu Erika.

Peterson fez figas com os dedos ao entrar no táxi e Erika ficou a vê-lo afastar-se.

Atravessou a rua e foi até à praia. Era o começo de um dia bonito e, sob o sol do início da manhã, o ar estava fresco e a praia vazia, com exceção de algumas pessoas com cães e um jovem que abria espreguiçadeiras para alugar. Ela foi sentar-se perto de onde as ondas rebentavam de mansinho, respirou fundo e ligou a Marsh. Tentou o telefone de casa primeiro. Marcie atendeu e não pareceu nada satisfeita ao ouvir a voz de Erika. Não a cumprimentou, apenas largou o telefone na mesa e gritou a chamar o marido, que estava no andar de cima. Ela ouviu os passos abafados dele a descer a escada antes de pegar no auscultador.

— Erika, espero que esteja a ligar-me de um sítio quente e queira a minha morada para me mandar um postal — disse ele.

— A propósito disso... Não estou em Londres. Estou em Worthing.

— Worthing? Que diabo faz aí?

Erika explicou, chegando depressa à parte em que fizera uma grande descoberta no caso da Sombra e detalhou o encontro que marcara para mais tarde, naquele dia, em Waterloo.

— Então desafiou de novo as minhas ordens? — perguntou Marsh.

— É só isso que consegue dizer? Isto é um GRANDE avanço na investigação! Sei que devia ter-lhe contado, mas sabe que trabalho segundo o meu instinto. Agora, precisamos de vigilância no local o mais depressa possível. Acho mesmo que ela vai aparecer e temos de

lá estar para a prender. Tenho registos das conversas dela com este homem, Keith Hardy. Ele usa o *nick* de «Duke» nas salas de *chat*. O dela é «Night Owl».

— Onde estão a Moss e o Peterson?

— Foram transferidos. Estou aqui sozinha.

Houve um longo silêncio.

— Erika, você é tão ingénua. Comporta-se como se não houvesse regras, como se não existisse uma hierarquia.

— Mas, superintendente, fiz uma grande descoberta! Quando voltar ao quarto do hotel, posso mandar-lhe tudo... os pormenores sobre o encontro, os registos das conversas. Só tocámos na ponta do icebergue. Este Keith fala com ela pela Internet há quatro anos. Temos todas as conversas. Também acredito que ela foi paciente do Gregory Munro. Sofreu queimaduras terríveis. Podemos usar essas informações para rever os registos médicos.

— Muito bem. Vai enviar-me tudo isso assim que desligar.

— Com certeza.

— E Erika, estou a mandá-la tirar férias e pensar a sério na sua posição na polícia. Se a vir perto da esquadra, ou de qualquer outra esquadra, será suspensa, e não pense que será fácil recuperar o distintivo pela quarta vez! E se a vir perto da Estação de Waterloo, não fico apenas com o seu distintivo. Despeço-a. Está a ouvir?

— Então isso significa que vai avançar?

— Ligo-lhe mais logo — respondeu ele, e desligou.

Apesar da reprimenda, Erika notara o entusiasmo na voz dele.

— Vamos apanhar-te, Night Owl. Vamos apanhar-te — murmurou Erika. Recostou-se nos seixos e ficou a olhar para a imensidão do horizonte enquanto a adrenalina começava a correr nas suas veias.

— Não percebo por que motivo é isto necessário — protestou Keith. Erika estava acorçada sob a mesa do computador, a soltar os cabos, todos ligados à mesma extensão. A carpete com o desenho de hexágonos verde-lima, amarelos e vermelhos estava coberta por uma espessa camada de pó, e boa parte dele flutuava e colava-se a Erika devido à energia estática.

— Devia ter cuidado com estes cabos todos ligados a uma só tomada — alertou Erika, gatinhando para trás.

Keith inclinou o manípulo da cadeira de rodas para si e recuou para junto das estantes, dando espaço a Erika para se levantar.

— Não há problema — disse ele.

Um relógio acima do fogão engordurado informava que eram três da tarde.

— Aquele relógio está certo? — perguntou Erika, pegando no telemóvel.

— Está. O que acontece agora? — perguntou ele, levantando a cabeça e olhando-a através dos óculos sujos. Parecia subitamente vulnerável.

— Um agente estará pronto para se encontrar com a Night Owl e detê-la.

Erika estava a ocultar muita informação. Graças aos registos das conversas que enviara a Marsh, fora montada à pressa uma grande operação de vigilância na Estação de Waterloo para prender Night Owl às cinco da tarde. Erika olhou para a sala atafalhada e muito iluminada e tentou dizer a si mesma que ainda fazia parte da operação. Era importante ficar com Keith, para garantir que ele não avisaria a assassina.

— Quero saber o que vai acontecer agora — explicou Keith.

— Será chamado como testemunha. É provável que seja preso por ajudar e encobrir um assassino, e também por ocultação de provas, só que na sua situação, e pelo facto de colaborar, duvido que a Coroa queira processá-lo. Desde que colabore inteiramente. E vamos resolver o seu problema de habitação. Pelo menos isso quero fazer bem.

— Obrigado — disse ele.

Permaneceram sentados alguns minutos. O relógio acima do fogão engordurado fazia tiquetaque.

— O que pensa sobre mim? — perguntou Keith.

— Não penso nada. Penso nas vítimas. Penso em apanhá-la — respondeu Erika.

— Uma das amizades mais importantes da minha vida foi com uma assassina em série. Estou apaixonado por ela... Isso faz de mim o quê?

Erika inclinou-se e pegou-lhe na mão pequena.

— Muita gente foi enganada por amigos, amantes e cônjuges. Você conheceu-a pela Internet, onde as pessoas fingem ser o que não são. Geralmente criam outra vida para si mesmas. Para serem vistas de forma diferente.

— Na Internet, posso ser a pessoa que gostava de ser. Não fico limitado por... — Keith ajustou o tubo debaixo do nariz e baixou o olhar para a cadeira. — Quer ver um DVD? Vou mostrar-lhe o meu episódio favorito do *Doctor Who*, quando o Tom Baker se regenera.

— Sim, pode ser. — Ainda tinham duas horas, e sabia que elas iriam parecer uma eternidade.

Waterloo, a maior estação de comboios do Reino Unido, tem movimento desde antes do nascer do dia até ao fim da noite. O átrio mede quase duzentos e cinquenta metros de comprimento, há mais de vinte plataformas, lojas e um mezanino com restaurantes. Mais de oitocentos milhões de passageiros passam pelas suas portas todos os anos.

O superintendente-chefe Marsh encontrava-se com o inspetor-chefe Sparks na ampla sala de controlo onde ficavam as câmaras de segurança. Era um quadrado sem janelas, no cimo da estação. A parede com vinte e oito ecrãs oferecia um portal para a estação, cobrindo todos os ângulos. Trinta e cinco agentes tinham sido chamados — a maioria à paisana — para vigiar as saídas e patrulhar o átrio. Veículos de apoio aguardavam nas saídas norte, sul, este e oeste, cada uma delas com três carros-patrolha. A polícia dos transportes, com alguns agentes armados, também fazia as patrulhas regulares em volta da estação.

Às quatro e meia, parecia que os cem milhões de passageiros tinham convergido para a estação. O chão de mármore do átrio desapareceu sob a multidão. Emergiam pelas escadas rolantes vindos da estação de metro, chegavam numa enxurrada pelas quatro entradas e saídas principais, detinham-se sob os gigantescos painéis eletrónicos que se estendiam pelas vinte e duas plataformas movimentadas e reuniam-se frente às lojas ou faziam fila para a bilheteira, no lado oposto ao das plataformas.

— Isto vai ser um pesadelo, superintendente — resmungou Sparks junto aos ecrãs pelos quais os funcionários monitorizavam a estação. O suor cintilava no seu rosto cheio de marcas de acne.

— Não existe nenhum outro sítio em Londres com mais olhos. Assim que ela se revelar, apanhamo-la — disse Marsh, atento aos monitores.

— E acha que o palpite da inspetora Foster está correto?

— Não é um palpite, Sparks. Você viu o material que ela reencaminhou — retorquiu Marsh.

— Sim. Mas em momento algum há referência ao nome dessa mulher ou à sua descrição física. O que quer que aconteça, isto vai sair bem caro.

— Deixe que eu me preocupe com isso. Faça o seu trabalho —

ordenou Marsh.

Um jovem indiano aproximou-se e apresentou-se.

— Sou o Tanvir. Estou a supervisionar a sala de controlo. Estes quatro ecrãs vão cobrir a vossa zona principal — informou ele. Nesse momento, uma imagem grande do relógio da estação apareceu. Sob ele estava o sargento Crane, com calças de ganga e um *blazer* leve, com um buquê de rosas barato.

— Está a ouvir-me, Crane? — perguntou Sparks, pelo rádio. — Toque na orelha para o confirmar.

Na imagem grande, Crane parecia normal, mas um grande plano de outro ângulo mostrava que ele tinha inclinado a cabeça na direção da lapela do *blazer* e tocava com a mão livre na orelha esquerda.

— Tem a certeza de que não dou nas vistas? Sou o único aqui com *blazer*... Estou a assar! — queixou-se ele pelo rádio.

— Está tudo bem, Crane. O tal Keith combinou encontrar-se com ela debaixo do relógio daqui a meia hora. É romântico. Seria de esperar que ele se aperaltasse para a ocasião — respondeu Marsh. — E assim não se vê que tem uma escuta. Agora chega de conversa... mantemo-lo informado por rádio.

— Que horas são? — perguntou Crane.

— Ele está debaixo da porra do relógio — resmungou Sparks, agarrando no rádio com força. — São quatro e meia. Olhe para cima da próxima vez que quiser saber.

Marsh voltou-se para Tanvir.

— Que câmara nos permite ver a entrada lateral a seguir ao relógio?

— Pode mostrar a câmara dezassete nesses ecrãs? — pediu Tanvir a uma mulher com auscultadores diante do computador no canto. Apareceu outra imagem, desta vez das costas de Crane, captada por uma câmara no cimo de uma escada rolante que levava ao andar de cima, atrás do relógio.

Marsh pegou novamente no rádio:

— Muito bem, Crane, estamos de olho em si. Fique calmo. Vamos mantê-lo a par das horas. Não se aproxime muito caso ela o aborde antes. Você está coberto de todos os lados. Qualquer coisa que ela faça, chegamos aí em segundos.

— Que horas são? — perguntou Crane de novo, nervoso.

— Ele está debaixo da porra do relógio — murmurou Sparks.

— Quatro e trinta e três — respondeu Marsh. — Vamos manter contacto constante.

Erika foi até ao muro junto aos caixotes do lixo e acendeu um cigarro. Keith recusara-se a permitir que fumasse lá dentro e ela dissera que não o deixava sozinho, então combinaram que ele ficaria à porta.

— Gostava de fazer uma caminhada pelo paredão... quer dizer, passear pelo paredão? O dia está bonito e ensolarado — convidou Erika.

— Não gosto de sair do apartamento — respondeu Keith, levantando a cabeça com desconfiança para o limpo céu azul.

Erika continuou a fumar e olhou para a água lá fora, que ainda cintilava à luz do Sol. Um grupo de crianças fazia castelos de areia na praia, enquanto os pais, acomodados nas espreguiçadeiras, tomavam conta delas. Um comboio turístico pintado de rosa e branco passou lentamente, com um sino a retinir acima da cabeça do condutor de aparência infeliz. Grupos de crianças a comer gelados e algodão-doce acenavam por trás das janelas foscas de plástico das carruagens.

Keith retribuiu os acenos, o que Erika achou comovente. Olhou para o relógio: eram quase cinco menos dez. Verificou o telemóvel e viu que tinha rede e a bateria carregada.

— É como vigiar um tacho ao lume. Nunca mais ferve — disse Keith.

Erika abanou a cabeça e acendeu outro cigarro. Sentia vontade de gritar de frustração por ter de ficar tão distante da ação. Pensou no inspetor Sparks, que comandava a equipa, a dar as ordens e a receber a glória.

Além de frustrada, sentia-se assaltada.

Eram cinco e vinte e ninguém se aproximara de Crane, que continuava debaixo do relógio da Estação de Waterloo.

Marsh e Sparks viam desde a sala de controlo a multidão a aumentar. Tornara-se difícil filmar Crane de perto, por isso passaram a usar uma câmara distante, que ficava do outro lado do átrio, e essa imagem estava no ecrã central da sala de controlo.

— Está tudo bem, Crane? Tem de permanecer na sua posição — ordenou Sparks pelo rádio. Viam que a multidão estava constantemente a dar-lhe encontrões.

— Sim, senhor — murmurou ele. Parecia em pânico.

Marsh olhou para os ecrãs e falou pelo rádio:

— Continuamos consigo, Crane. Tem seis agentes à paisana à volta, que podem chegar aí em segundos. Além disso, há dois guardas da estação armados atrás de si. Fique calmo... Ela é mulher, simplesmente decidiu chegar atrasada — acrescentou, tentando aliviar a tensão.

— Ela não vem — disse Sparks. — Devíamos estar a concentrar-nos no Isaac Strong, e não a gastar recursos numa caça aos gambozinhos. —

Marsh lançou-lhe um olhar. — Superintendente — acrescentou Sparks.

Nesse momento, no ecrã grande, a multidão em volta de Crane deslocou-se e um grupo de mulheres foi empurrado para a frente. Uma caiu, fazendo com que as pessoas à volta chocassem. Crane foi empurrado e largou as flores.

— O que se passa aí? — perguntou Marsh. — Crane, fale comigo.

— Espere, superintendente — disse Crane, enquanto era empurrado pela multidão.

— Olhe! É a porra de uma briga — disse Sparks, apontando para o ecrã que mostrava a escada rolante atrás do relógio. Um grupo de rapazes com bonés de baseball surgiu na imagem, gritando, assobiando e separando a multidão de passageiros como se fosse o mar Vermelho. Dois deles, um moreno e um louro, estavam a lutar e caíram. O de cabelo escuro deu um murro no louro, e o rosto dele não demorou a ficar coberto de sangue. A multidão afastava-se em todas as direções e a polícia avançou de arma em punho, o que gerou mais

gritos e tumulto.

Crane conseguira aproximar-se da porta da loja de conveniência do Marks & Spencer e via o ponto de encontro debaixo do relógio ser tomado pela polícia, que restaurava a ordem. Os dois rapazes foram algemados e a polícia deu início à laboriosa tarefa de os deter.

— Mas que porra! — gritou Marsh pelo rádio. — Tirem-nos daí, estão a dar cabo do ponto do encontro.

— Ela não vai querer encontrar-se com ele ali, mesmo que apareça! — exclamou Sparks.

— Crane, está a ouvir-me? — perguntou Marsh, ignorando Sparks.

— Sim, senhor. As coisas ficaram um pouco agitadas — disse Crane, à porta do Marks & Spencer.

— Ainda o temos no ecrã, Crane. Tudo bem?

— Perdi as flores — disse ele.

— Não se preocupe. Vamos retirar os agentes de lá, depois você regressa — respondeu Marsh.

— Que porra é esta? A mulher da limpeza? — perguntou Sparks, olhando para o ecrã com o espaço sob o relógio. Uma mulher da limpeza mirrada e idosa parara o carrinho no sítio onde espirrara sangue do nariz do louro e mergulhava a esfregona suja num balde de água cinzenta com uma lenta determinação. Um dos rapazes que estavam a ser interrogados desatou a importuná-la, mas ela ou não ouviu ou ignorou-o e começou a limpar o chão devagar.

— Onde está o detetive Warren? — perguntou Sparks.

O rádio emitiu um bipe e Warren falou:

— Sim, inspetor-chefe.

— Qual é a sua posição?

— Estou na WH Smith, do outro lado.

— Tire-me aquela mulher do caminho, está bem? E não a deixe pôr uma daquelas placas amarelas debaixo do relógio — ordenou.

— Espere lá, espere lá, espere lá — disse Marsh. Estava a olhar para o ecrã onde Crane aguardava perto do relógio. Uma mulher pequena de cabelo escuro com um elegante *blazer* preto aproximava-se dele. Marsh agarrou no rádio.

— Merda! Todas as unidades, uma mulher de cabelo escuro aproxima-se do sargento Crane. Repito, uma mulher de cabelo escuro aproxima-se do sargento Crane. Fiquem atentos.

— Todas as unidades a postos — disse uma voz através do rádio.

Dois dos grandes ecrãs na parede mostraram Crane visto de cima e do lado oposto. A mulher conversava com ele, olhando-o,

inquisitiva. Conversaram durante mais um minuto, aproximadamente, depois Crane disse qualquer coisa e ela afastou-se.

— Crane, comunique, que diabo se passa? — perguntou Marsh.

— Desculpe, chefe, falso alarme. Ela perguntou-me se eu queria comprar um seguro automóvel.

— Merda! — praguejou Marsh, esmurrando uma das mesas. — Merda! Sparks, quero aquela mulher interrogada, de qualquer forma. Detenham-na, identifiquem-na e descubram tudo o que puderem.

— Algo me diz que ela não vai atingir o objetivo de vendas — disse Sparks assim que a mulher foi rodeada por três agentes à paisana.

Às seis e meia da tarde, Erika quase trepava pelas paredes no minúsculo apartamento de Keith. O seu telemóvel apitou na mala e ela pegou-lhe. Era uma mensagem de Marsh:

VAMOS RETIRAR DE WATERLOO. ELA NÃO APARECEU. TEMOS DE FALAR. LIGO LOGO À NOITE.

— O que foi? — perguntou Keith ao ver, com desânimo, Erika pousar a cabeça nas mãos.

— Ela não apareceu... Não recebeu nada dela? Nada na sala de *chat*?

Keith abanou a cabeça.

— Tem a certeza?

— Sim. Tenho, olhe, fiz o *log in*...

Erika teve a terrível sensação de que estava a afundar-se, como se uma bola de canhão enorme e pesada lhe empurrasse a barriga para baixo. Esfregou o rosto transpirado.

— Olhe, Keith. Temos de apagar algumas dessas luzes. Isto está insuportável...

— Não! Desculpe, não. Já lhe disse, não gosto do escuro...

Erika viu as horas, sentindo-se arrasada.

— O que acontece agora? — perguntou Keith.

— Vou esperar que o meu chefe me ligue... esta noite...

— O que vai acontecer-me?

— Hum, não sei. Mas mantenho o que lhe disse. — Erika olhou para Keith na enorme cadeira de rodas. Tinha-o ajudado um pouco antes a trocar a botija de oxigénio. Tomou uma decisão. — Tenho de sair daqui durante cerca de uma hora. Posso confiar em si?

O seu computador continua a ser monitorizado. Posso confiar que não vai fugir?

— O que acha? — retorquiu ele.

— Certo. Tem aqui o número do meu telemóvel — disse ela, anotando-o num papel. — Vou apanhar ar... Quer comer alguma coisa? Não sei, gosta de batatas fritas?

O rosto de Keith iluminou-se.

— Salsicha panada, batatas fritas e puré de ervilhas, por favor. O sítio frente ao molhe é o melhor. A minha cuidadora vai lá sempre.



Erika saiu para a marginal fresca. O sol afundava-se no mar e uma brisa leve soprava da costa. Olhou para a mensagem de Marsh e tentou ligar-lhe. O telefonema foi rejeitado e ela ouviu o *voicemail*.

— Merda — resmungou.

Dirigiu-se a um bar que vira um pouco adiante. Tinha as janelas abertas e estava cheio de homens velhos muito corados e de mulheres embriagadas. A «Macarena» ribombava nas colunas. Erika abriu caminho até ao balcão e pediu um copo grande de vinho.

A empregada estava atarefada e serviu-a rapidamente, batendo com o copo no balcão.

— Posso levá-lo para a praia? — perguntou Erika. A rapariga não respondeu, só revirou os olhos, agarrou num copo de plástico e verteu o vinho lá para dentro. — E arranja-me um pouco de gelo, por favor?

Erika pegou na bebida, comprou mais cigarros na máquina e desceu para a praia. A maré tinha baixado muito, ela sentou-se de novo nas pedras e ficou a olhar para a vastidão da areia molhada. Quando ia acender um cigarro, o telemóvel tocou. Pousou o copo nas pedras e atendeu. Arregalou os olhos ao ouvir a voz do outro lado da linha.

O Sol já mergulhara no horizonte e uma brisa fria soprava pela rua. Simone movia-se rapidamente pelo passeio. Levava uma pequena mochila e vestia a roupa preta de corrida.

Alguns dos candeeiros estavam fundidos. Ela estugava o passo quando chegava a algum espaço iluminado e descontraía-se de novo quando regressava às sombras. Sentia-se nervosa. Era início da noite e as casas geminadas por que passava pareciam cheias de vida. Luzes acesas e música a tocar. Começava uma discussão na janela do último andar de uma casa, onde as cortinas estavam abertas e apenas uma lâmpada nua pendia do teto.

Simone manteve a cabeça baixa quando viu um homem vir em sentido contrário. Era alto, magro e movia-se depressa. O seu coração começou a galopar e sentiu a tensão arterial aumentar. Ele ia direito a ela. Até a sua cicatriz começou a latejar, como se estivesse cheia de sangue. Simone só percebeu que o indivíduo também vestia roupa de corrida quando este estava quase em cima dela. Passou sem lhe dirigir sequer um olhar, e dos seus auscultadores saía música. Então, decidiu que tinha de se acalmar, de se recompor.

Sabia o número da porta que procurava e não teve dificuldade em encontrá-lo no escuro das paredes de tijolo. Os números estavam pintados com cores garridas nos caixotes do lixo que enchiam as pequenas zonas de betão diante das casas.

Fez a contagem regressiva dos números sem sentir os habituais entusiasmos, adrenalina e fúria.

Chegou à casa, aproximou-se da janela, respirou fundo e pousou as pequenas mãos no parapeito. Olhando para os lados, içou o corpo.

— Erika! O bebé nasceu, eles enganaram-se! É uma menina! — exclamou a irmã, sem fôlego e exausta. Erika levou alguns segundos a perceber que era Lenka.

— Oh, Lenka! Isso é maravilhoso! O que aconteceu? Pensei que só ia nascer daqui a duas semanas.

— Eu sei, mas o Marek levou-me a almoçar e assim que fizemos o pedido, as águas rebentaram. Sabes como ele é, insistiu que esperássemos até a comida estar pronta para levarmos, mas aconteceu tudo tão depressa... as contrações começaram e não houve tempo para nada quando chegámos ao hospital. Ela simplesmente saiu.

— Como se chama?

— Erika, em tua homenagem. E à mãe, obviamente — respondeu Lenka.

Erika ficou tão emocionada que os seus olhos se encheram de lágrimas. Limpou o rosto com as costas da mão sujas de areia.

— Oh, Lenka. Oh, isso é maravilhoso. Obrigada — disse, sentindo-se inundada pelas lágrimas e pela exaustão.

— Gostava que a mãe estivesse aqui, e tu, claro — afirmou a irmã, também chorosa.

— Sim, bem... as coisas complicaram-se por estas bandas...

Houve um barulho e o cunhado de Erika, Marek, agarrou no telefone. Conversaram durante alguns minutos. Era tão surreal estar sentada numa praia às escuras enquanto a família se encontrava a centenas de quilómetros a comemorar. Lenka voltou à linha e disse que tinha de desligar.

— Prometo que quando este caso acabar vou aí ver o bebé — declarou Erika.

— Dizes sempre isso! Não demores muito — pediu Lenka, cansada. O bebé choramingou e ela desligou.

Erika ficou sentada durante muito tempo a fumar e a beber, brindando à irmã e à sobrinha. Quando o céu escureceu, o mesmo aconteceu ao ânimo de Erika. Era tia, e apesar de ela e a irmã não serem chegadas, sentia-se muito feliz por Lenka. Feliz, porém desanimada por as suas vidas terem seguido rumos tão diferentes.

A brisa fria e o facto de Keith estar à espera no apartamento foram as únicas coisas que a fizeram levantar da areia fria.

Caminhando pela praia, viu as casas e os *bed and breakfasts* estenderem-se até onde ficava o seu hotel, na extremidade da marginal. Saiu da praia pelas escadas e parou frente à casa de Keith. As janelas em cima estavam acesas, e o som de uma cítara acompanhada do cheiro de erva chegaram até ela, mas as janelas de Keith encontravam-se às escuras. Estava prestes a bater à porta quando recuou. Keith deixava sempre as luzes acesas, tinha medo do escuro.

Erika saiu do acesso entre a porta e a rua e foi até ao quadrado de betão cheio de caixotes do lixo. Aproximou-se da janela de sacada e viu-a aberta. Espreitou para a escuridão, chegando-lhe o cheiro a humidade e desinfetante.

Tomou uma decisão, içou-se até ao peitoril da janela e entrou.

Erika parou dentro do quarto escuro de Keith e ficou à escuta. O ar estava espesso devido ao calor e ao pó. Tentou ignorar a música abafada que vinha do apartamento em cima, mas não conseguia ouvir nada para lá da porta do quarto. Passou diante da cama de hospital e entrou no corredor. Um raio de luz atravessava o vidro da porta da rua, mas à medida que avançava, embrenhava-se mais nas sombras. Passou pela porta do segundo quarto, que estava aberta, e só viu as duas cadeiras de rodas, silenciosas e vazias, que se agigantavam nas sombras.

A música parou por um momento, e no silêncio Erika esforçou-se por ouvir algo. Depois, recomeçou, numa batida abafada e desafinada. A detetive continuou, alerta, até à porta aberta da casa de banho. A poluição luminosa da marginal entrava pela pequena janela acima do lavatório, ajudando os seus olhos a ver na penumbra.

Erika parou e ficou hirta ao ouvir um fungar e um estalido sobrepondo-se à batida da música. Continuou a avançar centímetro a centímetro na direção da porta de vidro fosco ao fundo do corredor e pegou no telemóvel. Ao entrar na sala, acendeu a luz do aparelho.

E quase soltou um grito. No centro da sala estava uma mulher. Era pequena, com a pele de uma palidez fantasmagórica e cabelo preto desgrenhado pelos ombros. Os seus olhos eram lagos negros que, à luz do telemóvel de Erika, se contraíram imediatamente e ficaram minúsculos. Ao lado da mulher, viu Keith curvado para trás na cadeira e com os braços abertos. Tinha um saco de plástico enfiado na cabeça, tão apertado que as lentes dos óculos estavam encostadas às órbitas.

— Quem é você?

— Chamo-me Simone — fungou a mulher, limpando uma lágrima.

— Não queria matá-lo.

— Meu Deus — disse Erika, com voz trémula. Desviou a luz do corpo de Keith e apontou-a ao rosto de Simone, tentando ofuscá-la e ganhar tempo para pensar, mas Simone movimentou-se rapidamente e Erika deu por si encostada à parede com uma faca junto à garganta.

— Dê-me o telemóvel — ordenou Simone, com voz calma e estranhamente aguda. Erika sentiu o metal frio picar-lhe a garganta. — Já viu do que sou capaz. Não estou a fazer *bluff*.

Erika entregou-lhe o telemóvel. Foi preciso um esforço para

manter os olhos abertos. Simone era pequena, mas fitava-a com uma intensidade arrepiante. Trabalhou depressa com a mão livre. A luz do telemóvel apagou-se e Erika ouviu o som surdo da bateria a cair na carpete. No escuro, as pupilas de Simone dilataram-se como as de um drogado enlouquecido. Largou o telemóvel e Erika ouviu-a esmagá-lo com o pé

— Porque teve de vir aqui, Erika Foster? Eu ia fazer isto e desaparecer da face da Terra. Nunca mais ouviria falar de mim.

Erika olhou para a sala.

— Não, não, não... mantenha os olhos em mim — avisou Simone.
— Vamos para ali — acrescentou, inclinando a cabeça na direção da figura imóvel de Keith.

Diminuiu a pressão da lâmina, mas manteve-a encostada à garganta de Erika. Movimentaram-se numa dança mórbida, com passos arrastados, até Erika estar ao lado da cadeira de rodas.

— Agora vou recuar, mas se tentar alguma coisa, corto-a. Vou acertar-lhe nos olhos e na garganta. Entendido?

— Sim. — Erika engoliu em seco. Transpirava e sentia o cheiro de Keith ao seu lado na cadeira, uma mistura desagradável de odor corporal e fezes.

Simone dirigiu-se à porta e acendeu a luz. A sala iluminou-se e ela voltou com a faca para junto de Erika.

— Tire-lhe o saco da cabeça — ordenou Simone.

— O quê?!

— Ouviu o que eu disse. Tire-o.

Aproximou-se de Erika, a lâmina a cintilar sob as luzes intensas.

— Está bem — concordou Erika, levantando as mãos. Ergueu lentamente a cabeça de Keith. O pescoço dele ainda transpirado, e por um momento ela pensou que pudesse estar vivo... porém o rosto encontrava-se inchado e já roxo-azulado.

— Vá... mais depressa — apressou Simone.

Erika começou a desamarrar o cordel que estava em volta do pescoço dele e, ao soltá-lo, quase entrou em pânico quando ele pareceu enredar-se. Afrouxou o nó e mexeu no cordel até o soltar. A cabeça de Keith ergueu-se, e o plástico fez um barulho de sucção quando Erika o puxou com delicadeza. Os óculos saíram também, deslizando pelo nariz e pela testa. A cabeça tombou para trás na cadeira de rodas. Simone aproximou-se de repente, e Erika encolheu-se quando ela agarrou o saco e o puxou.

— Pegue nos óculos e volte a colocá-los nele — ordenou Simone.

Erika obedeceu e pousou-os com delicadeza no nariz de Keith,

prendendo as hastes atrás das orelhas.

— Porque o matou? — perguntou Erika.

— Ele teve de morrer porque descobriu quem eu era. E contou-lhe.

— Ele não me contou nada. Eu investiguei e descobri.

— Quis encontrar-se comigo. Nunca quisera antes... Tentei isso no passado, mas ele teve medo. Imaginei que você estabelecera a ligação. A minha paranoia estava correta... A paranoia não funciona num relacionamento — terminou, olhando para Keith.

— Ele amava-a — disse Erika, olhando para o corpo de Keith.

— Oh, então é do que preciso, do amor de um homem — comentou Simone, entortando a boca sarcasticamente.

— Qual é o problema de ser amada? — perguntou Erika, tentando raciocinar. Queria perceber o que a mulher planeava fazer a seguir e, até lá, queria mantê-la a conversar.

— As pessoas certas nunca retribuem o amor! — disparou Simone. — As mães deviam amar-nos. Os maridos. As pessoas em quem confiamos. Mas desiludem-nos! E assim que alguém nos desilude, é como o efeito dominó... tornamo-nos vulneráveis, as pessoas exploram-nos, veem uma fenda na nossa armadura.

— Sinto muito — disse Erika, vendo o nervosismo de Simone aumentar perigosamente.

— Não sente, não. Mas aposto que entende, não é? Como mudaram as pessoas à sua volta quando o seu marido morreu? Viram a sua fraqueza. Abandonaram-na ou ficaram e exploraram-na.

— Simone, eu compreendo.

— Compreende?

— Sim.

— Então... já vê porque fiz isto tudo. Porque matei o médico que não acreditou em mim quando eu tinha dores e estava aterrorizada; o escritor que, com aquela mente criativa doentia, encontrou formas novas e originais de inspirar o meu torturador. O jornalista que foi responsável por me separar da minha mãe quando eu tinha nove anos...

— O Jack Hart?

— O Jack Hart. Um homem sem coração. Tive um prazer especial em acabar com ele. Fizera carreira a alimentar-se da desgraça dos outros, ganhara dinheiro com lágrimas e sofrimento. Julgava-se um herói ao escrever sobre a minha mãe... ao expor a minha infância... Mas eu sabia como sobreviver com a minha mãe, porque no fundo ela amava-me, *ela amava-me*... E quando as coisas ficavam muito más, eu conseguia ligar-me àquele amor... nunca mais

a vi, e acabei num orfanato! Sabe o que acontece às crianças quando vão para esses sítios?

— Imagino — respondeu Erika, encolhendo-se quando Simone, histérica, fendeu o ar com a ponta da faca.

— NÃO imagina nada!

Erika levou as mãos ao rosto.

— Desculpe, não, não imagino. Por favor, Simone. Acabou... deixe-me arranjar-lhe ajuda.

— Acha que preciso de *ajuda*? Não há nada de errado comigo! Só deixei de aceitar toda a merda que me atiravam. Não nasci assim! Era inocente, mas essa inocência foi-me arrancada!

— Está bem — disse Erika, levantando as mãos para se proteger quando Simone aproximou mais a faca.

— Vá lá, seja sincera, Erika. Não adoraria ter a oportunidade de acabar com todos aqueles homens, os arquitetos do seu futuro? Os que moldaram a sua vida para pior? O Jerome Goodman?

O traficante de drogas que matou o seu marido e os seus amigos? Olhe-me nos olhos e diga que não lhe faria o que eu fiz. Assumir o comando e vingar-se!

Erika engoliu em seco. Sentiu o suor a escorrer-lhe pela testa e a arder-lhe nos olhos.

— Diga, diga que faria a mesma coisa!

— Faria — afirmou a detetive. Quando aquilo saiu da sua boca, soube que o dizia para permanecer viva, para acalmar Simone, mas sabia também que uma parte de si a entendia, e isso abalou-a. Olhou em volta, procurando descobrir como fugir.

— Não desvie os olhos de mim! — gritou Simone.

— Desculpe — disse Erika, tentando pensar depressa. Sabia que estava perto da morte. — Sei que ele a queimou, Simone. O seu marido. E tento entender a sua dor e a sua fúria. Ajude-me a entender mais. Mostre-me.

Simone começou a tremer e as lágrimas escorreram-lhe pela cara.

— Ele deu cabo de mim. Destruíu o meu corpo — lamentou. Agarrou na *T-shirt* e levantou-a. Erika engoliu em seco ao ver as cicatrizes inflamadas na barriga e nas costelas de Simone. A pele estava brilhante e retorcida no sítio onde em tempos era o umbigo.

— Sinto muito, Simone — disse Erika. — Entendo. Olhe para si... uma guerreira muito, muito corajosa.

— Sou, sou corajosa... — soluçou Simone.

— É, sim, é corajosa. E mostra as cicatrizes com orgulho — frisou Erika.

Simone levantou ainda mais a *T-shirt* para mostrar o resto e, no exato segundo em que o tecido lhe cobriu o rosto, Erika inclinou-se para trás e deu-lhe um pontapé nas cicatrizes. Simone curvou-se, gritando de dor. Erika passou por ela, mas Simone recuperou depressa e agarrou-a. Chocaram contra a porta de vidro fosco. Esperneando e debatendo-se, Erika conseguiu endireitar-se e percorrer metade do corredor antes de Simone a apanhar de novo.

— Sua cabra! — gritou, lançando-se para cima da detetive.

Caíram com força no chão diante da porta da casa de banho. Erika rolou e ficou de barriga para cima. Simone deu-lhe um soco na cara. Depois de levar outro soco, Erika viu estrelas e quase perdeu os sentidos.

— Sua puta mentirosa! — silvou Simone entredentes. Erika sentiu-se ser arrastada pelo chão frio da casa de banho e depois içada até ficar encostada à porcelana fria da sanita. O pequeno rosto de Simone estava acima dela e, ato contínuo, a visão de Erika foi obscurecida pelo saco de plástico enfiado na sua cabeça. O mesmo que Simone usara para matar Keith.

Erika ouviu o plástico crepitar por causa da sua respiração, o sangue a rugir nos ouvidos e o cordel a apertar-lhe o pescoço. Simone estava sentada na tampa da sanita, com as pernas a ladear Erika, puxando o cordel enquanto prendia os braços da detetive com os pés. Erika começou a arquejar quando o plástico formou um vácuo em volta da sua cabeça.

— Vai morrer aqui, e vou abandonar o seu corpo — declarou Simone, apertando com força.

Erika tentava soltar os braços, e as suas mãos tocaram na parede atrás da sanita. De repente, sentiu uma tira de tecido grosso a balançar junto ao rodapé. Estava ligada à enorme barra de metal. Os seus dedos roçaram-na e agarraram-na. Começava a perder a visão e, com um acesso de adrenalina, impeliu-se para a frente. Simone foi arrastada do tampo da sanita ao mesmo tempo que Erika deu um puxão na tira de tecido. A enorme barra de metal desceu com força e atingiu a cabeça da enfermeira.

Simone soltou Erika e caiu no chão. A detetive agarrou no cordel em volta do pescoço, conseguiu alargá-lo e tirou o saco. Inalando o delicioso ar fresco, puxou com força a corda de emergência ao lado da sanita e fez disparar um alarme.

Simone começava a mexer-se e a gemer. Erika deu mais um puxão na corda vermelha, partindo-a. Sentou-se em cima das pernas de Simone, juntou-lhe as mãos atrás das costas e começou a enrolar a corda com força em volta dos seus pulsos.

— Está presa, Simone — disse Erika sem fôlego, lutando para falar —, pelas mortes de Gregory Munro, Jack Hart, Stephen Linley e Keith Hardy... E por agredir e tentar matar uma agente da polícia. Não tem de dizer nada, mas a sua defesa pode ser prejudicada se não mencionar, quando interrogada, algo que possa referir mais tarde no tribunal. Tudo o que disser pode ser usado como prova.

Ela inclinou-se para trás, sentada nas pernas de Simone, segurando com força os pulsos amarrados. O seu rosto latejava onde fora esmurrado. No momento em que a sua respiração abrandava, começou a ouvir o som distante das sirenes.

Caía uma chuva fina no jardim das traseiras, e o céu matinal estava cinzento. Moss e Peterson estavam com Erika à janela do apartamento, a comer *croissants* e a beber café.

Havia jornais espalhados no chão em volta deles.

— É a isto que chamo um verdadeiro verão britânico: presa dentro de casa, a olhar para a chuva lá fora e a fingir estar a divertir-me — disse Moss. Era a primeira vez que ela e Peterson estavam com Erika desde que Simone fora presa, quatro dias antes. — A última parte foi brincadeira — acrescentou.

— Obrigada por trazerem isto tudo — agradeceu Erika, levantando o copo de café.

— Estamos apenas contentes por a chefe estar bem — disse Peterson, batendo com o seu copo no dela.

— Levei uns socos. Já passei por pior — comentou Erika.

— Mas tem um grande olho negro — observou Moss, observando a grande contusão que contornava o olho e a face de Erika.

— Nunca me senti tão confusa em relação a um assassino — confessou Erika. — Quando a levaram na maca, ela chamou-me... os seus olhos estavam cheios de medo. Queria que eu fosse com ela na ambulância e lhe segurasse a mão. E eu quase fui. Que loucura...

Beberam uns goles de café.

— Ainda bem que não fez isso, chefe — disse Moss. — Lembra-se do que aconteceu no fim de *O Silêncio dos Inocentes*? Às pessoas que entraram na ambulância com o Hannibal Lecter?

Peterson lançou-lhe um olhar.

— O quê? Estou a tentar desanuviar o ambiente — defendeu-se Moss.

Erika sorriu.

— É como se estivessem todos a competir para dar um nome à Simone Matthews — disse Peterson, agarrando num dos jornais que estavam no chão. — Anjo da Morte... A Sombra da Noite... Notívaga.

— O que havia de angelical na mulher? — perguntou Moss antes de dar uma golada no café.

— O *Sun* publicou uma foto dela com a farda de enfermeira — respondeu Peterson, levantando uma foto de Simone com um grupo de enfermeiras. As da frente seguravam um cheque gigante de três mil libras, dinheiro que tinham recolhido para a campanha de caridade

Children in Need. Simone estava à esquerda do grupo, a sorrir e a segurar o cheque. — O Serviço Nacional de Saúde está em pânico por causa da possibilidade de ela ter matado pacientes deliberadamente, com muito medo de um processo. Não tenho dúvida.

— Não acho que a Simone tenha matado pacientes deliberadamente. Ela estava focada em quem queria matar — observou Erika. Pegou no *Daily Express* e olhou para o artigo que mais a perturbava. Fora escrito por Jack Hart anos antes e dizia respeito à mãe de Simone, reproduzindo com pormenores os recentes homicídios desta.

Simone crescera em Catford, num apartamento miserável. A mãe, que também se chamava Simone, era prostituta e toxicod dependente. Após vários telefonemas feitos por vizinhos preocupados, a polícia arrombara a porta e descobrira que a mãe de Simone mantinha a filha acorrentada ao aquecedor da casa de banho. O jovem Jack Hart acompanhara a polícia nesse momento. A foto que destroçava o coração de Erika era a de uma menina de faces encovadas, descalça, vestindo o que parecia ser uma fronha suja. Um dos seus braços estava amarrado a um aquecedor imundo e amarelado, e ela fixava a objetiva com olhos grandes e confusos.

— Ela não teve hipótese, pois não? Só queria ser amada... ter alguém para amar.

— Vá lá, chefe, vai fazer-me chorar de novo — disse Moss, pegando na mão de Erika.

Peterson tirou um pacote de lenços do bolso e passou-lhe um.

— Você tem sempre lenços — disse Erika, limpando os olhos.

— É para poder engatar mulheres chorosas — comentou Moss.

Peterson revirou os olhos e sorriu.

— Enfim — disse Erika, recuperando a compostura —, nem tudo é mau. Apanharam o Gary Wilmslow...

— Não fui eu. Estava na esquadra quando isso aconteceu — retorquiu Peterson. — A polícia armada invadiu o armazém em Beckton. Prenderam o Wilmslow e seis cúmplices prestes a levar os discos rígidos que continham imagens e vídeos de pornografia infantil, e doze mil DVD também com pornografia infantil, prontos para distribuição na Europa.

— Parece-te que conseguem condenar os filhos da mãe? — perguntou Moss.

— Espero que sim — respondeu Peterson.

— Como acham que está a Penny Munro? — perguntou Erika.

— Não deve ser fácil. Primeiro, o marido e tudo aquilo; depois, o

irmão — disse Peterson.

— E o pequeno Peter? Como pode isto afetá-lo no futuro? — questionou Erika. Olharam de novo para as fotos de Simone jovem e adulta.

Moss olhou para o relógio.

— Vá, temos de ir. Não queremos chegar atrasados à reunião na esquadra — declarou ela com um sorriso.

— O Marsh disse porque chamou toda a gente?

— Não, acho que deve querer falar da conclusão do caso da Simone Matthews — comentou Erika.

— Tenho a sensação de que vai ser um pouco mais do que isso, chefe — disse Peterson. — Acho que lhe vão dar uma bela palmadinha nas costas!



Quando chegaram à esquadra de Lewisham Row, foram encaminhados para a sala de operações. Estava cheia, e Erika, Moss e Peterson só conseguiram cumprimentar alguns colegas de equipa e encontrar um lugar ao fundo, antes de Sparks e Marsh aparecerem lá à frente. Por fim, o subcomissário Oakley entrou, com três agentes que traziam garrafas de refrigerantes e copos de plástico.

— Atenção, POR FAVOR! — gritou Oakley. Deteve-se à frente, imaculado no seu uniforme, com o cabelo impecável e o boné junto ao peito. Os quadros atrás dele estavam vazios. A sala ficou em silêncio. — Esta foi uma semana e tanto para a Polícia Metropolitana. Quero agradecer a todos por terem conseguido o impossível. Ontem de manhã, os agentes que trabalhavam na Operação Hemslow desmantelaram uma das maiores redes de pedofilia do Reino Unido. Mais de sessenta e sete mil imagens de crianças vítimas de abusos e doze mil DVD foram confiscados, juntamente com Gary Wilmslow e seis cúmplices que vigiávamos há mais de um ano.

Houve aplausos e assobios. Moss sorriu e deu uma palmada nas costas de Peterson.

— E ainda não terminei! — disse Oakley. — Graças ao trabalho da equipa do inspetor-chefe Sparks, em conjunto com a divisão do superintendente-chefe Marsh, apanhámos a Sombra. A Simone Matthews foi presa pelos homicídios de Gregory Munro, Jack Hart, Stephen Linley e Keith Hardy.

Houve mais aplausos na sala de operações. O olhar de Erika cruzou-se com o de Marsh. Ele inclinou-se e disse algo a Oakley, que

acrescentou:

— E claro que estamos muito gratos à inspetora-chefe Foster, que estava no lugar certo à hora certa, ou devo dizer no lugar errado? Esperamos que recupere totalmente.

Olhou vagamente na direção dela. Os agentes na sala começaram a virar-se para Erika, mas Oakley prosseguiu:

— E, por fim, tenho o prazer de anunciar que, à luz destes admiráveis resultados, haverá várias promoções. Primeiro, gostava de vos apresentar o nosso novo comandante, Paul Marsh!

Todos aplaudiram enquanto Marsh fingia embaraço e murmurava os agradecimentos.

Oakley continuou:

— Gostava de anunciar mais uma promoção. Em resultado das suas muitas façanhas, tanto neste caso como noutros, o inspetor-chefe Sparks será promovido, e de agora em diante será conhecido como superintendente Sparks.

Oakley liderou os aplausos, Sparks sorriu, deu um passo à frente e fez uma grande vénia. Meteram um copo de plástico na mão de Erika. Ela olhou para Moss e Peterson, que pareciam estarrecidos.

— Proponho um brinde. Aos bons resultados — disse Oakley.

— Aos bons resultados — repetiram todos na sala, erguendo os copos de plástico.

— Agora sugiro que comam, bebam e se divirtam! — gritou Oakley.

Houve assobios e aplausos, porém Erika não se juntou a eles. Estava furiosa. Abriu caminho até onde Marsh estava.

— Gostava de lhe dar uma palavrinha, por favor.

— Erika, não pode esperar? — perguntou Marsh.

— Não.

Oakley e Sparks olharam para eles. Sparks dirigiu a Erika um sorriso de gozo e levantou o copo para ela.

Marsh seguiu Erika para fora da sala de operações e entraram num dos gabinetes vazios.

— Que raio foi aquilo? — perguntou ela.

— Desculpe?

— Eu conduzi-vos à Simone Matthews. Fiz todo o trabalho neste processo. E, caso se tenha esquecido, o inspetor-chefe, desculpe, o *superintendente* Sparks, foi retirado do último grande caso de homicídio por incompetência! Eu resolvi este caso!

— Não controlo as decisões tomadas pelo Oakley.

— Mas sabia que uma promoção estava iminente, não sabia? E manteve-me à distância. Afastou-me, enrolou-me e obrigou-me a fazer

o trabalho sujo!

Marsh perdeu a paciência.

— Sabe como é frustrante ver a sua forma de trabalhar, Erika?

— Não me chame Erika, NÃO somos amigos! Sou uma agente que...

— Você foi uma excelente agente, Erika, excelente mesmo, no passado. Mas continua a desobedecer às ordens, a não seguir o protocolo... Agora é apenas...

— Sou apenas o quê?

Marsh olhou para ela por um longo momento.

— Acha que tem um excelente instinto, mas é pura sorte e estupidez. É uma justiceira. E está a chegar ao fim da sua vida útil. Por causa disso, vai continuar inspetora-chefe Foster. Com tudo o que aconteceu, a desobediência às ordens, a recusa em gozar férias quando mandei, não podia recomendá-la para a promoção.

Erika lançou um longo e duro olhar a Marsh.

— Bom, não vou ficar aqui a receber ordens do superintendente Sparks. Amanhã cedo, o meu pedido de transferência estará na sua mesa.

— Espere aí... transferência? Erika! — chamou Marsh, mas ela virou-se, saiu da sala, desceu o corredor e deixou a esquadra.

EPÍLOGO

Estava um dia quente e soalheiro. Erika desceu do carro, tirou os óculos escuros e olhou para a porta pequena nos enormes portões vitorianos da Prisão Belmarsh.

Apoiou-se ao tejadilho do carro e viu que passavam doze minutos das onze. Ele estava atrasado.

Momentos depois, a pequena porta rangeu ao ser aberta. Isaac saiu e olhou em volta, abarcando o céu azul, o silêncio e Erika.

Tinha um saco de papel castanho numa mão e o *blazer* por cima do outro braço. Caminhou na direção dela, passou pelo portão e chegou à rua. Abraçaram-se durante bastante tempo, calados.

— Todas as acusações foram retiradas. Eu disse-te — comentou Erika com um sorriso.

— Não disseste nada — respondeu ele com secura. — E porque levou tanto tempo?

— Perícia forense. Sabes é. Demoram uma eternidade a fazer qualquer coisa. A Simone Matthews confessou tudo, mas precisaram de se certificar de que o ADN na cena do crime do Jack Hart era dela. A Moss e o Peterson têm-me mantido informada.

— Não paro de pensar que alguém vai aparecer e dizer-me que foi tudo um mal-entendido e eu... — Isaac levou uma mão ao rosto.

— Está tudo bem. Foste ilibado. E não perdeste a licença para exercer medicina.

Isaac ficou parado por um momento, a respirar fundo. Em seguida, abriu a porta do carro e entrou. Erika foi até ao lado do condutor e fez o mesmo.

— O que quiseste dizer com a Moss e o Peterson estarem a manter-te informada? — perguntou Isaac. — Pensei que tinhas solucionado o caso.

— E solucionei. É uma longa história. A versão curta é que pedi transferência. E vou tirar férias.

— Transferência? Para onde?

— Ainda não sei. O Marsh está a tentar convencer-me a ficar. Por isso, as férias... pela primeira vez em anos, só quero abrandar. Perceber o que é ser uma pessoa normal — disse Erika.

— Conta-me quando descobrires — brincou Isaac.

Seguiram viagem em silêncio. Isaac inclinou a cabeça para trás e fechou os olhos. Pouco depois, percebeu que estavam a passar pela

rua comercial de Shirley.

— Porque viemos por este caminho? — perguntou ele.

Erika parou num lugar próximo da casa de Penny Munro. No jardim, Penny observava o pequeno Peter a regar o relvado com a mangueira. Ele pôs o polegar na ponta e soltou gargalhadas de alegria quando a água os salpicou.

— É um miúdo tão querido. Achas que vai ficar bem? — perguntou Erika enquanto observavam.

— Quem sabe? Tens de acreditar que o bem vai triunfar — respondeu Isaac.

— Ele é tão pequeno para perder o pai, e agora a memória do tio está destruída para sempre.

Isaac agarrou nas mãos dela.

— Não podes salvar o mundo, Erika.

— Mas podia tentar mais — disse ela, enxugando uma lágrima.

— Salvaste-me. E por isso estar-te-ei eternamente grato — garantiu Isaac.

Ficaram ali em silêncio alguns minutos, a ver Peter molhar Penny, perseguindo-a pelo jardim, até que ela desatou a rir, o agarrou e o cobriu de beijos.

— O que vais fazer? — perguntou Isaac.

— Temos uma bebé na família. A minha nova sobrinha.

— Parabéns. Da tua irmã na Eslováquia, certo?

— Sim. Deu-lhe o meu nome, que também era o da minha mãe. Estou a pensar em fazer-lhes uma visita.

— Sempre quis visitar a Eslováquia — comentou Isaac.

— Queres ir comigo? — perguntou Erika. — Podes conhecer a maluca da minha irmã e o mafioso do marido. Depois, quando nos fartarmos deles, vamos visitar as montanhas Tatra, as termas, embebedar-nos e esquecer um pouco as coisas.

— Parece-me um excelente plano — respondeu Isaac, sorrindo.

Erika ligou o carro e arrancou, sem pensar no passado nem no futuro. Para variar, estava apenas a gozar o presente.

NOTA DO AUTOR

Em primeiro lugar, quero agradecer-vos por lerem *A Sombra da Noite*. Se gostaram, ficaria muito grato se escrevessem um comentário. Não tem de ser grande, apenas algumas palavras, mas faz grande diferença e ajuda novos leitores a descobrir um dos meus livros.

Escrevi no fim do livro anterior da inspetora-chefe Erika Foster, *Rapariga no Gelo*, que adoraria ler os vossos comentários. Obrigado por todas as maravilhosas mensagens que recebi. Adorei ter notícias de todos e saber o quanto adoraram as personagens e a história e qual o rumo que gostariam que esta série tomasse. Gostei particularmente da mensagem bastante engraçada de uma senhora que disse que gostara muito do livro, mas não apreciava o hábito de fumar da Erika e de apagar as beatas numa chávena. Neste livro tentei garantir que a Erika, na medida do possível, usava um cinzeiro. Continuem a escrever-me. Agradeço muito.

Podem entrar em contacto comigo na minha página do Facebook, através do Twitter, Goodreads ou pelo meu *site*, www.robertbryndza.com. Leio todas as mensagens e respondo sempre.

Há muitos mais livros pela frente; portanto, espero que me acompanhem nesta viagem!

Robert Bryndza